CONTOS FANTASTICOS 9



CONTOS 9 FANTASTICOS

O DRAGÃO E O MARCIANO – Becky Ferreira

Lokesh queria criar um dragão, mas ele não queria ser criado.

"Odeio dragões como Darwin odiava cracas", reclamou após sua 200ª tentativa mal-sucedida – um verdadeiro marco. A maioria dos organismos sintéticos foram para o laboratório depois da 30ª.

"Talvez você devesse deixar de lado syns de criptídeos", sugeriu Max. Lokesh havia criado uma reputação ao engendrar animais fantasiosos como grifos, pássaros-do-trovão e unicórnios, vendidos então para clientes endinheirados nos Claustros Globais. Deprimia Max ver tamanho talento desperdiçado com esse tipo de coisa.

"Deixar os criptídeos e fazer o quê?", resmungou. "Mini-elefantes ou gatos que brilham? Pelo amor de Deus."

"É só que… É meio que um mercado de nicho", respondeu Max, evitando olhar em seus olhos.

"Disse o cara que faz aliens", zombou Lokesh. "Ao menos estou criando vida para um mundo vivo, não uma armadilha mortal árida."

"Discutível." Como se quisesse dar peso ao argumento, uma sirene soou à distância. Mais rebeliões nos campos.

Lokesh revirou os olhos. "O universo sempre cuida da gente", suspirou, girando sua cadeira para encarar sua última monstruosidade. "Mas que saibam que mesmo um mundo moribundo é melhor que um já morto."

"Pelo contrário", disse Max. Ele se esticou para pegar seu vidro de Fique-Bem. "Morto é melhor que moribundo. Um passo mais próximo do renascimento."

***

Por que ele fala essas coisas tão alto? Lokesh percorria o último lote de insetos. *Renascimento? Não em Marte, meu irmão. A xaninha daquele planeta não vai parir uma civilização, não importa o quanto seu culto o idolatre. Olha só o que vocês fizeram com seu amado profeta.*

Seu parceiro de laboratório estava certo sobre o dragão, porém. Ele teria que fazer dar certo na próxima tentativa, porque ir além de 200 seria constrangedor. A reputação tinha o levado àquele ponto, mas a SynWare não financiaria simulações inúteis de dragões para sempre. Ainda mais depois do fiasco com os unicórnios. Amadores. Ele balançava a cabeça, como se para agitar as memórias soltas. Se eles tivessem seguido meu modelo, ninguém teria sido chifrado.

***

Olá, *Micromegas martis*. O micróbio simulado parecia agonizantemente calmo para Max, dormindo em seu útero binário. O sequenciamento do omatídeo continuava dando erros, mas isso não era um entrave. Mike não precisava de visão perfeita. Não é como se você precisasse fugir de predadores em Marte. Max deslizava cuidadosamente as pontas de seus dedos na tela, admirando os estiletes arqueados, a cutícula resistente à radiação, a completude segmentada.

Ele fuçava sua mesa em busca de mais Fique-Bem. Não faria mal dar fim no vidrinho. Afinal, hoje era um dia especial: Mike estava pronto para nascer. Assim que fosse feita a transferência, o primeiro esboço seria bioimpresso no decorrer da semana. O tempo para realização da tarefa era dos mais rápidos com a série Micromegas por já ser tão bem-estabelecida, com aplicações que iam do descarte de resíduos a fins farmacêuticos.

Max foi o primeiro a modificar o syn para astrobiologia fabricada, ao pedido de sua orientadora Ryoko Arden, criador do líquen *Xanthoria martis*. Conhecido comumente como Triplo-M – musgo milagroso marciano – o *X. martis* de Arden havia se provado uma potência na colonização de Marte. O líquen vomitava gases de efeito estufa sem fim, por toda a base dos Vales Kasei.

Para Max, isso era mais do que prova dos dons proféticos de Ryoko. Como ela tinha pregado tão fervorosamente, Marte era um mundo à beira do batismo cósmico. O Triplo-M era só o começo.

Ele imaginou os descendentes de seu micróbio saltitando pela natureza marciana, se enchendo de líquens e curtindo um solzinho. Ao imaginar sua aventuras em micro-escala, ele ria alto.

***

Não tem nada mais assustador que um colega de cubo que ri histericamente em intervalos aleatórios. Lokesh sabia que felicidade não era um jogo de soma-zero, mas parecia que a tranquilidade exagerada de Max estava exercendo alguma força monstruosa sobre seu próprio equilíbrio psicológico.

Ou talvez ele só estivesse especialmente irritado porque seu dragão era uma cagada dos infernos. A simulação era um embaraço só de algoritmos, mordiscados por bugs no geneware. Ele havia chego mais perto do arquétipo no começo do projeto, há meses atrás, quando a coisa toda foi pras cucuias com uma simulação de um Quetzalcoatlus. Lokesh havia recriado modelo base com uma estrutura muito mais parruda usando o Novo Alfabeto Genético – mas ao custo do voo. Ele até conseguiu simular um focinho, processo já bem-estabelecido nas simulações de dinossauros.

Os chefões ficaram impressionados com aquele esboço. Era apenas o 14º.

Depois disso, os genes das penas lhe deram uma dorzinha de cabeça. Eles estavam incrustados muito profundamente para serem removidos por completo – a sequência completa entraria em colapso. Lokesh começou a ter pesadelos sobre uma criatura imbecil cheia de penas que tacaria fogo em si mesma com o próprio bafo. *Synner Responsável Por Unicórnio Psicopata Revela Dragão Imbecil*, diriam as manchetes. Bela forma de se arruinar uma carreira.

Felizmente, ele havia descoberto que melanossomas iridescentes poderiam ser encaixados na sequência, gerando uma camada de penas cor de jade e mercúrio. A análise cosmético sugeriu que isto destacaria as escamas do dragão, ao contrário de afastar o olhar delas. O resultado seria um lindo e aterrorizante animal.

"Às vezes as limitações acabam virando bençõe", disse Max na época, seu cérebro claramente destruído pelo Fique-Bem.

Lokesh se encolhia automaticamente ao passo em que Max explodia em risos novamente, de forma quase infantil em sua alegria. Tenho que fazer este dragão dar certo, nem que seja para atacar ele.

***

A chefona Kulik, líder da equipe de vendas da SynWare sales, observou o *Micromegas martis* ao telescópio. Pelo que Max tinha ouvido, Kulik supervisionava todas as transações da SynWare com valores acima de um bilhão. Haviam boatos também que ela estava por trás da aquisição da LOLcorp, uma empresa com uma linha monstruosamente fofa de bichos de estimação sintéticos, de gatos-elfos à lontras de brinquedo. Ele se perguntava porque ela gostaria de ver de perto um syn microbial que vale só uns 50 milhões, ainda mais depois de a SynWare intermediado sua venda para o Éden Vermelho em antecipação.

Ela ajustou foco, "Este é o esboço final?"

"Sim", respondeu. "Outro conjunto de amostras já está à bordo da Kasei 7. Será lançado esta semana."

"Ouvi falar", disse, mantendo seu olhar firme nas lentes. Max assentiu desconfortavelmente.

Após longo intervalo, Kulik se afastou com a cadeira e começou a reunir suas anotações.

"Belo trabalho com este pedido", disse. "Suponho que seja só para testes controlados?"

"Isso", respondeu Max. "Mike – digo, *Micromegas martis* – não será lançado ‘na natureza’ até que tenham certeza de que ele otimizará o Triplo-M". Ele sorriu.

"O trabalho de Ryoko está evidente aqui", ela disse, jogando uma bolsa do tipo mensageiro sobre o ombro. "Eu a conhecia também. Uma pena o que aconteceu. Não combina com ela."

"Não", ele concordou, de leve.

Após a partida de Kulik, Max tomou mais um pouco de Fique-Bem e se atirou ao microscópio. Ele observava todos os pequenos Mikes, nadando

em seu mundinho, alheios à grandeza de seu destino. Nenhum deles preguiçoso ou desesperado. Nenhum questionava sua vontade de viver.

Então por que ela o fazia? Ryoko, líder do êxodo, que tanto acreditava no Éden Vermelho. Não muito depois de ter entregue o Triplo-M à sua nova casa, ela mesma se entregou aos braços da morte. Max lembra do infame relatório da equipe do Kasei 6. Eles só puderam observar, horrorizados, enquanto ela retirava seu capacete, sorrindo para o nascer do sol marciano enquanto o sangue fervia em suas veias.

"Vocês se darão melhor", disse Max aos Mikes. "Vocês não podem cair fora."

***

"Já estouramos o orçamento com esta abominação", disse Kulik. "Leiloe-o logo ou daremos um fim nele."

Lokesh ficou desconcertado. "Você quer largar um dragão em um comprador qualquer?", gaguejou, incrédulo. "Me dê mais um tempo e você estará licenciando projetos para todos os zoológicos syn do mundo! Até mesmo resolvi o problema do quociente Bombardier. Ele consegue cuspir fogo agora!"

"E seus unicórnios conseguem empalar adolescentes", disse Kulik, seríssima. "Sim há um enorme mercado para criptídeos nos Claustros, sem dúvida. Mas sua última série de syns assassinos está nos matando. Os processos pesam mais que os lucros e agora que temos um problema com unicornes ferais, duvido que tenhamos visto o último – ou mesmo o pior – de nossos problemas legais."

"Dessa vez não será assim", disse Lokesh. "Consigo criar com parâmetros de segurança. Podemos fazer os compradores assinarem concessões."

"Desista ou saia da SynWare", repetiu Kulik. "Se quiser ficar, não exagere no próximo projeto. Faça um criptídeo dócil, pra variar. Tipo um jackalope. Ou um Pokémon."

Uma veia pulsava sinistramente na testa de Lokesh. "Meus syns não são mascotes locais ou modas infantis", disse lentamente, meio que rugindo. "As lendas nos deixaram estes monstros como legado, e eu os transformo em realidade. Eles trarão equilíbrio de volta ao mundo, como queriam

nossos ancestrais. Você não entende a magnitude deste trabalho?" Ele se sentia como um deus primordial ao deixar estas palavras no ar, se aproximando de Kulik com passos decididos. Ela ficou parada, sem qualquer expressão.

"Vocês cretinos da SynWare não reconheceriam um gênio nem mesmo se ele queimasse essas suas caras feias", rosnou, "e espero que meu dragão faça isso".

"Acabou", disse Kulik, com um alívio palpável. "Em nome do conselho, estou dando início ao seu processo de demissão, por ter ameaçado um executivo. Com um dragão."

Lokesh piscou incrédulo e deu um passo para trás, como se acordasse de um devaneio. Enquanto Kulik passava por ele, virou-se para ver a bioimpressão do quarto dragão, ainda jovem, preso em sua estéril jaula. 272 quilos de escamas e garras encolhiam-se sob seu olhar.

***

"Kasei 7, tempo."

"Operacional."

"Fido."

"Operacional."

"CAPCOM."

"Operacional."

"Orientação."

"Operacional."

Dez mil Mikes saracoteavam alegremente em seus cercados de petri.

Ten thousand Mikes blithely sauntered around their petri paddocks.

***

O dragão cuspia fogo mesmo. Lokesh tinha implantado sequências de gentes do besouro Bombardier, inseto capaz de lançar jatos quentíssimos de peróxido pela bunda, em seu palato. O fluxo era acendido por uma roda

acionadora implantada nos dentes incisivos do dragão, pós-impressão, e sua boca e focinho eram protegidos por uma camada à prova de fogo de biomalha. Era um projeto realmente engenhoso. Até Kulik deve ter reconhecido isso.

***

"Propulsor K."

"Operacional."

"Propulsor M."

"Operacional."

"Aqui é o setor de voo, estamos prontos para decolar."

"Dez, nove, oito, set, seis…"

Dez mil Mikes se esbarrando como boias em um parque aquático.

No final das contas, Lokesh havia esquecido de levar em consideração a mais importante variável: como o dragão *se sentia* com esse negócio de ser um dragão. Era só um animal. Não rugia com majestoso terror, como os monstros das lendas. Era exatamente o contrário. O dragão tinha medo de seus poderes.

Ele odiava o cheiro, o gosto e o calor alienígena daquelas chamas. Os cuidadores haviam retirado a roda acionadora e desligado quimicamente o reflexo Bombardier, mas as lembranças de seu bafo incendiário ainda assombravam a besta. Ela choramingava no canto enquanto Lokesh entrava na jaula.

***

"...cinco, quatro, três, dois, um …"

"Kasei 7, decolamos."

Dez mil Mikes, prontos para polinizar um planeta.

***

Lokesh queria criar um dragão. Mas o dragão desesperadamente não queria ser criado. Ele aproximou-se do animal trêmulo com passos

calmos, e segurou sua linda cabeça em seus braços. O olhar em seus olhos cor de âmbar era devastadoramente infantil. Ele mal resistiu quando Lokesh cortou sua garganta com a roda acionadora, e manteve o olhar por muito depois do rio escarlate ter virado apenas um filete.

Max estava certo, pensou. Morto é melhor que moribundo. É um passo mais próximo do renascimento. E Lokesh decidiu agradecer ao seu colega por ajudá-lo a ver a luz.

***

Max convidou Lokesh para dormir em seu bunker até lhe passarem um novo trabalho. Seu desonrado colega havia perdido sua suíte junto com o emprego; ele acabaria indo parar nos campos, se não fosse assim.

Lokesh sentou no beliche extra, observando a casa sem janelas de Max. "Não quero forçar a barra", disse Max, oferecendo o vidrinho de Fique-Bem. "Mas isso aqui ajuda."

Lokesh fez cara feia, mas aceitou de qualquer forma. "Nunca experimentei", disse, ao despejar duas pílulas na palma da mão. Então as ingeriu, sem água. "Me falaram do lançamento", prosseguiu. "Você acha mesmo que uns bichos daqueles podem terraformar aquele inferno?"

Max riu. "Não sei. Espero que sim."

Lokesh começou a rir também. Foi a primeira vez que Max o viu sorrindo, quanto mais vocalizando algo que parecesse alegria. "Sabe, nunca entendi", ele disse, "esse culto ao Éden Vermelho".

"Eu sei", Max sorriu. "Você não é lá muito sutil."

"Não, acho que não", ele admitiu.

"Digo, você literalmente chama a coisa de culto", disse Max, rindo.

"É um culto, literalmente", respondeu Lokesh. "E agora é um culto suicida também, já que Arden não se aguentou."

Max engoliu em seco. "Aceitei o que ela fez."

"Estava destinado ao fracasso", seguiu Lokesh, alheio. "Mesmo que se espalhe vida por lá, não será o bastante para sustentar a humanidade. É

preciso gravidade, uma magnetosfera, pressão de verdade. Uma atmosfera só não resolve tudo."

"Não mesmo", disse Max. "Mas você está supondo que seres humanos fazem parte do plano."

"Agora eu não entendi mesmo."

Max lhe deu o vidro com os comprimidos de novo, e Lokesh aceitou agradecidamente. "Ryoko costumava pregar que o Éden Vermelho superaria o bíblico, porque era criado por humanos, não por algum Deus distante e punitivo". Ele balançou a cabeça e olhou para Lokesh. "Acho que final das contas, ela decidiu que era tudo a mesma coisa."

Lokesh deu de ombros. "Eu poderia ter te dito isso."

"Eu não teria ouvido", disse Max. "Fora isso, ainda sou um crente. Só porque os seres humanos não terão uma segunda chance não quer dizer que a vida não deveria ter. Talvez em um bilhão de anos os Mikes evoluam para algo melhor."

"Aquelas proteínas SynWare fraquinhas?", resmungou Lokesh. "Duvido."

"Entretenha-me."

"Beleza", ele cedeu. "Acho que poderia acontecer."

"E o seu portfólio?" cutucou Max. "Havia um significado maior na criação de amaroks e unicórnios e dragões ou você é só um nerdão?"

"Não é óbvio?", zombou Lokesh. "Veja bem, ao contrário de você, aceitei nossa extinção iminente há tempos atrás. Tudo que queria era criar um anestésico."

"Isto aqui é o anestésico", disse Max, balançando o vidrinho de Fique-Bem. "Dragões são bestas infernais míticas."

"Não seja caipira assim", disse Lokesh. "Ninguém quer morrer assim. Quarentenas. Bloqueios. Planos de divisão de rações. Um apocalipse lento, chato. Até pros dinossauros foi mais divertido."

"Rápido e delicioso", concordou Max. "E não auto-inflingido."

"Exatamente", disse Lokesh, se levantando. "Queria dar às pessoas – a mim – um gostinho do medo do Velho Mundo. Desencadear nossa ancestral lembrança da magia, do monstruoso e belo, antes que todos morramos de varíola aérea, ou abates sorteados, ou overdoses de Fique-Bem."

"Tipo aquele lance de que a sua vida deveria passar diante dos seus olhos quando você morre", disse Max, sonhadoramente.

O corte foi rápido, mas limpo. E profundo.

"Exatamente assim", disse Lokesha. "Rápido e delicioso. E não auto-inflingido."

Max levou ambas as mãos à garganta. Ele parecia confuso, e então desamparado, e por fim, morto.

Bem mais fácil de matar do que o dragão.

O criador-de-dragões então tomou o resto das pílulas de Fique-Bem e revirou o bunker em busca de suprimentos, vagamente ciente do triste coro de sirenes ao fundo. Em algum outro lugar do universo, um rebanho de unicórnios selvagens pastava em um antigo aterro, e dez mil pequenos peregrinos dormiam em uma estrela cadente.

UMA ALMA SIMPLES – Gustave Flaubert

I

Durante meio século as donas de casa de Pont-l'Evêque invejaram à senhora Aubain a sua criada Felicidade.

Por cem francos por ano cozinhava, fazia o governo da casa, cosia, passava a ferro, arreava um cavalo, dava de comer à criação, preparava a manteiga e permaneceu fiel à patroa que, diga-se, não era pessoa agradável.

A senhora Aubain casara com um belo rapaz, embora pobre, falecido nos princípios de 1809, que lhe deixara dois lindos filhos e uma quantidade de dívidas. Foi nessa altura que vendeu os bens imóveis, exceto as quintas de Toucques e de Geffosses, cujas rendas atingiam, mais ou menos, 5.000 francos. Deixou a residência de Saint-Melaine a fim de habitar uma casa menos dispendiosa, situada por detrás do mercado e que pertencera aos seus antepassados.

Esta casa, revestida de ardósias, ficava numa travessa que desembocava no rio. Tinha, interiormente, diferenças de nível que faziam escorregar. Um vestíbulo estreito separava a cozinha da sala de estar, onde a senhora Aubain passava quase todo o dia, sentada num cadeirão de palha, colocado perto da janela de sacada. Ao longo do rodapé pintado de branco alinhavam-se oito cadeiras de acaju. Um velho piano suportava urna rima piramidal de caixas e papelões, encimada por um barómetro. Duas tapeçarias com pastorinhas ladeavam a chaminé, de mármore amarelo, estilo Luís XV, ao centro, o relógio da parede representava um templo de Vesta e toda a sala cheirava a bafio porque o soalho ficava mais baixo do que o jardim.

No primeiro andar ficava, à entrada, o quarto da Senhora, enorme, forrado

a papel com flores pálidas onde estava o retrato do Senhor, em traje de cerimónia. Comunicava com um quarto mais pequeno com duas caminhas de criança sem colchões. Seguia-se o salão sempre fechado e cheio de móveis tapados com panos.

Um corredor conduzia a um escritório. Livros e papéis atulhavam as estantes que cercavam por três lados uma longa mesa de madeira negra. As paredes, em volta, desapareciam sob a avalanche de desenhos a tinta, paisagens a "gouaches" e gravuras de Audran, recordações de um tempo melhor e de um luxo desaparecido.

No segundo andar uma seteira, deitando para o campo, iluminava o quarto de Felicidade. Esta levantava-se ao romper da aurora para não faltar à missa e trabalhava, continuadamente, até à noite. Depois, terminado o jantar, lavada a louça e bem fechada a porta, atiçava o fogo, lançando achas nas cinzas e, com o rosário na mão, dormia regaladamente.

Nas compras ninguém mostrava maior porfia e teimosia. Quanto ao asseio, o brilho das caçarolas causava desespero às outras criadas. Era muito poupada, comia devagar e apanhava as migalhas do pão caídas sobre a mesa, pão esse de doze libras, cozido expressamente para ela e que durava vinte dias.

Durante todo o ano, trazia às costas, preso por um alfinete, um lenço de chita e ocultava os cabelos numa touca, usava meias cinzentas, mantilha vermelha e sobre o colete um avental com peitilho, como as enfermeiras de hospital.

Tinha o rosto magro e a voz aguda. Aos vinte e cinco anos dava-se-lhe quarenta. A partir dos cinquenta não aparentou outra idade e, sempre silenciosa, o busto direito e gestos medidos, parecia uma mulher de madeira, funcionando automaticamente.

II

Teve, como qualquer outra, a sua história de amor. O pai, um pedreiro, morrera tendo caído de um andaime. Depois morreu a mãe, as irmãs dispersaram-se, um quinteiro recolheu-a e empregou-a, ainda de

pequenina, a guardar as vacas no campo.

Tiritava sob os farrapos, bebia a água dos charcos, estendida de bruços, no chão. Foi sovada a propósito de tudo e de nada e, finalmente, expulsa por causa de um roubo de trinta soldos que não cometera. Entrou para outra quinta e serviu como encarregada da criação. Porque agradava aos patrões, as suas camaradas invejavam-na.

Numa noite do mês de Agosto (tinha então dezoito anos) os patrões levaram-na a uma festa em Colleville. Ficou aturdida, estupefacta com o alarido dos tocadores, as luzes nas árvores, a variedade de trajes, as rendas, as cruzes de ouro, a multidão que se movia.

Conservava-se recatadamente afastada quando um rapaz, de aspecto rico e que fumava o seu cachimbo, apoiando os cotovelos sobre a lança de um pequeno carro, veio convidá-la para dançar.

Pagou-lhe cidra, café, bolo folhado, deu-lhe um lenço de seda e, julgando que ela compreendia as suas intenções, ofereceu-se para a acompanhar a casa. Num campo de aveia atirou-a, brutalmente, ao chão. Ela teve medo e começou a gritar. Ele afastou-se.

Numa outra tarde, na estrada de Beaumont, ao ultrapassar um grande carro cheio de feno que avançava, lentamente, reconheceu Teodoro. Este veio ter com ela pedindo que lhe perdoasse, pois "a culpa tinha sido da bebida". Não soube que responder e teve vontade de fugir.

Depois ele falou sobre as colheitas e pessoas importantes da comuna e, visto que seu pai tinha trocado Colleville pela quinta de Ecots, eis a razão porque eram vizinhos. "Ah! " – disse ela. Ele acrescentou que desejavam casa-lo. Mas não tinha pressa, pois esperava encontrar mulher a seu gosto.

Felicidade baixou a cabeça. Ele perguntou-lhe se pensava em casar. Ela retorquiu, rindo-se, que não era bonito gracejar com coisas tão sérias. "Mas não! Juro-te que falo a sério", e, com o braço esquerdo, apertou-lhe a cintura. Caminhava, assim, apoiada nele.

Retardaram o passo. O vento soprava brando, as estrelas brilhavam e a

enorme carripana de feno oscilava na sua frente. Os quatro cavalos, arrastando os passos, levantavam nuvens de poeira. Depois, sem governo, voltaram à direita. Ele abraçou-a uma vez mais.

Ela desapareceu na sombra.

Na semana seguinte Teodoro conseguiu encontrar-se várias vezes com Felicidade, sob uma árvore isolada, ao fundo das capoeiras, por detrás de um muro. Não era inocente como as meninas recatadas – os animais haviam-na instruído; mas a razão e o instinto da honra impediram-na de cair. Esta resistência exasperou o amor de Teodoro ainda que, para satisfazê-lo, (ou talvez sinceramente) lhe haja proposto casamento. Ela hesitou em acreditar. Todavia ele fez grandes promessas.

Depressa confessou algo aborrecido: os pais, no ano transacto, haviam-no feito substituir no serviço militar por um outro homem a quem pagaram para esse efeito. Mas, de um dia para o outro, poderiam vir buscá-lo.

A ideia de servir o exército amedrontava-o.

Esta covardia foi para Felicidade uma prova de ternura. A sua por ele duplicou. Escapava-se, de noite e, quando se encontravam, Teodoro torturava-a com os seus receios e as suas instâncias.

Por fim disse-lhe que iria à Prefeitura colher informações e trá-las-ia, no domingo seguinte, entre as onze horas e a meia-noite.

No momento aprazado correu para o noivo. Em seu lugar encontrou um dos amigos. Este fez-lhe saber que não deviam encontrar-se mais.

Para conseguir fugir ao alistamento militar, Teodoro casara-se com uma velha muito rica, a senhora Lehoussais, de Toucques.

Sentiu uma amargura imensa. Atirou-se ao chão, gritou, invocou Deus e, sozinha, chorou até ao nascer do sol. Em seguida voltou à quinta e participou que saía. No fim do mês, feitas as contas, enrolou toda a sua bagagem num lenço e dirigiu-se a Pont-l'Evêque.

Em frente da estalagem encontrou uma viúva que, precisamente, procurava uma cozinheira. A rapariga pouco sabia mas parecia ter tão boa vontade e tão poucas exigências que a senhora Aubain acabou por dizer: –

"Está bem, aceito-a"!

Felicidade um quarto de hora depois estava na nova casa. A princípio viveu numa espécie de receio que lhe causavam "o género da casa" e a "recordação do senhor", dominando tudo.

Paulo e Virgínia, aquele de sete anos de idade, e esta de quatro anos, pareciam-lhe feitos de uma matéria preciosa. Andava com eles às cavalitas e a senhora Aubain proibiu-a de os beijar, de minuto a minuto, o que a martirizou. Todavia sentia-se feliz. A doçura do ambiente eclipsara a sua tristeza.

Às quintas-feiras apareciam as costumadas visitas para a partida do boston. Felicidade preparava, de antemão, as cartas e os aquecedores. Chegavam, justamente, às oito horas da noite e saiam antes das onze badaladas.

Às segundas-feiras, pela manhã, o ferro velho, que morava na rua, estendia no chão a sucata. Pouco a pouco a cidade enchia-se de um ruído de vozes a que se misturavam os relinchos dos cavalos, o balar dos cordeiros, o grunhir dos porcos e a trepidação seca dos carros na calçada.

Perto do meio-dia, quando o mercado atingia o auge, aparecia, à entrada da porta da senhora Aubain, um velho camponês, desempenado, boné lançado para a nuca, nariz recurvo e que era, nem mais nem menos, Robelin, o quinteiro de Geffosses. Pouco tempo depois vinha Liébard, o quinteiro de Toucques, pequeno, avermelhado, obeso, vestindo de cinzento o calçando polainas altas de couro, armadas de esporas. Ambos ofereciam à sua proprietária frangos e queijos. Felicidade, invariavelmente, frustrava as suas intenções manhosas e eles saíam cheios de consideração por ela.

De tempos a tempos a senhora Aubain recebia a visita do marquês de Grémanville, seu tio, arruinado por causa do jogo e que vivia em Falaise, no último pedaço das suas imensas terras de outrora.

Chegava sempre à hora do almoço, com um cão de água muito feio que, com as patas, sujava os móveis. Apesar dos esforços para parecer elegante, chegando a tirar o chapéu sempre que dizia "meu falecido pai" todavia, cedendo ao hábito, bebia cálix após cálix, larachando sempre. Felicidade

despedia-o: – "O senhor ainda tem muito que fazer, senhor de Grémanville! Até outro dia". E fechava a porta.

Abria-a com prazer ao senhor Bourais, antigo procurador. A gravata branca, a calvície, o peitilho da camisa, a ampla sobrecasaca castanha, a sua maneira de gesticular, descrevendo círculos no ar quando fazia cálculos, todo este conjunto produzia nela perturbação semelhante àquela que em nós provoca a presença de qualquer homem extraordinário.

Administrava as propriedades da senhora e, por isso, fechava-se com ela durante horas no escritório do "senhor", receava sempre comprometer-se, respeitava intimamente a magistratura e tinha pretensão a latinista.

Para instruir de forma agradável as crianças ofereceu-lhes urna geografia com gravuras. Representavam diferentes curiosidades do mundo, tais como antropófagos coroados de penas, um macaco roubando uma menina, os beduínos no deserto, uma baleia ao ser arpoada, etc.

Paulo explicou estes desenhos a Felicidade. Foi esta, precisamente, toda a sua educação literária. A das crianças era ministrada por Guyot, um pobre diabo empregado na Câmara, famoso pela sua boa caligrafia e que amolava o canivete nas botas.

Quando o tempo estava bom partiam cedo para a quinta de Geffosses. O pátio ficava numa encosta e a casa no meio dele; ao longe, o mar aparecia como uma mancha cinzenta. Felicidade retirava do cabaz fatias de carne fria e almoçavam numa casa contígua à vacaria. Eram os últimos vestígios de uma casa de recreio, agora desaparecida.

O papel das paredes, às tiras, tremia com as correntes de ar. A senhora Aubain inclinava a fronte repleta de recordações; as crianças não se atreviam a falar.

– "Brinquem"! ordenava. Elas desapareciam. Paulo subia ao celeiro, apanhava pássaros, fazia ricochetes na água ou batia com um pau nas enormes pipas que ressoavam como tambores. Virgínia dava comida aos coelhos, apanhava miosótis e, na rapidez da corrida, deixava ver as calcinhas bordadas.

Uma tarde de outono voltaram através das pastagens. A lua, no seu

primeiro quarto, iluminava uma parte do céu e a neblina flutuava como um manto sobre as sinuosidades de Toucques.

Bois, deitados no meio da relva, olhavam tranquilamente as quatro pessoas que passavam. Na terceira pastagem alguns ergueram-se na frente deles, olhando em volta.

– "Não tenham medo" – disse Felicidade e, murmurando uma espécie de lamento, acariciou o lombo do que lhe ficava mais perto: ele voltou-se, os outros imitaram-no.

Mas quando atravessavam a pastagem seguinte ouviram um formidável mugido. Era um touro que o nevoeiro ocultava.

Avançou para as duas mulheres. A senhora Aubain ia correr.

– "Não, não, mais devagar". – Apesar disso apressaram o passo e ouviam atrás um sopro ruidoso que se aproximava. Os cascos, como martelos, batiam a erva do prado. Ei-lo que galopa agora. Felicidade voltou-se e com ambas as maus arrancava pedaços de relva que ia atirando para os olhos.

O touro baixava o focinho, sacudia os cornos, tremia de furor, mugindo horrivelmente.

A senhora Aubain, ao fundo da passagem, procurava, desvairada, transpor o alto muro. Felicidade recuava sempre diante do touro, lançando-lhe continuadamente os pedaços de relva com terra agarrada, que o cegavam, gritando:

– "Despachai-vos! Despachai-vos !"

A senhora Aubain desceu o fosso e pousou Virgínia, Paulo fez várias tentativas para subir o talude, mas caía. Por fim conseguiu-o à força de coragem.

O touro encurralou Felicidade numa vedação. A sua baba salpicava-lhe já a cara. Um segundo mais e estripava-a. Teve tempo de se escapar por entre dois varões e o corpulento animal, surpreendido, parou.

Durante muitos anos, este acontecimento foi motivo de conversa em Pont-l'Evêque. Felicidade não se mostrou orgulhosa com o facto nem pensou que tivesse feito algo de heróico.

Virgínia ocupava-a, exclusivamente, porque teve, em consequência do susto, uma doença nervosa e o Dr. Poupart aconselhou banhos de mar em Trouville. Nesse tempo não eram frequentados. A senhora Aubain colheu informações e fez preparativos para uma longa viagem.

A bagagem seguiu, de véspera, no carro de Liébard. No dia seguinte trouxe este dois cavalos, um com sela para mulher, munida de um espaldar de veludo. Na garupa do segundo, uma manta enrolada formava uma espécie de cadeira. A senhora Aubain tomou lugar atrás de Liébard. Felicidade encarregou-se de Virgínia e Paulo escarrapachou-se no burro do senhor Lechaptois, emprestado sob condição de terem com ele o maior cuidado.

A estrada era tão má que, para percorrem oito quilómetros, gastaram duas horas. Os cavalos afundavam-se na lama, fazendo, para sair dela, bruscos movimentos de ancas. Umas vezes tropeçavam no rodado vincado na estrada. Outras, era preciso saltar.

O jumento de Liébard, em certas alturas, parava bruscamente. Cheio de paciência o dono esperava que recomeçasse a andar. Falava a respeito dos proprietários das terras que ladeavam o caminho, juntando às histórias reflexões de ordem moral. Assim, no meio de Toucques, ao passar sob uma janela cercada por uma trepadeira disse, encolhendo os ombros: – "aqui está uma, a senhora Lehoussais que, em vez de ter casado com um rapaz novo..." Felicidade não ouviu o resto.

Os cavalos trotavam, o burro galopava. Enfiaram por um atalho, contornando uma barreira; apareceram dois rapazes e desceram mesmo à porta da estrebaria.

A tia Liébard, ao ver a patroa prodigalizou-lhe demonstrações de alegria. Serviu-lhes um almoço composto de costela de vaca, tripas, morcela, frango de fricassé, cidra espumante, uma torta de compotas e brunhos em aguardente, acompanhando tudo isto de mesuras e gentilezas para com a senhora Aubain que parecia de "óptima saúde", a menina, agora "magnífica" e o menino Paulo, singularmente "crescido", sem esquecer seus falecidos avós que os Liébard tinham conhecido, pois estavam ao serviço da família desde há muitas gerações.

A quinta tinha, como eles, um aspecto vetusto. As vigas do tecto estavam

carunchosas, as paredes negras do fumo, os vidros das janelas cinzentos de poeira. Sobre um aparador de castanho via-se toda a espécie de utensílios: canjirões, pratos, escudelas de estanho, armadilhas, tesouras de tosquiar carneiros. Uma enorme seringa fez rir as crianças. Todas as árvores dos três quintais tinham cogumelos na base ou camadas de visco nos ramos. O vento derrubara várias delas; renasceram e vergavam, agora, sob o peso dos frutos. Os tectos de palha, semelhantes a veludo castanho e de espessuras diferentes, resistiam às mais fortes borrascas. Entretanto a cocheira caía, em ruínas.

A senhora Aubain dizia que tomaria providências e mandou que aparelhassem os animais.

Demoraram meia hora a chegar a Trouville.

A pequena caravana apeou-se para atravessar os Ecores; tratava-se de uma falésia a prumo sobre os barcos. E, três minutos mais tarde, ao fundo do cais entraram no pátio do "Cordeiro de ouro", casa da tia David.

Virgínia, poucos dias depois, sentiu-se menos fraca, resultado da mudança de ares e da acção dos banhos. Tomava-os em camisa, à falta de fato de banho e a criada vestia-a na cabana do guarda da alfândega. Todos os banhistas, aliás, faziam o mesmo. À tarde iam com o burro para lá das rochas negras, para as bandas de hennequeville. O atalho, a princípio, subia por entre terrenos cobertos de relva, como um prado, depois atingia o planalto, onde alternavam as pastagens e os campos de lavoura.

Ladeavam-no moutas de espinheiros de entre os quais se elevavam, altaneiros, os azevinhos. Aqui e além uma grande árvore desenhava no ar azul ziguezagues, com os seus ramos. Quase sempre repousavam num prado, tendo Deauville à esquerda, o Havre à direita e, em frente, o mar. Este, liso como um espelho, brilhava com o sol e de tal maneira brando que se ouvia apenas o seu murmúrio. Pardais ocultos pipiavam e a abóbada imensa do céu cobria tudo isto.

A senhora Aubain, sentada, costurava. Virgínia, perto dela, entrançava juncos. Felicidade sachava as flores de alfazema. Paulo, aborrecido, queria partir.

Outras vezes, tendo atravessado de barco para Toucques, procuravam conchas. A maré baixa deixava a descoberto ouriços do mar e medusas; e as crianças corriam para os flocos de espuma que o vento arrastava. As ondas adormecidas, caindo sobre a areia, desdobravam-se, ao longo da praia; esta estendia-se a perder de vista mas do lado da terra, tinha por limite as dunas do "Marais", larga pradaria, em forma de hipódromo. Quando voltavam, Trouville, ao fundo na encosta da colina, aumentava de tamanho, a cada passo e, com as casas desiguais, parecia espalhar-se numa desordem alegre.

Nos dias mais quentes não saiam do quarto. A deslumbrante clareza de fora chapeava barras de luz entre as travessas das gelosias. Nenhum ruído na povoação. Em baixo ninguém nos passeios. Este silêncio generalizado aumentava a tranquilidade das coisas.

Ao longe os martelos dos calafates batiam as quilhas das embarcações e uma brisa pesada trazia o cheiro do alcatrão.

O principal divertimento era constituído pelo regresso dos barcos. Desde que ultrapassavam as balizas começavam a bordejar. As velas desciam para dois terços dos mastros e, com a mezena inchada como um balão, avançavam, deslizavam por entre o marulhar das vagas, até ao meio do porto, onde a âncora imediatamente caía. Depois os barcos colocavam-se em frente do cais. Os marujos lançavam por cima do costado dos barcos, peixes ainda vivos, a saltar. Uma fila de carros esperava e as mulheres, com lenços de algodão esforçavam-se por segurar os cabazes e abraçar os seus maridos.

Uma delas, um dia, foi ter com Felicidade que, pouco depois, entrou no quarto, toda satisfeita: tinha encontrado uma irmã.

Anastácia Barette, mulher de Leroux, apareceu com um bebé ao colo, outro pela mão direita e, à esquerda, um outro vestido de marujo, de punhos na anca e gorro enterrado até às orelhas. Ao fim de um quarto de hora a senhora Aubain despediu-a. Encontravam-nos sempre nas proximidades da cozinha ou quando passeavam. O marido não aparecia. Felicidade tomou-lhes afeição. Comprou-lhes uma manta, camisas, um fogão; evidentemente eles exploravam-na.

Esta fraqueza de Felicidade irritava os nervos da senhora Aubain, que, além disso, não gostava das familiaridades do sobrinho porque ele tuteava seu filho. E, como Virgínia tossia e a estação já não era boa, voltaram para Pont-l'Evêque.

O senhor Bourais ajudou-a a escolher um colégio. O de Caen passava por ser o melhor Paulo foi pois para lá e portou-se bem à despedida, foi mesmo valente, satisfeito por ir viver para uma casa onde passava a ter camaradas.

A senhora Aubain, conformou-se com o afastamento do filho, porque era indispensável. Virgínia pensou nele pouco.

Felicidade lamentava-se com alarido. Mas uma ocupação veio distraí-la: a partir do Natal levava todos os dias a menina à catequese.

III

Depois de fazer à entrada uma genuflexão, Felicidade avançava na comprida nave, por entre a dupla linha de cadeiras, abria o banco da senhora Aubain, sentava-se e passeava os olhos em redor.

Os rapazes à direita e as raparigas à esquerda enchiam as cadeiras do coro; o padre estava de pé, perto da estante. Num vitral da abside o Espírito Santo encimava a figura da Virgem. Um outro mostrava-a, de joelhos, diante do Menino Jesus e, atrás do Tabernáculo, um grupo de madeira representava S. Miguel trespassando o dragão.

O sacerdote fez primeiro um resumo da História Sagrada. Felicidade supunha ver o Paraíso, o dilúvio, a torre de Babel, as cidades em chamas, pessoas que morriam, ídolos destruídos e guardou deste deslumbramento o respeito ao Altíssimo e o temor da Sua cólera.

Depois chorou, ouvindo a Paixão. Porque crucificaram Aquele que amava as crianças, alimentava as multidões, curava os cegos e tinha querido, por bondade, nascer no meio dos pobres, reclinado num estábulo?

As sementerias, as colheitas, os lagares, todas as coisas familiares de que fala o Evangelho encontram-se na sua vida. Deus à sua passagem tinha-as

santificado: e ela amava mais ternamente os cordeiros por amor do Cordeiro, as pombas, por causa do Espírito Santo.

Tinha dificuldade em imaginar o Espírito Santo porque não era somente ave, mas também fogo e sopro. É talvez a Sua luz que volteja, à noite, em volta dos pântanos, o Seu hálito que empurra as nuvens, a Sua voz que dá harmonia aos sinos. E ela mantinha-se em adoração, gozando a frescura das paredes e a tranquilidade da igreja.

Nada compreendia dos dogmas nem tentava compreender. O cura discorria, as crianças recitavam e ela acabava por adormecer. Acordava, bruscamente, quando ouvia o bater dos tamancos nas lajes. Foi assim, à custa de o ouvir, que aprendeu o catecismo, pois na sua juventude a educação religiosa fora descurada e, desde então, imitou todas as práticas de Virgínia, jejuando e confessando-se quando esta o fazia.

Na Festa do Corpo de Deus fizeram juntas um altar. A primeira comunhão atormentou-a muito tempo antes. Preocupou-se com os sapatos, o chapéu, o livro, as luvas e com que emoção ajudou a mãe a vestir a menina!

Durante toda a missa sofreu agonias. O senhor Bourais guardou-lhe um lugar no coro. À sua frente, o grupo das virgens, com as suas coroas brancas sobre os véus caídos, formava como que um campo de neve. E ela reconhecia, de longe, a sua querida menina, de pescocinho fino e atitude recolhida. A campainha soou.

As cabeças curvaram-se. Fez-se silêncio. Ao som do órgão o grupo coral e a multidão entoaram o "Agnus Dei". Começou então o desfile dos rapazes e depois deles as raparigas levantaram-se. Passo a passo, de mãos juntas, caminharam para o altar, completamente iluminado, ajoelharam-se no primeiro degrau, sucessivamente iam recebendo a hóstia e, pela mesma ordem, voltaram aos genuflexórios. Quando chegou a vez de Virgínia. Felicidade inclinou-se para vê-la. E com a imaginação que dão as verdadeiras ternuras pensava que era, ela própria, aquela criança: a figura da menina tornava-se sua, o seu vestido vestia-o ela também, e igualmente o seu coração era o que lhe batia agora no peito. No momento em que Virgínia abriu a boca, cerrando as pálpebras, Felicidade sentiu-se desfalecer.

No dia seguinte, de manhã cedo, apresentou-se na sacristia para que o senhor cura lhe desse a comunhão. Recebeu-a, com toda a piedade e recolhimento, mas não gozou as mesmas delícias.

A senhora Aubain queria dar à sua filha uma educação completa. E como Guyot não podia ensinar-lhe inglês e música, resolveu interná-la nas Ursulinas de Honfleur.

A criança nada objetou. Felicidade suspirava, vendo a senhora insensível. Depois pensou que a sua senhora talvez tivesse razão. Estas coisas excediam a sua competência.

Finalmente, um dia, parou diante da porta um grande carro, descendo dele uma religiosa que vinha buscar a menina. Felicidade carregou as bagagens para o tejadilho, fez recomendações ao cocheiro, colocou na caixa seis frascos de compotas e uma dúzia de pêras, com um ramo de violetas.

Virgínia, no último momento, emocionou-se muito. Abraçava a mãe que a beijava na fronte repetindo: – "Então, coragem! Coragem!"; o estribo da carruagem foi levantado e esta partiu. Então a senhora Aubain teve um desfalecimento; e, à noite, todos os seus amigos, o casal Lormeau, a senhora Lechaptois, as meninas Rochefeuille, o senhor de Houppeville e Bourais apresentaram-se para a consolar.

A ausência da filha foi-lhe, de princípio, muito dolorosa. Mas, três vezes por semana, recebia carta dela; nos outros dias escrevia-lhe, passeava no jardim, lia um pouco e, desta maneira, combatia o vazio das horas.

De manhã, por hábito, Felicidade entrava no quarto de Virgínia e olhava as paredes. Aborrecia-se não mais ter que a pentear, apertar-lhe as botas, prender-lhe a roupa da cama – e de não ver, continuamente, a sua figura gentil, não a segurar pela mão quando saíam juntas.

Na sua ociosidade, tentou fazer renda, mas os seus dedos muito grossos partiam a linha, não ouvia nada, tinha perdido o sono e segundo as suas próprias palavras, estava "consumida".

Para se distrair pediu autorização para receber o seu sobrinho Vítor. Chegava depois da missa, ao domingo, as faces rosadas, o peito nu e rescendendo intensamente ao campo que atravessava. Seguidamente punha

o seu talher; almoçavam um em frente do outro e comendo ela o menos possível, para poupar, enchia-o de tal maneira de comida que ele acabava por adormecer.

À primeira badalada das vésperas acordava-o, escovava-lhe o casaco, fazia-lhe o nó da gravata e ia à igreja, apoiada no seu braço com um orgulho maternal.

Os pais encarregavam-no de lhe extorquir qualquer coisa: um pacote de açúcar, sabão, aguardente, por vezes mesmo, dinheiro. Trazia o vestuário para consertar e ela aceitava esta tarefa, feliz por ele ter motivo que o forçava a voltar.

Em Agosto o pai levou-o para a faina da cabotagem. Era a altura das férias. A chegada dos meninos consolou-a. Mas Paulo tornara-se caprichoso e Virgínia não tinha já idade para se tratar por tu, o que punha um embaraço, uma barreira entre eles.

Vítor foi, sucessivamente, a Morlaix, a Dunquerque e a Brighton; na volta de cada viagem oferecia-lhe um presente. Da primeira vez uma caixa de conchas; da segunda uma chávena, e da terceira um grande boneco de especiarias. Ele embelezara, enformara, tinha um bigodinho, belos olhos francos e um chapelinho de coiro, colocado para trás, como um piloto. Divertia-a, contando-lhe histórias, misturadas de termos marítimos.

Uma segunda-feira, 24 de Julho de 1819, (não esqueceu a data), Vítor anunciou que se alistara nas viagens de longo curso e daí a dois dias, à noite, pelo paquete de Honfleur, iria reunir-se a sua galeota, que devia largar do Havre, proximamente. Estaria ausente, talvez, dois anos.

A perspectiva de tal ausência desolou Felicidade e, ainda para lhe dizer adeus, na quarta-feira à tarde, depois do jantar da senhora, calçou as galochas e galgou as quatro léguas que separam Pont-l'Evêque de Honfleur.

Quando chegou ao Calvário, em vez de virar à esquerda, virou à direita, perdeu-se nos quarteirões e voltou. As pessoas com quem falava aconselhavam-na a apressar-se. Percorreu a doca cheia de navios, chocou

com as amarras depois o terreno baixou, as luzes entrecruzaram-se e ela julgou-se doida, vendo cavalos no ar. À ponta do cais outros relinchavam aterrorizados pelo mar.

Um guindaste erguia-os e descia-os no barco onde os viajantes se misturavam com as barricas de cidra, os cabazes de queijo, os sacos de grão; ouvia-se cacarejar as galinhas; o capitão praguejava; um grumete, indiferente a tudo isto, estava encostado ao pau em que descansa a âncora. Felicidade, que não o reconhecera, gritou:

– "Vítor!" Ele levantou a cabeça; a escada foi tirada no momento em que se precipitava para alcançá-la.

O paquete, que as mulheres puxavam cantando, saiu do porto. A carcassa rangia, pesadas vagas fustigavam a proa. A vela virara, não se via ninguém – e no mar, prateado pela lua, o barco era uma mancha negra que empalidecia até desaparecer por completo. Felicidade, ao passar junto do Calvário quis recomendar a Jesus aquele que mais amava; e rezou durante muito tempo, de pé, a cara cheia de lágrimas, os olhos erguidos para o céu. A cidade dormia, os guardas-fiscais passeavam e a água caía, continuamente, pelos buracos da comporta, com um ruído de torrente. Soaram duas horas.

O locutório só abriria de manhã. Um atraso, certamente, contrariaria a senhora; e, apesar do seu desejo de abraçar a menina, voltou.

As raparigas da estalagem acordavam quando ela entrou em Pont-l'Evêque. Pobre criança que ia durante dois meses rolar sobre as ondas! As suas viagens precedentes não a tinham preocupado. Da Inglaterra e da Bretanha voltava-se; mas a América, as Colónias, as Ilhas, ficavam perdidas numa região incerta, no fim do mundo.

A partir de então, Felicidade pensou exclusivamente no sobrinho. Nos dias de sol atormentava-a a ideia da sede; se fazia tempestade temia que o atingisse o raio. Escutando o vento, que bramia na chaminé e levava as telhas, via-o batido por essa mesma tempestade, na parte mais alta de um mastro partido, todo o corpo para a frente, sob uma toalha de escuma; ou então – recordação da geografia em estampas – era comido pelos selvagens, preso num bosque pelos macacos, morrendo numa praia

deserta. E nunca falava das suas inquietações.

A senhora Aubain tinha-as, também, quanto à filha.

As religiosas achavam-na afectuosa mas de saúde delicada. A mais pequena emoção a perturbava. Era necessário abandonar o piano. A mãe exigia correspondência regular do convento.

Uma manhã em que o carteiro não trouxe correspondência, ela impacientou-se; e caminhava na sala, da cadeira para a janela. Era verdadeiramente extraordinário Quatro dias sem notícias!

Para a consolar, com o seu exemplo, Felicidade disselhe:

– "E eu, minha senhora, que há seis meses não as tenho". – "Mas de quem?"

A criada replicou docemente:

– "Mas... do meu sobrinho!"

– Ah! o teu sobrinho! E erguendo os ombros a senhora Aubain retomou o seu passeio, o que queria dizer: "Nunca pensei nisso! Estou surpreendida! Um grumete, um pobretão, que tolice! Enquanto que a minha filha... Suponham!"

Felicidade, se bem que rude, ficou indignada contra a senhora; depois esqueceu. Achava muito natural que se perdesse a cabeça tratando-se da menina. As duas crianças tinham uma importância igual; um laço no seu coração as unia e os seus destinos deviam ser os mesmos.

O farmacêutico informou-a de que o barco de Vítor chegara a Havana. Lera esta notícia numa gazeta.

Por causa dos charutos, ela imaginava Havana uma terra onde só se fumava e Vítor circulava entre os negros, numa nuvem de fumo. Poder-se-ia, "em caso de necessidade", voltar por terra? A que distância ficava de Pont-l'Evêque? ela interrogou sobre isto o senhor Bourais.

Ele abriu o Atlas e deu explicações sobre as distâncias. Tinha um sorriso pretensioso perante o pasmo de Felicidade.

Enfim, com o lápis indicou nos recortes duma mancha oval um ponto negro, imperceptível, concluindo

– "É aqui". Ela debruçou-se sobre o mapa. Aquela rede de linhas coloridas fatigou-lhe os olhos sem nada lhe ensinar e como Bourais lhe perguntasse o que a embaraçava, pediu-lhe que lhe mostrasse a casa onde Vítor morava. Bourais levantou os braços, espirrou, riu estrepitosamente; semelhante candura excitara a sua alegria; e Felicidade não compreendeu a razão do riso – ela que esperava ver até, talvez, o retrato do sobrinho, tão limitada era a sua inteligência.

Foi quinze dias depois que Liébard, à hora do mercado, como habitualmente, entrou na cozinha e lhe entregou uma carta do cunhado. Como nenhum sabia ler pediu à patroa.

A senhora Aubain, que fazia malha, poisou-a perto, abriu a carta, leu-a e, em voz baixa, com profundo olhar: – "É uma desgraça – o que te anunciam. O teu sobrinho..." Morreu. Não era preciso dizer mais. Felicidade tombou sobre uma cadeira, apoiando a cabeça no espaldar e fechou as pálpebras que se avermelharam imediatamente. Depois, cabeça baixa, mãos pendentes, olhar fixo, repetia a intervalos: – "Pobre rapazinho! Pobre rapazinho!"

Liébard contemplava-a, soltando suspiros. A senhora Aubain tremia um pouco. Propôs-lhe que fosse ver a irmã a Trouville. Felicidade respondeu, por gestos, que não havia necessidade disso. Fez-se silêncio. O bom Liébard julgou conveniente retirar-se. Então ela disse: – "Isso não adiantava nada".

A cabeça recaiu-lhe e, maquinalmente, levantava, de vez em quando, grandes agulhas sobre a mesa de trabalho. Passaram mulheres na rua com uma padiola cheia de roupa branca. Vendo-as, pelos vidros, lembrou-se da sua barrela; tendo-a coado, na véspera, era necessário hoje lavar; e saiu da sala.

O lavadouro ficava ao fundo de Toucques. Ela lançou-lhe para dentro uma porção de camisas, arregaçou as mangas, pegou no batedor e as pancadas fortes que dava ouviam-se nos outros jardins, ao lado. Os campos estavam vazios, o vento agitava a ribeira; ao fundo, ervas muito altas inclinavam-se como cabeleiras de cadáveres, flutuando na água.

Reprimiu a sua dor até à noite; foi muito corajosa mas no quarto

abandonou-se ao desgosto, deitada de barriga para baixo, a cara no travesseiro e os dois punhos apertando as têmporas.

Muito mais tarde, pelo próprio capitão de Vítor, conheceu as circunstâncias do seu fim. Tinham-no sangrado, demasiadamente, no hospital, por causa da febre amarela. Quatro médicos o tratavam, revezando-se. Depois morreu e o chefe havia dito: – "Ora esta, ainda mais um!". Seus pais tinham-na sempre tratado com grosseria. Ela preferiu não os ver; e eles também não se apressaram a fazê-lo, por esquecimento ou insensibilidade de miseráveis.

Virgínia enfraquecia. Opressões, tosse, febre contínua e a lividez do rosto ocultavam alguma afecção profunda. O Dr. Poupart tinha aconselhado uma estadia na Provença. A senhora Aubain experimentou e voltou de seguida a trazer a filha para o colégio, sem passar por Pont-l'Evêque.

Fez um contrato com um alugador de carruagens para a levar todas as terças-feiras ao convento. No jardim há um terraço donde se vê o Sena. Virgínia passeava nele, pelo braço de sua mãe, sobre as folhas de pâmpanos caídas no chão. Às vezes o sol, atravessando as nuvens, obrigava-a a fechar as pálpebras, quando olhava as velas ao longe e todo o horizonte, desde o castelo de Tancarville até aos faróis do Havre. Em seguida repousava sob o caramanchão. A mãe procurava um pequeno barril de excelente vinho de Málaga. E, rindo-se com a ideia de ficar embriagada, bebia dois golos, não mais.

As suas forças reapareceram. O Outono desapareceu docemente. Felicidade animava a senhora Aubain. Mas, numa tarde em que fora aos arredores dar um passeio, quando voltou encontrou diante da porta a carruagem do Dr. Poupart; ele estava no vestíbulo, a senhora Aubain compunha o chapéu.

– "Dê-me o meu abafo, a bolsa e as luvas, o mais depressa possível".

Virgínia sentia o peito oprimido. Estava, talvez, em estado desesperado.

– "Ainda não" diz o médico; e os dois subiram para a carruagem, sob os flocos de neve que caíam. Aproximava-se a noite. Fazia muito frio. Felicidade precipitou-se para a igreja, a fim de acender uma vela. Depois

correu atrás da carruagem que alcançou uma hora mais tarde, saltou com ligeireza para a parte traseira onde ela se aguentava nos torçais, quando lhe sobreveio uma reflexão: – "O pátio não estava fechado! E se os ladrões assaltassem a casa?" E desceu.

No dia seguinte, ao romper da aurora foi a casa do doutor que tinha regressado mas saíra para o campo. Depois ficou na estalagem, julgando que desconhecidos trariam uma carta. Enfim, ao findar do dia, tomou a diligência para Lisieux.

O convento encontrava-se ao fundo de uma ruela escarpada. A meio ela ouviu sons estranhos, dobre de finados. "Trata-se de outros" – pensava ela; e Felicidade bateu violentamente. Ao fim de alguns minutos a porta entreabriu-se e apareceu uma religiosa.

A boa irmã, com um ar compungido, disse que "ela acabava de morrer". Ao mesmo tempo os sinos de Saint-Léonard tocavam a finados.

Felicidade chegou ao 2.º andar. Da porta do quarto viu Virgínia deitada de costas, de mãos juntas, boca aberta, cabeça lançada para trás sob uma cruz negra que se inclinava para ela, entre cortinas imóveis, menos pálidas que a sua cara. A senhora Aubain, agarrada à cama, soltava suspiros angustiosos. A superiora estava de pé, à direita. Três castiçais sobre a cómoda, eram três manchas vermelhas e o nevoeiro branquejava as janelas. As freiras levaram a senhora Aubain.

Durante duas noites Felicidade não deixou a morta. Repetia as mesmas orações, lançava água benta no vestuário, voltava a sentar-se e contemplava-a.

Ao fim da primeira noite de vigília, notou que a cara tinha amarelecido, os lábios azulado; o nariz afilara entre os olhos cavados. Ela beijou-os muitas vezes. E não sentiria espanto se Virgínia, nessa altura, os abrisse. Para almas destas o sobrenatural é muito simples.

Ela lavou-a, vestiu-a, envolveu-a na mortalha, deitou-a no caixão, colocou-lhe uma coroa e segurou-lhe os cabelos. Estes eram louros e extraordinariamente compridos para a idade. Felicidade cortou uma grossa

madeixa, tendo escondido metade no seu peito, disposta a jamais se separar deles.

O corpo foi trazido para Pont-l'Evêque, conforme determinação da senhora Aubain, que seguia o féretro numa carruagem fechada.

Depois da missa foram precisos ainda três quartos de hora para alcançar o cemitério. Paulo caminhava à frente, soluçando. O senhor Bourais ia atrás, seguido dos principais habitantes, cobrindo-se as mulheres com mantilhas pretas e Felicidade. Ela pensava no seu sobrinho e, não tendo podido prestar-lhe estas homenagens, sentia um aumento de tristeza, como se estivesse enterrando um e outro.

O desespero da senhora Aubain foi ilimitado. A princípio revoltou-se contra Deus, achando injusto ter-lhe levado sua filha que nunca tinha feito mal e cuja consciência era tão pura! Mas não! Ela devia tê-la levado para o sul. Outros médicos a teriam salvo.

Acusava-se, queria tê-la outra vez para si, gritava angustiosamente no meio dos sonhos. Um, sobretudo, tornava-se uma obsessão. Seu marido, vestido de marinheiro, voltava de uma longa viagem e dizia-lhe, chorando, que tinha ordem de levar Virgínia. Então eles combinavam um esconderijo em qualquer parte.

Uma vez ela voltou do jardim perturbada. Ali (ela mostrava o lugar) o pai e a filha tinham-lhe aparecido, perto um do outro, quietos, fixando-a.

Durante vários meses permaneceu no quarto, inerte.

Felicidade animava-a, ralhando com doçura; era preciso poupar-se por causa do seu filho e por causa também da outra, em memória "dela".

– "Ela"? – replicava a senhora Aubain, como que despertando de um sonho.

– "Ah! sim! sim! Não a esqueces!" Alusão ao cemitério que escrupulosamente lhe havia sido impedido de frequentar.

Felicidade ia lá todos os dias.

Às quatro horas em ponto passava junto das casas, subia a encosta, abria o

portão e chegava junto do túmulo de Virgínia. Era constituído por uma pequena coluna de mármore cor de rosa, com uma laje na base e correntes de ferro em redor, encerrando um pequenino jardim. As platibandas desapareciam sob o monte de flores. Ela regava as suas folhas, renovava a terra, punha-se de joelhos para melhor cavar. A senhora Aubain, quando podia aqui vir, sentia um certo alívio, uma espécie de consolação.

Depois os anos correram sempre iguais e sem outros episódios que o retorno das grandes festividades: Páscoa, Assunção, Todos os Santos.

Acontecimentos interiores marcavam uma data que mais tarde era lembrada. Assim em 1825, dois operários pintaram o vestíbulo. Em 1827 uma porção de telhado, caindo no pátio, esteve prestes a matar um homem. No verão de 1823 foi a vez da senhora oferecer o pão bento. Bourais nesta época ausentou-se misteriosamente e os antigos conhecimentos, pouco a pouco, desapareceram: Guyot, Liébard, senhora Lechaptois, Robelin, o tio Gremanville, paralítico desde há muito tempo.

Uma noite o condutor da diligência anunciou em Pont-l'Evêque a Revolução de Julho. Um sub-prefeito novo, poucos dias depois, foi nomeado: o barão de Larsonniere, ex-cônsul na América e que tinha em casa, além da mulher, a cunhada com três meninas, já bastante crescidas.

Viam-se, muitas vezes, na relva, vestidas com blusas amplas; tinham um negro e um papagaio.

A senhora Aubain teve as suas visitas e não faltou em retribui-las. Por mais longe que elas aparecessem Felicidade corria a prevenir a senhora. Mas só uma coisa era capaz de a emocionar: as cartas de seu filho Paulo.

Ele não podia seguir nenhuma carreira, estando absorvido nos cafés. Ela pagava-lhes as dívidas; ele fazia outras e os suspiros que a senhora Aubain soltava, tricotando perto da janela, chegavam a Felicidade que fazia girar a sua roda de fiar na cozinha.

Elas passeavam juntamente ao longo da latada; e conversavam sempre de Virgínia, interrompendo-se mutuamente se tal coisa teria agradado à menina em tal ocasião e o que, provavelmente, teria dito.

Todas as pequenas recordações ocupavam um armário no quarto das duas

camas. A senhora Aubain examinava-as o menos possível. Um dia de verão ela o fez e duas pequenas borboletas voaram do armário.

Os seus vestidos estavam alinhados; havia ainda três bonecas, arcos, uma mobília, lavatório privativo. Elas retiraram igualmente as saias, as meias, os lenços e estenderam-nos sobre as duas camas, antes de os dobrar. O sol iluminava estes pobres objectos fazendo ver as nódoas e as pregas formadas pelos movimentos do corpo. O ar estava quente e azulado, um melro chilreava, tudo parecia viver uma doçura profunda.

Encontraram um pequeno chapéu acastanhado, de pelúcia com pelos longos; mas estava todo corroído pela traça.

Felicidade pediu-o para si. Os Seus olhos encontraram os da senhora e ambas os encheram de lágrimas; enfim, a senhora abriu os seus braços e a criada lançou-se neles; estreitaram-se num abraço e satisfizeram a sua dor num beijo que as igualava Isto deu-se pela primeira vez, pois a senhora Aubain não era de natureza expansiva.

Felicidade aceitou como um benefício e, a partir de agora, passa a querer-lhe com uma devoção de animal e uma veneração religiosa.

A vontade do seu coração desenvolveu-se. Quando ouvia na rua os tambores dum regimento em marcha, ia para a porta com uma bilha cheia de cidra e oferecia de beber aos soldados. Cuidou dos atacados pela cólera – em 1832. Protegeu os polacos fugidos da sua pátria e houve um até que declarou querer desposá-la. Mas zangaram-se, porque uma manhã, quando regressava do "Angelus", encontrou-o na cozinha, onde ele se introduzira e, tendo temperado de azeite e vinagre um petisco, comia-o tranquilamente.

Depois dos polacos, foi a vez do tio Colmiche, um velho que passava por ter cometido horrores em 93. Vivia na margem do rio, nas ruínas de uma pocilga.

Os garotos espiavam-no pelas frinchas da parede e atiravam-lhe pedras que caíam sobre o catre onde ele jazia deitado, continuamente sacudido por um catarro, com os cabelos muito compridos, as pálpebras inflamadas e no braço um tumor maior do que a própria cabeça.

Ela procurou-lhe roupa, limpou-lhe a alcova e sonhava em transportá-lo para o forno, mas no caso de não causar incómodo à senhora Aubain.

Quando o cancro rebentou todos os dias o pensava, algumas vezes levava-lhe bolo folhado o colocava-o ao sol sobre um molho de palha. E o pobre velho, babando-se e tremendo, agradecia-lhe com voz apagada, e, receando perdê-la, estendia as maus quando a via afastar-se. Ele morreu. Ela fez dizer-lhe uma missa pelo repouso da sua alma.

Nesse dia sobreveio-lhe uma grande ventura: ao jantar, o negro da senhora Larsonniere apareceu, trazendo o papagaio na sua gaiola, com o poleiro, a corrente e o cadeado. Um bilhete da baronesa anunciava à senhora Aubain que tendo o marido sido nomeado prefeito tinham de partir, à noite; e pedia-lhe para aceitar a ave como uma lembrança e em testemunho da sua admiração.

Desde há muito que ele ocupava o pensamento de Felicidade, porque viera da América e esta palavra lembrava-lhe Vítor, pois ela informara-se junto do preto.

Uma vez, ela mesmo, dissera: "A senhora sentir-se-ia feliz se o possuísse". O negro contou isto à patroa de modo que esta, não podendo levá-lo, se desembaraçou dele desta maneira.

IV

Chamava-se Lulu. Seu corpo era verde, a ponta das asas cor de rosa, a cabeça azul e o pescoço dourado. Mas ele tinha a mania fatigante de morder o poleiro, arrancava as penas, espalhava os excrementos e salpicava tudo em redor com a água da banheira.

A senhora Aubain, que ele detestava, deu-o para sempre a Felicidade. Ela começou a instrui-lo e cedo ele repetia: "Encantador rapaz!", "Um seu criado, senhor!", "Eu te saúdo Maria."

Estava colocado junto da porta e várias pessoas se admiravam de que não respondesse pelo nome de Jacob, pois que todos os papagaios se chamavam Jacob. Comparavam-no a um perua, a um estúpido: que ofensas

para Felicidade!

Estranha obstinação de Lulu que não falava quando olhavam para ele. Todavia gostava de companhia, pois que, ao domingo, quando as meninas Rochefeuille, o senhor de Houppeville e os novos frequentadores da casa o farmacêutico Onfroy, o senhor Varin e o capitão Mathieu jogavam a sua partida de cartas, ele arranhava os vidros com as asas e agitava-se, tão furiosamente, que era impossível ouvirem-se.

A figura de Bourais, sem dúvida lhe parecia muito patusca.

Logo que o via começava a rir, a rir com todas as suas forças os estalos da sua voz reboavam pelo pátio, o eco os repetia, os vizinhos apareciam às janelas e riam também; para não ser visto pelo papagaio o sr. Bourais cosia-se com a parede, ocultando o seu perfil com o chapéu, alcançava o rio, depois entrava pela porta do jardim; e os olhares que ele lançava à ave não tinham ternura.

Lulu recebera do moço do talho um piparote quando ousara meter a cabeça na sua alcofa e, por via disso, esforçava-se por beliscá-lo através da camisa. Fabu ameaçava-o de lhe torcer o pescoço, posto que não fosse cruel apesar da tatuagem dos braços e das espessas suíças. Ao contrário sentia amizade pelo papagaio, até ao ponto de querer, por graça, ensinar-lhe a rogar pragas.

Felicidade a quem amedrontavam estas maneiras, colocou-o na cozinha. A corrente foi retirada e ele circulava pela casa. Quando descia a escada apoiava a curva do bico nos degraus, levantava a pata direita, depois a esquerda. E ela receava que uma tal ginástica lhe causasse tonturas.

Apareceu doente, não falava nem comia. Tinha debaixo da língua uma camada de pele espessa, como às vezes têm as galinhas. Ela curou-o, arrancando com as unhas esta pele.

O senhor Paulo um dia cometeu a imprudência de lhe soprar o fumo do cigarro para as narinas. Uma outra vez que a senhora Lormeau o afagava com a ponta da sombrinha ele engoliu-lhe a ponteira; por fim perdeu-se.

Felicidade colocou-o sobre a erva para o refrescar; ausentou-se um minuto; quando voltou o papagaio tinha fugido! A princípio procurou-o

nos bebedoiros, à borda da água e nos telhados, sem ouvir a patroa que lhe gritava: – "Tome cuidado!", "você está doida!" Depois revistou todos os jardins de Pont-l'Evêque; e interpelava os transeuntes: – "Por acaso não viram o meu papagaio?"

Aos que nem sequer sabiam o que era um papagaio descrevia-o. Uma vez julgou distinguir, por detrás dos moinhos, no fundo da encosta, uma coisa verde que se movia. Mas chegando ao alto da encosta, nada. Um moço de fretes afirmou-lhe que o havia encontrado, há pouco, na taberna de Tia Simon, em Saint-Melaine.

Ela para lá correu. Não sabia o que havia de dizer. Enfim entrou, esgotada, os sapatos velhos em farrapos e a morte na alma. E, sentada no meio do banco, perto da tia Simon, contava todas as tentativas para encontrá-lo quando um peso ligeiro lhe caiu no ombro: Lulu!

Que diabo havia feito? Talvez que tivesse passeado nos arredores!

Custou a acalmar-se ou melhor não se acalmou. Em seguida a um resfriamento sobreveio-lhe uma angina. Pouco tempo depois, uma doença de ouvidos. Três anos mais tarde estava surda e falava muito alto, mesmo na igreja. Posto que os seus pecados nada tivessem para desonrá-la, nem inconveniente algum para o mundo, espalhando-se por todos os cantos da diocese, o senhor cura julgou conveniente não a confessar senão na sacristia.

Zumbidos ilusórios acabaram por perturbá-la. Muitas vezes a patroa dizia-lhe: – "Meu Deus! Como você é estúpida! Ela replicava: – "Sim, senhora!" procurando qualquer coisa à volta.

O pequeno círculo das suas ideias se estreita ainda mais e o carrilhão dos sinos e o mugir dos bois deixam de existir para ela. Todos os seres funcionam com o silêncio dos fantasmas. Um único ruído chegava ainda aos seus ouvidos: a voz do papagaio.

Por distração ele reproduzia o tic-tac da manivela do espeto do assar, o grito agudo do vendedor de peixe, a serra do marceneiro da frente, e, quando soava a campainha, imitava a Sr.ª Aubain: – "Felicidade! a porta, a porta!"

Tinham diálogos: ele, declamando até fartar as três frases do seu

repertório; e ela respondendo-lhe palavras soltas que o seu coração expandia.

Lulu no seu isolamento era quase um filho, um apaixonado.

Empoleirava-se nos seus dedos, mordia-lhe os lábios e agarrava-se ao peitilho e, como ela inclinava a fronte meneando a cabeça, à maneira das amas, as grandes pontas da touca e as asas do animal abanavam em conjunto.

Quando as nuvens se acastelavam e o trovão ribombava ele soltava gritos, lembrando-se talvez das tempestades da sua floresta natal.

O correr da água excitava o seu delírio. Ele esvoaçava, desvairado, subia ao tecto, descia de novo e, através da janela, ia molhar o bico no jardim; mas voltava depressa a empoleirar-se num dos varões de ferro do fogão da sala e, saltitando para secar as penas, mostrava ora a cauda ora o bico.

Uma manhã do terrível inverno de 1837 em que ela o colocara frente à chaminé, por causa do frio, foi encontrá-lo morto, no meio da sua gaiola, de cabeça caída e as garras nos arames. Uma congestão matara-o, sem dúvida! Ela sempre acreditou num envenenamento com salsa e, apesar da ausência de provas, a sua suspeita recaiu sobre Fabu.

Chorou de tal modo que a patroa lhe disse: – "Pois bem, mande empalhá-lo".

Pediu conselho ao farmacêutico que tinha sido sempre amigo do papagaio.

Este escreveu para Havre. Um certo Fellacher encarregou-se da tarefa. Mas, como a diligência perdia às vezes os volumes, resolveu ser ela própria a portadora até Hanfleur.

As macieiras sem folhas sucediam-se, ao lado da estrada. O gelo cobria as covas. Os cães ladravam em volta das quintas. E, com as mãos sob a mantilha, pequenos tamancos pretos e o cabaz, avançava com ligeireza no meio do caminho calcetado.

Atravessou a floresta, ultrapassou Haut-Chêne e alcançou Saint-Gatien. Atrás dela, numa nuvem de poeira e arrastada pela descida uma diligência, num largo galope, precipitava-se como uma tromba de água. Vendo esta

mulher que não se afastava o condutor levantando-se do lugar e gritando, juntamente com o postilhão, tentava adverti-la do perigo, enquanto que os quatro cavalos que ele não podia deter, aceleravam a marcha. Os dois primeiros roçaram-na: uma sacudidela dos seus guias lançou-os na desordem, mas, o condutor, furioso, levantou o braço e, à toa, com o chicote assentou-lhe uma varada desde o ventre ao pescoço, tão forte que ela caiu de costas.

O primeiro gesto, quando tomou consciência, foi abrir o cesto. Felizmente Lulu nada sofrera. Sentia a face direita abrasada. Quando lhe jogou as mãos vieram vermelhas. O sangue corria.

Sentou-se numa pedra, estancou o sangue do rosto com o lenço, comeu uma côdea de pão, posta no cabaz por precaução e consolava-se da ferida, olhando a ave.

Chegada ao cume de Ecquemauville viu as luzes de Hanfleur que cintilavam, na noite, como uma quantidade de estrelas. O mar, mais longe, estendia-se confusamente.

Então uma fraqueza a reteve: a miséria da sua infância, a decepção do primeiro amor, o desaparecimento do sobrinho, a morte de Virgínia como as águas da maré voltavam, ao mesmo tempo e, subindo-lhe à garganta, abafavam-na.

Depois quis falar ao capitão do barco; e sem dizer o que enviava fez-lhe recomendações. Fellacher guardou durante muito tempo o papagaio. Prometia sempre para a "próxima Semana". Ao fim de seis meses anunciou a remessa duma caixa. E não pensou mais no caso. Ela julgava até que o Lulu jamais voltasse. "Roubaram-mo" dizia.

Enfim, chegou e esplêndido, direito, sobre um ramo de árvore que se aparafusava num pedestal de acaju, com uma pata no ar, a cabeça oblíqua, mordendo uma noz que o empalhador, por amor do grandioso, havia dourado.

Ela fechou-se no seu quarto. Este lugar, onde admitia pouca gente, tinha o ar ao mesmo tempo duma capela e dum bazar, tantos objectos religiosos e coisas heteróclitas continha. Um grande armário, ao abrir, embaraçava a

porta.

Em frente da janela, aberta para o jardim, uma clarabóia olhava o pátio; uma mesa, perto da cama de lona, suportava um vaso com água, dois pentes e um cubo de sabão azul num prato cheio de mossas. Encostados às paredes viam-se rosários, medalhas, várias estampas da Virgem, uma pia de água benta em noz de coco; em cima da cómoda, coberta com um pano como um altar, a caixa de conchinhas que lhe dera Vítor, um regador e uma bola, cadernos, a geografia em estampas, um par de botinas; e no prego do espelho enganchado pelas fitas o pequeno chapéu de pelúcia.

Felicidade levava tão longe este género de respeito que conservava ainda uma das sobrecasacas do senhor. Todas as velharias que a senhora Aubain não queria ela levava-as para o seu quarto. É por isso que nele havia flores artificiais na cómoda e o retrato do conde d'Artois na parte mais funda da mansarda.

No meio de uma prancheta Lulu foi colocado sobre um pedaço da chaminé que avançava no quarto. Todas as manhãs, ao despertar, ela via-o à claridade da aurora e lembrava-se então dos dias decorridos e de acções insignificantes até nos seus mais ínfimos pormenores, sem amargura, cheia de tranquilidade.

Não comunicando com ninguém vivia num torpor de sonâmbula.

As procissões do Corpo de Deus a reanimavam. Ia pedir às vizinhas as tochas e as esteiras a fim de ornamentar o altar que erigiam na rua.

Na igreja contemplava sempre o Espírito Santo e observou que nele havia qualquer coisa do papagaio. A semelhança pareceu-lhe ainda mais manifesta numa gravura de Epinal, representando o baptismo de Nosso Senhor. Com as asas de púrpura e o corpo de esmeralda era verdadeiramente o retrato de Lulu.

Tendo-o comprado, colocou-o no lugar do conde d'Artois, de modo que, com um único olhar, via-os ao mesmo tempo.

Eles associaram-se no seu pensamento, santificando-se o papagaio com esta ligação com o Espírito Santo o qual, por sua vez, se tornava mais real, mais vivo e inteligível. O Deus Pai para se anunciar não podia ter escolhido uma pomba, pois estes animais não têm voz mas antes um dos

antepassados de Lulu. E Felicidade rezava, olhando a imagem mas, de quando em vez, virava-se um pouco para a ave.

Teve vontade de se inscrever como filha de Maria, mas a senhora Aubain dissuadiu-a de tal.

Um acontecimento considerável surgiu: o casamento de Paulo.

Depois de ter sido a princípio ajudante de notário, em seguida ter enveredado pelo comércio, alfândega, contribuições e mesmo ter feito tentativas para as Águas e Florestas, aos 36 anos, de repente, por uma inspiração do céu, descobriu o seu caminho: o registo.

E aí mostrou tão altas faculdades que um inspector ofereceu-lhe a filha, prometendo-lhe a sua protecção.

Paulo tornado homem sério levou-a a casa de sua mãe. Ela desprezou os costumes de Pont-l'Evêque, deu-se ares de princesa, feriu Felicidade. A senhora Aubain, à sua partida, sentiu alívio.

Na semana seguinte soube-se da morte do senhor Bourais, na Baixa Bretanha, numa pensão. O rumor de um suicídio confirmou-se; levantaram-se dúvidas sobre a sua honestidade.

A senhora Aubain estudou as suas contas e não tardou a conhecer o rol das suas infâmias: desvios de importâncias vencidas, vendas dissimuladas de madeira, falsas quitações, etc. Além disso tinha um filho natural e "relações com uma pessoa de Dozulé".

Estas baixezas afligiram-na bastante. No mês de Março de 1853, foi acometida por uma dor no peito; a língua parecia coberta de fumo, as sanguessugas não acalmaram a opressão. E às nove horas da noite morreu, tendo justamente 72 anos. Julgavam-na menos idosa por causa dos cabelos castanhos, cujos bandós cercavam a sua cara marcada com uma pequena barba.

Poucos amigos a choraram pois os seus modos eram tão altivos que os afastavam.

Felicidade chorou-a como hoje não se choram os patrões. Que a senhora tivesse morrido antes dela era uma ideia que a perturbava; parecia-lhe contrário à ordem das coisas, inadmissível e monstruoso.

Dez dias depois (o tempo suficiente para chegar de Besançon) vieram os herdeiros. A nora vasculhou as gavetas, escolheu os móveis, vendeu outros, depois fizeram a declaração. Levaram a cadeira da senhora, o seu velador, o aquecedor e oito cadeiras. O lugar das gravuras desenhavam quadrados amarelos no meio das paredes. Tinham levado as duas caminhas com os seus colchões e no armário não se viam mais os objectos de Virgínia. Felicidade subiu os andares cheia de tristeza. No dia seguinte, sobre a porta, um aviso: o farmacêutico gritou-lhe que a casa estava em venda.

Ela cambaleou e foi obrigada a sentar-se. O que a desolava, principalmente, era ter de abandonar o seu quarto tão cómodo para o pobre do Lulu. Envolvendo-o num olhar de angústia pedia ao Espírito Santo que assim não acontecesse; e contraiu o hábito idólatra de rezar, ajoelhada em frente do papagaio. Às vezes o sol entrando pela trapeira incidia no olho de vidro e reflectia um raio luminoso que a punha em êxtase.

Tinha uma renda de trezentos e oitenta francos, legada pela sua senhora. O jardim fornecia-lhe legumes. Quanto a fatos possuía com que se vestir até ao fim dos seus dias e poupava a luz, deitando-se ao anoitecer.

Não saía a fim de evitar a loja do ferro velho onde estavam alguns dos antigos móveis. Por causa da doença partiu uma perna e, diminuídas as forças, a tia Simon, tendo acabado com a locanda, vinha partir-lhe a lenha e tirar água com a bomba.

Os olhos enfraqueceram. As persianas não mais se abriram.

Muitos anos se passaram e a casa não se alugou nem se vendeu.

No receio de que a mandassem embora Felicidade não pediu nenhuma reparação. As ripas do tecto apodreceram. Durante todo o inverno o travesseiro da cama foi molhado. Depois de Páscoa escarrou sangue.

Então a tia Simon chamou o médico. Felicidade quis saber o que tinha mas, como estava muito surda, só entendeu uma palavra: "pneumonia".

Era sua conhecida e respondeu docemente: "Ah! como a senhora", achando muito natural seguir a sua patroa. A época dos altares nas ruas aproximava-se.

O primeiro era sempre junto do rio; o segundo, em frente da estação dos correios; o terceiro, no meio da rua. Houve rivalidades a propósito deste último: e os paroquianos escolheram finalmente o pátio da senhora Aubain.

As opressões e a febre aumentavam. Felicidade lamentava-se de não fazer nada para o altar. Ao menos se pudesse pôr nele qualquer coisa! Então pensou no papagaio.

Não era conveniente, objetaram as vizinhas, mas o cura consentiu. Ela ficou de tal maneira feliz, que pediu para ele aceitar Lulu, a sua única riqueza, quando morresse. De terça-feira até sábado, véspera do Corpo de Deus tossiu mais frequentemente. À noite, com o rosto congestionado, os lábios colavam-se às gengivas, vieram os vómitos e no dia seguinte, de madrugada, sentindo-se muito enfraquecida, pediu um padre.

Três mulheres a rodeavam durante a extrema-unção. Depois declarou que tinha necessidade de falar a Fabu.

Este chegou, com seu fato domingueiro, nada à vontade nesta atmosfera lúgubre.

– "Desculpa-me, disse ela, estendendo o braço com esforço, eu julgava que tu o tinhas matado!" Que significava semelhante disparate? Supor capaz de uma morte um homem como ele! E indignava-se, barafustando.

– "Está doida, como vêem!"

Felicidade, de vez em quando, delirava. As mulheres, afastaram-se. A tia Simon almoçou. Um pouco mais tarde agarrou em Lulu e, aproximando-o de Felicidade, diz: – "Vamos! diz-lhe adeus!" Posto que não fosse um cadáver os vermes devoravam-no. Uma das asas estava partida, a estopa saía-lhe do ventre.

Mas agora, cega, ela beijou-o na cabeça e apertou-o de encontro à face. A tia Simon agarrou-o para o levar para o altar.

V

A vegetação enviava o odor do verão, as moscas zumbiam, o sol fazia luzir o rio e aquecia as pedras e a tia Simon, voltando para o quarto, adormeceu docemente. Badaladas do sino despertaram-na. Era a saída das vésperas.

O delírio de Felicidade acabou. Sonhando com a procissão ela via-a, como se a tivesse seguido.

As crianças das escolas, os cantores e os bombeiros caminhavam sobre os passeios, enquanto que, no meio da rua, seguiam: primeiramente o suíço armado com a alabarda, o bedel com uma grande cruz, o mestre vigiando os rapazes, a religiosa inquieta com as meninas, três das mais pequenas vestidas de anjos lançavam no ar pétalas de rosas...

O diácono, de braços abertos, regia a música e dois turiferários, voltavam-se, a cada passo, para o Santíssimo Sacramento que o senhor Cura, com a sua bela casula, levava sob um pálio de veludo vermelho, conduzido por quatro membros da Confraria da Fábrica da igreja. Uma onda humana seguia atrás entre as colchas brancas que cobriam as paredes. E chegou-se à margem do rio.

Um suor frio molhava as têmporas de Felicidade. A tia Simon limpava-a com uma toalha dizendo de si para si que um dia passaria pelo mesmo. O murmúrio da multidão aumentou, tomou-se muito forte e afastou-se.

Um tiroteio estremeceu os vidros. Eram os soldados saudando a custódia. Felicidade, olhando em volta, diz o mais baixo possível, atormentada pela ideia do papagaio.

– "Ele está bem?"

A agonia começou. Um estertor, cada vez mais precipitado, agitava-a. Bolhas de espuma vinham aos cantos da boca e todo o corpo lhe tremia.

Breve se distinguiu as vozes claras das crianças e a voz profunda dos homens. Calaram-se todos, por momentos e o ruído dos passos, que as flores amorteciam, lembrava um rebanho sobre a relva.

O clero parou no pátio. A tia Simon subiu a uma cadeira para chegar à clarabóia e, desta maneira, dominava o altar. Grinaldas verdes pendiam

sobre o altar ornamentado com um folho em ponto de Inglaterra. Ao centro estava um pequeno quadro encerrando relíquias, duas laranjeiras nos ângulos e, a todo o comprimento, candelabros de prata, vasos de porcelana donde saíam girassóis, lírios, peónias, dedaleiras e tufos de hortênsias.

Esta amálgama de cores brilhantes deseia obliquamente do cimo do altar até ao tapete, prolongando-se pela calçada; e coisas raras atraíam os olhares. Um açucareiro de prata dourada tinha uma coroa de violetas, pingentes de pedra d'Alençon brilhavam no musgo, dois panos chineses mostravam paisagens. Lulu, oculto sob rosas, mostrava apenas a sua cabeça azul semelhante a uma placa de lapis-lazúli.

As irmandades, os cantores, as crianças enfileiravam-se nos três lados do pátio. O sacerdote subiu, lentamente, os degraus e colocou sobre a renda o grande sol de oiro que irradiava. Todos se ajoelharam. Fez-se um grande silêncio. E os turíbulos no seu vaivém, deslizavam nas correntes.

Um vapor azul, subia no quarto de Felicidade, chegou-lhe às narinas e ela aspirou-o, com uma sensualidade mística.

Depois, fechou as pálpebras. Os lábios sorriam. Os movimentos do coração enfraqueceram, cada vez mais vagos, como uma fonte se esgota, como um eco desaparece; e quando ela exalou o seu último suspiro, julgou ver nos céus entreabertos, um gigantesco papagaio, planando sobre a sua cabeça.

A CASA DA ESFINGE – Lord Dunsany

Quando cheguei à Casa da Esfinge já estava escuro. Deram-me ansiosas boas-vindas. E eu, apesar do feito, fiquei contente em escapar daquela ominosa floresta. Vi, de imediato, que ocorrera um feito, embora um manto fizesse tudo o que um manto pode fazer para ocultá-lo. O simples desconforto daquelas boas-vindas fez-me suspeitar desse manto.

A Esfinge estava pensativa e silenciosa. Eu não viera bisbilhotar os segredos da Eternidade nem investigar a vida privada da Esfinge, e assim tinha pouco a dizer e poucas perguntas a fazer. Mas ao que quer que eu dissesse ela permaneceu pesadamente indifererente. Estava claro que ela suspeitava que eu estivesse atrás dos segredos de algum de seus deuses, ou em ousada perquirição de seu tráfico com o Tempo, ou então ela estava, sombriamente, absorvida a lucubrar sobre o feito.

Logo vi que alguém mais além de mim seria recepcionado. Vi-o pela maneira inquieta como olhavam da porta para o feito e de novo para a porta. E estava claro que a recepção seria com uma porta trancada. Mas que trancas, e que porta! Ferrugem e decadência e fungo tinham se acumulado ali por tempo demais, e não havia mais impedimento que pudesse barrar sequer a passagem de um lobo decidido. E eles pareciam temer algo bem pior do que um lobo.

Um pouco mais tarde, consegui perceber, a partir do que diziam, que alguma coisa imperiosa e perturbadora estava à procura da Esfinge, e que alguma coisa que acontecera tornava certa a sua vinda.

Pareceu-me que tinham estapeado a Esfinge, para fazê-la sair de sua apatia e orar a um de seus deuses, que ela aninhara na casa do Tempo; mas o seu silêncio pensativo tornara-se invencível, e sua apatia oriental, desde que o feito acontecera. E, quando acharam que não podiam fazê-la rezar, não havia mais nada a fazer senão prestar pequenas e inúteis atenções à

fechadura enferrujada da porta, e olhar para o feito e matutar, e até mesmo fingir esperança, e dizer que, afinal, isso talvez não atraísse aquela determinada coisa da floresta, que ninguém nomeava.

Pode-se dizer que escolhi uma casa desastrosa, mas não se pensaria assim se eu descrevesse a floresta da qual viera, e eu tinha necessidade de algum canto onde minha mente pudesse descansar de pensar nela.

Eu me perguntava insistentemente sobre que tipo de coisa viria da floresta por motivo do feito, e tendo visto a floresta – como tu, gentil leitor, não a viste – tinha a vantagem de saber que qualquer coisa poderia vir. Era inútil perguntar à Esfinge: ela raramente revela coisas, tal como o seu amante, o Tempo (os deuses a imitam), e enquanto seu humor estivesse assim sombrio o amuo era certo. Assim, em silêncio, pus-me a lubrificar a fechadura da porta. E, tão logo viram esse ato simples, ganhei a confiança deles. Não que meu trabalho tivesse qualquer utilidade – poderia ter sido feito muito antes; mas viram que meu interesse se voltara, naquele momento, para aquilo que eles reputavam como vital. Ajuntaram-se à minha volta.

Perguntavam-me o que eu pensava da porta, se eu já tinha visto melhor, e se eu já tinha visto pior; e eu lhes falei sobre todas as portas que conhecia, e disse que as portas do batistério em Florença eram portas melhores, e que as produzidas por certa firma de construtores de Londres eram piores. E então lhes perguntei o que é que estava vindo em busca da Esfinge por motivo do feito. E, a princípio, não quiseram dizer, e parei de lubrificar a porta; e então disseram que era o arqui-inquisidor da floresta, que é o investigador e vingador de todas as coisas silvestres; e pelo que me disseram pareceu-me que tal pessoa era muito branca, e que era um tipo de loucura vazia que se abatia sobre um lugar, um tipo de névoa na qual a razão não podia viver; e era o medo de tudo isso que os fazia mexer nervosamente na fechadura daquela porta carcomida; mas com a Esfinge não era tanto medo quanto estrita profecia.

A esperança na qual tentavam esperar seguia tal caminho, mas eu não compartilhava dela. Estava claro que a coisa que eles temiam era o corolário do feito – via-se mais pela resignação que se estampava no rosto da Esfinge do que pela triste ansiedade de todos em relação à porta.

O vento soprou, e os grandes círios oscilaram, e o óbvio medo que tinham e o silêncio da Esfinge se tornaram mais do que nunca parte da atmosfera; e morcegos voejavam incansáveis na penumbra do vento que abatia os círios.

Então, ouviram-se gritos ao longe, depois um pouco mais perto, e alguma coisa estava se aproximando de nós, gargalhando terrivelmente. Às pressas, dei uma pancada na porta que eles guardavam; meu dedo afundou na madeira macia – não havia nenhuma chance de segurá-la. Não havia tempo para observar o seu pânico; pensei na porta dos fundos, pois a floresta era melhor do que aquilo. Apenas a Esfinge estava absolutamente calma, sua profecia fora feita, e ela parecia ter visto o seu destino, de modo que nenhuma novidade podia perturbá-la.

Mas por degraus carcomidos de escada e tão velhos quanto o Homem, ao longo das bordas escorregadias do temível abismo, com uma tontura ominosa em meu coração e um sentimento de horror nas plantas dos meus pés, resvalei de torre em torre até que encontrei a porta que procurava. E ela se abriu para um dos galhos mais altos de um enorme e sombrio pinheiro, ao longo do qual desci até o chão da floresta. E alegrei-me de estar de volta à floresta de onde havia fugido.

E a Esfinge, na sua casa ameaçada – não sei como ela se saiu: se ficou, para sempre, olhando desconsolada para o feito, lembrando-se apenas, em sua mente perturbada, para a qual os garotos agora fazem caretas, de que uma vez ela conheceu bem essas coisas diante das quais o homem se sente perplexo; ou se no final ela escapuliu e, tropeçando horrivelmente de abismo em abismo, topou finalmente com coisas mais altas, e é ainda sábia e eterna. Pois da loucura quem sabe se é divina ou se vem das profundas?

A RUA DO OUVIDOR – Joaquim Manuel de Macedo

A *Rua do Ouvidor* contou diversas lojas de perfumarias, e, por consequência, devia ser a rua mais cheirosa, mais perfumada entre todas as da cidade do Rio de Janeiro.

E todavia não o era!...

Com efeito não havia nem há rua mais opulenta de aromas, de perfumes, de pastilhas odoríferas, de banhas e de pomadas de ótimo cheiro; mas tudo isso encerrado em vidrinhos, em frascos e em pequenas caixas bonitas que mantinham e mantêm a *Rua do Ouvidor* tão inodora como as outras de dia.

Atualmente de noite observa-se o mesmo fato.

Naquele tempo, porém, isto é, nos tempos do *Demarais*, e ainda depois, a *Rua do Ouvidor*, de fácil e reta comunicação com a praia, era uma das mais frequentadas pelos condutores dos repugnantes barris, das oito horas da noite até às dez.

A esses barris asquerosos o povo deu a denominação geralmente adotada de – *tigres* – pelo medo explicável que todos fugiam deles.

Esse ruim costume do passado me traz à memória informação falsa e ridícula que li, e caso infeliz e igualmente ridículo, de que fui testemunha ocular e *nasal* em 1839, no meu saudoso tempo de estudante.

A informação é a seguinte:

Um francês (*viajante charlatão*) passou pela cidade do Rio de janeiro, e demorando-se nela alguns dias, ouviu dos patrícios da Rua do Ouvidor queixas dos incômodos tigres que frequentes passavam ali de noite. Sábio e consciencioso observador que ra, o viajante tomou nota do ato, e poucos

anos depois publicou, no seu livro de viagens, esta famosa notícia:

"Na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, feras terríveis, os trigraves, vagam, durante a noite, pelas ruas, etc.,etc.!!!"

E é assim que escreve a história!

O caso que observei foi desastroso, mas de natureza que fez rir a todos.

Pouco depois das oito horas da noite, um inglês, trajando casaca preta e gravata branca…

Entre parêntese.

Em 1839 ainda era de uso ordinário e comum a *casaca*; o reinado de *paletó* começou depois; muitos estudantes iam as aulas de casacas, e não havia senador nem deputado eu se apresentasse *desacasacado* nas respectivas Câmaras: o paletó tornou-se eminentemente parlamentar de 1845 em diante.

Fechou-se o parênteses.

O inglês de chapéu de *patente*, casaca preta e gravata branca subia pela *Rua do Ouvidor*, quando encontrou um negro que descia, levando à cabeça um *tigre* para despeja-lo no mar.

O pobre africano ainda a tempo recuou um passo, mas o inglês que na sabia recuar avançou outro; o condutor do *tigre* encostou-se à parede que lhe ficava à mão direita, e o inglês supondo-se desconsiderado por um negro que lhe dava passo à esquerda pronunciou a ameaçadora palavra *goodemi*, e sem mais tir-te nem guar-te honrou com um soco britânico a face do africano, que perdendo o equilíbrio pelo ataque e pela dor, deixou cair o tigre para diante e naturalmente de boca para baixo.

Ah! Que não sei de nojo como o conte!

O *Tigre* ou o barril abismou em seu bojo o chapéu e a cabeça e inundou com os eu conteúdo a casaca preta, o colete e as calças do inglês.

O negro fugiu acelerado, e a vítima de sua própria imprudência,

conseguindo livrar-se do barril, que o encapelara, lançou-se a correr atrás do africano, sacudindo o chapéu em estado *indizível*, e bradando furioso:

– Pegue ladron! Pegue ladron!...

Mas qual – *pega ladron!* –: todos se arredavam de inocente e malcheiroso negro que fugia, e ainda mais o inglês, tornado tigre pela inundação que recebera.

Era geral o coro de risadas na *Rua do Ouvidor*.

O inglês, perdendo enfim de vista o africano, completou o caso com um remate pelo menos tão ridículo como o seu desastre. Voltando rua acima, parou em frente de numeroso grupo de gente que testemunhara a cena, e ria-se dela.

Ainda hoje o estou vendo; o inglês parou, e sempre a sacudir o chapéu olhou iroso para o grupo e disse mas disse com orgulhosa gravidade britânica:

– Amanhã faz queixa a ministro da Inglaterra, e há de ter indenização de chapéu e de casaca perdidas.

Ah! Eu creio que então a melhor das risadas que romperam foi a minha gostosa, longa e repetida risada de estudante feliz e alegrão.

É inútil dizer que não houve questão diplomática. A Inglaterra ainda não se tinha feito representar no Brasil pó *Mr. Christie*, o único capaz (depois do jantar) de exigir indenização do chapéu e da casaca que o patrício perdera.

Não foi este único desastres que os tigres ocasionaram, foram muitos e todos mais ou menos grotescos, e sei de um outro (além da encapelação do inglês) ocorrido na Rua do Carno hoje Sete de Setembro, que de súbito desfez as mais doces esperanças do casamento inspirado e desejado por mútuo amor.

O namorado da estudante, meu colega e amigo; estava perdidamente apaixonado por uma viúva, viuvinha de dezoito anos, e linda como os amores.

Uma noite, a bela senhora estava à janela, e à luz de fronteiro lampião viu o namorado que, aproveitando o ponto do mais vivo clarão iluminador, lhe mostrava, levando-o ao nariz, um raminho de lindas flores, que ia enviar-lhe, quando nesse momento o cego apaixonado esbarrou com um condutor de tigre, e, embora não encapelado, foi quase tão infeliz como o inglês.

O pior do caso foi que a jovem adorada incorreu no erro quase inevitável de desatar a rir, e logo depois de fugir da janela por causa do mau cheiro de que se encheu a rua.

O namorado ressentiu-se do rir impiedoso da sua esperançosa e querida noiva; amoroso, porém, como estava, dois dias depois tornou a passar diante das queridas janelas.

No erro; a formosa viúva, ao ver o estudante, saudou-o doce, ternamente, mas levou o lenço a boca para dissimular o riso lembrador de ridículo infortúnio.

O estudante deu então solene cavaco, e não apareceu mais à bela viuvinha.

Um tigre matou aquele amor.

OS DESTRUIDORES – Graham Greene

Tradução para o Português do conto "The Destructors", de Graham Greene, que é citado em Donnie Darko

Foi em Agosto, na véspera do feriado, que o mais recente recruta tornou-se o líder da gangue Wormsley. Ninguém ficou surpreso, exceto Mike. Mas Mike, com a idade de nove anos, ficava surpreendido com tudo.

O novo recruta tinha estado com a turma desde o início das férias de verão, e todos reconheciam as qualidades do seu silêncio natural. Ele nunca desperdiçava uma palavra sequer, nem mesmo para dizer seu nome, a menos que isso fosse exigido pelas regras. Quando ele disse "Trevor", aquilo era uma declaração do fato, e não de vergonha ou desafio, como teria sido com os outros.

A turma se reunia todas as manhãs em um estacionamento improvisado – o local da última bomba do primeiro bombardeio. O líder, que era conhecido como Blackie, afirmou tê-la ouvido cair, e ninguém foi preciso o suficiente em suas contas para notar que, naquela época, ele estaria então com um ano de idade e dormindo na plataforma abaixo da estação de metrô de Wormsley. De um lado do estacionamento estava a primeira casa que não foi destruída pelas bombas e depois ocupada, a de número 3.

T, cujas palavras quase se resumiam a votar “Sim” ou “Não” sobre o plano de operações proposto a cada dia por Blackie, assustou toda a turma dizendo, pensativo:
– Wren construiu a casa, meu pai disse.

– Quem é Wren?

– O homem que construiu a catedral de São Paulo.

-Quem se importa? – Blackie disse – É apenas a casa do Velho Tormento.
Velho Tormento – cujo nome verdadeiro era Thomas – tinha sido um

construtor e decorador. Agora ele morava sozinho na casa abandonada.

-Já fui no banheiro – um dos meninos disse, pois todos sabiam que, desde que as bombas caíram, algo estava errado com os canos da casa e que o Velho Tormento era pão-duro demais para gastar dinheiro na propriedade. O banheiro era um galpão de madeira no fundo do quintal estreito, com um buraco em forma de estrela na porta.

No dia seguinte, T estava atrasado para o encontro, e a votação para a exploração desse dia ocorreu sem ele. Por sugestão de Blackie a quadrilha se dividiria em pares, tomaria ônibus aleatoriamente e veria quantas viagens gratuitas poderiam ser arrancadas dos motoristas incautos (a operação tinha que ser realizada em pares para evitar mentiras). Eles estavam sorteando as duplas quando T chegou.

– Onde você estava, T? – perguntou Blackie.

– Eu fui lá – disse T.

– Onde?

– No Velho Tormento.

– No Velho Tormento? – Blackie perguntou. Ele tinha uma sensação de que T estava pisando em terreno perigoso. e perguntou, esperançosamente:

– Você arrombou a casa?

– Não. Toquei a campainha.

– E o que foi que ele fez?

– Mostrou-me o lugar.

– Você pegou alguma coisa?

– Não.

– Por que é que você fez isso, então?

T disse:

– É uma bela casa.

– O que você quer dizer com *é uma bela casa?* – perguntou Blackie com desprezo. Ele não estava com ciúmes, e sim ansioso para reter T na gangue, se pudesse. Foi a palavra "bela" que o deixou preocupado – que pertencia a um mundo de classe.

– Se tivesse arrombado – disse ele tristemente – teria sido uma façanha digna da gangue.

– Foi melhor que isso – disse T – Eu descobri coisas!

– Que coisas?

– O Velho Tormento vai ficar fora o dia todo amanhã e no feriado.

Blackie falou com alívio:

– Você quer dizer que podemos invadir?

– E pegar coisas? – perguntou alguém.

– Eu não quero pegar nada – T disse. – Eu tenho uma ideia melhor.

– Qual?

T levantou os olhos:

– Nós vamos derrubá-la. Vamos destruí-la.

Blackie deu uma gargalhada.

– O que a polícia vai estar fazendo durante isso? – perguntou.

– Eles nunca saberiam. Faremos isso por dentro. Eu encontrei uma maneira de entrar. Seremos como vermes em uma maçã: não dá para vê-los enquanto a devoram. Quando sairmos novamente, não haverá nada lá – apenas as paredes, e então nós as derrubamos de alguma forma.

Blackie, inquieto disse:

– Está proposto que amanhã e segunda-feira vamos destruir a antiga casa do Velho Tormento. Quem é a favor?

– Como é que vamos começar? – perguntou Summers.

– Ele vai te dizer – disse Blackie.

Era o fim de sua liderança na gangue. Ele foi para a parte de trás do estacionamento e começou a chutar uma pedra de um lado para outro. Ele pensou em voltar para casa, de nunca retornar, de deixá-los todos descobrirem o vazio da liderança de T, mas concluiu que a proposta de T era possível – a fama da gangue do estacionamento de Wormsley certamente percorreria Londres inteira. Haveria manchetes nos jornais.

T estava dando suas ordens com muita ênfase. Era como se este plano tivesse estado com ele sua vida toda.

No domingo de manhã todos foram pontuais, exceto Blackie. Ele pulou o muro do jardim do Tormento e não havia sinal de ninguém em lugar nenhum. O banheiro jazia como um túmulo de um cemitério abandonado. As cortinas estavam fechadas. Eles abriram a porta dos fundos para ele entrar. Ele teve imediatamente uma impressão de organização, muito diferente da sua maneira livre de liderar. Por um tempo, ele subiu e desceu as escadas à procura de T. Ninguém se dirigiu a ele.
O interior da casa estava sendo demolido cuidadosamente, sem que se tocasse nas paredes externas.

– Você realmente conseguiu – Blackie disse, com admiração. – O que vai acontecer?

– Nós apenas começamos – disse T.

A cozinha estava uma bagunça de cacos de vidro e porcelana. A sala de jantar estava com o piso arrancado, as torneiras estavam abertas, a porta tinha sido tirada de suas dobradiças e os destruidores tinham acabado com um andar.

– Você encontrou alguma coisa especial? – perguntou Blackie.

T fez que sim com a cabeça.

– Venha até aqui e olhe – disse. – Tirou de dentro dos seus dois bolsos maços de notas de uma libra.

– As economias do Velho Tormento – disse.

– O que você vai fazer? Dividir com todos?

– Nós não somos ladrões – disse T – Ninguém vai roubar nada desta casa. Eu deixei isto para você e para mim – uma celebração.

Na manhã seguinte, a destruição começou a sério.

– Temos que nos apressar – disse T – Há todos os andares restantes e as escadas. Nós não tiramos uma única janela. Você votou como os outros. Nós vamos destruir esta casa e não haverá mais nada quando estiver terminado.

Foi então que ouviu o assobio do Mike na parte de trás.

– Alguma coisa está errada – Blackie disse.

– O Velho Tormento – disse Mike. – Ele está chegando!

– Mas por quê? Ele me disse... – T protestou com a fúria da criança que nunca foi.

– Não é justo!

T ficou de costas para o entulho como um boxeador abatido contra as cordas do ringue. Ele não tinha palavras enquanto seus sonhos eram destruídos. Então Blackie agiu rápido.

– Diga para Mike sair do banheiro e se esconder do lado. Quando ele me ouvir assobiar ele tem que contar até dez e começa a gritar.

– Gritar o quê?

– "Oh, Socorro!", qualquer coisa.

– Você ouviu, Mike – Blackie disse.

Ele era o líder novamente.

– Rápido, Mike. O banheiro. Fique aqui, Blackie, todos vocês, até que eu grite.

– Onde você está indo, T?

– Não se preocupe, eu vou resolver isso, eu disse que eu o faria, não é?

O Velho Tormento veio mancando mais que o comum. Ele tinha lama em seus sapatos e parou para raspá-los na beira da calçada. Não queria sujar a casa. Em algum lugar alguém assobiou. O velho olhou atentamente ao redor. Ele não confiava em assobios.

Um menino veio correndo do estacionamento para a rua.

– Senhor Thomas! – ele o chamou de “Senhor Thomas”.

– O que foi?

– Sinto muito, senhor Thomas. Um de nós entrou, nós pensamos que você não se importaria, e agora ele não pode sair.

– O que você quer dizer, menino?

– Ele ficou preso em seu banheiro.

– Ele não tinha que se meter aqui... já não te vi antes?

– Você me mostrou a sua casa.

– E daí? E daí se mostrei? Isso não lhe dá o direito de…

– Rápido, senhor Thomas. Ele vai sufocar.

Alguém gritou novamente na escuridão.

– Estou indo, estou indo! – gritou o senhor Thomas.

Ele disse para o rapaz ao seu lado:

– Eu compreendo. Já fui menino também. Desde que as coisas não se passem dos limites.

– Solte-o, senhor Thomas.

– Ele não sofrerá nenhum mal no meu banheiro, – disse o senhor Thomas, tropeçando lentamente pelo jardim. Ele parou na porta do banheiro.

– Qual é o problema aí dentro?

Não houve resposta.

– Talvez ele tenha desmaiado – disse o rapaz.

– Não no meu banheiro. Aqui, você, venha para fora! – disse o senhor Thomas, e deu um grande empurrão na porta, que quase caiu de costas quando ela se abriu facilmente.

Uma mão primeiro o apoiou e, em seguida, empurrou-o com força.
Sua cabeça bateu na parede oposta, e ele caiu violentamente sentado. Sua sacola atingiu seus pés. Uma mão tirou a chave da fechadura e a porta bateu.

– Deixe-me sair – ele gritou, e ouviu a chave girar na fechadura.

A voz lhe falou calmamente através do orifício em forma de estrela na porta:

– Não se preocupe, Sr. Thomas. Não vamos te machucar, se você ficar quieto.

O Sr. Thomas colocou a cabeça entre as mãos e pensou. Ele tinha notado que havia apenas um carro no estacionamento e com certeza o motorista não viria pegá-lo antes da manhã seguinte.

O Sr.Thomas deu um sonoro grito, mas ninguém respondeu. O barulho não poderia mesmo ter atingido seus inimigos.

Uma voz falou com ele através do buraco.

– Sr. Thomas.

– Deixe-me sair – respondeu, severamente.

– Aqui está um cobertor – disse a voz, e a longa salsicha cinza foi passada através do buraco e caiu em camadas sobre a cabeça do Sr. Thomas.

– Não é nada pessoal – disse a voz. – Queremos que sua noite seja confortável.

– A noite!? – o Sr. Thomas repetiu, incrédulo.

– Pegue, disse a voz. São pães, nós passamos manteiga neles, e linguiça. Não quero que você morra de fome, Sr. Thomas.

Ele implorou desesperadamente.

– Isto é uma piada, rapaz! Deixe-me sair e eu não vou dizer nada. Eu tenho reumatismo. Preciso dormir numa cama confortável.

– Você não vai mais ficar confortável, não nesta casa.

– O que você quer dizer, menino?

Mas os passos se afastaram. Havia apenas o silêncio da noite.

O Sr.Thomas tentou mais um grito, mas ele estava amedrontado e repreendido pelo silêncio.

Às sete da manhã seguinte, o motorista veio buscar seu carro. Ele ouviu vagamente uma voz gritando, mas não lhe interessava. Ele deu a ré com o carro até encostar no palanque de madeira que sustentava a casa do Sr. Thomas.

O carro se moveu para frente e o motorista checou se não havia prendido algo na carroceria. Em seguida, ouviu-se o som de um longa arrancada.

Não havia nenhuma casa ao lado do estacionamento, apenas um monte de escombros.

O motorista voltou a ouvir o grito de alguém.

Vinha da construção de madeira que era a coisa mais parecida com uma casa no meio daquelas ruínas. O motorista pulou o muro e destravou a porta.

O Sr. Thomas saiu do banheiro. Ele deu um grito, soluçando.

– A minha casa! Onde está a minha casa?

– Eu também quero uma! – disse o motorista, e começou a rir. Não havia sobrado nada em lugar algum.

– Como você ousa rir? – disse o Sr. Thomas. – Aqui era a minha casa. Minha casa!

– Sinto muito – disse o motorista. – Eu não posso ajudá-lo, Sr. Thomas. Não é nada pessoal, mas você tem que admitir que é engraçado.

CARNE À VENDA – Nicholas Budgen

Há uma quantidade impressionante de contos sobre sexo e máquinas; este é um tema que excita e assusta em igual proporção. É verdade que, do nascimento do cinema à ascensão da pornografia online, o sexo guiou o avanço tecnológico – mas talvez quando as tecnologias do prazer se tornarem mais sofisticadas, aquilo que nos separa das máquinas não será apenas o hardware, mas também o que estamos dispostos a sacrificar. Essa história ilustra esse futuro de forma arrepiante.

A entregadora se esquivou do aglomerado raivoso que protestava na frente do bordel. A maioria dos manifestante eram mulheres, algumas despidas, todas com cartazes. Seus dois produtos – um macho e uma fêmea – a seguiram, cercados pela multidão. Ela torceu para que eles não sofressem nenhum dano. Quando eles ultrapassaram o grupo, a mulher olhou sobre seu ombro. Ela conseguiu ler um dos cartazes: "CARNE à venda". A tinta havia escorrido, mas a mensagem era bem clara. Outro ramo dominado pelas máquinas.

A entregadora entrou no bordel segurando uma prancheta. Ela foi logo recebida pela Madame. Alta e pesada; calças formais e um blazer ajustado.

“Assine aqui", disse a entregadora.

“São os novos modelos? Preciso fazer a inspeção antes."

A entregadora concordou.

“Tire a roupa."

Em um único movimento, o modelo feminino arrancou seu vestido preto e ajustado pela cabeça e atirou-o no chão. Depois o sutiã. A calcinha. Por último, ela arrancou suas sapatilhas. A Madame checou seu corpo: estrias, uma barriguinha, peitos caídos. Ela parecia real.

“Meus modelos costumam ser mais bem cuidados", disse a Madame.

"Nossa especialidade é o realismo..."

A Madame não respondeu. Ela abaixou sua mão direita e a enfiou entre as pernas da fêmea. Inseriu um dedo e o levou até o nariz.

“Vira."

O modelo feminino obedeceu. Outro dedo foi inserido, ainda mais fundo do que o outro. Ela o moveu um pouco antes de retirá-lo. Sem dizer nada, a Madame andou até o macho.

“Tire a roupa."

“Ele está em boas condições", protestou a entregadora.

O modelo virou a cabeça e olhou para a entregadora. Ela abaixou a cabeça. A Madame não tirou os olhos de suas novas propriedades.

“ *Tire a roupa*.”

O macho obedeceu. Jeans e cuecas no chão, camisa levantada. Ele se agachou para desamarrar os sapatos.

“Tudo bem, pode ficar com os sapatos."

O macho se levantou. Ele era mais conservado do que a fêmea. Mais bonito, também. A Madame abriu sua boca com a mão e a examinou, como se ele fosse um cavalo. Depois ela abaixou sua mão. Seus dedos brincavam e apertavam gentilmente enquanto a entregadora assistia desconfortavelmente. Movimentação na área genital.

“Bom... meia volta."

Ele se virou. O mesmo tratamento da fêmea. Ela removeu seu dedo.

“E eles tem mais funções?"

A entregadora suspirou longamente. “Os novos modelos podem emitir líquidos."

“Com que frequência eles precisam ser recarregados?"

“Nós podemos cuidar disso para você."

A Madame colou o ouvido no peito do macho. Ouviu um leve palpitar. Ela olhou para a entregadora. “O que mais?"

A entregadora pegou um panfleto.

“Veja você mesma". A Madame olhou para o papel. Ele balançava entre os dedos raquíticos da mulher, sua aliança presa ao dedo apenas pelo osso.

A Madame pegou o papel. Nele havia uma lista de *upgrades*: pode simular emoções (os olhos se dilatam, a respiração acelera, o coração bate mais rápido), auto-lubrificação, líquidos com odor artificial de suor, saliva, fluidos vaginais e urina; habilidade de ter uma ereção, fluido seminal com odor artificial, vermelhidão e hematomas realistas, sangue.

“Isso é tudo?"

A entregadora fez que sim com a cabeça. “Nós os pegamos de noite, os limpamos e trazemos de volta no dia seguinte. E o pagamento... vou precisar da metade agora". Sua voz vacilou com a palavra, como se ela estivesse barganhando.

A Madame fez contato visual com a entregadora pela primeira vez. Ela parecia frágil. Faminta e doente, ou seja, normal para os parâmetros atuais. Ela não daria muito lucro. A Madame não conseguia controlar o impulso de avaliar estranhos – era um velho hábito.

“Eu costumo ficar com o que é meu", disse a Madame enquanto colocava a mão sobre o ombro do modelo masculino.

A respiração da entregadora acelerou. “Nós fazemos todo o trabalho e assumimos todos os riscos."

“O pagamento é diário?"

“Assim é mais fácil controlar as finanças..."

A Madame travou contato visual pela segunda vez. Depois ela pegou a prancheta.

“Tudo bem.”

A caneta se moveu pela folha. Nome e sobrenome. Agora era oficial. A Madame devolveu a prancheta, mas a entregadora a ignorou. Sua mão voou até sua boca. Ela começou a tossir. Levemente, de início, depois com mais força. Tosse seca. Suas tripas pareciam querer sair de sua barriga. A

Madame esperou pacientemente, até que a entregadora terminasse e se recompose.

“Desculpa", disse a entregadora, pegando a prancheta de volta.

“Vejo você mais tarde", respondeu a Madame.

A entregadora hesitou. Então, abruptamente, ela se virou e sussurrou algo na orelha do macho. Algo rápido e doce.

A Madame não pode ouvir o a mensagem. “Algum problema?"

“Apenas um comando que eu havia esquecido de passar."

A Madame encarou a entregadora.

“E a fêmea?"

“Ah... o macho vai passar o recado."

Nesse exato momento, o macho se dirigiu à fêmea e sussurrou. A Madame tentou escutar o recado, mas não ouviu nada. A entregadora deu um passo em direção à porta. “Eles estão prontos..." Ela acenou com a cabeça mais uma vez enquanto saía.

A Madame ajeitou seus óculos. Ela olhou para o macho. Para a fêmea.

"Sigam-me", ela disse sobre o ombro.

O macho e a fêmea encabeçavam a fila. Havia três outras mulheres e dois homens, todos andróides. A Madame vestia cada um de um jeito: meia arrastão, minissaia, jeans de cintura baixa, lingerie, um fio-dental. Ela deixou a nova fêmea com seu vestido preto. Para o macho, só cueca. Amanhã a roupa seria outra.

Entra um homem. Altura mediana, magro, tímido.

“Ouvi que os novos modelos chegaram hoje. Será que—" o homem exitou, "– ele podem... ir ao banheiro?”

A Madame deu ao cliente seu sorriso mais largo e caloroso.

“É claro. Esses são nossos novos modelos – e cá entre nós, querido, eu também gosto dessas coisas."

Uma mentira que a Madame sempre repetia, independente do cliente ou do fetiche. Ela era uma artista. Uma voyeur. Uma ouvinte. Ela dava. Dava o que o cliente precisasse ouvir. Ela vendia aceitação.

O cliente ignorou o macho e deu uma rápida olhada na fêmea. Sua aparência não era importante.

“Como eu…”

"Igual aos velhos modelos, é só dizer o que você quer que ela cuida do resto."

O cliente tirou sua carteira do bolso. Primeiro o dinheiro, depois um dos quartos vazios. A Madame fechou a porta atrás deles. O macho olhava para a Madame enquanto ela fazia esse caminho, mas sua atenção estava na porta. Um segundo cliente havia entrado. Outro Homem. Maior que o primeiro.

“Hank", disse a Madame, junto de um abraço e um sorriso.

O homem sorriu de volta e a segurou com força, olhando para o macho por cima do ombro da Madame.

“Esse é novo", disse o cliente, afrouxando o abraço.

“Ele chegou hoje..." A Madame conhecia o histórico desse homem. Ele era bruto. Mas os novos modelos teriam que ser testados eventualmente. “Então ele vai custar um pouco mais."

O cliente olhou o modelo mais de perto. Ele observou o abdômem liso se movendo com a respiração do modelo.

“Quanto?"

“100 a mais."

O homem apoiou sua mão contra o peito do macho. Era macio e firme.

“Tudo bem", disse, ainda olhando para o modelo. “Eu quero o quarto da frente."

“É claro."

O homem e o macho seguiram a Madame até a primeira porta à direita. A Madame ficou do lado de fora e os dois entraram. Ela fechou a porta.

Eram só os dois, agora.

O homem vestiu sua calça. O macho não disse nada. Ficou lá, em silêncio. Respirando. Ouviu o som da porta se fechando. Ele estava sozinho. Com muita dificuldade, ele caminhou em direção ao espelho no canto do quarto. Seu reflexo o encarou. Seus olhos se focaram no seu dedo sem aliança. Ele olhou de novo para o espelho.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Ele a limpou, em pânico. Piscou algumas vezes para secar as lágrimas antes de respirar fundo mais uma vez.

“Melhor eu do que ela", disse o homem para si mesmo.

DOIS TALENTOS – Gueorgui P. Stamatov

Irmov desceu do fiacre diante do hotel, que mais parecia uma estalagem, mandou descarregar as malas, pagou a corrida, sem se esquecer da gorjeta, e entrou no café do rés-do-chão.

O dono acolheu-o respeitosamente.

– Mande-me o preciso para me lavar, acender o lume e arranjar para o jantar qualquer coisa leve: um caldo de frango e dois ovos escalfados. Tenho o estômago fraco – desculpou-se.

O dono prometeu tratar de tudo. Os estômagos fracos pagavam bem e, além disso, aquele cavalheiro parecia ser alguém. O corte do sobretudo revelava que era de Sófia.

Os clientes do café examinaram atentamente o recém-chegado. A ementa encomendada fê-los sorrir: seria possível que um estômago búlgaro não fosse capaz de digerir qualquer coisa?

Precedido pelo novo cliente, o estalajadeiro subiu ao primeiro andar, o que deu livre curso aos comentários.

– Quem será?

– Um engenheiro. Passam por cá alguns.

– Um inspetor...

– Um inspetor? Para inspecionar o quê? Não há na região cem moedas na mesma caixa.

– Talvez esteja apenas de passagem...

– Para ir aonde? Estamos no fim do mundo.

Uma hora depois, Irmov desceu – lavado, friccionado, com outro fato – e sentou-se a uma mesa juncada de jornais em que se não atreveu a tocar por estarem muito sujos.

– O meu jantar está pronto? – perguntou.

– Queira passar para a sala ao lado, senhor. Pus-lhe a mesa na sala de jantar dos senhores funcionários.

Irmov dirigiu-se para a divisão contígua, onde já se encontravam cinco ou seis notáveis. Uns liam o jornal, outros falavam de culinária, criticando o cozinheiro do ano anterior. O recém-chegado sentou-se, tossiu e depois de entalar a ponta do guardanapo no colarinho da camisa esperou, mexendo maquinalmente no talher. Os comensais largaram os jornais, calaram-se e puseram-se a examiná-lo com olhos curiosos e invejosos. Odiavam instintivamente aquele homem vindo de um mundo estranho que não podiam esperar conhecer. O intruso nem sequer os via ou simulava não os ver, o que só contribuiu para excitar a sua animosidade. De boa vontade arranjariam maneira de zombar dele se não fosse o receio de toparem com algum figurão importante que os varresse com um piparote. Cada um julgava ver nele um emissário do seu céu administrativo.

Acabado o jantar, Irmov pediu que lhe levassem o café ao quarto e o acordassem cedo e retirou-se.

Todas as bocas se abriram imediatamente para interrogar o estalajadeiro.

Foi grande a decepção quando souberam que o viajante se inscrevera como escritor.

– E eu que o julgava o inspector-chefe!

– Malditos escritores! Essa gente só se alimenta de caldos?

Os espíritos acalmaram-se. Aqueles que momentos antes receavam a inspeção das suas caixas pediram o tabuleiro do gamão. Tanto pior para o escritor, que talvez já estivesse a estigmatizá-los lá em cima com a pena acerada! Não era perigoso; não podia perturbar-lhes a quietude; não era um inspetor.

No dia seguinte, Irmov foi ao liceu a fim de falar com um professor que lhe poderia arranjar documentação para o seu futuro romance histórico. O homenzinho quase sucumbiu ao saber com quem falava, antes de reconhecer que mal lera as obras do seu interlocutor.

– Ah, Sr. Irmov, se soubesse como a província dá cabo de um homem! Sobretudo de nós, professores. Suga-nos o sangue, transforma-nos em conserva. Não é que não gostemos de ler, mas que ganhamos com isso? Para viver e morrer aqui até já li de mais. A Bulgária sacrifica-nos e nós resignamo-nos em troca de um bocado de pão. Aqui perde-se toda a vontade de viver e quando não apetece viver, um homem, se não é um cadáver, é pelo menos um doente. Passamos a vida a fazer dieta.

E como Irmov não dissesse nada, prosseguiu:

– Dir-me-á que a leitura é um fim em si e não um meio... Engana-se! Um livro não passa de um livro e nunca poderia substituir um ser vivo. Há momentos em que preferiria a companhia de um bom amigo, mesmo ignorante, a todos os alfarrábios. O livro, sem o contacto humano, é assustador. Provoca sonhos e apetites que há muito tempo nos estão profissionalmente vedados. Acredita se lhe disser que às vezes me dá vontade de fugir deste buraco e de ir para um lado qualquer? Não me importaria de ir para Sófia e tornar-me criado de café. Lá a vida sempre é menos vazia. Se fosse Napoleão destruiria estes recantos perdidos, onde o isolamento é mais terrível do que a miséria e a fome... este isolamento perpétuo. Aqui somos capazes de saltar de alegria, como garotos, diante de uma locomotiva ou até de um simples fiacre. Desabituamo-nos da poesia, da música, das canções e esquecemos as carícias de uma mulher. Às vezes uma camponesa entusiasma-nos mais do que vos seduzem as vossas beldades decotadas nos bailes. Atrofiámo-nos e parecemos múmias que, no entanto, respiram, pensam e sentem – dentro dos limites prescritos pelo orçamento e pelo ministério.

Irmov, que o escutava, compreendia perfeitamente e no mais íntimo do coração agradecia ao acaso tê-lo poupado a semelhante provação. Nunca conseguiria resignar-se... «Pobres homens!», pensou, sem sequer procurar uma palavra de consolação.

Passeando sem destino, passaram por uma grande casa de primeiro andar, cujo rés-do-chão estava ocupado por uma loja. Da parte de trás adivinhava-se um pátio amplo.

No primeiro andar havia uma varanda.

– De quem é esta casa?

– Pertence a um velho ricaço cujos bens são todos administrados pelo genro, Linovski. Duvido que o conheça. É o senhor incontestado da região. Não tardará nada que não seja deputado, embora há muito mereça a forca.

– Linovski?... Conheci noutros tempos um Linovski que estudava Direito em Franca. Mais tarde teve contas a ajustar com a justiça a propósito de uma história de diploma falso.

– Isso são águas passadas. Agora até falsifica o leite que os filhos bebem, mas nisso a lei não pode fazer nada.

– Trata-se, portanto, do mesmo Linovski?

– Provavelmente. É impossível haver dois do mesmo quilate; deve ser único na Bulgária. Só visto: não teme Deus nem o Diabo.

Não tardaram a separar-se e Irmov dirigiu-se para o restaurante.

A sua mesa estava ocupada por numeroso grupo constituído por homens e mulheres.

Tinha o talher no mesmo sítio, mas para passar teve de incomodar alguns comensais.

– «Pardon» – disse delicadamente.

Pediram-lhe desculpa por lhe terem ocupado a mesa...

– Por quem são, não tem importância! É um prazer para mim...

Cinco minutos depois conhecia toda a gente.

– Dr. Ivanov!...

– Rankov, magistrado...

– Markov, professor...

– Capitão Chevronov...

– Sra. Untel... Etc.

Quando souberam que Irmov tencionava visitar no dia seguinte uma aldeia vizinha, decidiram acompanhá-lo até casa do comandante dos guardas-fronteiras.

– Levaremos comida e bebidas...

– Haverá lua cheia...

– Mas nada de fiacre! De trenó! – insistiam as senhoras.

– E dividiremos as despesas – concluiu uma voz.

A ideia do piquenique excitou os espíritos e cada um olhou disfarçadamente para os outros na esperança de ver alguém oferecer uma rodada.

Mas ninguém se decidia. Por fim, Irmov chamou o dono do restaurante.

– Cerveja, por favor!

– Quantas?

– Como quantas? Tantas canecas quantos estamos sentados à mesa: dez.

O grupo esboçou um sorriso beato.

– E aperitivos – acrescentou Irmov. – Qualquer coisa leve. E para as senhoras?

– Também bebem cerveja – respondeu uma voz de homem.

As senhoras sorriram modestamente.

Veio a cerveja e toda a gente bebeu à saúde de Irmov, que se esforçava por ser amável interrogando todos acerca da sua vida, dos seus amigos e das suas distracções.

– Nem me fale nisso! – redarguiu o capitão. – Um verdadeiro túmulo. Um homem deixa o Clube Militar de Sófia e cai nesta pocilga...

– Vocês, militares, não têm razão para se queixar! São os meninos bonitos da Bulgária – interveio o doutor. – Que faz você aqui? De dia descansa e de noite diverte-se por aí enquanto espera pelo princípio do mês para receber o seu soldo de 400 leva ou mais...

– Não é bem assim. Guardamos a fronteira: Os Sérvios, hem... Parece que se preparam para atacar a Áustria...

– Não me venha com histórias dessas. O mais que os Sérvios podem preparar para a Áustria é chouriços! Fale-me antes da sorte que nos está reservada a nós, pobres diabos. Durante todo o mês corremos a região de uma ponta à outra, acordam-nos de noite ao mais pequeno sinal de febre e quando o doente se apanha tratado somos todos amigos e conhecidos e ninguém nos paga as visitas. Como se a medicina fosse um negócio de amigos!

– Qual é o estado sanitário da região? – perguntou Irmov.

– Só lhe digo isto: as consultas deviam dar dez mil leva por ano, mas não tiro mais de cinquenta. A gente destes sítios é assim: prefere morrer a pagar as consultas.

– Portanto, os seus honorários não lhe chegam?

– Nem sequer para o pão, e a ciência avança! É preciso comprar livros e revistas, estar a par do progresso.

– Cala-te aí! Só pelos certificados que passaste aos taberneiros recebeste quinhentos leva. E nós? Duzentos e trinta e seis leva – duzentos e trinta e seis! -, quer chova, quer faça vento! A região está à nossa mercê, dispomos da vida das pessoas e podemos mandá-las para a forca, mas vivemos como amanuenses. Nem sequer temos dinheiro para nos casarmos! – interveio o magistrado.

– Porque não exerce a advocacia?

– É o que tenciono fazer daqui a dois anos, depois de me reformar.

Em suma, ninguém estava contente com a sua sorte, todos tinham razões de queixa contra o país. Irmov fazia o possível para não os interromper.

– Em meu entender – perorava o capitão -, ou se tem um exército como deve ser ou não se tem! O exército é a trave mestra do Estado. Não nos esqueçamos de que um oficial não é um civil! «Se quereis a paz, preparai a guerra», dizia Napoleão. «Ergo», pagai bem aos vossos oficiais.

– Acima de tudo o povo deve ser saudável: povo doente, cidadãos doentes, exército doente. «Mens sana in corpore sano». Logo, os médicos deveriam ser os mais bem pagos.

– O objetivo final de todas as coisas é a justiça e nós distribuímo-la aos civis e aos militares, aos doentes e aos que têm saúde... «A Inglaterra», disse não sei que filósofo, «mantém a sua esquadra e o seu exército para assegurar a alguns magistrados as suas prebendas.» Aqui têm por que motivo a situação do magistrado deve ser a mais estável.

O grupo contava também com um professor primário rural que escutava os outros sem se atrever a queixar-se, com vergonha de ter de revelar o montante do seu vencimento, tanto mais que ainda por cima não conhecia nenhum sábio que pudesse citar a favor dos professores primários búlgaros.

Irmov não tardou a pedir segunda rodada. Pouco a pouco, a conversa perdeu o seu carácter abstrato e cedeu o lugar às anedotas da terra. As senhoras presentes tomaram então ares virginais a ponto de perderem toda a graça. Depois cantou-se e Irmov mandou vir terceira rodada que lhe conquistou as simpatias gerais. Chegaram a perguntar-lhe onde poderiam encontrar as suas obras.

– Escritor, hem?... Os escritores são uns felizardos, segundo me consta...

– Oh, sabem-na toda! Botam uma história no papel num abrir e fechar de olhos e pumba! Cem leva. Parece que Vazov tem mandado fazer casas graças aos seus romances.

– Ao passo que nós espremos os miolos por duzentos leva por mês.

Depois de cantarem, dançaram. Encostaram as mesas às paredes e improvisaram uma pista de dança animada por dois violinistas ciganos

acordados em sobressalto.

A boa disposição atingiu o cúmulo quando, saudado com um «hurra!» unânime, Irmov declarou que pagava toda a conta.

– Não está certo – cochichou uma voz. – Nós é que o convidámos e deixá-lo pagar...

– Ele é que quis...

– Deveríamos pagar ao menos uma parte. Que irá pensar? Se se lembrasse de nos retratar em qualquer dos seus livros...

– Seria o bastante para reembolsar a despesa.

O serão prolongou-se até às quatro horas da manhã, quando resolveram sair, o dono satisfeitíssimo com o cliente, correu ao seu encontro com o sobretudo. Na rua, a algazarra acordou todo o burgo mergulhado num sono patriarcal. Mas o comissário acompanhava-os e a patrulha nocturna fez vista grossa.

Depois da sua conversa com o professor, Irmov encontrou Linovski diversas vezes, mas ou deu meia volta ou meteu por uma rua lateral. Em estudante não quisera estender a mão a semelhante homem; com mais forte razão se devia abster agora de lha apertar, uma vez que o sabia rico e senhor incontestado da região, o que provava terem razão aqueles que o consideravam capaz de tudo.

Mas uma dia encontraram-se cara a cara, Irmov não o pôde evitar e parou involuntariamente.

– Irmov! És tu? Procurei-te quando soube da tua chegada e informaram-me que andavas a visitar as aldeias à procura de elementos para um novo livro... Um romance? Não percebo muito disso, mas tenho lido as tuas obras. Continuas a viver nas nuvens, os teus heróis são marcianos... todos honestos... nem um só mau. Ainda ficas por cá uns dias, não é verdade? Gostaria de te voltar a encontrar, de conversar um bocadinho contigo. Há quantos anos não nos víamos! Não me esqueço que fomos companheiros de escola... Esta noite jantas connosco! Não, não, está decidido!

– Receio não poder aceitar – respondeu Irmov indeciso. – Esta noite

tenciono trabalhar...

– Deixa lá isso! Trabalharás em Sófia. Que trabalho pode render nesta atmosfera? Olha, vamos diretamente para minha casa.

– Estão à minha espera. Combinei encontrar-me com um professor do liceu.

– Ele que espere... Mandarei o meu empregado preveni-lo. Por outro lado, que espécie de jantar te espera no hotel? Kolio dá aos seus clientes comida que os meus porcos recusariam.

– Ele faz-me as refeições à parte.

– Cuidarei da tua dieta. Quanto ao vinho, nunca bebeste nenhum tão bom. Forneço vinho para toda a região, mas vinho, o que se chama vinho, sou o único que o bebo! Os funcionários comem o que lhes dão. Não têm o direito de ser exigentes. Os seus estômagos estão preparados para resistir às mixórdias de Kolio durante quinze anos. Depois... acabou-se: funeral, pensão para as viúvas e para os órfãos-futuros-funcionários... Mas basta de tagarelice. Vamos! Não imaginas como estou contente.

– Sinceramente, não posso, sinto-me cansado.

– Escuta, Irmov: começo a suspeitar que não queres ir a minha casa. Esses cavalheiros devem ter-te contado só Deus sabe que histórias a meu respeito.

– Não digas isso! Quem me poderia falar de ti!

– Todos! Se pudessem, afogavam-me numa gota de água. Não conseguem perdoar-me que eu, um estrangeiro, os tenha humilhado. Mas os mosquitos não me metem medo: não picam, limitam-se a zumbir. Sei muito bem que na universidade ninguém me gramava, incluindo tu... mas o que lá vai, lá vai. Agora, és um escritor, uma celebridade... Um dia, talvez dêem o teu nome a esta rua, porque passaste por cá; mas eu moro aqui mesmo e tens de me visitar!

Irmov não se atreveu a insistir mais na sua recusa. A delicadeza levou a melhor. «No fim de contas, tenho curiosidade de ver de perto este homem e o que ainda possa ter de humano», disse de si para si.

Pouco depois entraram numa taberna. Havia camponeses sentados em grupos à volta das mesas nuas, muito sujas. Um cheiro insuportável a aguardente feriu o nariz delicado do desprevenido habitante de Sófia, que fez involuntariamente uma careta.

– Aqui está o nosso perfume nacional! – exclamou, rindo, Linovski. – Não é tão agradável como o que evocam as tuas novelas...

À direita ficava uma porta que dava para uma loja atulhada de mercadorias em desordem. Outra porta deitava para o pátio. Junto da escada chafurdavam diversas porcas prenhes. Um pouco mais longe, dois homens derrubavam um boi, enquanto outro brandia uma faca que pouco depois desapareceu no pescoço do animal.

Convulsões horríveis sacudiram a massa viva. Os cascos batiam no chão e as cordas seguras pelos torcionários pareciam prestes a partir-se, de tão tensas. O boi morria lentamente, com os olhos esbugalhados, consciente da violência de que era vítima, sem fazer a mais pequena ideia da sorte dos seus congéneres ocidentais, que morrem sem terem tempo de o pressentir. Sem querer, Irmov desviou a vista.

Linovski esteve um bocado a olhar calmamente o boi e depois dirigiu-se a Irmov.

– Isto não se parece nada com os teus temas, mas é a vida. O tema é rude... carece de inspiração artística... Os lucros são, porém, respeitáveis, muito mais importantes do que os teus honorários. Repara naquela porca que se espoja na lama: dir-se-ia que se julga no Hotel Rosa... Sabes que gastei mais dinheiro a criá-la do que recebeste de prémio no último concurso pela tua obra? Peço desculpa deste paralelo, mas é assim. O ambiente não é poético, mas para mim só o resultado conta. O dinheiro é só um: tanto serve para pagar a quem escreve um romance sentimental como a quem limpa latrinas. É isto que a humanidade não quer compreender e é por isso que existem infelizes. Sei que és doutra opinião. Para vocês, o dinheiro tem o seu «curriculum vitae» e deve ser limpo, nobre. Mas o mundo está feito assim: os trabalhos sujos rendem mais porque nem todos se querem dedicar a eles.

Saíram e dirigiram-se para casa de Linovski.

Irmov observava-o de soslaio e admirava-se da sua calma, da sua

indiferença e da sua boa disposição. «Não sentirá nada? Terá esquecido tudo? Será possível que o contacto com as porcas tenha destruído nele todo o impulso humano?»

Chegaram por fim, subiram ao primeiro andar percorreram um corredor e entraram numa grande sala de jantar mobilada como as de Sófia: grande mesa quadrada cadeiras de espaldar alto e um grande guarda-louça encostado à parede. Os talheres estavam no seu lugar rodeando uma bateria de garrafas cheias de aguardente e de pratos repletos de aperitivos. Através de uma porta aberta divisava-se a sala de visitas. Debaixo do retrato de um príncipe, o inevitável piano e paisagens nas outras paredes. Por toda a parte cadeiras estofadas e sem cobertura.

Irmov estava impressionado. Já virá interiores mais opulentos – não o seu, evidentemente -, mas aquele causava-lhe um mal-estar inexplicável. Linovski adivinhou-lhe os pensamentos.

– Isto surpreende-te, hem? «Será este o mesmo Linovski a quem ninguém emprestava um chavo por saber que se absteria de o pagar?» Mas que vale isto comparado com o teu destino? Glória, imortalidade, monumentos... Nota, porém, uma coisa: apesar de tudo, nós contamos na vida, embora escondamos da mão direita o que faz a esquerda...

– Uma mão esquerda que vale mais do que muitas direitas... – interrompeu-o Irmov rindo. – Pela minha parte, nunca conseguiria ganhar tudo isto, nem que trabalhasse cem anos.

– Vocês transpõem tudo para pensamento e imagens, ao passo que nós trocamos o cérebro por bom metal sonante.

Neste momento ouviu-se no corredor uma algazarra comparável à que faria um grupo de soldados a tomar a casa de assalto. A porta abriu-se com estrépito e deu passagem aos filhos de Linovski, que entraram esbaforidos.

– Como vês, só sei criar porcos – disse o pai sorrindo.

Os garotos rodearam-nos e examinaram com curiosidade o convidado.

– Cumprimentem este senhor.

Uma a uma, as crianças estenderam a mãozinha a Irmov.

– Bonitos e fortes rapazes – observou Irmov.

– Vivem em completa liberdade e os castigos corporais estão proibidos. Também tenho os meus princípios. Se quisermos que as crianças nunca temam ninguém, não as devemos assustar. Os estudos não os tentam por aí além, e de resto também não insisto muito com eles para que estudem, mas todos tirarão o seu curso dos liceus. Em seguida procederemos à escolha. Sobretudo nada de funcionários! Não precisam de reforma; já a assegurei a cada um deles. Eh, Ivan, chega aqui!

Um dos garotos aproximou-se.

– Ouve, gostavas de ser oficial?

– Não, paizinho.

– E funcionário?

– Não.

– Professor?

– Também não, paizinho. Os professores trazem as calças rotas.

– Então que gostarias de ser?

– Comerciante como tu.

– Porquê?

– Para toda a gente me vir pedir dinheiro e eu não o dar a ninguém.

Linovski riu e Irmov franziu o sobrolho.

– Agora, meus filhos, retirem-se. Hoje jantarão nos vossos quartos. Petre levá-los-á de carro à quinta. Querem ir?

– Sim, sim!

E os garotos saíram.

– Disciplina e tratamento humano... sem qualquer espécie de pieguice nem violência.

– A tua educação é um bocadinho original. Sufocas nos teus filhos toda a veleidade humana. Há muito tempo que os preparas para o ofício de

usurário?

– Continua, continua. Conheço essas teorias. Ter-me-iam deixado sem eira nem beira se não tivesse tomado o cuidado de me livrar delas. Em todo o caso, espero que reconheças que não quero o mal dos meus filhos.

– Pois sim, mas a tua teoria é falsa. A vida é um duche frio mesmo para os jovens mais românticos, sem que seja necessário fazê-los passar por uma escola especial. Portanto, se ainda por cima lhes despertares desde pequenos os instintos primários, farás deles feras, canibais.

– Não tenho a mais pequena intenção de os fazer missionários. A vida é um jardim zoológico e, se queres saber a minha opinião, não compreendo a quem destinas os teus livros. Li alguns e vi um dos teus dramas no teatro. Para ser franco, não compreendo que pessoas sensatas possam acreditar no advento do mundo com que sonhas.

– Devemos então regressar ao estado selvagem?

– Porquê regressar? Já estamos nele! Escuta, Irmov não fomos feitos para nos entendermos, tu e eu. Não somos da mesma massa. Tu não pertences a este mundo, ao passo que eu sou búlgaro da cabeça aos pés, com uma grande barriga no meio. É por ela que adivinho, sinto, vejo e sei que um dia os meus filhos me abençoarão. Dir-me-ás que sou rico, que o seu futuro está assegurado... e nesse caso que adianta dar-lhe esta educação? Perdão, meu caro! Não há nada absolutamente seguro na Terra. Claro que tu não tens nada a recear, pois ninguém te pode penhorar o cérebro, mas o mesmo não acontece com outras coisas. Até os edifícios mais sólidos estão sujeitos a desaparecer «como fumo»! Para isso basta às vezes aparecer um oficial de diligências com uma citação judicial. Tu não os temes, mas pergunta em toda a região o que mais receiam: se a cólera ou o oficial de diligências. Se amanhã fechar os olhos, tudo se desmoronará. Conselho de família, tutela, advogados, tribunais... Sei alguma coisa a esse respeito. Aqui tens por que motivo lhes ensino a mostrarem as presas desde pequenos. Não me esqueço que vivemos na Bulgária. Mas já basta... Vamos jantar e, «en attendant» (, bebamos um copo! Conhaque ou slivova?

– Tanto me faz.

Linovski encheu os copos.

– À tua! Serve-te de aperitivos, não faças cerimónia. Estou muito contente por tornar a ver-te. Bem sei, bem sei, não vale a pena desculpares-te, este encontro não te foi agradável... Mas não te quero mal por isso. O mundo é assim e cada um é como é. Eu surpreendo-te e tu surpreendes-me. Seria preferível que ninguém surpreendesse ninguém. Nunca encontrei aqui nada que me surpreendesse desde que cheguei. Para onde estás a olhar? Para o piano? O instrumento faz supor a existência de um pianista? De modo nenhum. Talvez tenhas vontade de me perguntar se o comprei para a minha mulher ou para os meus filhos... Nem por sombras: só para ter o prazer de o possuir! Para que toda a gente saiba que o possuo e que sou o único que tenho um piano neste buraco.

Neste instante apareceu uma mulher elegante, muito bonita, alta, e Linovski apresentou-a a Irmov. «Que beldade!», pensou este, olhando involuntariamente para o seu anfitrião.

Linovski sabia que a mulher causaria impressão e sorria satisfeito consigo mesmo.

O seu olhar parecia dizer: «Como vês, também nisto soube escolher bem.»

O jantar foi servido, abundante e magnificamente regado. Quando acabaram, Linovski estava com um grão na asa e praguejava sem ter em conta a presença da mulher. Ouviu-se uma voz infantil na sala contígua e a dona da casa retirou-se.

Linovski enchia os copos, brindava à saúde de Irmov que mal tocava no seu e, esquecido das conveniências bebia sozinho sem nunca se calar. Não tardou a embebedar-se. Estava corado e nos olhos em brasa brilhava-lhe uma sinceridade canalha.

– Eu sei, compreendo tudo... Não sou escritor nem filósofo, mas leio nos teus olhos o que pensas de mim. Falaram-te, contaram-te tudo a meu respeito...

– Ninguém me disse nada.

– Vai impingir essa a outro! Conheço a humanidade mas não tenho o hábito de lhe devassar a alma. Para que serve a alma das pessoas? Vale menos do que uma pele de cabra. Basta de falsidade... Tu ao menos

conheces a história do meu diploma e não tens prazer nenhum em estar aqui comigo, um falsário. Tens vergonha de mim, mas eu não tenho vergonha de ninguém, ouviste? De ninguém! Na Bulgária não vale a pena ter vergonha; toda a gente rouba, cada um a seu modo. Só vocês fogem à regra; alimentam-se de ar e de glória e não precisam de dinheiro. Meu caro amigo, vocês são escritores e psicólogos... Conhecem o homem, mas não conhecem a Bulgária. Escrevem livros, têm experiência da vida, mas não sabem viver. Toda a Bulgária te conhece e apontam-te a dedo em Sófia. Repartes a tua sabedoria com o mundo inteiro, mas não possuis casa própria. Sei que voas muito alto, que para ti não passo de um insectozinho nojento – um piolho -, que te repugna estares aqui a ouvir-me e que, se ainda cá estás, é porque ninguém te vê. Se me encontrasses em Sófia, evitar-me-ias metendo por outra rua, mas alguma vez te debruçaste sobre a minha vida? Toda a Bulgária me caiu em cima quando descobriram que o meu diploma era falso. Voaram telegramas para todos os centros universitários da Europa, o Ministério Público perdeu a tramontana e pouco faltou para me comerem vivo. Fui incriminado, mas o processo desapareceu e, claro, toda a gente suspeitou de mim. Para quê negar? Roubei-o. E se o não tivesse conseguido roubar, não hesitaria em deitar fogo ao Palácio da Justiça, em incendiar Sófia. Meu amigo, é fácil pregar acerca dos homens, das ideias puras, da fidelidade aos princípios, quando se nasceu de pais decentes, num quarto bem aquecido e desde a escola primária se usaram luvas quentes e galochas; quando, aluno do liceu, se teve relógio e pasta e se foi acompanhado por um pai que nos matriculou numa universidade ocidental e instalou numa pensão familiar, a fim de preservar de possíveis danos o nosso estômago sensível. Eu tive a rua desde que nasci, nu em pêlo, andei na vadiagem até aos dez anos e fui aprendiz de estalajadeiro, taberneiro e barbeiro. Por fim, um pobre imbecil recolheu-me, alimentou-me e mandou-me para o liceu. Que vida passei em casa dele! Antes nunca soubera o que fosse comer todos os dias. Os estudos não me corriam muito bem, mas mesmo assim consegui passar cinco anos seguidos. Depois pôs-me na rua: o canalha acusou-me de ter roubado o colar de moedas de ouro da mulher. Como vês, não escondo nada... Agora esfolo toda esta região e sou capaz de arrancar um filho ao seio da mãe desde que tenha, evidentemente, um título executório. Enveneno todo um distrito com o meu vinho falsificado e alimento os meus criados com carne estragada. Sou um gatuno, um canalha, um porco

mais nojento do que a porca que viste na minha taberna, mas não roubei o colar. Não foi porque não tivesse necessidade de dinheiro ou não soubesse onde encontrá-lo... Não. Não o roubei porque então era um imbecil como tu... ainda tinha princípios: roubar era um crime, aguentar a fome uma proeza. Saí, pois, de casa do meu benfeitor e tornei-me funcionário, amanuense. Nessa época viam-nos com os mesmos olhos com que vocês, escritores, nos vêem agora. Mas pagavam-nos. Passados dois anos tinha escarpins nos pés, uma bengala na mão e até algumas economias. Decidi formar-me em Direito. Então admitia-se todo o bicho careto nas faculdades. Matriculei-me e estudei durante ano e meio. Faltava-me outro tanto para acabar o curso. Simplesmente, estava teso. Vocês, os que estiveram no Ocidente, cinco, dez anos, recebendo todos os meses o seu chequezinho, alguma vez souberam, porventura, o que fosse estar sem dinheiro, escrever a toda a gente e não receber um chavo? Então vocês desprezavam-me porque nem sequer tinha com que comprar tabaco; agora não me toleram porque os posso comprar. Criticam-me e invejam-me ao mesmo tempo. Tu também. Julgam que ganhei todo este dinheiro de uma forma vil... Seja! Mas sabes o que é a vileza? Não, não sabes. É também um talento, como o teu. Nasce-se escritor como se nasce vigarista. Compreendes?

Fez uma pausa para deitar mais vinho, despejou o copo e, depois de limpar os lábios, prosseguiu:

– Lembro-me tão bem do que se passou como se tivesse sido ontem. Havia três dias que não comia nada. Foi então que me ocorreu a ideia – apesar dos meus estudos de Direito – de que a justiça não era deste mundo. Por toda a parte por onde andara, através da Europa, em busca de trabalho, só conseguira arranjar o indispensável para viver. Por isso um dia, sem o mais pequeno remorso, forjei um diploma. Em boa verdade, merecia-o mais do que muitos outros. Agora defendo todas as minhas causas pessoalmente, sem precisar de advogados, e não olho a meios para conseguir os meus fins. Arruinei os maiores trafulhas destes sítios e quando passo na rua não há ninguém que não trema ao ver-me! Introduzi-me em todo os cérebros, na alma e na algibeira de cada um, o que não me impede de dormir tão tranquilo como um recém-nascido. Nem insónias nem falta de apetite. Porque estás a olhar para mim dessa maneira, Irmov? Estás espantado, custa-te a acreditar? Julgas que brinco, que exagero, que

estou bêbedo? É verdade que o vinho me soltou a língua, mas também penso assim quando estou sóbrio. És um homem singular! Quem és tu para me olhares com essa arrogância, como se estivesses no cimo da Torre Eiffel? Vocês não foram feitos para subir tão alto. Têm vertigens com demasiada facilidade, sofrem de atração do abismo. Não se julguem eleitos, nascidos para estabelecer a ordem cá em baixo. Não, Irmov! E não és o único a quem isso está vedado. Nem Ibsen nem Tolstoi endireitarão alguma vez o mundo. Mas eu e outros da minha têmpera instauraremos a ordem na Bulgária, porque sou uma força, o poder... E esmagarei todo aquele que tentar atravessar-se no meu caminho. Hoje só valho alguma coisa entre a escumalha; amanhã ver-me-ás no Parlamento. Forjarei leis e obedecer-me-ás, não serei eu que te obedecerei. Continua, pois, a rabiscar os teus livros, se não tens nada melhor para fazer!

Os olhos coruscavam-lhe e o rosto toldava-se-lhe. Um clarão sinistro iluminava-lhe o olhar, como se revivesse os seus tormentos e ameaçasse alguém que considerasse responsável pelo que passara.

Irmov estava farto de tudo: de Linovski, da casa dele e do jantar dele. A náusea dominava-o. E subitamente desejou apenas uma coisa: sair dali.

– São horas de ir andando, Linovski – disse com um sorriso forçado, levantando-se.

– O quê, já te queres ir embora? Aborreci-te, estás farto de me aturar, vexei-te... Tens vergonha de mim, hem? Lamentas ter vindo. No entanto, não me queiras mal por isto... De qualquer modo, não serei eu que te farei mudar de ideias. Quando me vires em Sófia, não me evites; ainda poderás precisar de mim um dia... Sinceramente, se tivesse feito um esforço para ser como tu, ficaria certamente amanuense toda a vida e a pensar que a Bulgária era um bom país para todos, excepto para mim.

– Adeus – despediu-se Irmov.

– Adeus... E quando chegares a Sófia escreve imediatamente um artigo acerca dos jardins zoológicos da província, desanca-me em prol das gerações futuras e manda-me o jornaleco, que prometo não me zangar. Conheço-me bem e se viesse segunda vez ao mundo viveria da mesma maneira. Com todo o respeito que me mereces, Irmov, se algum dia vejo os meus filhos escreverem versos corto-lhes as mãos! Adeus.

No dia seguinte, Irmov deixou a cidade.

Sentado no fiacre, esforçava-se por pensar no seu novo romance, evocando a memória dos bons búlgaros doutros tempos, mas, apesar da sua vontade, a imagem de Linovski não lhe saía da cabeça, nem o som da sua voz.

Chegou à estação e meteu-se no comboio.

Mas mesmo sentado nas almofadas confortáveis do seu compartimento nada se modificou; não conseguia pensar na capital, onde a mulher o esperava, nem nos seus camaradas, nem na sua profissão...

O comboio entrou na estação de Sófia. A mulher de Irmov esperava-o na gare.

Reparou pela primeira vez que era menos bonita e menos cara ao seu coração do que imaginava. E, como sempre, a sua saia e casaco estava um bocadinho coçada.

Tomaram um fiacre. Irmov entrou no seu gabinete de trabalho – um quartito esconso, mobilado com uma mesa de madeira branca encostada à parede e coberta de livros e brochuras em desordem – e, sem saber porquê, sentou-se e mergulhou nos seus pensamentos.

– Irmov – chamou-o a voz da mulher -, vem jantar!

– Vou já – respondeu irritado.

E reviu o grande pátio onde Linovski pontificava sorrindo encantado ao lado da sua jovem mulher – bonita, elegante e também sorridente -, enquanto, erguida nas patas traseiras, uma porca exibia junto deles os dentes querendo, talvez, como ambos, escarnecer dele.

DE HUXLEY ATÉ O COMPLETO OSWELL – Cory Doctorow

A Área da Primeira Emenda ficava a umas boas 800 jardas do tribunal, uma jaula imponente de arame farpado e algemas de plástico. As pessoas da Primeira Emenda eram estranhas. Quer dizer, eu me incluo nesse grupo. Afinal, eu termaformei meu próprio molde de máscara do Guy Fawkes. Essa não é a conduta de uma mulher sã. Mas a Shandra era ainda mais estranha. Ela organizava toda a manifestação, se comunicava com a mídia e convencia algumas centenas de manés a se juntarem a ela na cerca de arame, gritando de forma impotente em direção ao tribunal, cercados por policiais que pareciam terrivelmente empolgados com seus equipamentos vindos direto do Afeganistão.

"Shandra, como eu faço esse negócio funcionar?"

"Assim", ela disse, ligando seu — estranho — aparelho. Ele veio ao mundo como um projetor portátil, do tipo que se usa em apresentações chatérrimas em auditórios de escolas. Mas então ela o juntou a uma célula de hidrogênio, que ela carregava em sua mochila, e a um tripé de câmera improvisado amarrado à sua barriga, que faziam ela parecer a mulher-bomba mais bem-equipada do mundo. Percebi que ela já estava assustando os policiais do outro lado do arame farpado, que entraram em modo de alerta quando um feixe de luz emergiu do projetor. Eu mal conseguia imaginar quantos tasers, fuzis e bombas de gás lacrimogêneo estavam mirados nela naquele momento. Mas ela não pareceu notar, ou se importar.

Ao invés disso, ela usou as duas mãos para ajustar a distorção e o foco da imensa imagem que ela estava pintando na frente do tribunal, um pouco enfraquecida na luz suave de novembro. "Foi muito gentil da parte deles colocar o Kitty para ser julgado em um dia tão escuro", ela murmurou. Notei que suas unhas — com figuras de pequenos átomos com diferentes

números de elétrons — estavam lascadas. Ela havia roído a unha de um dedão até a dolorida carne debaixo dela.

"Vai", ela disse, dando uma sacudida em seu tablet. Era um aparelho descartável, sem um cartão SIM. Shandra era dessas pessoas que escondem seus celulares em uma bolsa anti-rastreamento até a hora de fazer uma ligação. A tela enorme piscou até que a imagem de um homem de meia-idade em frente à uma webcam surgisse. Uma legenda dizia DMITRY SKLYAROV, A PRIMEIRA PESSOA ENCARCERADA SOB O DMCA. Ele realmente parecia russo —não russo do tipo que usa uniformes esportivos, mas sim um russo louco e gênio do xadrez. Ele sorriu. Uma adolescente bonita que era *bem* russa apareceu atrás do seu ombro e fez um V de colegial japonesa com os dedos, piscando para a câmera enquanto ele a expulsava. Ele falou. Não havia áudio, mas tínhamos legendas.

OLÁ. É UMA HONRA FALAR COM VOCÊS.

"Checagem de som!", gritou Shandra. Nós não tínhamos uma permissão para usar amplificadores. Elas eram como pêlos de unicórnio ou credenciais de imprensa dados pelo Departamento de Polícia de Nova Iorque: raros, e potencialmente imaginários. O tal Microfone Humano era algo ultrapassado, criado há dez anos atrás e tão arcaico que ninguém nem zoava mais, mas tinha uma vantagem: todo mundo sabia o que ele significava.

"Checando o som!", gritamos de volta.

"Olá! É uma honra falar com vocês!"

Depois que repetimos isso em um vozerio retumbante que ecoou pelos arranha-céus e até abafou o som das buzinas, ela tocou em seu tablet e DMITRY SKLYAROV voltou a se mexer e continuar sua fala. Nós continuamos a repetir suas palavras durante todo o discurso, que foi misericordiamente curto.

QUANDO O FBI ME PRENDEU EM 2001 POR ENSINAR AS PESSOAS A DESTRAVAREM SEUS EBOOKS

AS PESSOAS ACHARAM QUE O PROBLEMA ERA OS DIREITOS AUTORAIS

MAS O PROBLEMA ERA O DIREITO DE EXPRESSÃO

O DIREITO DE ENSINAR AS PESSOAS COMO SEUS COMPUTADORES FUNCIONAM

COMO KITTY NOS MOSTROU HOJE

Isso era a cara da Shandra: uma performance bizarra que poderia ser vista até de um avião. Ou um drone. Alguns repórteres curiosos saíram do tribunal para falar com a gente, porque coisas bizarras chamam a atenção. E, cara, é claro que ela tinha algo para mostrar para eles.

***

"É mais fácil mostrar do que tentar explicar para vocês", ela disse. Eu havia conhecido Shandra em uma feira de carreira no último ano de faculdade, cinco anos antes. Nós duas conseguimos vagas como pesquisadoras júnior no Loucolab, que, apesar do péssimo nome, era uma parceira do Departmento de Defesa com clientes importantes que nos pagavam para testar seus produtos e delimitar o risco de invasões de hackers, crackers, espiões e invasores de privacidade. Shandra era a mais inteligente de nós duas, aquela que conseguia apontar — com uma mistura perfeita de frieza intelectual e instinto animal — o elemento suspeito à espreita dentro do código. Eu era boa, mas Shandra era excepcional, e o fato dela não aceitar propostas indecentes de outras empresas a tornou amada, mesmo que incompreendida, pelos nossos chefes, que deram a ela sua própria equipe. Comigo no time.

Shandra era uma das melhores especialista em demos do mundo. Descobrir uma falha grave no seu produto é como descobrir que você tem câncer, e os clientes da Louco passavam pelos cinco estágios do luto, começando com a negação, antes de admitirem que eles teriam que gastar uma grana preta para consertar os problemas. A especialidade de Shandra era expor as falhas de um demo de uma forma tão assustadora a ponto de

destruir qualquer chance de negação. Os repórteres que chegaram perto da cerca mal esperavam o que viria.

"Quem se interessar, entre nesse site". Ela estendeu um pedaço de papel com um link. Ela poderia ter usado um código QR, mas todo mundo acha que eles são transmissores de vírus. Qualquer coisa escrita em um pedaço de papel com uma caneta era amador demais para apresentar qualquer risco.

Alguns dos jornalistas se afastaram, mas vários começaram a digitar o endereço do site. Ela já havia colocado um cartão SIM em seu tablet. Alguns segundos depois, ela virou o tablet na direção deles.

No primeiro momento, os repórteres não conseguiram entender o que eles estavam vendo. Era uma montagem, mostrando dezenas de transmissões tremidas de rostos cheios de surpresa. Os seus rostos. Ela havia acabado de hackear as câmeras de todos seus celulares, e estava recebendo uma transmissão ao vivo de cada um deles.

"O bug que Kitty revelou estava dentro do código do Netflix, encontrado em quase todos os sistemas digitais da Terra. Ele opera dentro de um padrão específico do W3C, o que significa que ele pode ser instalado automaticamente em qualquer equipamento digital, de um termostato ao seu carro.

"Mas como ele é parte de um sistema DRM que supostamente protege os direitos autorais — para preservar a ilusão de que o Netflix é de alguma forma capaz de te enviar uma 'transmissão' que não é um 'download'— é um crime anunciar que todos seus equipamentos estão grampeados, esperando para serem invadidos pela NSA ou por algum hacker amador. É por isso que Kitty está na cadeia: por dar uma palestra sobre esse assunto em uma conferência de tecnologia.

“Pensem por um instante sobre todas as coisas que podem ser controladas com esse celular. Alguém aí tem um desfibrilador interno? Um aparelho auditivo com tecnologia bluetooth? Pensem no caos que eu posso instaurar agora que eu tenho total controle sobre seus celulares. Sorte de vocês que eu sou boazinha". Ela clicou na tela do tablet. "Eu acabei de destruir meu vírus, junto dos plugins do Netflix, que serão instalados automaticamente na próxima vez que vocês entrarem nele. Tecnicamente, eu acabei de

cometer uns 20 crimes. Mas o Netflix? Eles continuarão soltos, mesmo se você perder todo o dinheiro da sua conta bancária ou o código do alarme da sua casa porque você foi hackeado por esse plugin.

"E tudo isso para quê? Um passatempo? Cara, a gente tá Huxleyindo até o completo Orwell."

***

O discurso virou notícia e foi transmitido para todo o mundo. Até mesmo alguns programas do Netflix compartilharam a notícia. John Oliver usou a polêmica como tema principal do seu monólogo e *arrasou*.

Quando a polícia a prendeu, ela já estava transmitindo todas as imagens: tudo, desde a invasão forçada de sua casa, à quantidade absurda de homens armados e ao aperto cruel das algemas em seus pulsos. Mais tarde, seu advogado publicou dados de seu programa anti-vírus que mostravam que eles haviam tentado invadir sua rede com um produto comercial que iria permitir que eles controlassem tudo, das câmeras de seus computadores às trancas da sua casa. A brecha do sistema que eles haviam usado para invadir não foi divulgada. Eu mesma fiz e publiquei a análise.

Eles ainda não vieram me pegar. Ainda. Talvez porque eu nunca fui tão inteligente como a Shandra, por ter a fama de um raciocínio lento, aquela garota que a Shandra insistia em ter no time sem que ninguém soubesse o motivo. Talvez eles pensem que eu não sou uma ameaça.

Mas a Shandra será julgada amanhã - apenas um pedido de fiança - e eu vou estar na Zona de Liberdade de Expressão. A previsão é de um dia nublado, e meu projetor já está carregado e em mãos.

ADEUS! – August Friedirch Schmidt

São entenderás nunca os motivos que me fizeram atravessar
A grande noite, a fria noite e a tua indiferença.

Vim porque a minha hora estava se tornando longa demais;
E o frio já me gelava

Vim porque o escuro estava pesando sobre os meus olhos
E o meu ser estava encolhido, longe da morte e da vida Longe de tudo!

Vim porque não podia, porque era um condenado Porque precisava de ti.
Vim porque me prometeste um dia o sossego e eu acreditei nas tuas palavras.
Vim porque não podia mais!

Sei porém que és pior do que o escuro e o frio
Sei que és mais terrível do que a solidão
Sei que és o meu próprio vazio
E que o teu mundo não é o meu.
Sei o que pensaste quando me viste entrar.

Eras a minha ilusão final
Hoje nem mais meu desespero tu és.

Minhas palavras te são indiferentes
Eu te sou indiferente.
Mas antes de partir quero te dizer adeus!

Quero demorar-me sobre o teu túmulo porque é o meu túmulo
Quero chorar sobre o teu corpo porque é meu corpo
Quero demorar-me um minuto ao teu lado
Porque és eu mesmo, oh!
Minha sombra, meu engano e minha dor!

O XEQUE BOU-AKAS - Alexandre Dumas

No Ferdj-Ouah existe um xeque chamado Bou-Akas-Ben-Acour. Trata-se de um dos nomes mais antigos do país, que aparece na história das dinastias bérberes e árabes de Ibn Khaldoun.

Bou-Akas (o homem de maça), também conhecido como Bou-d'Jenoui (o homem do punhal), é um tipo admirável de beduíno do Leste. Seus ancestrais conquistaram Ferdj-Ouah, e Bou-Akas, após ter consolidado a conquista, reina agora sobre o "belo país".

O xeque El-Islam-Mohamed-Ben-Fagoune, que fora guindado ao poder pelo marechal Valée, convenceu Bou-Akas a reconhecer o poderio francês. Em sinal de vassalagem, enviou este um cavalo de Gada ao governador, mas recusou-se a ir pessoalmente. Temia ser feito prisioneiro dos franceses.
O xeque tem quarenta e nove anos de idade e veste-se à maneira cabila: um manto de lã com cinturão de couro e um capuz debruado de corda fina. Traz à bandoleira um par de pistolas e um "flissa" cabila ao lado esquerdo; do pescoço pende-lhe um pequeno punhal negro. À sua frente caminha um negro, levando-lhe o fuzil, e ao seu lado cabriola um grande galgo.

Quando alguma tribo vizinha às doze tribos por ele comandadas lhe causa qualquer dano, Bou-Akas desdenha de marchar contra os ofensores e contenta-se com enviar seu negro à vila. Este exibe ali o fuzil do xeque, e o dano fica reparado.
Bou-Akas tem a seu serviço duzentos ou trezentos Tolbas, que lêem o Corão ao povo. Todo peregrino que, em viagem a Meca, atravesse o país, recebe subsídios de três francos e permissão para demorar-se no Ferdj-Ouah, como hóspede do xeque, pelo tempo que deseje. Todavia, quando chega ao conhecimento de Bou-Akas qualquer denúncia de ser o peregrino algum impostor, ele envia seus guardas à procura do culpado. Uma vez

localizado este, os guardas o deitam de bruços e aplicam-lhe cinqüenta bastonadas à planta dos pés.

Há ocasiões em que o xeque tem trezentos convidados ao jantar. Ao invés de compartilhar das iguarias, fica a caminhar em meio aos convidados, apoiado a um bordão, supervisando o serviço dos criados. Mais tarde, caso tenha sobrado alguma coisa, come também, mas sempre por último.

Seu domínio se estende de Mali a Raboue, da ponta sul da Babour até duas milhas aquém de Gigelli. Quando o governador de Constantinopla — o único homem de quem reconhece o poder — encaminha-lhe algum viajante, sendo este pessoa de prol ou portador de boas recomendações, Bou-Akas entrega-lhe seu fuzil, seu cão ou seu punhal. Se recebe o fuzil, o viajante o pendura a tiracolo; se recebe o cão, prende-o por uma correia; se recebe o punhal, ata-o ao pescoço. De posse de qualquer desses talismãs, todos investidos de determinado grau de honra, pode atravessar incólume as doze tribos. Onde quer que se encontre, recebe hospedagem, já que é um protegido de Bou-Akas.

Ao deixar o Ferdj-Ouah, pode o viajante entregar o punhal, o fuzil ou o cão a qualquer árabe que encontre. Este, se estiver caçando, abandonará a caça; se estiver lavrando, largará a charrua; se estiver entre seus familiares, deixá-los-á, para ir entregar ao xeque seus pertences.

O pequeno punhal de cabo negro é tão conhecido, que emprestou seu nome a Bou-Akas, também conhecido por Bou-d'Jenoui, o homem do punhal. Com ele Bou-Akas apressa o curso da justiça, quando degola algum culpado.

Ao assumir o governo, Bou-Akas encontrou o país infestado de ladrões, mas logo descobriu um meio de liquidá-los. Vestiu-se de mercador e deixou cair uma moeda de ouro na rua, tendo o cuidado de não perdê-la de vista. Uma moeda de ouro não permanece muito tempo assim abandonada. Quando alguém a apanhava e a colocava no bolso, Bou-Akas fazia um sinal ao seu "chaousse", também disfarçado de mercador, e este, sabedor das intenções do amo, encarregava-se de agarrar o culpado e de decapitá-lo na mesma hora.

Hoje os beduínos costumam dizer que uma criança de doze anos pode atravessar o Ferdj-Ouah com uma coroa de ouro à cabeça, sem que

ninguém estenda a mão para roubá-la.
O pequeno punhal do xeque goza de muita reputação entre os pastores das montanhas cabilas. Estes, ao se queixarem de alguma cabra muito vadia, costumam gritar-lhe:
— La guela ou Djinoni Bou-Akasli oulli fi gabta — que quer dizer: Que a morte te leve, e que seja a navalha de Bou-Akas aquela a ser embainhada.
Bou-Akas tem grande respeito pelas mulheres. Assim, estabeleceu no Ferdj-Ouah um costume: quando as mulheres estão enchendo na fonte os seus cantis de pele de bode, os homens devem desviar-se, para não encontrá-las.

Certo dia Bou-Akas — que depois do que relatamos poderia bem ser chamado "o pai da justiça" — ouviu falar de um cádi de uma de suas doze tribos que pronunciava sentenças dignas do rei Salomão. Como um novo Harum-al-Raschid, quis ajuizar pessoalmente da verdade do que lhe contavam. Trajou-se, pois, como simples cavaleiro, sem levar nenhum dos atributos ou armas que o distinguiam, e sem qualquer comitiva pôs-se a caminho, montando um cavalo de raça que, não obstante, nada trazia que pudesse denunciá-lo como o de tão grande chefe.
Aconteceu que no dia em que chegou à povoação onde o cádi fazia justiça era dia de feira, e em conseqüência dia de julgamento. Aconteceu ainda (em tudo protege Maomé seu servo!) que, à entrada da cidade, encontrou Bou-Akas um aleijado, e este, agarrando-se ao seu albornoz como o pedinte ao manto de São Martinho, rogou-lhe uma esmola.

Bom muçulmano que era, Bou-Akas deu-lha, mas o aleijado continuou agarrado ao seu manto.

— Que queres mais? — perguntou o xeque. — Já te dei a esmola que pediste.

— Sim — retrucou o aleijado — mas a lei não diz apenas "darás esmola a teu irmão". Diz também: "Farás por ele tudo quanto lhe pedir".

— Pois bem. Que mais posso fazer por ti?

— Poderás evitar que eu, pobre réptil, seja pisoteado pelos homens e pelos animais, coisa que não deixará de acontecer se eu for rastejando até a vila.

— E como poderei impedir isso?

— Levando-me à garupa de teu cavalo até a praça do mercado, onde tenho meu ponto.

— Pois seja — concordou Bou-Akas. E erguendo o aleijado, ajudou-o a montar.
Apesar de algumas dificuldades, a operação foi coroada de êxito. Os dois cavaleiros atravessaram a povoação, não sem excitar a curiosidade geral, e chegaram finalmente à praça.

— É aqui que querias vir? — perguntou Bou-Akas ao mendigo.

— Sim.

— Então desce.

— Desce tu.

— Se é para te ajudar a desmontar, descerei.

— Não, é para deixar-me o cavalo.

— Como, deixar-te meu cavalo?

— Porque o cavalo me pertence.

— Pois sim! É o que veremos.

— Escuta e reflete — disse o aleijado.

— Escutarei e refletirei depois.

— Estamos na povoação do cádi justiceiro.

— Eu sei.

— Vais apresentar queixa contra mim ao cádi?

— É possível que o faça.

— Acreditas então que ele, ao ver-nos — tu com as pernas sãs que Deus te deu, eu com estas pobres pernas aleijadas — não decidirá que o cavalo pertence àquele que mais necessita dele?

— Se proferir tal sentença, não poderá ser chamado de justiceiro, pois ter-se-á enganado no seu julgamento.

— Chamam-no de cádi justiceiro, mas não o chamam de cádi infalível.

— Por minha fé — disse o xeque consigo mesmo. — Eis uma excelente oportunidade de pôr o juiz à prova. Vamos à presença do cádi.
E Bou-Akas, levando o cavalo pela brida, a cuja garupa estava agarrado o mendigo como um macaco, abriu caminho por entre a turba até onde o cádi, à moda do Oriente, fazia justiça publicamente.

Duas causas estavam em litígio, e iriam ser julgadas antes. Bou-Akas tomou lugar entre a assistência. A primeira das causas era entre um "taleb" e um camponês — entre um sábio e um trabalhador. Tratava-se da mulher do sábio, que o camponês roubara e jurava ser sua. A mulher, por sua vez, não reconhecia nem a um nem a outro como seu marido, ou melhor, reconhecia ambos, o que tornava a situação extremamente embaraçosa.

O juiz ouviu as duas partes, refletiu por um instante e disse:

— Deixai-me a mulher e voltai amanhã.

Após saudarem o juiz, ambos os litigantes se retiraram.
Chegou a vez da segunda causa. Esta envolvia um açougueiro e um vendedor de azeite. O primeiro tinha as vestes todas manchadas de sangue, e o segundo tinha-as enodoadas de óleo. Declarou o açougueiro:

— Fui comprar uma jarra de azeite a este homem. Para pagá-lo, tirei da bolsa um punhado de moedas. As moedas o tentaram, e ele agarrou-me o pulso. Chamei-o de ladrão, mas ele não quis soltar-me. Viemos juntos ao tribunal, eu com as moedas fechadas na mão, ele agarrado ao meu pulso. Juro por Maomé que este homem mente quando diz que o dinheiro lhe pertence: estas moedas são minhas, muito minhas.

Disse o mercador de azeite:

— Este homem veio comprar azeite na minha loja. Depois de encher a jarra, perguntou-me: "Tens troco para uma peça de ouro"? Enfiei a mão no bolso e tirei-a cheia de moedas, que coloquei sobre a soleira da porta. Ele então se apoderou do dinheiro e já ia fugir, quando comecei a gritar "pega ladrão!" e agarrei-o pelo pulso. Apesar dos meus gritos, não quis devolver-me o dinheiro. Por isso trouxe-o até aqui, para que o julgues. Juro por

Maomé que este homem mente quando me acusa de roubo: estas moedas são minhas, muito minhas.

O juiz meditou por uns instantes.

— Deixai o dinheiro — disse o juiz — e voltai amanhã.

O açougueiro depositou as moedas numa dobra do manto do cádi. Feito isto, ambos os queixosos, depois de terem saudado o juiz, se retiraram.

Chegou a vez de Bou-Akas e o aleijado.

— Senhor cádi — declarou o xeque — vim de uma vila distante, com o propósito de comprar mercadorias neste mercado. À porta da povoação, encontrei este aleijado que me pediu esmola e rogou-me em seguida que o levasse à garupa do meu cavalo até o mercado. Alegou que, se se arriscasse às ruas, pobre réptil que é, corria o risco de ser pisoteado por passantes ou animais. Dei-lhe a esmola que pedira e ajudei-o a montar. Quando chegamos à praça, recusou-se a descer, mentindo que o cavalo lhe pertencia. Ameacei-o com a justiça, mas ele respondeu-me: "Bah! O cádi é homem sensato demais para não compreender que o cavalo pertence àquele que não pode andar a pé". Eis o caso em toda a sua verdade, senhor juiz. Juro por Maomé!

Depois disso, o mendigo declarou:

— Senhor cádi, eu vinha ao mercado desta cidade para tratar de negócios, montado em meu cavalo, quando vi este homem sentado à beira da estrada. Parecia semi-agonizante. Aproximei-me dele e perguntei-lhe se lhe ocorrera algum acidente. "Nada me aconteceu — respondeu. — Estou apenas exausto, e se o senhor é caritativo, poderia bem levar-me até a vila, onde tenho negócios a tratar. Quando chegarmos à praça do mercado, desmontarei e rogarei a Maomé que dê, a quem me prestou socorro, tudo quanto possa desejar". Assenti ao seu pedido, e grande foi o meu espanto quando, chegados à praça, ele ordenou-me que desmontasse, dizendo que o cavalo lhe pertencia. Diante disso, resolvi trazê-lo ao tribunal, para que julgues o caso. Eis toda a verdade. Juro por Maomé!

O cádi fez ambos repetirem seus depoimentos. Depois de refletir por alguns instantes, ordenou:

— Deixem-me o cavalo e voltem amanhã.

O cavalo foi entregue ao cádi, e ambos os litigantes, após terem reverenciado o juiz, se retiraram.

Na manhã seguinte, não apenas os interessados, como grande número de curiosos, compareceram ao tribunal. A importância e a dificuldade das causas em litígio explicam tamanha afluência de espectadores. O cádi, seguindo a mesma ordem da véspera, chamou em primeiro lugar o "taleb" e o camponês, e disse ao "taleb":

— Eis tua mulher. Podes levá-la, ela te pertence.

Depois, voltando-se para os guardas:

— Aplicai cinqüenta bastonadas à planta dos pés desse homem — acrescentou, indicando o camponês.

O "taleb" levou consigo a mulher, enquanto os guardas cumpriam as ordens do cádi.

Logo em seguida foi julgada a segunda causa. O mercador do azeite e o açougueiro aproximaram-se, e o cádi disse ao açougueiro:

— Eis teu dinheiro. Tu o tiraste realmente da tua bolsa; jamais pertenceu a esse homem — finalizou, apontando para o mercador de azeite.

O açougueiro levou suas moedas, e os guardas aplicaram cinqüenta bastonadas à planta dos pés do mercador.

Foi convocada a terceira causa. Bou-Akas e o aleijado se aproximaram.

— Ah! sois vós — disse o cádi.

— Sim, senhor juiz — responderam ambos, a uma só voz.

— Reconhecerias teu cavalo em meio a vinte outros? — perguntou o cádi a Bou-Akas.

— Certamente — respondeu este.

— E tu?

— Sem dúvida alguma — retorquiu o aleijado.

— Vem então comigo — ordenou o cádi, dirigindo-se ao xeque.
Saíram juntos em direção à cavalariça. Bou-Akas reconheceu seu cavalo entre vinte outros.

— Muito bem — disse o cádi. — Vai esperar-me no tribunal e manda-me teu adversário.

Bou-Akas voltou ao tribunal, e tendo cumprido o mandado do juiz, sentou-se à espera.
O mendigo chegou à cavalariça tão depressa quanto lhe permitiam as pernas aleijadas. Mas seus olhos eram sãos, e ele apontou sem hesitação para o cavalo certo.
— Muito bem — disse o cádi, mais uma vez. — Vem encontrar-me no tribunal.

O cádi tomou lugar à esteira, e todos, impacientes, ficaram à espera do aleijado.

Este chegou, ofegante, ao cabo de cinco minutos.

— O cavalo é teu — disse o juiz, dirigindo-se a Bou-Akas. — Podes ir buscá-lo na cavalariça.

Depois, voltando-se para os guardas:

— Apliquem cinqüenta bastonadas no traseiro desse homem — ordenou, indicando o aleijado.

Homem justo que era, levara em consideração as condições físicas do réu e mudara o local de aplicação do castigo.

Bou-Akas foi buscar seu cavalo, enquanto os guardas aplicavam as cinqüenta bastonadas no aleijado. Depois voltou à presença do cádi.

— Não estás satisfeito? — perguntou-lhe este.

— Pelo contrário — replicou o xeque. — Mas queria ver-te para saber por que inspiração divina praticas justiça. Pois não duvido que os dois outros julgamentos tenham sido tão justos quanto o meu. Não sou nenhum mercador, sou Bou-Akas, xeque do Ferdj-Ouah. Ouvi falar de ti e quis conhecer-te pessoalmente.
O cádi inclinou-se para beijar a mão de Bou-Akas, mas este o deteve.

— Vamos, estou impaciente por saber como descobriste que a mulher era do sábio, o dinheiro do açougueiro e o cavalo meu.

— Foi muito simples, senhor — replicou o cádi. — Viste que retive comigo, durante uma noite, a mulher, o dinheiro e o cavalo. À meia-noite, ordenei que a mulher fosse despertada e trazida à minha presença. Mandei-a então limpar o meu tinteiro. Dando provas de que estava habituada a fazer tal serviço, ela o apanhou, tirou-lhe o algodão, lavou-o corretamente, colocou-o de novo no estojo e encheu-o de tinta. Disse comigo mesmo: "Se fosse mulher de camponês, não saberia como limpar um tinteiro".

— Seja — admitiu Bou-Akas. — Isso quanto à mulher. E quanto ao dinheiro?

— Com o dinheiro foi diferente. Notaste como o mercador estava sujo de óleo, e sobretudo como tinha as mãos engorduradas?

— Sim, notei.

— Pois bem. Coloquei o dinheiro numa jarra cheia d'água, e hoje de manhã examinei-a. Nenhuma gota de óleo subira à superfície da água. Convenci-me, pois, de que as moedas pertenciam ao açougueiro. Se fossem do mercador, estariam engorduradas, e nesse caso haveria gota de óleo à superfície.

— Muito bem! — concordou Bou-Akas, inclinando a cabeça. — Isso quanto ao dinheiro. E quanto ao meu cavalo?

— Ah! Foi mais difícil. Até esta manhã estava ainda embaraçado para decidir.

— Quer dizer que o aleijado não reconheceu a montaria?

— Ele a reconheceu, e de modo tão positivo quanto o senhor.

— E então?

— Quando levei cada um de vós à estrebaria, não pretendia saber se reconheceríeis o cavalo, e sim se o cavalo os reconheceria. Quando te aproximaste do cavalo, ele relinchou. Quando foi a vez do aleijado, o cavalo escoiceou. Refleti então: o cavalo pertence àquele que tem boas pernas, e não ao aleijado.

Bou-Akas meditou por longo tempo. Por fim, disse:

— O Senhor está contigo. Deverias ocupar o meu lugar, e eu o teu. Contudo, embora eu esteja certo de que és digno de ser xeque, não estou muito certo de ser eu capaz de desempenhar satisfatoriamente o cargo de cádi.

OS OLHOS QUE COMIAM CARNE
- Humberto de Campos

Na manhã seguinte à do aparecimento, nas livrarias, do oitavo e último volume da História do Conhecimento Humano, obra em que havia gasto catorze anos de uma existência consagrada, inteira, ao estudo e à meditação, o escritor Paulo Fernandes esperava, inutilmente, que o sol lhe penetrasse no quarto. Estendido, de costas, na sua cama de solteiro, os olhos voltados na direção da janela que deixara entreaberta na véspera para a visita da claridade matutina, ele sentia que a noite se ia prolongando demais. O aposento permanecia escuro. Lá fora, entretanto, havia rumores de vida. Bondes passavam tilintando. Havia barulho de carroças no calçamento áspero. Automóveis buzinavam como se fosse dia alto. E, no entanto, era noite, ainda. Atentou melhor, e notou movimento na casa. Distinguia perfeitamente o arrastar de uma vassoura, varrendo o pátio. Imaginou que o vento tivesse fechado a janela, impedindo a entrada do dia. Ergueu, então, o braço e apertou o botão da lâmpada. Mas a escuridão continuou. Evidentemente, o dia não lhe começava bem. Comprimiu o botão da campainha. E esperou.

Ao fim de alguns instantes, batem docemente à porta.

– Entra, Roberto.

O criado empurrou a porta, e entrou.

– Não, senhor. Está até acesa..

– Acesa? A lâmpada está acesa, Roberto? – exclamou o patrão, sentando-se repentinamente na cama.

– Está, sim, senhor. O doutor não vê que está acesa, por causa da janela que está aberta.

– A janela está aberta, Roberto? – gritou o homem de letras, com o terror estampado na fisionomia.

– Está, sim, senhor. E o sol está até no meio do quarto.

Paulo Fernando mergulhou o rosto nas mãos, e quedou-se imóvel, petrificado pela verdade terrível. Estava cego. Acabava de realizar-se o que há muito prognosticavam os médicos.

A notícia daquele infortúnio em breve se espalhava pela cidade, impressionando e comovendo a quem a recebia. A morte dos olhos daquele homem de quarenta anos, cuja mocidade tinha sido consumida na intimidade de um gabinete de trabalho, e cujos primeiros cabelos brancos haviam nascido à claridade das lâmpadas, diante das quais passara oito mil noites estudando, enchia de pena os mais indiferentes à vida do pensamento. Era uma força criadora que desaparecia. Era uma grande máquina que parava. Era um facho que se extinguia no meio da noite, deixando desorientados na escuridão aqueles que o haviam tomado por guia. E foi quando, de súbito, e como que providencialmente, surgiu na imprensa a informação de que o professor Platen, de Berlim, havia descoberto o processo de restituir a vista aos cegos, uma vez que a pupila se conservasse íntegra, e se tratasse, apenas, de destruição ou defeito do nervo óptico. E, com essa informação, a de que o eminente oculista passaria em breve pelo Rio de Janeiro, a fim de realizar uma operação desse gênero em um opulento estancieiro argentino, que se achava cego há seis anos e não tergiversara em trocar a metade da sua fortuna pela antiga luz dos seus olhos.

A cegueira de Paulo Fernando, com as suas causas e sintomas, enquadrava-se rigorosamente no processo do professor alemão: dera-se pelo seccionamento do nervo óptico. E era pelo restabelecimento deste, por meio de ligaduras artificiais com uma composição metálica de sua invenção, que o sábio de Berlim realizava o seu milagre cirúrgico.

Esforços foram empregados, assim, para que Platen desembarcasse no Rio de Janeiro por ocasião de sua viagem a Buenos Aires.

Três meses depois, efetuava-se, de fato, esse desembarque. Para não perder tempo, achava-se Paulo Fernando, desde a véspera, no Grande Hospital das Clínicas. E encontrava-se já na sala de operações, quando o famoso cirurgião entrou, rodeado de colegas brasileiros, e de dois auxiliares alemães, que o acompanhavam na viagem, e apertou-lhe vivamente a mão.

Paulo Fernando não apresentava, na fisionomia, o menor sinal de emoção. O rosto escanhoado, o cabelo grisalho e ondulado posto para trás, e os olhos abertos, olhando sem ver: olhos castanhos, ligeiramente saídos, pelo hábito de vir beber a sabedoria aqui fora, e com laivos escuros de sangue, como reminiscência das noites de vigília. Vestia pijama de tricoline branca, de gola caída. As mãos de dedos magros e curtos seguravam as duas bordas da cadeira, como se estivesse à beira de um abismo, e temesse tombar na voragem.

Olhos abertos, piscando, Paulo Fernando ouvia, em torno, ordens em alemão, tinir de ferros dentro de uma lata, jorro d'água, e passos pesados ou ligeiros, de desconhecidos. Esses rumores eram, no seu espírito, causa de novas reflexões.

Só agora, depois de cego, verificara a sensibilidade da audição, e as suas relações com a alma, através do cérebro. Os passos de um estranho são inteiramente diversos daqueles de uma pessoa a quem se conhece. Cada criatura humana pisa de um modo. Seria capaz de identificar, agora, pelo passo, todos os seus amigos, como se tivesse vista e lhe pusessem diante dos olhos o retrato de cada um deles. E imaginava como seria curioso organizar para os cegos um álbum auditivo, como os de datiloscopia, quando um dos médicos lhe tocou no ombro, dizendo-lhe amavelmente:

– Está tudo pronto... Vamos para a mesa... Dentro de oito dias estará bom.

O escritor sorriu, cético. Lido nos filósofos, esperava, indiferente, a cura ou a permanência na treva, não descobrindo nenhuma originalidade no seu castigo e nenhum mérito na sua resignação. Compreendia a inocuidade da esperança e a inutilidade da queixa. Levantou-se, assim, tateando, e, pela

mão do médico, subiu na mesa de ferro branco, deitou-se ao longo, deixou que lhe pusessem a máscara para o clorofórmio, sentiu que ia ficando leve, aéreo, imponderável. E nada mais soube nem viu.

O processo Plateu era constituído por uma aplicação da lei de Roentgen, de que resultou o Raio-X, e que punha em contacto, por meio de delicadíssimos fios de "hêmera", liga metálica recentemente descoberta, o nervo seccionado. Completava-o uma espécie de parafina adaptada ao globo ocular, a qual, posta em contacto direto com a luz, restabelecida integralmente a função desse órgão. Cientificamente, era mais um mistério do que um fato. A verdade, era que as publicações européias faziam, levianamente ou não, referências constantes às curas miraculosas realizadas pelo cirurgião de Berlim, e que seu nome, em breve, corria o mundo, como o de um dos grandes benfeitores da Humanidade.

Meia hora depois as portas da sala de cirurgia do Grande Hospital de Clínicas se reabriam e Paulo Fernando, ainda inerte, voltava, em uma carreta de rodas silenciosas, ao seu quarto de pensionista. As mãos brancas, postas ao longo do corpo, eram como as de um morto. O rosto e a cabeça envoltos em gaze, deixavam à mostra apenas o nariz afilado e a boca entreaberta. E não tinha decorrido outra hora, e já o professor Platen se achava, de novo, a bordo, deixando a recomendação de que não fosse retirada a venda, que pusera no enfermo, antes de duas semanas.

Doze dias depois passava ele, de novo, pelo Rio, de regresso para a Europa. Visitou novamente o operado, e deu novas ordens aos enfermeiros. Paulo Fernando sentia-se bem. Recebia visitas, palestrava com os amigos. Mas o resultado da operação só seria verificado três dias mais tarde, quando se retirasse a gaze. O santo estava tão seguro do seu prestígio que ia embora sem esperar pela verificação do milagre.

Chega, porém, o dia ansiosamente aguardado pelos médicos, mais do que pelo doente. O Hospital encheu-se de especialistas, mas a direção só permitiu, na sala em que se ia cortar a gaze, a presença dos assistentes do enfermo. Os outros ficaram fora, no salão, para ver o doente, depois da cura.

Pelo braço de dois assistentes, Paulo Fernando atravessou o salão. Daqui e dali, vinham-lhe parabéns antecipados, apertos de mão vigorosos, que ele agradecia com um sorriso sem endereço. Até que a porta se fechou, e o doente, sentado em uma cadeira, escutou o estalido da tesoura, cortando a gaze que lhe envolvia o rosto.

Duas, três voltas são desfeitas. A emoção é funda, e o silêncio completo, como o de um túmulo. O último pedaço de gaze rola no balde. O médico tem as mãos trêmulas. Paulo Fernando, imóvel, espera a sentença final do Destino.

– Abra os olhos! – diz o doutor.

O operado, olhos abertos, olha em torno. Olha e, em silêncio, muito pálido, vai se pondo de pé. A pupila entra em contacto com a luz, e ele enxerga, distingue, vê. Mas é espantoso o que vê. Vê, em redor, criaturas humanas. Mas essas criaturas não têm vestimentas, não têm carne; são esqueletos apenas; são ossos que se movem, tíbias que andam, caveiras que abrem e fecham as mandíbulas! Os seus olhos comem a carne dos vivos. A sua retina, como os raios-X, atravessa o corpo humano e só se detém na ossatura dos que a cercam, e diante das cousas inanimadas! O médico, à sua frente, é um esqueleto que tem uma tesoura na mão! Outros esqueletos andam, giram, afastam-se, aproximam-se, como um bailado macabro!

De pé, os olhos escancarados, a boca aberta e muda, os braços levantados numa atitude de pavor, e de pasmo, Paulo Fernando corre na direção da porta, que adivinha mais do que vê, e abre-a. E o que enxerga, na multidão de médicos e de amigos que o aguardam lá fora, é um turbilhão de espectros, de esqueletos que marcham e agitam os dentes, como se tivessem aberto um ossuário cujos mortos quisessem sair. Solta um grito e recua. Recua, lento, de costa, o espanto estampado na face. Os esqueletos marcham para ele, tentando segurá-lo.

– Afastem-se ! Afastem-se - intima, num urro que faz estremecer a sala toda.

E, metendo as unhas no rosto, afunda-as nas órbitas, e arranca, num movimento de desespero, os dois glóbulos ensangüentados, e tomba escabujando no solo, esmagando nas mãos aqueles olhos que comiam

carne, e que, devorando macabramente a carne aos vivos, transformavam a vida humana, em torno, em um sinistro baile de esqueletos...

O FIRME SOLDADO DE CHUMBO - Hans Christian Andersen

Era uma vez vinte e cinco soldados de chumbo, todos irmãos, porque tinham sido todos feitos da mesma colher de cozinha. Tinham armas aos ombros e olhavam em frente, muito elegantes nos seus uniformes encarnados e azuis. — Soldados de chumbo! — foi a primeira coisa que ouviram neste mundo, quando levantaram a tampa da caixa onde estavam.

Um rapazinho tinha dado esse grito e batido as palmas; tinham-lhos dado como prenda de anos, e ele colocou-os em cima de uma mesa. Os soldados eram todos iguais uns aos outros — excepto um, que só tinha uma perna; fora o último a ser moldado e já não havia chumbo que chegasse. No entanto, mantinha-se de pé tão bem como os outros que tinham duas pernas, e é ele o herói desta história.

Na mesa onde os colocaram havia muitos outros brinquedos, mas aquele em que se reparava logo era um castelo de papel. Pelas suas janelinhas via-se o interior das salas. À frente havia pequenas árvores à volta de um pedaço de espelho, a fingir que era um lago. Cisnes de cera pareciam flutuar na sua superfície e olhavam para o seu reflexo. Toda a cena era um encanto, mas o mais bonito de tudo era uma menina que estava à porta; também ela era feita de papel, mas tinha uma fina saia de musselina, uma estreita fita azul cruzada nos ombros, como se fosse um xaile, presa por uma brilhante lantejoula quase do tamanho da cara. A encantadora criaturinha tinha os braços estendidos, porque era uma bailarina; tinha mesmo uma perna tão levantada que o soldado de chumbo nem conseguia vê-la; então ele pensou que ela só tinha uma perna, tal como ele.

“Ora aí está a mulher que me convém”, pensou ele. “Mas é tão importante; ela vive num castelo, e eu tenho uma caixa… e estamos vinte e cinco lá

dentro! Não há espaço para ela, com certeza. Mas posso tentar conhecê-la.”

Então, deitou-se ao comprido atrás de uma caixa de rapé que estava em cima da mesa; daí podia ver bem a dançarina de papel, que continuava de pé numa só perna sem perder o equilíbrio.

Quando anoiteceu, todos os outros soldados de chumbo foram guardados na caixa e as crianças foram para a cama. Nessa altura, os brinquedos começaram a brincar; jogaram às visitas, às escolas, às batalhas e às festas. Os soldados de chumbo chocalhavam na caixa, porque também queriam brincar, mas não conseguiam levantara tampa. Os quebra-nozes davam cambalhotas e a pena da ardósia rangia a escrever; o barulho era tanto que o canário acordou e se meteu na conversa — melhor ainda, fê-lo em verso. Os dois únicos que não se mexeram foram o soldado de chumbo e a pequena bailarina; ela continuava apoiada na ponta do pé, com os braços estendidos; ele parado firmemente na sua única perna, sem nunca tirar os olhos dela.

O relógio bateu a meia-noite. Crac! — a tampa da caixa de rapé abriu-se e saltou de lá de dentro um duendezinho negro. Não havia rapé dentro da caixa — afinal era um truque, um boneco que saltava de uma caixa.

— Soldado de chumbo! — guinchou o duende. — Deixa de olhar para ela!

Mas o soldado de chumbo fingiu não ouvir.

— Muito bem, então amanhã vais ver! — disse o duende.

Quando amanheceu e as crianças se levantaram outra vez, puseram o soldado de chumbo no parapeito da janela. Pode ter sido culpa do duende, ou talvez de uma corrente de ar — seja como for, a janela abriu-se de repente, e o soldado de chumbo caiu da altura de três andares para a rua. Foi uma queda terrível! A perna apontava para cima, tinha a cabeça para baixo, e acabou por ficar com a baioneta espetada entre as pedras da calçada.

A criada e o rapazinho foram para a rua à procura dele, mas, embora quase o pisassem, não conseguiram vê-lo. Se ele tivesse gritado: “Estou aqui!”, tê-lo-iam encontrado facilmente, mas ele achou que não era um comportamento correcto começar a gritar estando fardado.

Depois, começou a chover; caíam grossas pingas — era um valente aguaceiro. Quando acabou, passaram por ali dois rapazitos da rua.

— Olha! Disse um deles. — Está aqui um soldado de chumbo. Vamos metê-lo num barco.

Fizeram um barco de papel de jornal, puseram o soldado de chumbo no meio e fizeram-no deslizar pela valeta cheia de água. Lá foi ele a toda a velocidade e os dois rapazitos corriam a seu lado a bater palmas. Meu Deus, que grandes ondas havia naquela valeta, que marés! Tinha sido uma grande chuvada. O barco de papel balançava para baixo e para cima, por vezes andando às voltas, até o soldado de chumbo ficar completamente tonto. Mas manteve-se firme como sempre, sem mexer um músculo, sempre a olhar em frente e com a arma ao ombro.

De repente, o barco entrou num túnel. Oh, como estava escuro, tão escuro como na caixa lá em casa!

“Para onde irei agora?”, pensou o soldado de chumbo. “Sim, isto deve ser obra do duende. Ah! Se ao menos a jovem estivesse aqui no barco comigo, não me importava que a escuridão fosse duas vezes maior.”

Subitamente, da sua casa no túnel, saiu uma grande ratazana da água.

— Tens passaporte? — perguntou. — Não podes entrar sem passaporte!

Mas o soldado de chumbo não disse uma palavra; limitou-se a segurar a arma ainda com mais força. O barco seguiu em frente, e, atrás dele, a ratazana, a persegui-lo. Ai! Como ela rangia os dentes e gritava para os paus e palhas que boiavam na água:

— Obriguem-no a parar! Agarrem-no! Não pagou a portagem! Não mostrou o passaporte!

Mas nada conseguia fazer parar o barco, porque a corrente era cada vez mais forte. O soldado de chumbo avistou a luz do dia no fim do túnel, mas, ao mesmo tempo, ouviu um rugido que bem podia ter assustado o homem mais valente. Imaginem! Mesmo no fim do túnel, a corrente desembocava num grande canal. Era tão terrível para ele como seria para nós um mergulho numa gigantesca queda de água.

Mas como podia ele parar? Já estava perto da beira. O barco continuou a sua corrida, e o pobre soldado de chumbo aguentou-se o mais firme possível — ninguém podia dizer que tivesse piscado um olho.

De repente, o pequeno barco rodopiou três ou quatro vezes e encheu-se de água até acima; que podia acontecer senão afundar-se?! O soldado de chumbo ficou de pé, com água até ao pescoço; o barco afundava-se cada vez mais, com o papel a ficar todo mole, até que, por fim, a água cobriu a cabeça do soldado de chumbo. Ele pensou na linda bailarina que nunca mais veria e lembrou-se da letra de uma canção:

Em frente, em frente, soldado do império!
Não receies o perigo nem o cemitério!

Depois, o barco de papel desfez-se completamente.

O soldado de chumbo caiu e foi logo engolido por um peixe.

Oh, como estava escuro na barriga do peixe! Ainda era pior do que o túnel e muito mais apertado. Mas a coragem do soldado de chumbo manteve-se inalterável; lá ficou, firme como sempre, ainda de arma ao ombro. O peixe nadava que nem um louco, virava-se e revirava-se, e depois ficou absolutamente quieto. Qualquer coisa luziu como um relâmpago — e então tudo à sua volta ficou claro como o dia e uma voz gritou:

— O soldado de chumbo!

O peixe tinha sido pescado, levado para a praça, vendido e levado para a cozinha, onde a cozinheira o cortara com uma grande faca. Pegou no soldado, segurando-o pela cintura com o polegar e o indicador, e levou-o para a sala, para que toda a família visse a extraordinária perso-nagem que tinha viajado dentro do peixe. Mas o soldado de chumbo não se sentia

nada orgulhoso. Puseram-no de pé em cima da mesa e então — bem, o mundo é assim mesmo! — ele viu que estava na mesma sala onde as suas aventuras tinham começado; lá estavam as mesmas crianças; lá estavam os mesmos brinquedos; lá estava o belo castelo de papel com a graciosa bailarina à porta. Continuava apoiada num perna, com a outra bem levantada no ar. Ah! Ela também era firme! O soldado de chumbo estava profundamente comovido; gostaria de ter chorado lágrimas de chumbo, mas isso não era comportamento de um soldado. Olhou para ela, e ela olhou para ele, mas não trocaram uma palavra.

E então aconteceu uma coisa estranha. Um dos rapazinhos pegou no soldado de chumbo e atirou-o para a lareira. Não tinha qualquer motivo para fazer isto; deve ter sido outra vez culpa do duende da caixa de rapé.

O soldado de chumbo ficou emoldurado pelas chamas. O calor era intenso, mas se vinha do lume ou do seu amor ardente ele não sabia. As suas cores brilhantes já tinham desaparecido — mas se tinham sido lavadas pela água durante a viagem ou pelo seu desgosto ninguém sabia. Olhou para a linda bailarina, e ela olhou para ele; sentiu que estava a derreter-se, mas continuou firme, de arma ao ombro. Subitamente, a porta abriu-se; uma aragem apanhou a bailarina de papel, que voo como uma sílfide direitinha à lareira e ao soldado de chumbo, que a esperava; aí se transformou numa chama e desapareceu.

O soldado também derreteu rapidamente, ficando reduzido a um montinho de chumbo; e no dia seguinte, quando a criada limpou a lareira, encontrou-o entre as cinzas — do feitio de um coraçãozinho de chumbo. E a bailarina? Dela só encontraram a lantejoula, preta como a fuligem.

O CONTÍNUO DE GERNSBACK - William Gibson

Misericordiosamente, tudo começou a apagar-se, a tornar-se um episódio. Quando ainda me chegam essas estranhas visões, são periféricas; simples fragmentos cromados de um doutor louco, confinados na extremidade do olho. Esse transporte estava voando sobre San Francisco a semana passada, mas era quase translúcido. E os conversíveis com barbatanas de tubarão se tornaram incomuns, e, discretamente, as auto-estradas evitam converter-se nos resplandecentes monstros de oitenta pistas onde fui obrigado a conduzir o mês passado com meu Toyota de aluguel. E sei que nada disso vai me perseguir até Nova Iorque; minha visão está se reduzindo a uma única freqüência de probabilidade. Esforcei-me muito por isso. A televisão me ajudou bastante.

Suponho que tudo começou em Londres, nessa falsa taverna grega de Battersea Park Road, com o almoço da corporação de investimentos de Cohen. Uma insípida comida a vapor, e ainda lhes custou trinta minutos encontrar um balde com gelo para o retsina. Cohen trabalha para a Barris-Watford, a qual publica livros de grande formato em brochura, da moda: histórias ilustradas dos letreiros de néon, das máquinas de fliperama, dos brinquedos de corda do Japão ocupado. Eu tinha ido para fotografar uma série de anúncios de calçados; garotas californianas, com pernas bronzeadas e espalhafatosos tênis fosforescentes tinham feito travessuras para mim, nas escadas rolantes de Saint John Wood e nas plataformas do Tooting Bec. Uma jovem agência ambiciosa e pouco rentável tinha decidido que "o mistério do transporte londrino" venderia tênis de náilon. Eles decidem, eu fotografo. E Cohen, que eu conhecia vagamente dos velhos tempos de Nova Iorque, tinha me convidado para almoçar no dia

anterior à minha saída de Heathrow. Ele trouxe consigo a uma jovem vestida muito na moda, chamada Dialta Downes, a qual virtualmente não tinha queixo e era uma reconhecida historiadora da arte pop. Ao recordá-la, vejo-a caminhar ao lado de Cohen, abaixo de um letreiro de néon pendente que cintilava: POR AQUI SE VAI À LOUCURA, em grandes letras arredondadas.

Cohen nos apresentou e explicou que Dialta era a primeira promotora do último projeto de Barris-Watford, uma história que ela chamava de "A Aerodinâmica Modernidade Americana". Cohen o chamava de "Arma a Laser Gótica".O título de seu trabalho era "A Futurópolis Aerodinâmica: o Amanhã que Nunca Chegou".

Há uma obsessão britânica pelos elementos mais barrocos da cultura pop americana, algo parecida com o fetiche "vaqueiro-índio" próprio dos alemães, ou a aberrante afeição francesa pelos filmes do velho Jerry Lewis. Em Dialta Downes isto se manifestava em sua mania por uma forma única de arquitetura americana, da qual a maioria dos americanos mal é consciente. A princípio não estava certo do que estava falando, mas pouco a pouco comecei a me dar conta. Encontrei-me recordando a televisão dos anos cinqüenta aos domingos pela manhã.

Algumas vezes, nas emissoras locais, passavam velhos documentários para completar a programação. Você sentava-se ali com seu sanduíche de manteiga de amendoim e seu copo de leite, e um pomposo e estático barítono de Hollywood contava que teria-um-carro-voador-em-seu-futuro. E então três engenheiros de Detroit se moviam ao redor de um velho Nash com asas, e mais tarde o víamos correr a toda velocidade por alguma pista deserta de Michigan. Realmente nunca o veria decolar, mas certamente voava para a terra do nunca de Dialta Downes; o autêntico lar de uma geração tecnófila sem nenhum tipo de inibição. Estava falando sobre estas curiosidades do "futurístico" na América, passar diariamente ao lado da arquitetura do futuro dos anos trinta e quarenta: os cinemas com marquises estriadas para transmitir certa misteriosa energia, os armazéns baratos com fachadas de alumínio canelado, as cadeiras de tubos cromados cobrindo-se de pó nos saguões de hotéis de passagem. Ela via estas coisas como fragmentos de um mundo onírico, abandonado no despreocupado presente; e queria que o fotografasse para ela.

Os anos trinta presenciaram a primeira geração de desenhistas industriais americanos; até os anos trinta, todos os apontadores pareciam um apontador, um elementar mecanismo vitoriano, possivelmente com um pequeno arabesco decorativo nas bordas. Depois do advento dos designers, alguns apontadores pareciam ter sido montados em túneis de vento. Em sua maior parte, a mudança era só superficial: sob a aerodinâmica carcaça cromada se encontrava o mesmo mecanismo vitoriano. Tudo isso tinha certo sentido, pois os desenhistas americanos mais brilhantes tinham sido recrutados dentre os desenhistas teatrais da Broadway. Tudo era decorado, uma série de elaborados objetos cenográficos para passar a viver no futuro.

À hora do café, Cohen apanhou um grosso envelope de papel pardo, cheio de ilustrações acetinadas. Pude ver as estátuas aladas que guardam a represa Hoover, chapéus ornamentais de concreto de dez metros inclinando-se com simetria ante um furacão imaginário. Vi uma dúzia de fotografias do edifício Johnson Wax de Frank Lloyd Wright junto a capas da revista sensacionalista Amazing Stories, realizadas por um artista chamado Frank R. Paul. Os empregados de Johnson Wax devem ter se sentido como se estivessem caminhando por uma dessas utopias populares de Paul pintadas com aerógrafo. O edifício de Wright parecia ter sido desenhado para gente vestida com togas brancas e sandálias de verniz. Hesitei no esboço de um avião de linha de propulsão a hélice particularmente gigantesco, uma só asa como um grosso e desproporcionado bumerangue, com janelas em lugares incomuns. Flechas indicadoras assinalavam a localização de uma grande sala de baile e de duas pistas de squash. Estava datado em 1936.

– Esta coisa... Não poderia ter voado, não é? – olhei Dialta Downes.

– Oh, não, completamente impossível, mesmo com essas doze gigantescas hélices, mas adoravam seu aspecto, vê? De Nova Iorque a Londres em dois dias, comida de primeira classe, camarotes privados, dançando jazz durante a noite... Os desenhistas eram então populares, vê? Tentavam dar ao público o que queriam. E o que queriam era o futuro.

Estive em Burbank durante três dias tentando dotar de carisma um roqueiro realmente sombrio, quando recebi o pacote de Cohen. É possível

fotografar o que não está lá, embora seja extremamente difícil, e, conseqüentemente, um talento muito vendável. Embora eu não fosse precisamente o pior nisso, este pobre tipo estava arruinando a credibilidade de minha Nikon. Fiquei deprimido, porque eu gosto de fazer bem meu trabalho, embora não deprimido de todo, pois me assegurei de receber o cheque pelo trabalho, e decidi me recuperar com a sublime artisticidade do encargo de Barris-Watford. Cohen tinha me enviado alguns livros de desenho dos anos trinta, mais fotos de edifícios aerodinâmicos e uma lista dos cinqüenta exemplos favoritos de Dialta Downes do estilo californiano.

A fotografia de arquitetura pode requerer longas esperas; o edifício se converte em uma espécie de relógio de sol enquanto se aguarda a que a sombra deslize para fora do detalhe que interessa, ou a que a massa e o equilíbrio da estrutura se revelem de certa maneira. Enquanto esperava, pensei na América de Dialta Downes. Quando capturei um pouco dos edifícios fabris na lente de meu Hasselbland, saíram com certo aspecto de sinistra dignidade totalitária, como os estádios que Albert Speer construiu para o Hitler. Mas o resto era vulgar até a extenuação: material efêmero tirado do inconsciente coletivo americano dos trinta, que tendia principalmente a sobreviver em deprimentes ruas comerciais junto a motéis poeirentos, lojas de colchão e pequenas revendas de carros usados. Decidi ir diretamente pelos postos de gasolina.

No auge da era Downes puseram Ming, o Impiedoso, a cargo do desenho dos postos de gasolina da Califórnia. Favorecendo o estilo arquitetônico de sua Mongólia natal, atravessou a costa, erigindo plataformas de estuque para seus canhões de raios. Muitos deles exibiam supérfluas torres centrais rodeadas por um anel cujos estranhos ressaltes de radiador, que eram sua marca de estilo, fazia parecer que se estivessem gerando poderosos estalos de cru entusiasmo tecnológico, se se pudesse encontrar o interruptor que os conectasse. Fotografei um em San Jose, uma hora antes que os bulldozers chegassem e atravessasse sua estrutura, que na realidade era feita de compensado, estuque e cimento barato.

– Pensa nisso – havia me dito Downes – como em um tipo de América alternativa, uns anos oitenta que nunca existiram, uma arquitetura de sonhos quebrados.

E este era meu marco mental enquanto percorria as estações de seu compulsivo calvário arquitetônico em meu Toyota vermelho, sintonizando com sua imagem de uma sombria América-que-não-foi, de fábricas da Coca-cola como submarinos encalhados e salas de cinema de quinta categoria como templos de alguma seita perdida que tinha adorado os espelhos azuis e a geometria. E enquanto passeava por essas secretas ruínas, encontrei-me me perguntando o que os habitantes desse futuro perdido pensariam do mundo em que eu vivia. Os anos trinta sonhavam com mármore branco, com esteiras cromadas, com cristal imortal e bronze resplandecente, mas os foguetes das capas das revistas de Gernsback tinham caído uivando em Londres em plena noite. Depois da guerra, todo mundo tinha um carro, sem necessidade de asas, e as prometidas auto-estradas para conduzi-los por terra, por isso o próprio céu se obscureceu e a fumaça dos escapamentos erodiu o mármore e sujou o cristal milagroso...

E um dia, nos subúrbios de Bolinas, quando estava preparando tudo para fotografar um exemplo particularmente chamativo da arquitetura belicosa de Ming, atravessei uma fina membrana, uma membrana de probabilidade... Brandamente ultrapassei o limite. E olhei para cima para ver uma coisa com doze motores, como um gigantesco bumerangue, todo asas, zumbindo caminho ao leste com a graça de um elefante, tão baixo que podia ver os rebites de sua pálida e chapeada superfície e podia escutar, talvez, um eco de jazz.

Contei a Kihn.

Merv Kihn, jornalista independente com um extenso trabalho sobre pterodátilos do Texas, populares contatados por extraterrestres, medíocres monstros do lago Ness e as quarenta principais teorias conspiratórias do imaginário de massas americano.

– É bom, – disse Kihn, limpando suas lentes polarizadas amarelas na ponta de sua camisa havaiana – mas não é mental, carece da genuína penugem.

– Mas eu vi, Mervyn.

Estávamos deitados à beira de uma piscina, sob o brilhante sol do Arizona. Ele se encontrava em Tucson procurando um grupo de funcionários

aposentados de Las Vegas, cujo líder recebia mensagens Deles por meio de seu forno de microondas. Eu havia dirigido durante toda a noite e estava sentindo isso.

– É obvio que o fez. É obvio que o viu. Tem lido minhas coisas, não entendeste minha solução geral para o problema dos ovnis? É simples, clara como a água: a gente - ajeitou cuidadosamente os óculos em seu nariz aquilino e me apanhou com seu melhor olhar de basilisco – vê... Coisas. A gente vê essas coisas. Não há nada ali, mas a gente vê de qualquer maneira. Certamente porque necessitamos. Tem lido Jung, deveria saber o motivo... Em seu caso é tão óbvio... Admita que está pensando em arquitetura lascada, tendo fantasias... Olhe, estou certo de que você tomou sua parte de drogas, não é? Quantos sobreviveram à Califórnia dos sessenta sem ter alucinações estranhas? Por exemplo, aquelas noites quando se descobriu que exércitos completos de técnicos da Disney tinham sido empregados para produzir hologramas animados de hieróglifos egípcios em seus jeans, ou quando...

– Mas não assim.

– É obvio que não. Não se parecia absolutamente; estava "em um entorno de completa realidade", não é? Tudo normal, e de repente aparece o monstro, a mandala, o charuto de néon. Em seu caso, um gigantesco aeroplano a Tom Swift. Isso acontece o tempo todo. Você nem sequer está louco. Sabe disso, não é? - pescou uma cerveja de uma caixa de isopor que estava ao lado de sua espreguiçadeira.

– A semana passada estive em Virgínia. No Grayson County. Entrevistei uma garota de quinze anos que foi atacada por um cabezoso.

– Um o quê?

– Uma cabeça de urso. A cabeça empalhada de um urso. Esse cabezoso, sabe? Ele estava flutuando por aí sozinho, em sua pequena bandeja voadora que se parecia com as calotas do Caddy de colecionador que o primo Wayne tem. Tinha olhos vermelhos, brilhando como duas brasas e antenas telescópicas de cromo que lhe saíam de detrás de suas orelhas - Kihn arrotou.

– Atacou-a? Como?

– Não queira saber. Já sei que é muito impressionável. "Era fria" – voltou a usar seu falso acento sulino – "e metálica". Fazia ruídos eletrônicos. Mas isto é o que era; a influência direta do subconsciente coletivo, meu amigo. Essa moça é uma bruxa. Não há lugar aqui para ela, para que possa funcionar nesta sociedade. Ela teria visto o diabo se não a tivessem educado com O Homem Biônico e todas essas reprises de Star Trek. Ela foi direcionada. E ela sabe o que aconteceu. Fui embora dez minutos antes que os meninos dos OVNIs aparecessem com seus polígrafos.

Devia parecer decepcionado, pois ele deixou a cerveja com cuidado ao lado de seu isopor e sentou-se.

– Se quiser uma explicação mais sofisticada, diria que se trata de um fantasma semiótico. Todas essas histórias de contatados, por exemplo, estão montadas sobre um tipo de imaginário de ficção científica que impregna nossa cultura. Poderia admitir extraterrestres, mas não extraterrestres que se parecem com os de histórias em quadrinhos dos anos cinqüenta. Há fantasmas semióticos, fragmentos do imaginário cultural profundo que despertam e tomam vida própria, como as aeronaves de Verne que esses velhos granjeiros do Kansas viam todo o tempo. Mas o que você viu foi um tipo diferente de fantasma, isso é tudo. Esse avião fez parte alguma vez do subconsciente de massas. De alguma maneira você o recolheu. O importante é não se preocupar muito.

Mesmo assim, preocupei-me.

Kihn penteou seu cabelo loiro com entradas e saiu para ouvir o que eles tinham a dizer ultimamente na freqüência do radar; fechei as cortinas de minha habitação e deitei na escuridão com o ar condicionado funcionando para seguir me preocupando. Ainda estava me preocupando quando despertei. Kihn tinha deixado uma nota em minha porta; voava para o norte em um avião fretado para comprovar um rumor a respeito da mutilação de gado (os "mutis", ele os chamava, outra de suas especialidades jornalísticas).

Fui comer, tomei banho, tomei uma pastilha para emagrecer meio esbugalhada, que tinha rolado por meu estojo de barbear durante três anos, e dirigi de volta a Los Angeles.

A velocidade limitava minha visão no túnel formado pelos focos

dianteiros de meu Toyota. O corpo podia conduzir, disse a mim mesmo, enquanto a mente agüentasse. Agüentasse e se separasse da estranha visão periférica, alterada pelas anfetaminas e pela exaustão, a vegetação espectral e luminosa, que cresce na extremidade do olhar da mente ao longo das auto-estradas alta noite. Mas a mente tem suas próprias idéias, e a opinião de Kihn sobre o que já pensava como minha "visão" girava interminavelmente em minha cabeça em uma curta órbita circular. Fantasmas semióticos. Fragmentos do Sonho de Massas, rodopiando ao vento de minha passagem. De alguma forma, este ciclo de informação agravou o efeito da pílula emagrecedora, e a fugaz vegetação ao longo da estrada começou a tomar as cores das imagens infravermelhas de um satélite, sementes fosforescentes que se desprendiam devido ao vento causado pelo Toyota.

Eu encostei, então, e uma meia dúzia de latas de cerveja me lançaram uma piscada de boa noite quando apaguei os faróis. Perguntei-me que hora seria em Londres, e tentei imaginar Dialta Downes tomando o café da manhã, entre móveis aerodinâmicos cromados e livros sobre a cultura americana.

As noites do deserto, nesse país, são enormes. A lua está mais perto. Olhei-a durante um longo tempo, e decidi que Kihn estava no certo. O principal era não se preocupar. Diariamente, por todo o continente, gente muito mais normal que o que eu nunca aspirei a ser via pássaros gigantescos, Pés-grandes, refinarias de petróleo voadoras... Isso era o que lhe dava trabalho e dinheiro a Kihn Por que eu devia estar chateado por um fragmento da imaginação popular dos anos trinta que andava solto em Bolinas? Decidi ir dormir com nada pior para me preocupar que as serpentes cascavéis e os hippies canibais, a salvo entre o lixo da sarjeta de meu próprio "contínuo" familiar. Pela manhã me dirigiria a Nogales e fotografaria os velhos bordéis, algo que queria fazer há anos. A pílula de emagrecimento tinha deixado de me afetar.

Uma luz me despertou, e as vozes então fizeram o mesmo.

A luz vinha de algum lugar detrás de mim e gerava sombras mutáveis dentro do carro. As vozes eram serenas, impessoais, um homem e uma mulher ocupados em uma conversação.

Meu pescoço estava rígido e sentia os globos oculares roçar contra as pálpebras. Uma perna estava dormente, apertada contra o volante. Apalpei o bolso de minha camisa de trabalho, procurando os óculos até que finalmente os encontrei.

Então olhei para trás e vi a cidade.

Os livros dos anos trinta estavam no porta-malas; em um deles havia esboços de uma cidade idealizada inspirada em Metrópoles e Things to Come, mas o mostravam tudo subindo para umas perfeitas nuvens de arquiteto, além de portos para zepelins e torres de delirante néon. Essa cidade era um modelo em escala da que tinha a minhas costas. Um capitel seguia outro como nos degraus de um resplandecente templo babilônico, subindo até a torre central de um templo dourado que estava rodeado pelos loucos anéis de radiador dos postos de gasolina mongóis. Podia-se ocultar o Empire State Building na menor dessas torres. Estradas de cristal se elevavam entre as pontas, atravessadas e envoltas por suaves formas prateadas como gotas de mercúrio derramando-se. O ar estava abarrotado de naves, gigantescas asas voadoras, minúsculos objetos prateados em forma de flecha (às vezes, uma dessas rápidas formas prateadas se elevava graciosamente no ar, e voava para cima para unir-se à dança), dirigíveis de uma milha de comprimento, objetos em forma de libélula que pareciam helicópteros...

Fechei os olhos com força e me voltei no assento. Quando os abri, me esforcei em ver o velocímetro, o pó pálido da estrada no porta-luvas de plástico negro, o cinzeiro transbordando. Fechei-os.

– Psicose anfetamínica – disse a mim mesmo. Abri os olhos. O porta-luvas estava ali, assim como o pó e as bitucas esmagadas. Com muito cuidado, sem mover a cabeça, acendi os faróis.

E então os vi.

Eram loiros. Estavam ao lado de seu carro, um abacate metálico com uma barbatana de tubarão saindo do centro e pneus negros arredondados, como os de um brinquedo de menino. Ele lhe rodeava com seu braço pela cintura e gesticulava para a cidade. Ambos vestiam branco, roupas soltas, as pernas descobertas e imaculadas sandálias brancas. Nenhum deles parecia

perceber a luz de meus faróis. Ele dizia algo em um tom sábio e forte e ela assentia. Repentinamente me aterrorizei, aterrorizei-me de um modo completamente diferente. A lucidez tinha deixado de ser a questão; sabia que, de algum modo, a cidade que estava detrás era Tucson, uma Tucson sonhada, vomitada pelo desejo coletivo de toda uma época. Isto era real, completamente real. Mas o casal que havia à minha frente vivia nela, e eles eram os que me aterrorizavam.

Eram os meninos dos anos oitenta-que-não-foram de Dialta Downes, eram os Herdeiros do Sonho. Eram brancos, loiros, e provavelmente tinham os olhos azuis. Eram americanos. Dialta havia dito que o futuro tinha chegado primeiro à América, mas que finalmente a tinha ultrapassado. Mas não aqui, no coração do Sonho. Aqui tínhamos progredido mais e mais, dentro de uma lógica onírica que não sabia nada da poluição, das reservas limitadas de combustível fóssil, de guerras estrangeiras que era possível perder. Eram superficiais, felizes e claramente satisfeitos consigo mesmos e seu mundo. E no Sonho, este era seu mundo.

Detrás de mim, a cidade iluminada: os refletores percorriam o céu pelo simples prazer de fazê-lo. Eu os imaginei enchendo praças de mármore branco, em ordem e alerta, seus claros olhos brilhando entusiasmados por suas ruas completamente iluminadas e cheias de carros prateados.

Tudo tinha o sinistro sabor da propaganda das juventudes Hitlerianas.

Pus o carro em marcha, e conduzi para diante, devagar, até que o pára-choque esteve a um metro deles. Ainda não tinham me visto. Baixei a vidraça e escutei o que o homem dizia. Suas palavras tinham o falso e vazio brilho dos folhetos das câmaras de comércio, e soube que ele acreditava nelas absolutamente.

– John, – ouvi a mulher dizer – esquecemos de tomar nossas pastilhas de alimentação. – E com um clique tirou duas pastilhas brilhantes de um pequeno recipiente em seu cinturão passando uma a ele. Voltei à estrada e dirigi a Los Angeles, estremecendo e sacudindo a cabeça.

Telefonei a Kihn de um posto de gasolina; um novo, de um medíocre estilo hispano moderno. Ele havia retornado de sua expedição e não parecia que a chamada o incomodasse.

– Sim, isso é estranho. Tentou tirar alguma foto? Não é que vá dar certo, mas acrescenta certo toque intrigante a sua história, o de não ter fotos que saíssem.

– Mas o que eu devo fazer?

– Assista bastante televisão, especialmente disputas e novelas. Vá ver filmes pornôs. Viu Nazista Love Motel? Passa aqui na tevê a cabo. Realmente horrível. Justo o que você necessita.

Do que ele estava falando?

– Pára de gritar e me escute. Estou lhe contando um segredo profissional: os meios de massas realmente maus podem exorcizar seus fantasmas semióticos. Tente. O que você tem a perder?

Então ele se despediu, alegando uma entrevista com os Eleitos cedo na manhã seguinte.

– Com quem?

– Esses senhores de Las Vegas; os do microondas.

Eu considerei telefonar a cobrar para Londres, chamar Cohen na Barris-Watford e contar a ele que o seu fotógrafo fazendo uma reserva para uma temporada prolongada na Dimensão Desconhecida. Enfim, eu deixei uma máquina me preparar uma xícara realmente impossível de café preto e reembarquei no Toyota para a puxada a Los Angeles.

Los Angeles foi uma má idéia, e estive ali duas semanas. Era o país primitivo de Downes, ali havia muitos fragmentos do Sonho me aguardando para me assaltar. Quase bati o carro no estreitamento de uma saída, perto da Disneylândia, onde a estrada se dobrou, como em um origami, e me deixou patinando através de uma dúzia de mini-pistas de sibilantes gotas cromadas com barbatanas de tubarão. Ainda pior, Hollywood estava cheia de gente que se parecia muito com casal que tinha visto em Arizona. Contratei um diretor italiano que estava a ponto de partir e que tentava ganhar um pouco de dinheiro até que chegasse seu navio com trabalhos de revelação e instalando pisos nas bordas das piscinas. Ele revelou todos os negativos tinha acumulado para o trabalho

de Downes. Eu não quis dar uma olhada no material. Leonardo não pareceu se importar e, quando terminou, comprovei as cópias passando-as a toda pressa, como se fossem um baralho, e mandei-as por correio aéreo a Londres. Então tomei um táxi para ir ao cinema onde passava Nazista Love Motel mantendo os olhos fechados durante todo o trajeto.

Cohen me enviou um telegrama de felicitação a São Francisco uma semana depois. Dialta adorou as fotos. Ele admirava o modo que "eu havia me submerso nisso" e esperava voltar a trabalhar comigo em breve. Nessa tarde vi uma asa voadora sobre Castro Street, mas havia algo tênue nela, como se estivesse ali só pela metade. Corri para o quiosque mais próximo e comprei tudo o que pude sobre a crise do petróleo e os riscos da energia nuclear. Acabei decidindo comprar um bilhete de avião para Nova Iorque.

– Que mundo horrível em que vivemos, não é? - o proprietário do quiosque era um negro magro com dentes danificados e uma evidente peruca. Assenti, revistando os bolsos do jeans em busca de troco, ansioso por encontrar um banco de praça onde me pudesse afundar nas duras evidências da quase distopia humana em que vivemos - Mas poderia ser pior, não é?

– Certamente, - afirmei - ou ainda pior, poderia ser perfeito.

Ele me observou enquanto eu desaparecia pela rua com o meu pequeno pacote de catástrofe condensada.

METEMPSICOSE – Walter Poliseno

Os últimos golpes de picareta ressoaram no silencio do vale. Havia, em todos nós, uma estranha trepidação, porque chegara, finalmente, o momento esperado, havia meses: a porta de mármore do túmulo do Faraó estava aberta.

Voltei-me, durante um momento, a contemplar o vale dourado pelo sol que descia para o ocaso. Ao longe, divisava-se o magnífico templo branco de Der-Al-Barhi, com suas colunatas, que pareciam imitar o estilo dórico. O templo, cortado na rocha calcária do vale de Tebas; e, coroado por uma gigantesca cadeia de rochedos, assemelhava-se a um anfiteatro, aberto sobre o deserto. O vento soprava através do desfiladeiro do vale, num murmúrio misterioso. O deserto imenso, de um lado, e a maciça barreira de rochedos, do outro, faziam com que nos sentíssemos mesquinhos e perdidos, intimidados pela sua grandeza. Não passávamos de minúsculos pontos no deserto e o próprio templo milenar, visto a distância e no conjunto do quadro, parecia pequeníssimo.

O baque de uma pedra, que se despenhou, acordo num devaneio. A vista e o pensamento voltaram-se para o túmulo de Néfer, cuja abertura negra, na areia dourada, parecia prestes a engolir-nos.

Quer entrar primeiro? - perguntou-me o professor

— Não seria melhor deixar tudo para amanhã? Agora já é tarde.

Clarence mordeu os lábios, com um estranho sorriso.

— Se assim quer, assim seja. Mas, tenho pressa de regressar ao Cairo. Há um mês que estamos neste vale sombrio e silencioso... Podíamos dar-lhe, ao menos, uma olhada.

— Como queira - disse eu, precedendo-o, aborrecido, por ter lido uma nota de ironia no seu olhar. Clarence pensava, provavelmente, que eu tivesse medo e que, como já acontecera a tantos outros, as superstições e as velhas

histórias que circundam, com um ar de mistério e terror, as pesquisas arqueológicas no vale do Nilo, me houvessem impressionado também. Descemos por uma estreita passagem, até uma câmara de paredes inclinadas, que se encontravam no alto, para formar o teto. Daí, abriam-se dois corredores, que conduziam, evidentemente, a duas salas, em que estavam dois sarcófagos.

— Vou explorar esta passagem - disse Clarence, enveredando por aquela que ficava à nossa direita, fazendo sinais aos outros que o seguissem.

— Seria incomodo para o Senhor, explorar esse outro corredor? - perguntou-me, a seguir.

Não lhe dei resposta, e entrei pelo corredor à esquerda, com paredes de pedra coberta de hieróglifos. Cheguei a uma saleta, e a luz da minha lâmpada destacou um baixo relevo de pedra calcária, que continha algumas passagens do Livro dos Mortos. Ao. longo das paredes, havia místilas e sobre elas estavam dispostos os objetos mais variados: figurinhas de madeira esculpidas, pintadas com cores vivas, porta-perfumes de alabastro, jarras azuis, em forma de flores de lótus, vasos de Cánapo, recipientes de alabastro para cosméticos.

Num ângulo, havia um cofre baixo, com entalhes de majólica azul, marfim e ébano. Nele estavam gargantilhas, amuletos, braceletes e anéis, leques de ouro e ébano, espelhos, mancais de bronze e cobre.

Compreendi que havia penetrado no túmulo de uma jovem egípcia, talvez filha de Néfer. Aproximei-me do sarcófago coroado por Bah, a ave-alma, em forma de falcão, com semblante humano, e por uma estátua, de pedra preta, de Anúbis, o deus do mundo subterrâneo. Sobre a tampa, estava esculpido e pintado em cores muito vivas, com raro poder de expressão, o retrato de uma moça. Na imobilidade misteriosa da pedra, ela parecia fitar-me, de modo estranho. Seus olhos, negros e profundos, e os lábios, numa atitude de impenetrável sorriso, davam-lhe uma aparência de vitalidade que me impressionou

Amun-Eti, filha de Néfer II... contemplei o seu simulacro, absorto, como se ela estivesse viva. Era maravilhosamente bela... mas isso não bastava para explicar aquilo que eu sentia. Havia, nos seus olhos, no seu rosto, na sua expressão, qualquer coisa que suscitava misteriosas harmonias na

minha alma, e senti como se aquela criatura, que vivera milhares de anos antes de mim, estivesse junto do meu espírito, fosse parte de mim mesmo, mais do que qualquer outra pessoa viva...

Seguiram-se para mim dias de estranha perturbação e abatimento moral. O pequeno rosto, encantador e misterioso, do sarcófago, atormentava-me, perseguia-me. Via aqueles olhos em todos os cantos; onde quer que pousasse a vista, descobria aquele sorriso doce e impenetrável.

Estávamos catalogando as peças descobertas no túmulo: trabalho de semanas. Mas aquele trabalho, que sempre me havia apaixonado, até então, encontrava-me, agora, ausente, cansado, abúlico. Tinha guardado para mim, antes que outros entrassem na sala de Amun-Eti, um belíssimo colar de lápis-lazúli, que fazia parte de seu enxoval funerário.

Queria àquele objeto como a um penhor de amor. Todas as vezes que podia, sem dar nas vistas, quase escondido de mim mesmo, corria a contemplar a figura do sarcõfago, viva na imperecível vivacidade das côres egípcias.

Que é que me acontecia? Estaria para cair doente? Iria ficar louco? Às vezes, pensava naqueles que admiram a Gioconda de Leonardo, em Paris, e dela se enamoram, exaltados.

Mas, eu, sempre fora homem prático e atido à realidade, espírito científico, antípoda de semelhantes exaltações românticas.

E então?... Amun-Eti!

Contemplando aquele vulto, procurando penetrar o mistério daquele olhar, o segredo daquela vida, sentia subir em mim uma incomparável paz espiritual. Mas, tinha que lutar, subtrair-me àquela fascinação secreta, antes que meus nervos, por demais tensos, me pregassem qualquer partida perigosa.

Certamente, tudo isso era efeito da solidão e da estranha atmosfera, encantada e quase mórbida, do Vale dos Túmulos dos Reis.

Dei-me pressa em fazer embalar o sarcófago de Amun-Eti, prometendo a mim mesmo não mais pôr-lhe a vista em cima. Mas, estava inquieto, nervoso... E, quando partimos para o Cairo, eu já sabia que não me esqueceria de Amun-Eti, não seria capaz de subtrair-me ao desejo de

tornar a vê-la, nem jamais me separaria do colar de lápis-lazúli, símbolo daquela estranha aventura.

O sarcófago, com seu enxoval funerário, ocupou uma pequena sala do Museu do Cairo.

O diretor insistiu para que eu dirigisse o arrolamento da sala, mas recusei, alegando um pretexto. Queria evitar tomar a vê-la, lutar contra aquele sentimento impossível, a que não sabia que nome dar, mas que me dominava inteiramente o espírito.

A sala foi aberta ao público e uma semana mais tarde fui lá.

— O louco vai ter medo das sombras - dizia eu para mim mesmo. Aqui, numa grande cidade como o Cairo, e coisa ficaria reduzida a suas justas proporções; verificaria que tudo quanto se passara fora efeito dos nervos e da atmosfera do deserto. Riria de mim mesmo.

O sarcófago estava exposto dentro de um armário de cristal. Alguns visitantes contemplavam a beleza das figuras esculpidas e das cores resplandecentes. A presença deles, sem motivo algum, irritava-me como se fossem intrusos. Esperei ficar, para aproximar-me. Sentia o coração bater apressado, por mais que dissesse a mim mesmo que era um idiota e um sonhador. Fiquei longo tempo a contemplar Amun-Eti. E, de repente, estremeci. Colheu-me uma sensação de vertigem. Fechei os olhos. Agora, sim, devia ter enlouquecido. Porque, refletido no cristal do armário, tinha visto o rosto de Amun-Eti animar-se e sorrir. Voltei-me, instintivamente, e mal pude reter um grito de pasmo. Perto de mim, estava a encarnação viva de Amun-Eti, não um fantasma, mas a cópia viva e palpitante da figura do sarcófago.

A moça olhou para mim e sorriu-me. Era muito jovem. Tinha olhos pretos, com longos cílios. A sua pele era vagamente de uma cor azeitonada. O sangue egípcio revelava-se-lhe nos lábios carnudos e nos zigomas, ligeiramente proeminentes, que davam a seu rosto um acentuado caráter oriental. Trazia um pequeno turbante, de um azul pálido, não diferente do penteado da mesma Amun-Eti. O seu vestido de crepe, cor de canela, desenhava-lhe as formas esbeltas, bem torneadas, revelando as curvas sensuais do corpo moço, que encarnava as linhas ideais do velho Oriente. Afastei-me, embaraçado.

— Desculpe-me - disse. - Fiquei a contemplá-la como um louco. Sinto-me verdadeiramente mortificado.

— Compreendo o seu espanto. Pareço-me tanto assim?... Ou melhor: pareço-me realmente com ela?

Concordei, e ela continuou:

— Vim, picada pela curiosidade, pois me disseram justamente... - deteve-se, incerta.

Pareceu-me que compreendeu, então, que estava falando a um desconhecido.

— Sou o professor Dyman... Henrique Dyman - disse eu, apresentando-me. - O acaso quis que fosse eu o primeiro a penetrar no sepulcro de Amun-Eti.

Ela estendeu-me a mão.

— Chamo-me Henet Scott... Então o senhor fazia parte da missão arqueológica de Tebas?

Começamos a conversar, mas eu não conseguira tirar os olhos do seu rosto. Amun-Eti tinha-se reencarnado. O milagre de Pigmalião repetira-se. Parecia-me que aquela mulher houvesse sido criada, naquele momento, pelo meu íntimo desejo, que vivesse somente para mim, emanação e animação dos meus sentimentos. Soube que seu pai era inglês, falecido havia muitos anos, mas sua mãe era egípcia: uma senhora copta, de nobre ascendência, cuja família se gabava de pertencer aos últimos faraós Saites e que, embora cristã, havia conservado o culto tradicional das antigas divindades locais.

— Amun-Eti seria, em definitivo, uma de suas ante-passadas, não é verdade?

— Se a genealogia, a que minha mãe liga tanta importância, for exata...

Olhou para o sarcófago, enquanto lhe aflorava aos lábios um leve sorriso. Eu vacilei, dominado por um súbito frémito de terror supersticioso, pois, naquele momento, ela possuía a idêntica complicada expressão do retrato de Amun-Eti...

— Amun-Eti deixa-me curiosa - disse ela, depois.

Foi um acaso realmente feliz que eu tenha encontrado justamente o senhor, Professor Dyman. Desejava saber algo mais a seu respeito... tudo quanto possa dizer-me.

— Ficarei muito contente em aceder a seu desejo.

— Quer vir tomar chá conosco? Minha mãe ficará muito contente em conhecê-lo. Tudo quanto diga respeito ao antigo Egito provoca o seu mais apaixonado interesse.

Foi assim que comecei a frequentar a casa dos Scotts. Desde aquela manhã, sabia o que em mim sucedera, mas não me entristecia por isso. . . O meu sentimento transpusera-se da fantástica Amun-Eti para Henet. Agora, porém, não havia inquietação, incerteza ou aborrecimento, no meu coração. Eu amava uma mulher muito bela, inteligente, culta, refinada: gozava do seu sorriso, da sua companhia, do seu pensamento. E fugira àquele incubo estranho, àquela obsessão que talvez se viesse a converter em loucura.

Entretanto, o British Museum estava organizando outra missão, ao Vale dos Túmulos dos Reis, e fui convidado a dirigi-la. Era uma proposta tentadora. Mas, teria que renunciar a ver Henet, durante vários meses. . .

Naquela noite, fui convidado a jantar em casa dos Scotts. Henet notou imediatamente que alguma coisa me preocupava. Depois do jantar, saímos juntos para o jardim, onde havia uma fonte de mármore verde, semi-oculta entre os canteiros de plantas tropicais.

Há alguma coisa que o perturba, professor Dyman. Que é? - perguntou, com sua voz quente.

— Fui convidado pelo British Museuni para dirigir as escavações no Vale de Tebas – respondi.

Henet hesitou um instante.

É uma grande oportunidade que se lhe oferece disse, destacando as

palavras. - Está contente?

Peguei-lhe na mão.

— Teria ficado contente há um mês, antes de conhecê-la. .. mas, como poderei aceitar ir remexer a poeira do passado e as sombras da morte, quando, aqui, junto de si, encontrei a vida?

Ela voltou para mim, interrogativamente, aqueles seus grandes olhos, semelhantes a gemas luminosas, na alvura de seu rosto que, repentinamente, se tornara pálido. Alguns dias antes, fizera-lhe eu presente do colar de lápis-lazúli de Amun-Eti. E, naquela noite, ela trazia-o. As pedras azuis, betadas de ouro, brilhavam como se fossem mágicos fogos aprisionados.

— Se o senhor se explicasse melhor... eu... murmurou.

— Amo você. já a amava, antes de encontrá-la! Antes de conhecê-la, já estava loucamente apaixonado. Agora, sonho apenas em viver a seu lado, amá-la, torná-la feliz...

Ela continuou a fitar-me e, durante um momento, calou-se. O cicio da água da fonte causou-me uma estranha impressão. Os lábios da moça tremiam ligeiramente.

Estreitei-a nos meus braços e beijei-a.

— Henet, Henet! Você é o amor da minha vida. Eu ficaria louco, se pensasse que você não existisse e eu tivesse nascido, tarde demais, para conhecê-la! Quer casar comigo, Henet?

Um mês depois, parti para o Vale dos Reis, como chefe da Missão Arqueológica.

Henet tomara-se minha mulher, e acompanhava-me.

Aquele período permanecerá na minha memória como o tempo mais feliz da minha vida, de uma felicidade estática, sem limites. Além de seu apaixonado amor, Henet oferecia-me a sua preciosa colaboração e revelou-se uma companheira utilíssima, no delicado trabalho da Missão, sobretudo pelo conhecimento da língua egípcia e dos caracteres hieroglíficos das

diversas dinastias. Eu amava-a com um amor que, por vezes, me espantava por sua violência, como se pudesse amar uma criatura perdida nos séculos, na noite dos tempos, que, finalmente, se encontrou e se receia perder.

A não ser os componentes da Missão, estávamos sós no Vale dos Reis, sós no deserto imenso, entre os restos de uma civilização milenária, que nós próprios estávamos trazendo a lume. Às vezes, parecia-me viver num estranho encantamento, sair da realidade do tempo e estar junto de Amun-Efi, preso a ela por um amor que houvesse desafiado os séculos.

Cada dia se me relevava um aspecto novo da complexa personalidade de Henet; a sua cultura, a sua força de caráter, e sobretudo, a sua ardente e apaixonada vitalidade. A sua ânsia de viver era febril e revelava-se em todo o seu comportamento e quase em cada uma de suas palavras. Às vezes, desconcertava-me não descobrir os seus pensamentos e os segredos da sua alma. Uma vez, ouvi-a, num momento de intimidade e euforia, à vista da gigantesca estátua de Ammon-Ra, entre as ruínas do templo de Der-Al-Bahri, desafiar a morte para atingi-la. Não era uma brincadeira, mas sim uma desconcertante manifestação de quanto de oriental havia no seu espírito.

— Ficarei sempre consigo... estarei sempre a seu lado, enquanto você tiver vida - disseme, depois. - A morte não terá poder sobre mim, porque o amo demais.

— Não fale dessas coisas absurdas, querida.

— Mas eu penso assim... E penso que não poderei morrer, enquanto nos amarmos assim. Sabe o que é a morte? É a fraqueza de vontade de quem não tem força de viver. O homem cede inteiramente à morte, unicamente pela fraqueza da sua vontade.

Eu sorri:

— Teoria tipicamente faraônica.

— Não. Foi um escritor seu patricio quem o disse: Glanvill.

Uma vez, quando regressava das escavações, encontrei Henet que brincava com o seu colar de lápis-lazúli.

Estava estendida numa cadeira, com fundo de tela. A expressão abstrata, ausente, do seu rosto, impressionou-me. Assim como me impressionara sempre a predileção que manifestava por aquele colar, se bem que possuísse outros mais belos e mais preciosos.

Sentei-me, em silencio, a seu lado.

— Quero dizer-lhe uma coisa curiosa, Meryt... disse ela, em certo momento, chamando-me Meryt, que, em egípcio, quer dizer amado, dileto, - quando você me deu este colar, tive a impressão de havê-lo já possuído, de conhecê-lo em cada veio das suas pedras. É uma impressão bizarra, hipnótica, que se agita no meu espírito e faz surgir imagens que não me atrevo a definir, como fragmentos de um sonho sobre o qual a gente tenta fixar a atenção, mas que se esvai.

Apertei os lábios com ceticismo, e ela continuou:

— Lá lhe sucedeu andar por um lugar onde nunca e achá-lo estranhamente familiar, como se a ele esteve estivesse ligado uma parte desconhecida da sua vida?

— Uma vez ou duas... mas, deixei de acreditar em certas histórias, quando completei sete anos...

Fingi rir à sua custa, mas fitava-a preocupado, pois me parecia realmente conturbada.

Não devia esquecer que ela era metade egípcia, tinha sempre vivido no Egito e não podia subtrair-se inteiramente ao peso de crenças e superstições milenares.

— A atmosfera deste lugar começa a fazer-lhe mal observei. - Ficaria muito mais sossegado se você voltasse ao Cairo, Henet.

— Não. nunca mais o deixarei. Nunca mais.

Mas, ao contrário, deixou-me...

A Missão devia ultimar os seus trabalhos durante o mês de julho, pois, naquela época, começa a inundação do Nilo. As chuvas, porém, começaram a cair, antes do tempo previsto, com inaudita violência.

Devíamos notificar dali e dirigir-nos imediatamente para Keneh, o centro mais próximo, onde passa a grande estrada de ferro que, costeanck)o Nilo, atravessa o deserto arábico, até ao Cairo e Alexandria.

Todos os homens da Missão trabalhavam febrilmente, na preparação do comboio.

Sabíamos que um grave perigo nos ameaçava, pois Keneh estava sobre a outra margem do Nilo e não poderíamos chegar até lá, se as águas houvessem ultrapassado as eclusas de Del-AI-Bahri.

Quando os quatro jeeps se puseram em movimento, todo o Vale dos Reis estava convertido num lago cinzento, sobre o qual se acumulavam nuvens muito baixas, entre as quais os relâmpagos ziguezagueavam, de improviso. A água escorria dos bancos dos jeeps, dos vidros, dos cofres. As rodas giravam em falso, enterrando-se na lama. Foi preciso que todos os homens os empurrassem, durante muito tempo, a muito custo.

Henet estava no carro da frente do comboio. Com dificuldade, consegui colocar-me a seu lado. O vento soprava violento, cortando a respiração, e a água tolhia a vista, invadindo tudo. Em certo momento, tive a impressão de encontrar-me no meio de uma paisagem irreal, apocalíptica, debaixo d'água. Do maciço montanhoso, precipitavam-se torrentes, formando cascatas, arrastando pedras, cascalhos, detritos de toda a espécie. O céu tornava-se cada vez mais escuro, embora fosse ainda pleno dia. Cada vez mais frequentes, os relâmpagos lívidos fuzilavam, por entre as nuvens, iluminando o deserto revolto e os rochedos, dom uma luz sinistra. Eu olhava, com apreensão, para a água que escorria, em catadupas, da montanha para - o Vale. Tínhamos que andar depressa, depressa...

Atingimos a grande ponte de Lameth, lançada sobre o Vale do Der-Ai-Bahri. Por baixo de nós, abria-se um abismo que, em certos pontos, ultrapassava mais de cem metros.

Agora, a água corria impetuosa, investindo contra os pilares e fazendo tremer toda a ossatura da ponte. Os carros caminhavam com cautela, enfrentando um vento de: violência extrema. . . Estávamos quase chegando à saída da ponte, quando ouvi um fragor sinistro, e me pareceu que toda a montanha se precipitava em cima de nós. Das alturas, massa enorme de água, de pedras, de troncos de árvores, descia sobre a ponte, com um ruído

estranho, ensurdecedor. Um dos lados do carro foi atirado violentamente de encontro ao parapeito, com um fragor de ferragens e vidros quebrados. Por um instante, pareceu que o automóvel fosse alçar voo: ficou suspenso, com as rodas anteriores no vácuo, capotou e rolou pela escarpa. Eu havia sido atirado fora. A chuva não deixava ver nada, o vento uivava a meus ouvidos. Nas mãos, eu segurava qualquer coisa, que contemplava, atônito: era o colar de Henet que, instintivamente, tinha agarrado, no instante da desgraça, e se havia despedaçado. Os outros carros haviam parado, Os homens da Missão gritavam, agitavam-se. Alguém começava a subir pela escarpa. "Henet!", gritei, com voz rouca. Aproximei-me dos destroços. Henet estava ali, imóvel, os olhos fechados, o rosto branco, sob um véu de lama. Apoderou-se de mim um terror desesperado, enquanto tentava levantá-la. "Heneti Heneti" - gritava eu.

O seu rosto contraiu-se num espasmo. Abriu os olhos, onde já pairavam as sombras... Harry... Meryt. . . - murmurou - Não o deixarei, não posso deixá-lo, Meryt.

Tentou abraçar-me, e eu apertei-a desesperadamente.

— Henet, meu anjo!... minha pequenina...

— Eu voltarei... voltarei a você. Espete-me, Harry Havemos de encontrar-nos ainda.

O trágico fim de Henet deixou-me estupefato. Nos meses que se seguiram, invadiu-me uma espécie de torpor interno e foi como se me houvesse tornado incapaz de sofrer, fechado e indiferente a tudo que me rodeava. Depois, a pouco e pouco, voltei à realidade, ao encontrar-me num universo novo, esquálido, estranho. Decidi sair do Egito.

Não me era possível permanecer onde cada pedra me recordava Henet, o amor perdido.

Por isso, voltei à Inglaterra, deixando ao tempo a missão de sanar-me as feridas do espírito... E assim aconteceu, de fato; de tal modo que, quatro anos depois da tragédia da ponte de Lameth, casei-me com uma senhorita da nobreza provinciana inglesa, Miss Laura Doyle, filha de um baronet, do condado de Sussex.

Não estava propriamente enamorado de Laura; não ais capaz de amar, naquele frio despertar, que se seguira ao sonho maravilhoso que tinha vivido. Mas sentira-me, insensivelmente, atraído para ela, pela sua afetuosa simplicidade, pela sua doce personalidade, confortadora e repousante. Não podia compará-la a Henet. Agora, ao pensar nisso, posso dizer que uma e outra eram duas antípodas, física e espiritualmente.

Henet era uma ardente beleza oriental; Laura, tipicamente anglo-saxônia, de olhos azuis luminosos, num rosto um pouco exangue às manifestações mais secretas do seu espírito.

A nossa vida transcorria tranquila, sem ardor de paixão, fundada apenas na sólida base de uma reciproca estima, em nossa moradia de campo, entre os prados e as colinas do Sussex. Penso que Laura havia adivinhado que houvera um drama terrível em minha vida, embora eu jamais lhe houvesse falado, nem ela me tivesse feito qualquer pergunta a tal respeito. E. às vezes, seus olhos velavam-se de melancolia... Talvez fosse a intuição de não conseguir fazer-me esquecer e tornar-me feliz.

Mas, eu estava convicto de ter esquecido... Tanto era verdade que, mal me chegou às mãos uma carta do British Museum, com a proposta de voltar ao Vale dos Umulos dos Reis, falei nisso, ligeiramente, a Laura.

Seus olhos acenderam-se de entusiasmo.

— Vai ser maravilhoso!... Eu o acompanharei, naturalmente.

— Mas, eu não tenho intenção de voltar mais lá.

A desilusão estampou-se em seu rosto, e eu tornei, persuasivo:

— Veja, querida, a África e o deserto não são semelhantes às nossas campinas do Sussex.

— Seria tão romântico!

— O deserto é romântico somente no cinema e nos cartões postais ilustrados. Aqui, no Sussex, temos tudo quanto...

— Eu não quero ficar decrépita, entre as comodidades do Sussex.

— Mas, acredite no que lhe digo, Laura. É a sua moldura natural. Na África, você se sentiria como um peixe fora d água.

Era isso. Eu exprimira a essência do meu modo de pensar, a respeito de Laura. Os tépidos prados de esmeralda, a caça à raposa, o campo de golfe - isso era o ambiente natural de Laura, assim como um deserto de fogo, as solidões misteriosas, as ruínas milenárias do antigo Egito eram a moldura de Henet. Eu não conseguia imaginar Laura montando um camelo, sob um sol a pino ou entre as ruínas das sepulturas. Ela, porém, tanto insistiu que acabei aceitando o encargo do British Museum.

Nesse ponto, não tive motivos para mudar de decisão. Enquanto fazíamos nossos preparativos, Laura apareceu-me sob uma nova luz, alegre como jamais fora, impaciente por conhecer aquele mundo longínquo, diferente, através do qual esperava talvez conhecer uma parte importante da minha existência, dos meus pensamentos, da minha vida espiritual.

Poucos dias antes da partida, ocorreu um incidente que me perturbou. Entrava eu em casa, e Laura veio ao meu encontro, alegre, sorridente. Trazia no pescoço c, colar de lápis-lazúli, que fora de Amun-Eti e, depois, de Henet. Experimentei um mal-estar indefinível, quase uma obscura sensação de terror. Laura riu-se da minha surpresa.

— Mau! Tinha escondido este belo colar; não quis fazer-me presente dele.

— Eu tinha a certeza de que não estava mais comigo... Onde o encontrou?

— Numa velha roupa colonial. Com o fecho quebrado.

A terrível cena da ponte de Lameth sulcou-me o espírito como o fulgor de um relâmpago. Uma sensação de vertigem apoderou-se de mim e fechei os olhos: pareceu-me afundar num abismo. ---Harry!... Merytl... Eu voltarei a você. Encontrar-nos-emos ainda!"

Tomei a ouvir a trágica invocação, no fragor da tempestade.

— Que tem você? -. perguntou Laura, admirada. Desconfiou do colar. - Não quer que eu...

Fiz sinal que não.

— É um velho colar egípcio. Pertencia a uma... princesa, morta muito jovem. Não gosto de vê-la tocar esse colar, porque dizem que traz desgraça, como se possuísse um poder maléfico.

Laura olhou fixamente para mim, e depois riu.

— Se é só por isso, desafio todas as maldições.

Algumas semanas mais tarde, estávamos no Cairo. Mas, depois de haver encontrado novamente o colar, eu não me sentia muito seguro de ter feito bem em regressar ao Egito.

O passado voltava ao assalto, como que em ondas constantes que ameaçassem tragar-me.

Antes de partir do Cairo para o Vale de Tebas, Laura quis visitar o museu arqueológico.

Assim, contra minha vontade, quase atraído por uma força misteriosa e fatal, encontrei-me em frente da arca de cristal de Amun-Eti. Aproximei-me, sem sentir, como num estado de hipnose e, em dado momento, experimentei uma sensação vertiginosa de extravio. Amun-Eti estava diante de mim, no esplendor policromo do sarcófago, remota, arcana, maravilhosamente bela. Henet fitava-me, através dos olhos de pedra da princesa. Sentime envolto numa nuvem pesada, que me sufocava. Nela, somente os olhos eram vivos, aqueles olhos escuros e misteriosos, que eu tanto tinha amado.

— Harry... Meryt. . – Eu voltarei a você. Encontrar-nos-emos ainda! tinha dito Henet.

Agarrei-me à balaustrada e senti um arranco dentro de mim. Henet, meu grande amor, não voltaria nunca mais. No passado, no presente, no futuro, em nenhum lugar do universo, jamais poderia encontrá-la novamente.

A voz de Laura chamou-me à realidade.

— É maravilhosamente belo! Tem qualquer coisa de moderno e fascinante... Mas, Harry! Sente-se mal! - exclamou logo, notando minha perturbação.

— Não é nada. Apenas um breve delíquio... Vamo-nos embora daqui.

Iniciamos imediatamente os trabalhos no Vale. Tornou-se evidente, desde

logo, que a nossa Missão seria mais afortunada, com a descoberta de documentos de importância.

Fiquei assim absorvido pelas minhas pesquisas e tive pouco tempo para ocupar-me de Laura - Eu percebia que ela era estranha e longínqua àquele mundo, mas não se mostrava, embora fosse certo, menos entusiasta do que quando havíamos partido. Arrependime de deixá-la demasiado tempo sozinha e, um dia, quis levá-la a Keneh, o mais próximo centro habitado, na margem do Nilo. Atravessávamos a ponte de Lameth: era a primeira vez que por ali passava, após tantos anos. Ao centro da ponte, o carro parou, sem razão aparente, e eu desci, resmungando, para dar um golpe de vista ao motor. Estava inclinado sobre a caixa, quando ouvi um grito: "Harry". Era Laura. Desceu do automóvel e correu aos meus braços. Estava mortalmente pálida.

O corpo inteiro tremia-lhe, Procurei acalmá-los, sem ela recobrou-se, a pouco e pouco, mas não consegui compreender o que a tinha perturbado tão violentamente.

Experimentei de súbito uma sensação de angústia, o pressentimento ou a percepção de uma coisa atroz. Aflorou-me ao rosto qualquer coisa fria, como a asa da morte.

Escutei, inquieto, o que ela dizia; depois, pus o carro em movimento. Ela agarrou-se a meu braço, tremendo.

— Não! Pára!

Parei.

Então, que há?

Peço-lhe, voltemos para trás. Quero voltar para trás. Para trás!

Sua ansiedade era febril.

— Desculpe, querido! Não sei que tenho! Voltemos

Embora, no dia seguinte, Laura tivesse aparentemente quase esquecido aquele estranho episódio, cuja culpa atribuía aos seus nervos, não tornou a ser a mesma. Às vezes, parecia absorta, como que escutando alguma

misteriosa mensagem a seu ouvido. Outras vezes, a sua linguagem tinha lapsos bizarros, que eu não sabia explicar: no meio de uma conversa, escapavam-lhe algumas palavras que Lauta não podia ter pensado; como se, por um instante fugaz, houvesse deixado de ser a mesma. Assaltou-me uma sensação de pânico.

Que é que acontecia? . Estava quase decidido a perder tudo e voltar para a Inglaterra. Mas, como justificar tal decisão a mim mesmo? Sentia-me inquieto, sem saber por quê. Uma noite, acordei tom a impressão de que Laura houvesse murmurado alguma coisa, no sono.

Acendi o candeeiro de petróleo e inclinei-me sobre ela, tocando-lhe, quase, a boca com a minha. Percebi efetivamente um murmúrio indistinto, em que me pareceu perceber uma palavra. Uma sensação de gelo apoderou-se de mim e senti os cabelos eriçarem-se-me na cabeça. "Meryt... Meryt, murmurava Laura! Eu devia ter-me enganado. Não era uma alucinação, pois Laura, em estado de vigília, não conhecia uma única palavra de egípcio antigo ou moderno. Invadiu-me um terror obscuro e incoercivel, que me regelou. Naquele momento, Laura acordou, em sobressalto. Olhou para mim, com um olhar espantado, e pareceu não me reconhecer. Depois, um relâmpago de compreensão acendeu-se nas suas pupilas, abandonou-se nos meus ombros e desatou a chorar, sacudida de soluços histéricos. Sonhara, mas não conseguia recordar-se de nada, a não ser da sensação de terror que a dominava.

No dia seguinte, Laura voltou, sozinha, à ponte de Lameth. Fui à sua procura, pois não a enc6ntrara em nossa barraca. Levava-me uma vaga intuição.

Ela estava absorta na contemplação do abismo dos rochedos, as mãos contraídas no parapeito, arquejante. Tive que chamar por ela várias vezes, antes que desse assustado.

Um pensamento horrível, uma daquelas ideias horripilantes, que não ouso confessar, com receio de passar por doido varrido, começava a aflorar-me no espírito.

— Por que é que veio aqui, Laura? - perguntei.

Hesitou um pouco, antes de responder, depois disse: Para verificar o que foi que me espantou, outro dia. Por mim... Eu começava a ficar Que é que foi? - insisti, ansioso.

— Não sei. Há qualquer coisa, nesta ponte. . . qualquer coisa à espera... de mim.

— Não compreendo. Agora, voltemos. Quer?

Ela segurou-se a meu braço e olhou para mim, no fundo dos olhos.

— Harry. . . tenho medo de enlouquecer - disse, em voz baixa e incolor, que me fez estremecer. - Às vezes, penso que não sou eu, parece-me conhecer coisas que ignoro...

Mas não sou capaz de analisar aquilo que sinto. É como se uma força estranha tentasse arrebatar-me a mim mesma... Olhe, jamais poderei explicar! ...

No dia seguinte, escrevi à diretoria do British Museum, pedindo minha substituição.

Mas, a catástrofe ocorreu justamente naquele dia, mesmo antes que eu pudesse supor...

Era noite alta, e eu estava trabalhando, a catalogar as peças arqueológicas que havíamos encontrado. Em dado momento, ouvi um cicio, como de alguém que viesse de fora. Fiquei a escutar. Tudo estava em silencio. Só de um ponto muito afastado chegava o uivo de um animal noturno. Um grito monótono, incessante, perseguidor, como que o chamado implacável de uma obsessão. Não fiquei tranquilo, e fui ver o que Laura estivesse fazendo. Mas, não a encontrei em nossa barraca!

Procurei por todo o campo, numa inquietação crescente e esmagadora. Não estava...

Recordei-me novamente da ponte de Lameth e um presságio de desgraça atravessou-me a alma, como um relâmpago ofuscante. Resolvi logo tudo, com uma pressa febril.

Chamei um chofer do pessoal egípcio. Pusemos um jeep em movimento e

corremos, na noite escura. Quem sabe se conseguiria alcançá-la antes que...

Sim, ela estava sobre a ponte. A luz deslumbrante dos faróis destacou-a nitidamente e eu soltei um brado, que se juntou ao seu grito mortal. Pois Laura galgara o parapeito da ponte e precipitara-se no vácuo.

O jeep, que eu mandara voltar ao campo, regressou com socorros de urgência, passada meia hora. Em lentos passos, Laura foi transportada até à barraca: um silencioso cortejo de lúgubres sombras, no deserto iluminado fantasticamente pelas tochas elétricas. O doutor Carson, médico da Missão, excedeu-se imediatamente em cuidados. Laura havia perdido os sentidos. Tinha o rosto ensanguentado, a respiração apressada e curta. O médico abanou a cabeça: seu vulto, à luz dos candeeiros de querosene, parecia extremamente pálido, espectral.

— É grave? - perguntei, em voz baixa.

Ele fez que sim, e compreendi que Laura estava perdida.

— Fratura da base do crânio - murmurou. Deixei-me cair num escabelo. O médico estava fazendo tudo quanto estava em seu poder e eu fitava-o, espantado, sem seguir-lhe os movimentos, atormentado pela interrogação: Por que teria ela feito isso? Qual foi a força que a impelira a precipitar-se no abismo?

Via-me na impossibilidade de compreender, com a inteligência e com os sentidos, aquilo que acontecera, ligado ao terror supersticioso das coisas desconhecidas e incognoscíveis... Como se algo a houvesse atraído, como se um destino tremendo tivesse de cumprir-se.

Já a palidez da morte começava a espalhar-se pelo seu semblante. Tudo era silente no campo, como se tudo houvesse parado, à espera que a tragédia se cumprisse. Eu estava só com ela e via que a vida lhe fugia, através da respiração ansiosa, enquanto, entre nós, se erguia um muro invisível, que já nos separava: por tras desse muro, travava-se a última luta entre a vida e a morte. Em certo momento, o rosto exangue de Laura coloriu-se levemente de encarnado. Vi-a agitar-se, como num supremo esforço. Depois, dir-se-ia que as forças da destruição tivessem levado a melhor. . . Mas não estava tudo acabado, ainda: uma alma queria viver num corpo que estava condenado a morrer. Certamente, perdi então o

controle da minha faculdade de inibição, pois a cena que se seguiu, na sua alucinante irrealidade, não podia ser verdadeira, não podia ser senão o fruto de uma fantástica obsessão. . . Foi seguramente uma alucinação... Laura mexeu-se, e eu ajoehei-me a seu lado, beijando-lhe as mãos. Ela abriu os olhos.

— Minha Laura - disse, soluçando. Então estremeci e senti-me viver num incubo.

Qualquer coisa se regelou dentro de mim, ao contemplar aqueles olhos. Porque eu conhecia aquele olhar, conhecia aquela expressão enigmática. E aquele não era o olhar de Laura! "Shewa-n em debat... Nefra-n entot hena-Y" ouvi que ela sussurrava.

Experimentei, então, uma sensação indefinível, semelhante àquela que teria sofrido com o desabar fulminante do mundo que me circundava. Aqueles dizeres eram egípcio antigo, língua inteiramente desconhecida de Laura. Os lábios da moribunda haviam dito:

"Seremos felizes, com você junto de mim".

Henet, Henet! - gritei, num paroxismo de terror e de exaltação, impossível de exprimir. Mas, subitamente, a respiração arquejante cessou e foi como se em todo o universo, naquele momento em completo silencio, tudo ficasse imóvel ao redor do grande mistério.

O HOMEM QUE VENUS VAI CONDENAR – Alfred Bester

O homem que estava no carro tinha trinta e oito anos. Era alto, esbelto e frágil. Seus cabelos cortados *en brosse*, mostravam-se prematuramente grisalhos. Era dono de boa educação e de um certo sentido humorístico. Tinha um fim. Estava armado da lista telefônica. Era o homem que Venus iria condenar.

Entrou pela *Past Avenue*, parou seu carro diante do nº 17 e encostou o veículo ao meio-fio. Consultou a lista telefônica, depois saiu do carro e entrou no prédio. Examinou as caixas de correspondência, subiu a escada correndo e dirigiu-se para o apartamento 2-F. Bateu. Aguardando que o atendessem, tirou do bolso interno de seu jaquetão um caderninho preto e uma esplêndida lapiseira de prata, que podia escrever em quatro cores.

A porta abriu-se. O homem disse a uma mulher insignificante, de idade madura:

– Boa tarde, Senhora Buchanan.

A mulher cumprimentou com a cabeça.

– Eu me chamo Foster. Sou do Instituo de Ciências. Procuramos verificar certas declarações a propósito dos discos voadores. Não tomarei senão um minuto de seu tempo.

A Sr. Foster insinuou-se no apartamento. Já tinha visitado tal número deles que sabia, automaticamente, a disposição que tinham. Atravessou o vestíbulo com passo rápido, dirigindo-se para a sala de visitas, onde se voltou, endereçou um sorriso para a Sra. Buchanan, abriu seu caderninho numa página em branco, e, lapiseira suspensa no ar, pronta a escrever, perguntou:

– A senhora já viu algum disco voador, Sra. Buchanan?

– Não. E acho que tudo isso não passa de uma porção de tolices. Eu...

– Seus filhos já viram? A senhora tem filhos, não é?

– Sim, mas eles...

– Quantos?

– Dois. Esses discos voadores jamais...

– Estão em idade escolar?

– Como?

– Escola – insistiu o Sr. Foster, com impaciência. – Vão à escola?

– O rapaz tem vinte e oito anos – disse a Sra. Buchanan – e a moça vinte e quatro. Há muito tempo que eles...

– Já sei. São casados?

– Não... A propósito desses discos voadores vossos doutores em ciências deviam...

– É exatamente o que fazemos – interrompeu o Sr. Foster.

Inscreveu alguns sinais cabalísticos em seu caderninho, fechou-o e meteu-o no bolso interno, ao mesmo tempo que ali guardava sua esplêndida lapiseira.

– Agradeço-lhe muitíssimo, Sra. Buchanan – disse ele, e, fazendo a volta sobre os calcanhares, saiu.

Embaixo, o Sr. Foster entrou em seu carro, abriu a lista telefônica, virou uma página e riscou um nome com sua esplêndida lapiseira. Examinou o nome que vinha logo abaixo, anotou o endereço e deu partida. Foi até *Fort George Avenue*, e parou o carro diante do número 800. Entrou no prédio, tomou o elevador automático até o quarto andar. Apertou o botão da campainha do apartamento 4 G. Enquanto esperava que lhe viessem abrir, tornou a tirar do bolso seu caderninho e a esplêndida lapiseira.

A porta abriu-se. Um homem de aspecto rebarbativo apareceu e o Sr. Foster disse:

– Chamo-me Davis. Pertenço à Associação de Radiodifusão Nacional. Preparamos uma lista de concorrentes para os prêmios. Posso entrar? Não tomarei mais de um minuto de seu tempo.

O Sr. Foster-Davis insinuou-se o apartamento e interrogou imediatamente o Sr. Buchanan e sua ruiva esposa, em sua sala de estar.

– Já ganharam algum prêmio em rádio ou televisão?

– Não – respondeu o Sr. Buchanan, com ar furioso. – Jamais tivemos oportunidade. Todo mundo ganha, menos nós.

– Todo esse dinheiro, que nada deve a ninguém, e esses refrigeradores, – disse a Sra. Buchanan – e viagens a Paris, e aviões...

– Justamente por isso é que estamos fazendo esta lista – interrompeu o Sr. Foster-Davis. – Membros de sua família já ganharam algum prêmio?

– Nada disso. Tudo não passa de combinação e arranjos. Não passa de batota. Eles...

– Talvez seus filhos?

– Não temos filhos.

– Estou vendo... Fico muitíssimo agradecido.

O Sr. Foster-Davis deu-se à sua cenazinha dos sinais cabalísticos em seu caderninho, fechou-o e guardou-o. Deixou os Buchanan, abandonando-os à sua indignação, foi para o seu carro, riscou outro nome na lista telefônica, anotou outro endereço do nome seguinte, e deu partida.

Foi ter ao nº 1215 da Rua Leste e parou o carro diante de um pavilhão de pedra de cantaria. Tocou a campainha da porta e encontrou-se diante de uma camareira uniformizada.

– Boa tarde – disse ele. – O Sr. Buchanan está em casa?

– Da parte de quem?

– Chamo-me Hook – disse o Sr. Foster-Davis. – Estou fazendo um inquérito por ordem do Escritório de Aperfeiçoamento dos Negócios.

A camareira desapareceu, reapareceu, e conduziu o Sr. Foster-Davis-Hook para um pequene escritório onde um senhor de *smoking*, ar resoluto, de pé junto a uma lareira equilibrava sobre um pires uma xícara fina de Limoges. Na lareira queimava um fogo enorme.

– Sr. Hook?

– Sim, senhor – respondeu o homem que Vénus ia condenar.

Não retirou seu caderninho.

– Não tomará senão um minuto de seu tempo, Sr. Buchanan. Tenho apenas algumas perguntas a fazer-lhe.

– Tenho muita confiança no Escritório de Aperfeiçoamento dos Negócios – declarou o Sr. Buchanan. Nosso anteparo contras as incorsões dos...

– Eu fico muito obrigado, senhor – interrompeu o Sr. Foster-Davis-Hook. – Já lhe aconteceu sofrer extorsão por parte de algum cavalheiro-de-indústria?

– Houve várias tentativas, mas jamais deixei que elas tivessem êxito.

– Seus filhos, talvez? O senhor tem filhos, não tem?

– Meu filho é novo demais para...

– Que idade tem ele, Sr. Buchanan?

– Dez anos.

– Talvez que já tenha sofrido alguma extorsão na escola? Há certos criminosos que escolhem suas vítimas especialmente entre as crianças.

– Não na escola que meu filho freqüenta, e onde está perfeitamente protegido.

– Que escola é?

– Germanson.

– Com efeito, uma das melhores. Por acaso ele já frequentou alguma escola pública?

– Nunca.

O homem que Venus ia condenar retirou do bolso seu caderninho e sua esplêndida lapiseira. Dessa vez sua anotação foi feita a sério.

– Tem outros filhos, Sr. Buchanan?

– Uma jovem de dezessete anos.

O Sr. Foster-Davis-Hook refletiu, pôs-se a escrever mudou de opinião, e tornou a fechar seu caderninho. Agradeceu ao seu hospedeiro e saiu do escritório antes que o Sr. Buchanan tivesse tempo de lhe pedir seus documentos de identidade. A camareira abriu-lhe a porta de entrada, ele desceu correndo os degraus do alpendre, atirou-se para seu carro, abriu a portinhola, e foi abatido por um tremendo golpe na têmpora.

Quando o homem que Venus ia condenar recuperou o conhecimento, pensou estar em sua cama, presa de formidável ressaca. Já estava para arrastar-se até o banheiro quando percebeu que tinha sido atirado a uma poltrona, como uma trouxa de roupa suja. Abriu os olhos. Encontrou-se numa espécie de gruta submarina. Bateu as pálpebras freneticamente. A água retirou-se.

Encontrava-se, realmente, num pequeno escritório de advogado. Um homem obeso, com ares de Papai Noel sem o trajo típico, estava de pé, diante dele. Ligeiramente de lado, sentado sobre a secretária, balançando negligentimente as pernas, via-se um jovem de maxilar quadrado, olhos muito aproximados do nariz.

– Está em condições de entender-me? – perguntou o homem obeso.

O homem que Vénus ia condenar resmungou.

– Podemos conversar?

Novo resmungo.

– Joe, – disse amavelmente o obeso – dá-me uma toalha.

O jovem esbelto deixou-se escorregar da secretária, dirigiu-se para uma bacia cheia de água que estava a um canto do aposento, e ali empapou uma toalha branca. Sacudiu-a uma vez, voltou displicentemente para a

poltrona, e com a subitaneidade e a ferocidade de um tigre chicoteou com ela o rosto do homem condenado.

– Pelo amor de Deus! – exclamou o Sr. Foster-Davis-Hook.

– Assim é melhor disse o homem obeso. – Eu me chamo Herod. Walter Herod. Advogado.

Aproximou-se da secretária sobre a qual estava o conteúdo dos bolsos do homem que Venus ia condenar, apanhou a carteira e mostrou-lha.

– Seu nome é Warbeck. Marion Perkin Warbeck. Está certo?

O homem condenado olhou para a sua carteira, depois voltou os olhos para

Walter Herod, advogado, e, finalmente, confessou a verdade:

– Sim – disse ele. – Chamo-me, realmente, Warbeck. Mas nunca dou meu primeiro nome a estranhos.

A toalha molhada tornou a chicotear o rosto dele, que se encolheu em sua poltrona, irritado e desconcertado.

– É o bastante, Joe – disse Herod. – Peço-te que não recomeces enquanto eu não te der ordem para isso.

Dirigindo-se a Warbeck, perguntou:

– Por que está tão interessado nos Buchanan?

Esperou uma resposta que não veio, e continuou, muito amavelmente:

– Joe seguiu-o. Tem visitado cinco Buchanan por noite. Trinta, até o presente. Que brincadeirinha é essa?

– Que diabo significa tudo isso? Estamos na Rússia? – perguntou Warbeck, indignado. – O senhor não tem o direito de me raptar assim nem de interrogar-me conforme os métodos caros à M. V. D. Se pensa poder...

– Joe – interrompeu Herod, muito amavelmente. – Quer recomeçar, por favor?

De novo a toalha chicoteou o rosto de Warbeck. Sufocado, furioso e impotente, este desfez-se em lágrimas.

Herod brincava displicentemente com a carteira.

– Segundo seus papéis, o senhor é professor, diretor de um liceu. Eu estava persuadido de que se podia confiar nos professores, como homens honestos. Como foi que se meteu nesta extorsão de herança?

– Que extorsão? – perguntou Warbeck, com voz apenas audível.

– A extorsão da herança – repetiu pacientemente Herod. – Com relação aos herdeiros de Buchanan. Que truque está empregando? Faz brilhar diante deles o interesse pessoal?

– Não compreendo o que quer dizer.

Warbeck endireitou-se em sua poltrona e apontou um dedo na direção do jovem esbelto:

– Quanto ao senhor, não recomece com essa toalha!

– Ele fará o que eu quiser e quando eu quiser – disse, ferozmente Herod. – De resto, quando me apetecer hei de liquidá-lo. Por Deus! O senhor está para pisar nos meus canteiros e eu não gosto disso. Essa coisa me rende 75.000 dólares, mais ou menos, por ano. Não pense que me vou deixar lograr pelo senhor!

Houve um longo silêncio. Finalmente, Warbeck falou:

– Sou um homem instruído – disse ele, lentamente. – Fale-me de Galileu ou dos poetas da Plêiade e sou o seu homem, mas confesso que há algumas lacunas no meu saber e neste momento encontro-me em presença de uma delas. Há, manifestamente, incógnitas demais.

– Mas eu lhe disse meu nome – falou Herod.

Com um gesto designou o jovem esbelto:

– Ele chama-se Joe Davenport.

Warbeck sacudiu a cabeça.

– Incógnitas no senso matemático. Fatores X. A resolução da equação. É a minha instrução que fala neste momento.

Joe pareceu tomado de pavor.

– Senhor Jesus – exclamou ele, sem mover os lábios. Será que este cara é mesmo pancada?

Herod examinou Warbeck com curiosidade.

– Vou por os pontos nos iis – disse ele. – A mamata da herança é uma extorsão a longo prazo. O mecanismo é mais ou menos o seguinte: a História diz que James Buchanan...

– O décimo quinto presidente dos Estados Unidos?

– Em pessoa. A História diz que ele morreu intestado, deixando sua herança a herdeiros desconhecidos. Hoje, com os juros compostos acumulados, essa sucessão vale milhões de dólares. *Morou?*

Warbeck sacudiu a cabeça.

– Eu lhe disse que era instruído – murmurou ele.

– Seja quem for que use o nome Buchanan é um otário para este caso. Uma variante da extorsão do prisioneiro espanhol. Mando-lhes simplesmente uma carta, dizendo-lhes que há possibilidade de que sejam eles um dos herdeiros. Pergunto-lhes se desejam que eu faça um inquérito e que me encarregue da proteção de seus interesses no assunto. Acrescento que não lhes custará senão uma soma anual ínfima a garantia de meus serviços. A maior parte cai. Em todos os recantos do país. E eis que o senhor...

– Espere um instante – exclamou Warbeck. – Penso que posso tirar uma conclusão do que acaba de me dizer. O senhor descobriu que eu estava fazendo um inquérito junto às familias que se chamam Buchanan. Pensou que eu me ia meter nas suas combinações. Que ia cortar-lhe... sim, cortar-lhe o passo?

– Pois bem – perguntou Herod, furioso. – Não é isso que está querendo fazer?

– Oh! Meu Deus! – exclamou Warbeck. – Tinha que acontecer uma coisa destas! A mim! Obrigado, ó meu Deus! Obrigado! Eu vos serei eternamente agradecido.

Em seu fervor e em sua felicidade, voltou-se para Joe.

– Dê-me a toalha – disse ele – atire-a, apenas. Preciso limpar o rosto.

Apanhou a toalha no ar e esponjou alegremente as faces.

– Pois bem – repetiu Herod. – Não é exatamente isso que está querendo fazer?

– Não – respondeu Warbeck. – De forma alguma pretendo cortar-lhe o passo, mas agradeço-lhe seu engano. Pode estar certo de que agradeço. Nem pode imaginar o quanto é lisonjeiro para um professor ser tomado por ladrão.

Deixou sua poltrona, aproximou-se da secretária para retomar sua carteira e os outros objetos que lhe pertenciam.

– Ei! Um instante! – ganiu Herod.

O jovem esbelto estendeu o braço e agarrou o pulso de Warbeck, apertando-o como numa tenaz.

– Por favor, pare com isso – disse o homem que Venus ia condenar, impaciente. – Estão vendo bem que tudo não passou de um ridículo engano.

– Eu lhe direi mais tarde se foi um engano e direi também se foi ridículo – replicou Herod. – Por enquanto vai fazer exatamente o que eu lhe disser.

– É o que o senhor pensa!

Com um movimento violento, Warbeck soltou seu pulso e atingiu os olhos de Joe, de través, com a toalha. Com um pulo só veio colocar-se atrás da secretária. agarrou um pesa-papéis e atirou-o pela janela. As vidraças tombaram com um ruído ensurdecedor.

– Joe! – urrou Herod.

Warbeck fez saltar o receptor do telefone de seu suporte, compôs sobre o quadrante a indicação das informações. Tomou seu isqueiro de sobre a secretária, acendeu-o e deixou-o cair na cesta de papéis. A voz da telefonista fêz vibrar a membrana. Warbeck urrou:

– Quero um agente de polícia!

Depois, com um pontapé, mandou a cesta transformada em tocha para o meio do aposento.

– Joe! – urrou Herod, sapateando sobre os papéis inflamados.

Warbeck riu com escárnio. Apanhou o receptor do telefone, que emitia gargarejos, e colocou a mão sobre o microfone.

– Quer negociar? – indagou.

– Canalha! – resmungou Joe. Tirou a mão dos olhos e deslizou para Warbeck.

– Não! – exclamou Herod. – Este louco furioso berrou para chamar um "tira". É, realmente um homem honesto!

Depois, voltando-se para Warbeck, solicitou:

– Arranjemos esta história! Anule a chamada! Trataremos de indenizá-lo. Peça tudo quanto quiser, mas anule essa chamada!

O homem condenado levou o receptor à orelha, e disse:

– Chamo-me M.P. Warbeck. Estava consultando meu advogado, neste número, quando um idiota qualquer, com um sentido de humor bem fora de propósito, deve ter lançado esse apelo. Não é nada. Não se incomode, e torne a chamar-me, para verificação.

Desligou, acabou de meter nos bolsos seus bens pessoais e piscou para Herod. O telefone tocou. Warbeck agarrou-o, tranqüilizou a polícia, e desligou. Contornou a secretária e deu a Joe as chaves de seu carro.

– Desça até onde está meu carro – disse ele. – Devem saber onde o deixaram. Abra o porta-luvas e traga-me um envelope de papel forte, que encontrará ali!

– Bolas! Vá plantar batatas! – cuspiu Joe.

Seus olhos ainda estavam lacrimejantes.

– Faça o que eu lhe digo – insistiu Warbeck, com firmeza.

– Um instante, Warbeck – disse Herod. – Que vem a ser isso? Uma nova escapatória? Eu lhe disse que o indenizaríamos, mas...

– Quero explicar-lhe por que me interesso pelos Buchanan – replicou Warbeck. Vocês devem ter o que me é preciso para encontrar um certo

Buchanan... o senhor e Joe. Meu Buchanan tem dez anos. Vale cem vezes mais do que sua miragem de alguns milhões de dólares.

Herod olhou para ele, os olhos muito abertos.

– Desce para buscar esse tal envelope, Joe – disse ele. – E aproveita a descida para arranjar essa história da janela quebrada, se alguma história houver.

O homem que Venus ia condenar colocou cuidadosamente o envelope de papel forte sobre os próprios joelhos.

– Um diretor de liceu – explicou ele – tem o dever de vigiar as classes. Deve seguir os trabalhos de seus alunos. Avaliar seus progressos. Resolver seus problemas, e assim por diante. Isso faz-se ao acaso. Tenho setecentos alunos no meu liceu, e, evidentemente, não posso segui-los todos.

Herod confirmou com a cabeça. O rosto de Joe mostrava-se destituído de qualquer expressão.

– Folheando as composições da sexta série, no mês passado, – continuou Warbeck – caiu-me nas mãos um documento espantoso.

Abriu o envelope e dele retirou uma porção de folhas de papel pautado, com borrões esparsos, e cobertas de uma letra aplicada.

– Isto foi escrito por um menino chamado Stuart Buchanan, aluno da sexta série. Deve ter mais ou menos dez anos. O assunto da composição era: *Minhas férias*. Leiam-na, e compreenderão por que é absolutamente necessário que eu encontre de novo Stuart Buchanan.

Atirou as folhas a Herod, que as agarrou no ar, apanhou os óculos de aros de tartaruga e ajustou-os sobre seu grande nariz. Joe aproximou-se das costas da poltrona em que ele estava e olhou por cima do ombro do outro.

Minhas Férias

por Stuart Buchanan

Este verão fui visitar meus amigos. Tenho três amigos e são muito amáveis. De inissio tem Tommy, que mora no campo e é astronomico. Tommy construiu sozinho o telescópio dele com vidro de 15

centímetros que ele mesmo talhiou. Olha as estrelas toda a noite e deixa eu olhar também. Mesmo quando chove rãs…

– Que diabo de história é essa?

– Continuem. Continuem a ler – disse Warbeck.

rãs, podemos olhar para as estrelas porque Tommy fez uma coisa pra por no fim do telescópio, que sobe como um projetor e faz um buraco no céu pra gente ver através da chuva ou de qualquer outra coisa, até nas estrelas.

– Acabaram com a Astronomia? – perguntou Warbeck.

– Não estou compreendendo nada disso.

– Tommy cansou-se de esperar pelas noites claras. Inventou algo que atravessa as nuvens e a atmosfera... um canal de vácuo... de sorte que pode observar através de seu telescópio seja qual for o tempo. Isso equivale a um raio desintegrante.

– Quem é que está caducando aí?

– Não estou caducando, absolutamente. Continuem a ler. Vão ver.

Depois fui na casa de Ana Maria e fiquei lá a semana inteira. Por causa que Ana Maria tem um transformador de espenafes e de tubéculos e de bagens.

– Que diabo vem a ser um transformador de espenafes?

– Espinafres, transformador de espinafres. A ortografia não é o forte de Stuart. os "tubéculos" são tubérculos, e as "bagens", vagens.

... tubéculos e bagens. Quando a mãe dela obriga a gente a comer essas coisas, Ana Maria aperta o botão de seu transformador e eles ficam do mesmo jeito do lado insterior, somente no de dentro fica

bolo, cereja e morango. Perguntei como é que Ana Maria fazia aquilo e ela me disse: Enhv.

– Cada vez entendo menos.

– Entretando, é simples. Ana Maria não gosta de legumes, portanto é tão sutil quanto Tommy, o astrônomo. Transforma os espinafres em bolos de cerejas e morangos. Regala-se com aqueles bolos e Stuart também.

– O senhor está maluco!

– Nada disso. Esses garotos.. São gênios. Gênios? Que digo? Os gênios, ao lado deles, são imbecis. Não há qualificativo para essas crianças.

– Eu não acredito nisso. Este Stuart Buchanan tem uma imaginação transbordante. E chega!

– É o que o senhor pensa. E que me diz de "Enhv"? É graças a isso que Ana Maria transforma a matéria. Levei algum tempo, mas descobri o que quer dizer "Enhv". É a famosa teoria dos *quanta*, de Plank. *E=nhv.* Mas continuem a ler, não viram ainda o mais belo. Esperem para quando chegar a

Ethel, a preguiçosa.

Meu amigo George construe aviões muito bons e pequenos. George é muito desastrado com as mãos mas sabe fazer uns homenzinhos com massa de modelar. Diz o que eles devem fazer e eles construem para ele.

– Perco o meu latim com esta história!

– Trata-se de George, o construtor de modelos de avião.

– Sim, e daí?

– Mas é muito simples. Ele faz andróides em miniatura... robôs que constroem modelos para ele. Um menino inteligente, esse George! Mais leiam as passagens que se referem à irmã dele.

Sua irmã Ethel é a menina mais preguiçosa que eu já vi. É alta e gorda e detesta andar. Por isso, quando a mãe dela manda ela fazer recados, ela pença que está de volta com todos os pacotes e depois tem que se esconder no quarto de George até que dê jeito de dizer que já feiz o caminho de ida e volta. George e eu cassoamos dela por causa que ela é tão gorda e tão preguiçosa, mas ela vai no cinema sem pagar e já viu Hapalong Cassidi dezeseis vezes.

FIM

Herod olhou para Warbeck, com olhos dilatados.

– Um ás, essa pequena Ethel – disse Warbeck. – Preguiçosa demais para caminhar, faz teleportagem. Depois, passa um mau momento, quando precisa dar a impressão de que as coisas correram normalmente. Precisa esconder-se, então, e George e Stuart caçoam dela.

– Teleportagem?

– Sim, foi bem o que eu disse. Ela passa de um lugar para o outro apenas pensando no caminho que deveria fazer.

– Uma coisa dessas é troça! – disse Joe, indignado.

– Era troça até a chegada de Ethel, a preguiçosa.

– Não acredito nisso – falou Herod. – Não acredito uma desgraçada palavra de tudo isso.

– Acha que é apenas excesso de imaginação da parte de Stuart?

– Que pode ser mais?

– E a equação de Plank? $E=nhv$?

– O garoto também inventou isso. É uma simples coincidência.

– Parece-lhe possível?

– Então, leu em algum lugar.

– Um moleque de dez anos? Não pense em tal coisa?

– Digo-lhe que não acredito em nada disso – berrou Herod. – Deixe-me falar com esse tratantezinho durante cinco minutos e provarei o que digo.

– Era exatamente o que eu tinha a intenção de fazer... mas há um impedimento: o garoto desapareceu.

– Que quer dizer com isso?

– Volatilizou-se. Eis por que estou visitando todas as famílias Buchanan na cidade. No dia em que li essa composição mandei chamar Stuart Buchanan, na sexta série, para falar com ele, mas o pequeno havia desaparecido. Ninguém mais o viu depois disso.

– E a família dele?

– A família desapareceu com ele.

Warbeck inclinou-se para a frente, tenso.

– Ouçam bem: todos os documentos concernentes aquele aluno e a sua família desapareceram. Tudo se volatilizou. Algumas pessoas tem lembrança vaga dele, mas é tudo. Desapareceram.

– Senhor Jesus! – exclamou Joe. – Derreteram, todos?

– Exatamente. Derreteram. Obrigado, Joe.

Warbeck piscou para Herod.

– Que situação! Há uma criança que se liga afetivamente com outras crianças que são gênios. Fazem descobertas fantásticas com finalidades infantis. Ethel teleporta porque é preguiçosa demais para fazer recados. George fabrica robôs que constroem para ele modelos de aviões. Ana Maria transforma alimentos, pelo fato de detestar espinafres. Só Deus sabe o que farão os outros amigos de Stuart. Talvez exista um Mathieu que tenha inventado a máquina que faz recuar o tempo, a fim de fazer seus deveres escolares em casa, com toda tranqüilidade.

A mão de Herod fêz um débil gesto negativo.

– Por que, subitamente, tantos gênios? Que se passou, então?

– Não sei dizer nada a esse respeito. Radiações atômicas? Água potável fluorada? Antibióticos? Vitaminas? Hoje em dia fazemos malabarismos de

tal monta que a química orgânica... Quem pode saber exatamente o que se passa? Eu gostaria bem de descobrir, mas não o consigo. Stuart Buchanan tagarelou como um garoto. Quando comecei meu inquérito, ele assustou-se e desapareceu.

– Também ele é um gênio?

– Muito provavelmente. Sabem bem como são os garotos. Geralmente fazem camaradagem com os outros garotos que tem suas mesmas idéias e sentem-se atraídos por coisas idênticas às que os atraem.

– Mas que espécie de gênio seria ele? Qual é o seu talento particular?

– Ignoro-o. Tudo quanto sei é que ele desapareceu. Apagou sua pista, destruiu todos os papéis que poderiam ajudar-me a encontrá-lo. E, simplesmente, volatilizou-se.

– Como pode ele ter acesso ao seu fichário?

– Até agora pergunto isso a mim mesmo.

– E se o moleque fizesse o papel de tunante, e fosse especialista em quebra-quebra e anarquismo?

Herod teve um sorriso desmaiado:

– Um gênio em extorsões? Um cérebro-mestre? Um Fantomas bebê?

– Pode bem ser que ele fosse um ladrão genial, mas não se deixem influenciar pela sua fuga. Todos os garotos escapam quando tem de enfrentar uma crise. Ou então desejam que a coisa jamais tivesse acontecido ou fazem votos pare se verem a milhares de quilômetros de distância do local. É possível que Stuart Buchanan esteja a milhões de quilômetros, mas precisamos, absolutamente, encontrá-lo.

– Só pra saber se o moleque é gira? – perguntou Joe.

– Não. Para encontrar os amiguinhos dele. Será preciso que eu faça um desenho para que compreendam? Quanto pagaria o exército por um raio desintegrador? Qual seria o valor de um transformador de alimentos? Se fossemos capazes de fabricar robôs vivos, que riquezas acumularíamos? Se conseguissemos fazer teleportagens, que poder uma coisa dessas nos iria dar?

Houve um silêncio sufocante, depois Herod levantou-se:

– Sr. Warbeck – disse ele – cara de que temos nós, eu e o Joe? De cretinos acabados. Agradeço-lhe a sociedade que nos dá em sua mamata. Não irá arrepender-se, com certeza. Encontraremos o moleque.

É impossível, para quem quer que seja, desaparecer sem deixar o menor traço... mesmo em se tratando de um gênio do crime em potencial. Às vezes é difícil encontrar esse traço... mesmo em se tratando de um especialista em desaparições súbitas. Mas existe uma técnica profissional que os amadores ignoram.

– O senhor cometeu, simplesmente, equívoco sobre equívoco, – explicou Herod, muito amavelmente, ao homem condenado – quando se pos a perseguir Buchanan atrás de Buchanan. Há sutilizas nas procuras desse gênero. Nunca se deve correr atrás de um desaparecido. O necessário é retraçar a pista, para encontrar algo que ele tenha omitido.

– Um gênio nada omitiria.

– Admitamos que esse garoto seja um gênio, um prodígio, um tipo ainda indeterminado. Cencedamos-lhe todos os dons que o senhor quiser, mas um garoto é um garoto, e com certeza omitiria alguma coisa. E essa alguma coisa nós a descobriremos.

Em três dias Warbeck fez conhecimentos com os aspectos mais surpreendentes das buscas daquela natureza. Consultaram a agência do correio de Washington Heights, acerca da família Buchanan que tinha vivido naquele bairro e depois se mudara. Os Buchanan teriam deixado um endereço para remessa da correspondência? Não!

Verificaram as listas eleitorais. Todos os eleitores estão inscritos em seu distrito eleitoral. Se um eleitor se muda de um distrito para o outro, geralmente faz-se o necessário para modificar a lista naquele sentido. Havia algum vestígio de tal modificação, tratando-se dos Buchanan? Não!

Passaram pelo escritório da Companhia de Eletricidade e Gás de Washington Heights. Todos os usuários do gás ou da eletricidade devem

mandar transferir suas contas, em caso de mudança. Se deixam a cidade, pedem, geralmente, o reembolso de suas cauções. Havia algum vestígio de tal operação, para um usuário que se chamava Buchanan? Não!

Há uma lei do Estado pela qual todo motorista deve anotar no Escritório do Trânsito (Serviço de Licença para Guiar) qualquer mudança de endereço, para evitar penalidades que impliquem em multa, prisão ou coisa ainda pior. Havia algum avido de mudança de enderêço de um certo Buchanan, no Escritório de Trânsito? Não!

Interrogaram a Agência Imobiliária R. J., proprietária e exploradora de um prédio de aluguel em Washington Heights, onde um indivíduo chamado Buchanan tinha sido locatário de um apartamento de quatro peças. O contrato de arrendamento da Agência R. J. exigia, como acontece com a maior parte das firmas desse gênero, os nomes e endereços de dois fiadores da moralidade do locatário. Seria possível ver essas fianças? Não! Não havia contrato algum com aquele nome nos arquivos da agência.

– Pode ser que Joe tenha razão – lamentava-se Warbeck, no escritório de Herod. – Pode ser que esse garoto seja, verdadeiramente, um gênio do crime. Como poderia ele apoderar-se de todos esses documentos? Subornando os empregados? Terá roubado os documentos? Utilizou ameaças? Como pode fazer tal coisa?

– Havemos de perguntar-lhe, assim que lhe tivermos posto a mão em cima – disse Herod, com ferocidade. – Muito bem. Até este momento aquele bendito moleque nos vem pregando grandes peças. Não esqueceu uma só astúcia. Mas resta ainda um truque que eu tinha de reserva. Vamos ser o porteiro do prédio onde ele morava.

– Ja' o interroguei, há meses – objetou Warbeck. – Lembra-se vagamente da família Buchanan, e é tudo. Ignora para onde aquela gente foi.

– Ele deve saber mais alguma coisa, alguma coisa que o garoto não se tenha lembrado de esconder, com certeza. Vamos até lá!

Foram para Washington Heights e encontraram o Sr. Jacob Rysdale jantando em seu cubículo, no subsolo do imóvel. O Sr. Rysdale não tinha

vontade alguma de abandonar o seu cozido, mas a vista de uma nota de cinco dólares levou-o a mudar de opinião.

– É a propósito da família Buchanan... – começou Herod.

– Eu já disse a ele o que sabia – interrompeu Rysdale, designando Warbeck.

– Está bem. Mas ele esqueceu-se, provavelmente, de fazer-lhe uma pergunta. Dá licença que eu a faça agora?

Rysdale dirigiu uma olhadela para a nota de cinco dólares e respondeu com um aceno afirmativo.

– Quando alguém se muda para um prédio como este, ou dele sai, o porteiro, geralmente, toma nota do nome da empresa de mudanças, para a eventualidade de danos no prédio. Faz isso para proteger-se, no caso de que haja necessidade de processo para indenizações. Não é exato?

O rosto de Rysdale iluminou-se.

– Com mil diabos! – exclamou ele. – É exato, sim. Eu tinha esquecido isso, completamente. Aquele ali nunca me perguntou tal coisa.

– Ele não sabia do costume. O senhor tem o nome da empresa que fêz a mudança dos Buchanan?

Rysdale precipitou-se para uma prateleira cheia de livros, que ficava do outro lado do aposento. Dali retirou uma agenda muito sovada, e abriu-a. Molhou o dedo e folheou a agenda.

– Ah! Aqui está – exclamou ele. – Sociedade de Mudanças Avon. Caminhão nº G-4.

Na Sociedade de Mudanças Avon não havia o menor vestígio de jamais terem feito a mudança da família Buchanan, de Washington Heights.

– O garoto tomou, realmente, todas as precauções – murmurou Herod.

Mas existia um registro dos homens que tinham trabalhado com o caminhão G-4, naquele dia. Os inquiridores interrogaram aqueles homens quando eles vieram marcar o ponto, ao fim do dia de trabalho. Uísque e

dinheiro depressa refrescaram-lhes a memória. Lembraram-se, vagamente, do gorducho de Washington Heights. Ele os retivera o dia inteiro, pois precisavam entregar os móveis "onde Judas perdeu as botas", em Brooklyn.

– Meu Deus! Brooklyn! – murmurou Warbeck.

Que endereço, em Brooklyn? Lá para *Maple Park Row*. Número? Impossível recordar o número.

– Joe, vai comprar uma planta da cidade.

Estudaram a planta das ruas do Brooklyn e encontraram *Maple Park Row*. Era, realmente, "onde Judas perdeu as botas", e fora de toda a circulação. Tinha doze quarteirões de casa, de comprimento.

– E são bem aqueles desgraçados quarteirões de Brooklyn – resmungou Joe. – O dobro de tamanho do que em qualquer outro lugar. Eu sei.

Herod levantou os ombros.

– Estamos esquentando – disse ele. – O resto será simplesmente trabalho para nossas pernas. Quatro quarteirões para cada um. Verifiquem cada prédio, cada apartamento. Peçam recenseamento de todos os garotos de mais ou menos dez anos. A seguir, Warbeck poderá controlar se eles estão vivendo sob um nome falso.

– Há um milhar de garotos em cada centímetro quadrado de Brooklyn!

– Há um milhão de dólares por dia, que receberemos se ele for encontrado. E, agora, pernas para que vos quero.

Maple Park Row era uma rua comprida e sinuosa, margeada de prédios de aluguel com cinco andares. Suas calçadas estavam guarnecidas com carrinhos de criança e com anciãs sentadas em cadeiras dobradiças. A borda das calçadas mostrava-se negra de veículos estacionados. As sarjetas formavam terrenos improvisados de basebol, e as linhas traçadas com giz faziam retângulos estranhos. Cada coberta de esgôto era um alvo.

– É igualzinho a Bronx – disse Joe, com um vestígio de nostalgia na voz. – Já faz dez anos que eu não vou mais à minha casa, em Bronx.

Desceu tristemente a rua, dirigindo-se para o seu setor, metendo-se entre os garotos que jogavam basebol, com aquele hábito inconsciente do citadino. Mais tarde, Warbeck deveria lembrar-se com emoção daquela partida, pois Joe Davenport jamais chegou a voltar.

No primeiro dia, Warbeck e Herod pensaram que Joe havia descoberto alguma pista ardente. No segundo dia compreenderam que, fosse qual fosse o calor da pista, não poderia ter retido Joe quarenta e oito horas sobre a grelha. No terceiro dia, tiveram que se render à evidência.

– Ele morreu – disse Herod, calmamente. – O moleque apanhou-o.

– Como?

– Matou-o.

– Um garoto de dex anos? Uma criança?

– O senhor quer saber qual é o género de gênio que possui Stuart Buchanan, não é isso? Pois bem, eu acabo de dizer-lhe.

– Eu não acredito em tal coisa!

– Então, explique-me o que se passou com Joe.

– Ele nos abandonou.

– Ora essa! Não ia fazer isso, com um milhão de dólares por dia em jogo.

– Mas onde está o cadáver?

– Pergunte ao garoto. Deve ter inventado artimanhas capazes de fazerem inveja ao próprio diabo.

– Como foi que ele o matou?

– Pergunte ao garoto. Ele é que é o gênio.

– Herod, estou com medo.

– Também eu. Quer largar tudo?

– Não vejo como poderíamos fazê-lo, agora. Se esse menino é de tal maneira perigoso, precisamos, de qualquer forma, encontrá-lo.

– Virtude cívica? Não é?

– Se acha que é isso, pode dar-lhe esse nome.

– Pois bem, eu continuo a pensar no dinheiro.

Voltaram para *Maple Park Row* e ocuparam-se do setor de quatro quarteirões que tinha sido atribuído ao Joe. Eram prudentes em seus gestos, quase furtivos. Separaram-se e começaram seu inquérito, cada qual na ponta de seu setor, dirigindo-se para o centro, entrando numa casa, subindo as escadas, verificando apartamento por apartamento, depois tornando a descer para recomeçar o mesmo movimento no prédio seguinte. Era trabalho longo, saindo de um prédio sombrio, para entrar num outro. Foi assim que Warbeck viu, pela última vez, Walter Herod.

Warbeck estava sentado em seu carro, e esperava. Warbeck estava sentado em seu carro, e tremia.

– Eu devia ir procurar a polícia – murmurou ele, sabendo perfeitamente que não o poderia fazer. – Esse menino possui uma arma. Algo que ele terá inventado. Algo de ridículo, como os outros. Uma luz especial, que lhe permite fogar bolas de gude no escuro. Somente acontece que ela também mata os homens. Inventou um bando de *gangsters-robots* para brincar de soldado e ladrão, e eles se encarregaram de Joe e de Herod. É uma criança prodígio. Perigosa. Mortal. Que farei?

O homem que Venus ia condenar saiu de seu carro e desceu a rua tropeçando, dirigindo-se para a metade do setor que pertencia a Herod.

– Que se passará – pensa ele – quando Stuart Buchanan se fizer adulto? Que se passará quando todos os outros se fizerem adultos? Tommy e George e Ana Maria, e Ethel, a mandriona? Por que não fugir, agora? Que estou eu ainda fazendo por aqui?

O crepúsculo descia sobre *Maple Park Row*. As anciãs se haviam retirado, dobrando suas cadeiras como os árabes suas tendas. Os carros estacionados continuavam ali. As partidas de basebol tinham terminado, mas algumas brincadeiras se organizavam à luz das lâmpadas...

brinquedos com tampas de garrafas de água mineral, com cartas de marcação de basebol, com moedas amassadas... Em cima, a reverberação arroxeada da cidade tornava-se mais densa, e através dela era possível ver a cintilição de Venus, que substituía o sol, no firmamento.

– Ele deve ter conhecimento de seu poderio – engrolava Warbeck, furioso. – Ele deve saber o quanto é perigoso. Por isso, esconde-se. O sentimento de culpabilidade. Eis por que nos destrói, um por um, sorrindo consigo mesmo, criança astuciosa, gênio vicioso, gênio assassino...

Warbeck estacou em pleno centro de *Maple Park Row*.

– Buchanan! – exclamou ele. – Stuart Buchanan!

Os garotos que estavam perto dele pararam com seus brinquedos e olharam-no estupefatos.

– Stuart Buchanan! – a voz de Warbeck estalou, no limite de uma crise de nervos. – Estás me ouvindo?

Sua voz furiosa foi ter além do comprimento da rua. Os brinquedos cessaram... todas as outras espécies de brinquedos.

– Buchanan! – urrou, ainda, Warbeck. – Stuart Buchanan! Sai de onde estás! Sai, não importa de onde, sai de onde estás!

A gente da rua estava imóvel, em suspenso.

Na travessa, entre os números 217 e 219 de *Maple Park Row*, brincando de esconde-esconde atrás dos caixotes e escondeu-se ainda mais. Tinha dez anos. Usava blusão de lã, macacão azul e alpercatas. Estava tenso, e disposto a não se deixar apanhar de novo. Ia esconder-se até que pudesse precipitar-se para o pique. Enquanto se instalava mais confortavelmente entre os caixotes, viu Venus cintilar a oeste, no céu.

– Estrela da bonança... estrela da esperança – murmurou ele, com toda a inocência. – Primeira estrela a brilhar, primeiro voto a se realizar. Bela estrela, que és a primeira que esta tarde eu vejo, realiza meu desejo.

Interrompeu-se, e refletiu. Depois, formulou seu anelo.

– Que Deus nos abençoe, a papai, mamãe e a mim, assim como a todos os meus amigos, e que ele faça que eu seja sempre um bom menino, e faze o favor, estrela, permite que eu seja sempre feliz. Desejo que todos quantos queiram me aborrecer vão embora.. vão embora para bem longe... e me deixem sossegado para sempre.

No meio de *Maple Park Row*, Marion Perkin Warbeck adiantou-se e retomou o fôlego, preparando-se para soltar de novo um grito frenético. Depois, bruscamente, viu-se *alhures*, caminhando por uma estrada que era bem longa. Tratava-se de uma estrada branca, bem reta, cortando indefinidamente a noite, estendendo-se e estendendo-se pela eternidade. Uma estrada triste, solitária, sem fim, seguindo, seguindo...

Warbeck caminhava penosamente ao longo daquela estrada, autômato surpreendente, incapaz de estacar, incapaz de pensar naquele infinito fora do tempo. Caminhava a caminhava cada vez mais, incapaz de fazer meia volta. Diante dele viu pontos ínfimos de vultos apanhados de emboscada naquela estrada que corria num só sentido, e que levava à eternidade. Havia ali um ponto que devia ser Herod. Diante de Herod havia outro ponto, menor, que devia ser Joe Davenport. E diante de Joe ele podia distinguir uma longa cadeia de pontos que se tornavam cada vez menores, infinitamente pequenos. Fazendo um esforço considerável, conseguiu voltar-se uma vez e olhar por sobre o próprio ombro. Atrás dele, perturbado e longínquo, um vulto avançava penosamente, e atrás daquele um outro materializou-se bruscamente, e um outro e um outro...

Enquanto isso acontecia, Stuart Buchanan escondia-se atrás dos caixotes de lixo, esperando o "Pronto!" de seu amiguinho, e não tinha a menor ideia de que acabava de liquidar Warbeck. Não tinha a menor ideia de que liquidara

Herod, Joe Davenport e dezenas de outros. Não tinha a menor ideia de que tinha levado seus pais a fugirem de Washington Heights, que destruíra papéis e documentos, lembranças e pessoas, pelo seu simples desejo de que o deixassem em paz. Não tinha a menor ideia de que era um prodígio.

Possuía o dom de fazer realizar o seus desejos.

A DAMA OU O TIGRE? - Frank Stockton

Em tempos remotos, vivia um rei semi-bárbaro, cujas idéias, embora tornadas um tanto brilhantes e sutis pelo progresso dos seus distantes vizinhos latinos, eram ainda opulentas, floridas e arbitrárias, como convinha à metade bárbara da sua natureza.

Era um homem de imaginação exuberante. Além disso, de uma autoridade tão irresistível que, a um simples desejo seu, transmudava em realidade as suas variadas fantasias. Era grandemente dado à auto-determinação: quando entrava em acordo consigo mesmo sobre uma coisa qualquer, essa coisa se podia considerar realizada. Quando todos os membros dos seus sistemas domésticos e políticos se moviam maciamente no rumo indicado, a sua natureza era branda e alegre; mas se acaso surgisse um pequeno impedimento, e um ou outro dos elementos desses sistemas desgarrassem das suas órbitas, ele ainda ficava mais brando e alegre, pois nada lhe agradava mais do que endireitar o que estava torto e destruir qualquer irregularidade.

Dentre as noções importadas, pelas quais o seu barbarismo se havia reduzido à metade, contava-se a arena pública, onde, pelas exibições da valentia humana e animal, os espíritos dos seus vassalos eram aperfeiçoados e cultivados. Mas ainda aqui a fantasia exuberante e bárbara afirmava-se.

A arena do rei fora construída, não para dar ao povo uma oportunidade de ouvir as rapsódias de gladiadores moribundos, nem para habilitá-los a ver o inevitável desfecho de um conflito entre opiniões religiosas e fauces famintas, mas com propósitos muito mais aptos a alargar e desenvolver as energias mentais do povo. Esse vasto anfiteatro, com suas galerias circulares, suas misteriosas abóbadas e suas passagens secretas, constituía

um agente de poética justiça, onde o crime era punido ou a virtude recompensada, pelos decretos de uma imparcialidade e incorruptível fortuna.

Quando um vassalo era acusado de um crime de importância tal que pudesse interessar o rei, baixava-se um aviso público, designando o dia em que o destino da pessoa acusada seria decidido na arena do rei. Era uma construção que bem merecia este nome. Embora a sua forma e a sua planta tivessem sido importadas do estrangeiro, o fim a que era destinada provinha unicamente do cérebro desse homem, que não conhecia tradição a que devesse maior lealdade do que agradar a sua fantasia, e que imprimia a cada forma alienígena do pensamento e da ação humana o rico vigor de seu bárbaro idealismo.

Quando todo o povo se encontrava reunido nas galerias, o rei, rodeado pela sua corte, depois de se sentar no seu alto trono, dava um sinal, e uma porta abaixo dele se abria, saindo dela para o anfiteatro o súdito acusado. Diretamente em oposição a ele, no outro lado do espaço fechado, havia duas portas exatamente iguais, colocadas lado a lado. Era dever e privilégio do indivíduo em julgamento caminhar diretamente para essas portas e abrir uma delas. Ele poderia abrir a porta que lhe agradasse; não estava sujeito a nenhuma orientação ou influência, à exceção da própria sorte, imparcial e incorruptível.

Se abrisse uma, sairia dela um tigre faminto, o mais feroz e cruel que tivesse sido encontrado, o qual imediatamente saltaria sobre ele e o faria em pedaços, como punição pela sua falta. No momento em que o caso do criminoso assim se decidia, dolentes sinos ressoavam, grandes lamentos eram lançados por indivíduos alugados para esse fim e colocados nas bordas exteriores da arena. E aquela enorme multidão, de cabeças inclinadas e coração abatido, tomava vagarosamente o caminho de suas casas, lamentando grandemente que uma pessoa tão jovem e bela, ou tão velha e respeitada, tivesse merecido tão horrível destino.

Mas se a pessoa acusada abrisse a outra porta, sairia dela uma dama, a mais adequada à sua idade e condição, que pudesse ter sido escolhida por Sua Majestade entre as suas belas vassalas; e com essa dama ele iria imediatamente se casar, como recompensa de sua inocência. Não importava que ele já possuísse mulher e filhos, ou que seu coração se houvesse comprometido com outra de sua própria escolha: o rei não

consentia que tais obrigações viessem a interferir no seu grande plano de retribuição e recompensa.

Como no outro caso, esses atos tinham lugar imediatamente, ainda na própria arena: uma outra porta se abria abaixo do rei, e um sacerdote, seguido por um bando de coristas e de bailarinas, modulando epitalâmios em cornetas douradas, avançava até o lugar onde se achava o par; e o casamento era pronta e alegremente celebrado. Então os festivos sinos de bronze repicavam alegremente, o povo lançava brados de contentamento, e o homem inocente, precedido por crianças que espalhavam flores no seu caminho, conduzia a noiva para a sua casa.
Ora o tigre saía de uma porta, ora de outra. O criminoso não podia saber de que porta sairia a dama. Abriria a que lhe agradasse, sem a menor idéia do que lhe estava reservado para aquele instante mesmo: se iria ser devorado ou casado. Era esse o método semi-bárbaro a que o monarca recorria para administrar justiça. A perfeita retidão do método é evidente.

As decisões desse tribunal eram não somente honestas, mas concretamente executadas: o acusado via-se instantaneamente punido, quando culpado; quando inocente, era recompensado no ato, quer quisesse, quer não. Não havia como escapar aos julgamentos da arena do rei.

A instituição era verdadeiramente popular. Quando o povo se reunia num dos grandes dias de julgamento, nunca sabia se iria testemunhar uma morte sangrenta ou um festivo casamento. Esse elemento de incertezas emprestava à ocasião um interesse que de outro modo não poderia ser atingido. Assim, divertia-se a massa, e a parte pensante da comunidade não poderia acusar o sistema de iníquo; pois não tinha o acusado o julgamento nas suas próprias mãos?

Esse rei semi-bárbaro possuía uma filha, tão bela como as suas mais esplêndidas fantasias, e com uma alma tão ardente e imperiosa como a sua própria. Como acontece em tais casos, ela era a menina dos seus olhos, e ele a amava acima de toda a humanidade. Entre os seus cortesãos havia um jovem com aquela pureza de sangue e vileza de condições, comuns aos heróis de romance que amam as donzelas reais. Essa donzela real estava bem satisfeita com o seu amado, porque ele era belo e bravo, num grau

não ultrapassado em todo o reino; e ela o amava com um ardor que possuía o barbarismo suficiente para fazê-lo excessivamente ardente e forte.

O amor desses dois jovens transcorreu feliz durante muitos meses, até o dia em que o acaso levou o rei a descobrir a sua existência. E não hesitou quanto ao que lhe cumpria fazer. O jovem foi imediatamente lançado na prisão, e marcou-se o dia para o seu julgamento na arena do rei. Naturalmente, essa era uma ocasião especialmente importante, e Sua Majestade, assim como todo o povo, estava grandemente interessado no desenvolvimento dessa prova. Jamais ocorrera caso semelhante; jamais havia um súdito ousado amar a filha dum rei. Nos anos posteriores tais coisas tornaram-se bastante comuns, mas então elas constituíam uma espantosa novidade.

As jaulas de tigres do rei foram vistoriadas, a fim de se selecionar o monstro mais feroz para ser levado à arena. E todas as categorias de virgens jovens e belas foram cuidadosamente inspecionadas por juízes competentes, de modo a que o jovem pudesse ter uma noiva conveniente, no caso de a fortuna não lhe reservar diferente destino.

Naturalmente, todos sabiam que ato lhe era imputado: havia-se enamorado da princesa, e nem ele nem ela, ou quem quer que fosse, pensava jamais em negar esse fato. Mas o rei não permitiria que uma circunstância como essa fosse interferir nos trabalhos do tribunal, dos quais ele tirava tão grande deleite e satisfação. Não importava como o fato se processara, o jovem iria privar-se desse amor; e o rei tomaria um prazer estético em observar o curso dos acontecimentos, que determinavam se o moço tinha cometido um erro ou não, ao permitir-se amar a princesa real.

O dia designado chegou. Proveniente de longe e de perto, o povo foi-se reunindo e comprimindo nas grandes galerias da arena; e multidões, impossibilitadas de entrar, amontoavam-se contra as paredes exteriores. O rei e a sua corte achavam-se nos seus lugares, em oposição às portas gêmeas — aquelas portas fatídicas, tão terríveis na sua similitude.

Tudo estava pronto. O sinal foi dado. Uma porta por baixo da bancada real abriu-se, e o namorado da princesa apareceu na arena. Alto, belo, elegante, o seu aparecimento foi saudado com um surdo cochichar de admiração e

ansiedade. Metade da assistência não sabia que um tão magnífico jovem pudesse viver entre eles. Não era de admirar que a princesa o amasse! Que terrível situação a dele!

Quando o jovem avançou dentro da arena, voltou-se, como era o costume, para reverenciar o rei; mas ele não pensava absolutamente naquele personagem real; seus olhos estavam fixos na princesa, sentada à direita de seu pai. Não fosse pela metade de barbarismo que entrava na sua natureza, é provável que aquela dama não estivesse ali; mas sua alma intensa e ardente não lhe permitira subtrair-se a um espetáculo que tão terrivelmente lhe interessava.

Desde o momento em que fora divulgado o decreto, segundo o qual seu amado decidiria o próprio destino na arena do rei, ela não tinha pensado em mais nada, noite e dia, senão nesse grande acontecimento e nos vários assuntos com ele relacionados. Possuindo mais poder, influência e força de caráter do que qualquer outra pessoa interessada no caso, ela tinha feito aquilo que nenhuma outra pessoa conseguira: havia-se apossado do segredo das portas. Sabia em qual dos dois compartimentos, que ficavam por detrás daquelas portas, se achava a jaula do tigre, e em qual deles a dama esperava. Através daquelas espessas portas, pesadamente forradas com peles pelo lado de dentro, era impossível que algum ruído denunciador chegasse aos ouvidos da pessoa que se aproximasse para levantar a aldrava de uma delas; mas o ouro e poder de vontade de uma mulher tinham entregue esse segredo à princesa.

Não somente ela sabia em que compartimento estava a dama pronta para aparecer, toda ruborizada e radiante, assim que a sua porta se abrisse, como também sabia quem era a dama. Era uma das mais belas e amáveis donzelas da corte, que havia sido escolhida como recompensa para o jovem acusado, caso ele fosse julgado inocente. E a princesa a odiava. Muitas vezes ela tinha visto, ou imaginado ver, aquela bela criatura lançando olhares de admiração sobre a pessoa do seu amado, e às vezes pensava que esses olhares eram percebidos e até retribuídos. Uma ou outra vez, ela os tinha visto conversando. Conversas que haviam durado apenas um momento, porém muita coisa pode ser dita num breve espaço de tempo. Talvez eles se houvessem ocupado de assuntos de pouca importância, mas como poderia ela sabê-lo? A jovem era adorável, mas tinha ousado levantar os olhos para o amado de uma princesa; e com toda

a intensidade do sangue selvagem transmitido através de longas linhagens de ancestrais inteiramente bárbaros, ela odiava a mulher que corava e tremia atrás daquela porta silenciosa.

Quando se voltou para ela e a viu sentada, com a face mais pálida do que qualquer outra no vasto oceano de fisionomias ansiosas que o rodeavam, ele sentiu ao encontrarem-se os seus olhares, pelo poder de rápida percepção que é dado a todos aqueles cujas almas se acham fundidas numa só, que ela sabia atrás de que porta se achava o tigre e atrás de qual delas se encontrava a dama. Ele havia esperado que ela tivesse conseguido saber isso. Compreendia-lhe a natureza, e estava seguro de que ela nunca descansaria, até que se houvesse esclarecido sobre essa coisa que permanecia ignorada de todos os outros espectadores, até do rei. A única esperança que tinha o jovem, de agir de maneira certa e segura, era baseada no bom êxito da princesa em descobrir o mistério; e no momento em que a fitava, percebeu que ela tinha obtido o êxito que ele tanto lhe almejara.

Quando seu rápido e ansioso olhar formulou a pergunta “qual?”, foi para ela tão claro como se, do lugar onde se achava, ele houvesse feito a pergunta em alta voz. Não havia um instante a perder. A pergunta fora feita num relâmpago; deveria ser respondida num outro.

O braço direito da princesa repousava sobre o parapeito almofadado que se estendia à sua frente. Ela levantou a mão, e fez um leve e rápido movimento para a direita. Ninguém, a não ser seu amado, viu esse gesto. Todos os olhos, a não ser os dele, estavam fixos no homem que se encontrava no centro da arena.

Ele voltou-se, e com passo firme e rápido atravessou o espaço vazio. Todos os corações pararam de bater, toda respiração foi suspensa. Sem a menor hesitação, ele dirigiu-se à porta da direita, e abriu-a.

A questão, agora, é esta: Foi o tigre que saiu daquela porta? Ou foi a dama?

Quanto mais refletimos sobre a questão, tanto mais difícil se torna o responder. Ela envolve um estudo do coração humano, que nos conduz através os mais extraviados labirintos de paixões, fora dos quais é difícil

achar um caminho. Pense nela, honrado leitor, não como se a resposta à questão dependesse de você mesmo, mas daquela princesa de sangue ardente e semi-bárbara, com a alma aquecida ao branco, sob os fogos combinados do desespero e do ciúme. Ela o tinha perdido. Mas quem o possuiria?

Quantas vezes, nas suas horas de vigília e nos seus sonhos, tinha ela estremecido de desenfreado horror, e havia coberto a face com as mãos, quando pensava no seu amado abrindo a porta, do outro lado da qual o esperavam as garras cruéis do tigre!
Mas vezes sem conta ela o tinha visto na outra porta! Nos seus mortificantes devaneios, tinha rangido os dentes e arrancado os cabelos, ao ver o tremor de arrebatadora satisfação que se apossava dele, quando abria a porta da dama! Como a sua alma ardera na agonia, ao vê-lo lançar-se ao encontro daquela mulher, que ostentava uma face ruborizada e um fascinante olhar de triunfo; ao vê-lo conduzindo-a para fora, com todo o seu corpo abrasado na alegria da vida recuperada; ao ouvir os brados alegres da multidão e o desenfreado e festivo repicar dos sinos; ao ver o sacerdote, com sua alegre comitiva, avançando até onde se achava o par, para fazê-los marido e mulher diante dos seus próprios olhos; e ao vê-los afastarem-se, juntos, pisando o seu caminho de flores, acompanhados pelos tremendos brados da alegre multidão, onde um único grito de desespero — o dela — ficara perdido e afogado!

E aquele terrível tigre, aqueles gritos, aquele sangue! Não seria melhor que ele morresse de uma vez, e que fosse esperar por ela nas bem-aventuradas regiões da sua semi-bárbara vida futura?

A sua decisão tinha sido tomada depois de dias e noites de angustiosa deliberação. Sabia que ele lhe faria aquela pergunta, e tinha decidido o que lhe responderia. Sem a mais leve hesitação, havia movido a sua mão para a direita.
A decisão constitui um ponto que não deve ser levianamente considerado; e eu não me julgo a pessoa capaz de responder à questão. Assim, deixo-a para você, leitor: quem saiu da porta aberta — a dama ou o tigre?

BEAUDOIN À LA HACHE - Alexandre Dumas

Beaudoin o Calvo, conde das Flandres, fez cercar Bruges de muralhas e construiu nelas quatro portões. Beaudoin o Jovem aí estabeleceu as feiras e concedeu grandes privilégios aos mercadores. Beaudoin da Bela Barba completou as muralhas e instituiu para administrar a cidade treze fiscais de preços e vários outros conselheiros, que escolheu na burguesia e nos grandes e pequenos ofícios.
Depois veio Beaudoin à la Hache, ou Balduíno do Machado, assim denominado porque tinha o hábito de servir-se, em vez da espada, de um machado pesando quinze quilos. Era um severo justiceiro esse conde. A reforma de quase todos os abusos e a punição de todos os crimes datam de seus dias. Relatarei dois exemplos da maneira como fazia justiça.

Três mercadores de jóias e perfumes, que pelas roupas podiam ser reconhecidos como orientais, dirigiam-se, no ano de 1112, a uma feira que devia ter lugar em Thourout, e pousaram no Hotel da Cruz de Ouro. Sucedeu que no mesmo hotel estava hospedado, com alguns de seus amigos, o Sr. Henry de Calloo, um dos mais ricos e nobres senhores do País de Gales, o qual precisamente acabara de perder no jogo somas enormes. Por mais rico que fosse, não sabia como pagá-las. Vendo os mercadores e suas esplêndidas mercadorias, o demônio o tentou, e veio-lhe a idéia fatal de apoderar-se de suas jóias e dinheiro.

Antes de partir, os mercadores enviaram na frente servidores com o encargo de lhes prepararem os alojamentos. Pensando que não tinham nada a temer, deixaram Bruges duas horas após seus mensageiros.

Henry de Calloo e seus amigos deixaram que eles tomassem a dianteira. Então, alcançando-os no momento em que atravessavam um bosque, caíram sobre eles e os assassinaram. Tendo conduzido os cadáveres à parte mais densa do bosque, apoderaram-se de todo o ouro e jóias que os infelizes mercadores tinham consigo.
Entretanto, os servidores, depois de terem tudo preparado para a chegada de seus senhores, vieram aguardá-los na porta da cidade. Como o tempo corria e os mercadores não chegavam, começaram a preocupar-se, e viram então chegar Henry de Calloo com seus companheiros. Saíram imediatamente ao seu encontro, para lhes perguntar se, posto que dispunham de tão boas montarias, não tinham encontrado e ultrapassado seus senhores. Mas os flamengos responderam, com um ar perfeitamente natural, que não compreendiam essa pergunta, visto que os mercadores, tendo partido de Bruges bem na frente deles, já deveriam ter chegado a Thourout àquela hora.

Essa resposta redobrou os temores dos criados, que a partir daí se separaram. Três ficaram na porta da cidade e três voltaram pelo caminho de Bruges. Chegados ao bosque, viram a terra manchada de sangue. Seguiram o rastro, e após alguns passos dentro do bosque encontraram os três cadáveres. Então, sem perder um instante, sem mesmo fazê-los transportar, foram correndo a Wynendaele, onde estava o conde, para denunciar o crime e pedir-lhe vingança.

Beaudoin ouviu-os com a atenção e a gravidade que exigia semelhante denúncia. Quando terminaram o relato e o conde lhes tinha feito detalhar todas as circunstâncias, perguntou-lhes se não tinham alguma suspeita sobre quais seriam os autores do assassinato. Os pobres servidores entreolharam-se, tremendo e sem ousar responder. Mas interrogados novamente pelo conde de maneira mais premente, responderam que as únicas pessoas sobre as quais podiam recair suas suspeitas, se lhes era dado ousar suspeitar de poderosos senhores, eram Henry de Calloo e seus dois companheiros.

A acusação era tanto mais grave quanto atingia personagens dos mais elevados. Beaudoin então ordenou que os denunciantes fossem mantidos sob vigilância num castelo, enquanto ia sozinho a Thourout. Com efeito, mandou selar seu cavalo, e sem dizer a ninguém para onde ia nem permitir que ninguém o acompanhasse, partiu a galope. De resto, como era habitual

vê-lo fazer essas expedições solitárias, e contanto que levasse seu machado, ninguém se preocupava. Seus criados viram-no afastar-se ao longe, dizendo entre si:

— Bem, amanhã ouviremos contar alguma coisa de novo.

Atravessando a grande praça de Thourout, Beaudoin notou um grande ajuntamento de povo, que começava a se dissolver. É que naquele mesmo lugar acabavam de ser executados dois falsários de moedas, de sorte que os caldeirões cheios de azeite fervente, onde haviam sido jogados, estavam ainda lá. Beaudoin, ao passar, ordenou que se reacendesse o fogo sob os caldeirões, a fim de que o azeite se mantivesse num grau de ebulição conveniente, e continuou seu caminho.
Chegando ao albergue onde estavam hospedados Henry de Calloo e seus dois companheiros, fez-se reconhecer pelo hospedeiro, e como eles haviam saído, subiu com este ao quarto. Seus cofres estavam no chão e fechados a chave. O conde mandou romper as fechaduras, e aí encontraram as jóias dos mercadores.
Logo Beaudoin fez prender Henry de Calloo e seus dois cúmplices. Tendo-os feito conduzir à praça pública, onde os aguardava, interrogou-os com tal severidade que, graças às provas que o conde tinha já em mãos, não ousaram sequer por um instante negar seu crime.

Assim que a confissão foi feita, e sem dar-lhes tempo de tomar nenhuma providência, o conde fê-los agarrar, vestidos e armados como estavam, e os fez jogar nos caldeirões, à vista do povo, que teve assim dois espetáculos no mesmo dia.

Um outro dia, Beaudoin acabava de ter a assembléia de seus Estados em Ypres. Como era uma grande cerimônia, e para dar-lhe ainda mais brilho, havia naquele dia armado seis cavaleiros, todos pertencentes às mais nobres famílias das Flandres. Segundo o juramento habitual, estes haviam prometido dar proteção aos fracos, às viúvas e aos órfãos, mediante o que Beaudoin lhes dera a accolade com suas próprias mãos.

Concluída a cerimônia, Beaudoin retornou a seu castelo, acompanhado dos novos cavaleiros que armara. Quando atravessavam a floresta dos seus

domínios, notou os preparativos de uma festa. Detiveram-se um instante, e viram efetivamente chegar um cortejo de camponeses acompanhando um novo casal. Beaudoin avançou até a esposa, e tirando um anel de seu dedo, entregou-o a ela e disse:

— Posto que o acaso conduziu-me pelo vosso caminho, que este acaso seja para vós uma providência. Se tiverdes alguma vez necessidade de mim, enviai-me este anel e pedi minha assistência, ela não vos faltará.

A exemplo dele, cada um dos cavaleiros que o seguia deu um presente à jovem, e a cavalgada senhorial retomou o caminho do castelo.

A oportunidade de usar o anel não se fez esperar. No meio de seu primeiro sono, o conde foi acordado por um de seus escudeiros. Mostrando-lhe o anel, este lhe disse que um camponês ofegante e coberto de pó acabava de trazê-lo da parte da recém-casada da floresta. Beaudoin mandou logo que fosse introduzido o camponês, que era irmão do marido. Relatou que, quando a recém-casada era conduzida à nova residência do casal, fora raptada pelos seis novos cavaleiros. O esposo e seus amigos quiseram opor resistência, mas como estavam sem armas, foram repelidos. Dois ou três camponeses haviam recebido ferimentos bastante graves, tanto que a pobre jovem não teve senão tempo de jogar o anel, gritando ao seu marido: "Leve este anel ao Conde Beaudoin!" Mas o marido, que quis vingar-se por si mesmo, dera o anel ao seu irmão, incumbindo-o da missão. Em seguida, chamando toda a aldeia em seu auxílio, preparou-se para perseguir os raptores.
Beaudoin, não querendo acreditar em tamanha audácia, subiu aos aposentos dos cavaleiros e os encontrou vazios. Interrogou a sentinela, que confirmou que os cavaleiros haviam saído cerca de uma hora e meia antes.
O conde voltou ao pequeno camponês, perguntou-lhe para que lado se tinham dirigido os raptores, e este lhe respondeu que tinham tomado o caminho da Maison Rouge, uma taverna muito mal afamada, situada nos arredores do castelo. Beaudoin não duvidou mais que os culpados estivessem lá. Mandou que dez de seus homens se armassem o mais rapidamente possível e o alcançassem, levando pregos e cordas. Quanto a ele, saltou no primeiro cavalo, com o machado à mão, e dirigiu-se para a taverna suspeita.

Logo que avistou a Maison Rouge, Beaudoin convenceu-se de que não se enganara. O primeiro andar, fortemente iluminado, reboava com gargalhadas, imprecações e blasfêmias, enquanto o andar térreo estava escuro, mudo e solitário. Beaudoin apeou, amarrou seu cavalo a uma das argolas da parede e bateu à porta.

Mas depois da terceira vez, vendo que ninguém vinha atendê-lo, arrombou a porta com um ponta-pé e entrou.

O andar inferior estava solitário e escuro. Guiado pelas vozes que ouvia, Beaudoin subiu a escada e logo achou-se diante da porta do recinto do qual provinha todo o barulho. A chave estava na fechadura, pois os cavaleiros acreditavam estar suficientemente protegidos pelas precauções que tomaram no andar térreo. Beaudoin abriu a porta sem dificuldade, lançou um olhar rápido pelo quarto e viu a jovem fortemente amarrada, enquanto seus raptores jogavam dados para ver a quem ela pertenceria.

A aparição de Beaudoin foi como um raio para os culpados. Lançaram um grito de terror, ao qual a jovem respondeu por um grito de alegria. Pelos olhares que Beaudoin dardejava, viram logo que estariam perdidos se não fugissem o mais depressa possível. Precipitaram-se em direção à escada, mas o conde postou-se diante da porta, com seu machado à mão, ameaçando fender a cabeça do primeiro que fizesse qualquer movimento. Todos permaneceram imóveis.

Nesse momento, Beaudoin viu fora a luz das tochas e ouviu o galope dos cavalos que conduziam seus homens de armas.

— Aqui! — gritou-lhes ele.

Entraram pela porta arrombada, subiram a escada e apareceram detrás do conde.

— Tendes os pregos e as cordas?

— Sim, meu senhor.

— Fixai seis pregos nesta trave e preparai seis cordas.

Os cavaleiros empalideceram, vendo bem que tudo estava terminado para eles. Alguns começaram a pedir perdão, outros a se confessar em voz alta.

Mas Beaudoin, sem dar-lhes ouvidos, apressava a montagem, de modo que depois de alguns minutos os pregos estavam afixados e os nós corrediços prontos.
Então fez colocar um banco debaixo das cordas, e ordenou aos seis cavaleiros que subissem no banco. Uns obedeceram com resignação, outros quiseram oferecer resistência, mas uns e outros acabaram subindo. Ao cabo de um instante, os seis cavaleiros tinham a corda ao pescoço. Beaudoin lançou um último olhar sobre eles, para ver se estava tudo bem em ordem. Depois, satisfeito com a inspeção, afastou o banco com um ponta-pé, e os seis cavaleiros acharam-se bem e devidamente enforcados.

Nisto ouviu-se um grande alarido. Era o marido, que chegava com todos os jovens da aldeia, armados de picaretas e forcados. Beaudoin fê-los entrar todos no quarto, mostrando-lhes de um lado a jovem, que devolvia a seu esposo, virgem como havia sido raptada, e de outro os culpados já punidos. A justiça do conde andara mais depressa que a vingança do marido.

Beaudoin morreu deixando a Carlos da Dinamarca o seu Condado de Flandres, em recompensa pelos grandes serviços que este prestara aos cristãos na Palestina. Carlos da Dinamarca, depois chamado Carlos o Bom, era filho de São Canuto, Rei da Dinamarca, e de Adélia da Frísia.

O VAMPIRO – John William Polidori

Há tempos, durante um Inverno em Londres, apareceu no meio onde tudo se dissipa, nas muitas assembléias que a moda reúne aqui nesta época, um lorde que se fazia notar muito mais pelas suas singularidades do que pela linhagem. Os seus olhos passeavam-se pela alegria geral que o rodeava com a indiferença de quem se sabe impossibilitado de a partilhar. Dir-se-ia que somente o sorriso gracioso da beleza seria capaz de lhe atrair as atenções, mas, mesmo assim, apenas para o destruir com um olhar nos belos lábios que lhe davam origem, gelando de pavor secreto um coração onde até ai só a ideia do prazer reinava. As pessoas que experimentavam esta penosa sensação não podiam saber a sua proveniência.

Apesar disso, algumas atribuíam-na àquele olhar cinzento e baço, pois quando se fixava no rosto de alguém não penetrava no coração, parecia antes cair sobre as faces como um raio de chumbo que se colasse à pele sem conseguir penetrá-la. A sua originalidade fazia com que fosse convidado para todos os salões.

Não havia ninguém que não desejasse vê-lo, e todos aqueles que estavam habituados a sentir emoções violentas, mas a quem a saciedade dessas emoções fizera com que sentissem o peso do tédio, se felicitavam por encontrar qualquer coisa capaz de lhes despertar as atenções adormecidas. O seu rosto era regularmente talhado, apesar do tom sepulcral dos traços jamais animados por aquele amável rubor que é fruto da modéstia ou de fortes emoções provocadas pelas paixões. As mulheres mundanas, ávidas de uma celebridade aviltante, disputavam-no acerbamente, sem que nenhuma obtivesse dele o mínimo sinal de preferência. Lady Mercer, que desde o casamento tivera a vergonhosa glória de ofuscar, nestes meios, a conduta tumultuosa de todas as suas rivais, lançou-se ao ataque e fez tudo o que pôde para atrair as suas atenções. Mas a impudência de Lady Mercer fracassou, e ela viu-se obrigada a renunciar.

Contudo, se ele não concedia sequer um olhar às mulheres mundanas que encontrava diariamente, a beleza não lhe era porém indiferente. Apesar disso, interessado como parecia estar tão-somente pelas mulheres virtuosas ou pelas raparigas inocentes, fazia-o com tanto recato que poucas pessoas estavam ao par das suas relações com o belo sexo. A sua conversação tinha um encanto irresistível e, ou porque conseguisse desfazer a má impressão que inspirava à primeira vista, ou devido ao seu desprezo aparente pelo vício, era tão solicitado pelas mulheres cujas virtudes domésticas são o ornamento do seu sexo, como pelas outras que o desonram.

Nessa mesma época veio para Londres um jovem chamado Aubrey. A morte prematura dos pais deixou-o órfão ainda criança na companhia de uma irmã e com uma grande fortuna. Os seus tutores, ocupados exclusivamente em cuidar dos seus bens, abandonaram-no a si próprio e entregaram a formação do seu espírito a mercenários subalternos. Consequentemente, o jovem Aubrey cultivou mais a imaginação do que a sensatez, adquirindo aquelas noções românticas de honra e candura que tantos jovens têm perdido.

Aubrey cria que o coração humano era naturalmente virtuoso, e que o vício fora posto no mundo pela Providência apenas para variar o pitoresco da cena; cria que a miséria de uma barraca era a ideal; que o vestuário do camponês, tão confortável como o do homem voluptuoso, pelo seu corte grosseiro e pelos remendos de diversas cores que continha era, aos olhos do pintor, o que melhor representava os sofrimentos do pobre. Cria também que se deviam buscar as realidades da vida nos sonhos espirituais e brilhantes dos poetas. Era, em suma, bom, sincero e rico. Por tudo isto, desde que começou a frequentar a sociedade, um grande número de mães acercou-se dele, porfiando em descobrir-lhe, cada uma por si, as mais prodigiosas qualidades para o lisonjear; pelo seu lado, as filhas, senhoras do seu papel, quando estavam na sua roda, os olhos brilhavam-lhe de intenções. Se ele dizia qualquer coisa, fosse o que fosse, todas à uma elogiavam enganosamente os seus talentos e méritos. E Aubrey, se bem que nunca viesse a realizar o romance que tinha na cabeça, sentia com este cerco a vaidade satisfeita, o que de certo modo compensava o seu desapontamento por não conseguir escrever. Ora, no momento em que

perdeu todas as suas ilusões, o ser extraordinário que descrevemos atrás entrou na sua vida.

Aubrey, impressionado pela estranha personagem, depressa concluiu que lhe era impossível conhecer o caráter de um homem inteiramente absorvido consigo mesmo, que não mostrava qualquer interesse pelo que se passava à sua volta e demonstrava até o maior cuidado em evitar o mínimo contato com os outros, revelando assim o seu modo de ser. Todavia, esta mesma impossibilidade permitiu a Aubrey dar livre curso à sua imaginação criando um retrato que ia de encontro ao seu pendor, isto é, não tardou a revestir a singular criatura de todas as qualidades de um herói de romance, sobrelevando-se nele a pessoa criada pela sua imaginação e não o ser que tinha perante os seus olhos. Desfez-se portanto em amabilidades com o lorde e os progressos desta amizade foram tais que depressa todos o notaram.

Não foi preciso muito tempo para Aubrey notar que os negócios do lorde Ruthwen estavam periclitantes, e, certo dia, vendo no hotel em que o seu amigo residia preparativos de viagem, percebeu que este ia partir.

Ávido de mais precisas informações acerca desta inquietante figura, que até este momento só lhe tinha despertado a curiosidade sem nunca a satisfazer totalmente, Aubrey informou os seus tutores que era tempo de iniciar a sua viagem pela Europa, costume adotado há muito tempo pelos nossos filhos-família; o que lhes permite, frequentemente, mergulharem na carreira do vício, já que pretendem estar em pé de igualdade com as pessoas mais velhas e esperam parecer, como elas, ao par de todas as intrigas escandalosas, eterno tema para gracejos e louvaminhas consoante o grau de habilidade manifestado por cada qual. Os tutores de Aubrey deram-lhe o seu consentimento e imediatamente o jovem comunicou as suas intenções a lorde Ruthwen, sendo agradavelmente surpreendido por receber um convite deste para viajarem juntos. Aubrey, lisonjeado por esta prova de estima da parte de um homem que parecia não ter nada de comum com a espécie humana, aceitou de braços abertos a proposta e alguns dias depois os nossos viajantes passaram o mar.

Até aqui, Aubrey não tinha tido ocasião de estudar a fundo o caráter de lorde Ruthwen, mas com a convivência logo se apercebeu, por testemunhar um grande número de atos praticados por ele, que os

resultados lhe ofereciam diferentes conclusões a tirar dos motivos aparentes da sua conduta. O seu companheiro de viagem era liberalíssimo; o mandrião, o vagabundo, o mendigo recebiam dele espórtulas mais do que suficientes para as suas necessidades imediatas. Todavia, Aubrey notava com pena que não eram as pessoas virtuosas, reduzidas à indigência pela fatalidade, e não pelo vício, que recebiam as suas esmolas; e mais, ao repelir este infortunados era a custo que reprimia um sorriso duro. Mas quando o homem de má conduta recorria a ele, não na mira de obter um alívio para as suas necessidades, mas em busca de meios para mergulhar ainda mais no deboche e na depravação, retirava-se sempre com uma dádiva suntuosa. Aubrey, no entanto, julgava dever atribuir esta generosidade sem regras de lorde Ruthwen à maior insistência das pessoas viciosas, que conseguem, de um modo geral, mais aquiescência do que a modesta timidez do virtuoso indigente. Acrescia que a caridade de lorde Ruthwen estava ligada a uma circunstância que abalava ainda mais o espírito de Aubrey: os favorecidos da sua generosidade faziam-se acompanhar invariavelmente de uma maldição inevitável, pois todos eles, mais tarde ou mais cedo, acabavam por subir ao cadafalso ou por cair na miséria mais abjeta. Em Bruxelas e noutras cidades onde estiveram, Aubrey viu com surpresa a espécie de avidez com que o seu companheiro procurava os centros de depravação. Nas casas de jogo sentava-se logo à mesa do faraó; apontava e jogava sempre com sorte, exceto quando o fazia com algum escroque conhecido. Quando isto acontecia perdia então mais do que ganhava. Todavia, a sua expressão nunca se alterava, mantendo aquele ar indiferente que tinha sempre.

Mas quando jogava com algum jovem sem experiência ou o pai infortunado de numerosa família, a fortuna sorria-lhe invariavelmente. Nestes casos, punha de lado a impassibilidade que lhe era habitual e os seus olhos fulguravam como os do gato que rebola entre as suas patas o rato já meio morto. Quando saía da cidade deixava o jovem, que era rico antes da sua chegada, expulso do círculo de que era ornamento e amaldiçoado na solidão de um calabouço a cumprir o destino a que o levara a influência perniciosa deste mau gênio; quanto ao pai de família, esse, desolado, de olhos desvairados, chorava junto dos filhos com fome, porque não conservara, da sua imensa fortuna, sequer o mínimo para apaziguar as suas necessidades de alimentação. Lorde Ruthwen, no entanto, jamais saía rico da mesa de jogo, pois perdia logo a seguir com o

destruidor da fortuna de muitos infelizes a última moeda de prata que arrancara à inexperiência, o que significava que ele era incapaz de lutar contra a astúcia dos batoteiros experimentados.

Aubrey esteve muitas vezes decidido a ir ter com o seu companheiro de viagem para lhe pedir que desistisse do exercício de uma caridade e de um passatempo que levava à ruína de todos sem que ele, ao menos, beneficiasse com isso. Mas o amigo furtava-se-lhe todos os dias, não lhe dando ocasião para abrir o seu coração francamente e sem reservas. Na sua carruagem, lorde Ruthwen, embora tendo à sua disposição belas paisagens para deleitar o olhar, mantinha-se impassível. De resto, os seus olhos falavam ainda menos que os seus lábios, e Aubrey, conquanto andasse com a pessoa que excitava tão vivamente a sua curiosidade, sentia-se cada vez mais impaciente por perceber o mistério que envolvia um ser que a sua imaginação exaltada considerava cada vez mais sobrenatural.

Chegaram a Roma e Aubrey, durante algum tempo, perdeu de vista o seu companheiro, deixando-o numa altura em que ele era muito assíduo na roda de uma condessa italiana. Pelo seu lado, Aubrey, dedicara-se a visitar antiguidades. Nesse ínterim, o jovem recebeu algumas cartas de Inglaterra. Abriu-as com impaciência. Uma era da irmã, e acabava com expressões de terna saudade; as restantes tinham sido enviadas pelos tutores, e o seu conteúdo despertou-lhe desde logo a atenção. Se antes, na sua imaginação, havia suposto que o companheiro de viagem estava sujeito a uma influência infernal, estas cartas aumentaram ainda mais este pressentimento. O caso é que os tutores insistiam para que ele se separasse imediatamente do seu amigo, cujo caráter, diziam, era de extrema depravação. Além disso, possuía um tal poder de sedução que tornava qualquer contato com ele muito perigoso. Após a sua partida, descobrira-se que afinal não era por vergonha que desdenhara das mulheres mundanas, pois que, para satisfazer plenamente os seus baixos instintos, preferia exacerbar os sentidos às inocentes. Quando o conseguia, não tinha o menor escrúpulo em precipitá-las do pináculo de uma virtude intata para o fundo do abismo da infâmia e da degradação. Verificara-se inclusivamente que todas as mulheres pelas quais se interessara, devido à sua casta conduta, logo após a sua retirada, haviam tirado a máscara e exposto sem vergonha, em público, toda a deformidade dos seus costumes.

Aubrey resolveu separar-se dessa personagem cujo caráter ainda não lhe revelara um só ponto de vista aceitável. Decidiu portanto inventar um pretexto plausível para o abandonar definitivamente, propondo-se, entretanto, em vigiá-lo o mais possível e a prestar atenção a todos os seus passos. Para isso entrou no círculo social que lorde Ruthwen frequentava e não levou muito tempo a descobrir que o seu companheiro tentava abusar da inexperiência da filha da dona da casa. Na Itália, é raro encontrar-se na sociedade raparigas ainda muito novas, assim, lorde Ruthwen era obrigado a conduzir a sua sedução de certa maneira; mas como Aubrey seguia todas as suas manobras depressa descobriu que tinha sido combinada uma entrevista, o que queria dizer que a ruína total da jovem imprudente era mais do que certa. Deste modo, sem perder tempo, entrou no quarto do seu companheiro e perguntou-lhe de chofre quais as suas intenções acerca da jovem, prevenindo-o ao mesmo tempo que sabia de fonte limpa que ele se ia encontrar com ela nessa noite. Lorde Ruthwen replicou que as suas intenções eram as naturais nestes casos, e sendo convidado a declarar se tinha boas ideias a sua única resposta foi um sorriso maligno. Aubrey retirou-se e depois de escrever algumas linhas a informá-lo que a partir desse momento não contasse mais com a sua companhia para o resto da viagem que haviam combinado, ordenou ao seu criado que lhe procurasse um novo alojamento. Posto isto, sem perder um minuto, foi à casa da mãe da jovem para lhe comunicar não só a entrevista que a filha ia conceder, mas também para lhe relatar tudo o que sabia acerca dos costumes de lorde Ruthwen. Este aviso foi suficiente para que a jovem fosse impedida de comparecer à entrevista. Lorde Ruthwen, na manhã seguinte, escreveu a Aubrey para notificá-lo do seu acordo quanto à separação, não lhe dando porém a entender que suspeitava ser ele o causador do fracasso dos seus planos.

Aubrey saiu de Roma e tomou o rumo da Grécia. Depois de atravessar o golfo, desembarcou finalmente em Atenas. Aqui, escolheu para morada a casa de um grego e logo que se alojou entregou-se de corpo e alma à investigação dos monumentos, buscando neles os vestígios de uma glória passada. Mas estes, como que envergonhados de expor os grandes atos dos homens livres aos olhos de um povo escravo, pareciam ter-se refugiado nas entranhas da terra ou estarem ocultos aos olhos sob uma espuma

densa.

Debaixo do mesmo teto, vivia uma rapariga de formas tão belas e delicadas que seria ao olhar do artista o mais digno modelo para representar uma das huris que Maomé prometia, no seu paraíso, ao crédulo muçulmano. Mas não! Os seus olhos possuíam uma tal vivacidade que de modo nenhum se podiam coadunar com as belezas que o Profeta considerava sem alma. Quando Ianthe dançava na campina ou galgava em rápido andamento as colinas, fazia esquecer a ligeireza graciosa da gazela. Portanto, que outro, sendo discípulo de Epicuro, não preferiria o olhar animado e celeste de uma ao olhar voluptuoso mas terrestre da outra? Era pois esta encantadora ninfa que acompanhava Aubrey nas suas investigações aos monumentos da Antiguidade. E quantas vezes, ignorante dos seus próprios encantos, entregue à perseguição da esplendorosa borboleta, ela não revelava toda a beleza da sua figura encantadora, parecendo flutuar, de uma forma ou de outra, no horizonte, perante o olhar fascinado do jovem estrangeiro, que esquecia as letras gravadas no mármore, quase sumidas pelo tempo, e com tanto custo decifradas, para contemplar as suas perturbantes formas. Quantas vezes, à medida que Ianthe volteava em seu redor, com os longos cabelos loiros entrançados esvoaçando-lhe sobre as costas, não abandonava as suas investigações científicas e não esquecia o texto de uma inscrição que acabara de descobrir, embora há instantes, para interpretar uma passagem de Pausanias, lhe tivesse parecido da mais alta importância. Mas para quê continuar a descrever os encantos de Ianthe? Inocência, juventude, beleza, tudo isto nela tinha a frescura da natureza e estava longe do que se vê nos nossos salões mundanos.

Enquanto esboçava aquelas augustas ruínas, de que desejava conservar a imagem para devaneio das suas horas futuras, Ianthe, de pé, com a cabeça reclinada sobre um dos ombros, seguia com avidez os progressos mágicos do seu lápis, que fazia renascer os sítios pitorescos dos lugares onde ela viera ao mundo. Relatava-lhe então, com todo o fogo de uma memória ainda recente, as suas danças com as companheiras no verde prado das cercanias, ou as festas nupciais a que assistira na sua infância. Outras vezes, referindo-se às coisas que mais a tinham impressionado, narrava-lhe as histórias sobrenaturais que sua ama lhe havia contado. E o seu ar sério e sincero, quando falava, despertava em Aubrey uma terna

compaixão por ela. Como quando, por exemplo, lhe descrevia o vampiro vivo que vivera durante anos entre amigos, desfrutando das mais ternas amizades, e prolongando a sua existência, ano após ano, mercê de um poder infernal, pelo sacrifício de qualquer jovem e inocente beleza. Aubrey ao ouvir-lhe estes relatos sentia o sangue gelar-se-lhe nas veias e tentava ridicularizar tão horríveis fábulas, mas Ianthe invocava o nome dos velhos que haviam descoberto o vampiro, depois de várias filhas suas terem sucumbido vítimas do horrível apetite do monstro. E, sentida pela incredulidade dele, a rapariga suplicava-lhe ardentemente que acreditasse no que lhe dizia, porque, todos o sabiam, aqueles que ousavam duvidar da existência de vampiros, mais tarde ou mais cedo, convencer-se-iam pela sua própria e funesta experiência. Ianthe descrevia-lhe então o aspecto que era costume dar a estes monstros, e a sensação de horror, que já fustigara o espírito de Aubrey, redobrava-lhe de maneira inquietante, pois o aspecto descrito vinha ao encontro do lorde Ruthwen. Apesar disso, tentava persuadí-la a deixar-se desses terrores vãos embora sentisse um calafrio percorrer-lhe o corpo ao reconhecer que fora esse mesmo aspecto que o levara a achar em lorde Ruthwen o que quer que fosse de sobrenatural.

Aubrey sentia-se cada vez mais preso a Ianthe; a sua inocência, tão diferente das afetadas virtudes das raparigas em que pusera as noções romanescas próprias da sua jovem idade, seduzia-o à medida que os dias iam passando. E, apesar de preocupado pelo ridículo de uma união conjugal entre um rapaz de boa situação social, segundo os pontos de vista de Inglaterra, e uma jovem grega sem educação, sentia crescer dentro de si um afeto cada vez maior pela mocidade esfuziante que emanava dela a todos os momentos.

Muitas vezes, pensando que o melhor seria afastar-se, estabelecia um plano de investigações a efetuar longe dali, só reaparecendo em Atenas quando tivesse cumprido o seu objetivo. Ia porém adiando este plano, já que lhe era impossível fixar-se nas ruínas que andava a estudar, pois a imagem fresca de Ianthe não saía do seu coração. Enquanto isto, ignorando o amor que lhe tinha despertado, a jovem grega continuava a manifestar-lhe aquela mesma franqueza infantil que lhe mostrara desde o primeiro dia.

Parecia, no entanto, que só estava junto dele porque nessa altura não tinha companhia para percorrer os lugares favoritos por onde costumava errar.

Entretanto Aubrey ocupava-se a desenhar ou a descobrir um fragmento que por acaso tivesse escapado à destruição do tempo.

Quanto à história dos vampiros, Ianthe dera a Aubrey, como testemunhas do que lhe havia contado, os seus próprios pais, e estes, como depois outras pessoas, confirmaram a sua existência, empalidecendo de horror só por ouvirem falar no assunto. Pouco tempo depois, Aubrey decidiu-se a empreender uma pequena excursão que devia ocupá-lo durante umas horas. Mas quando os seus anfitriões lhe ouviram designar o caminho que escolhera, suplicaram-lhe para regressar a Atenas antes do anoitecer, porque teria, frisaram-lhe, de atravessar obrigatoriamente uma floresta onde nenhum grego ousaria entrar depois do pôr-do-sol. A seguir falaram-lhe da caverna dos vampiros, das suas orgias noturnas, e preveniram-no das desgraças mais horríveis se ele ousasse incomodar, com a sua passagem, esses monstros durante o seu cruel festim.

Contudo, Aubrey, não ligou grande importância a estas recomendações e tentou até fazer-lhes sentir todo o absurdo de tais ideias; no entanto, quando os viu estremecer de horror pelo seu audacioso desprezo por um poder infernal e irresistível de que só o nome era suficiente para os perturbar, calou-se.

Na manhã seguinte, Aubrey preparou-se para partir. Enquanto tratava das suas coisas reparou com pena e surpresa no ar melancólico dos seus anfitriões e na expressão de terror que os seus gracejos sobre a existência de vampiros lhes estampara no rosto. Por sua vez, Ianthe, quando Aubrey montou, aproximou-se dele e num tom grave pediu-lhe por tudo o que tinha de mais sagrado que voltasse a Atenas antes que a noite desse o seu poder a esses monstros. O jovem prometeu-lhe que o faria. Mas, apesar da sua promessa, as investigações científicas absorveram-no de tal maneira que não se deu conta que o dia estava prestes a acabar e que no horizonte surgia uma daquelas manchas, que nestes climas quentes, engrossam com tanta rapidez que não tardam a transformar-se numa massa descomunal e a lançar sobre os campos desolados toda a sua fúria.

Por fim, decidiu-se a montar a cavalo e a compensar, com a velocidade, o tempo perdido. Mas era demasiado tarde. O crepúsculo é, por assim dizer, desconhecido nestas terras meridionais, e a noite começa com o pôr-do-

sol. Antes de Aubrey ter penetrado a fundo na floresta, a tempestade rebentou com fúria. A trovoada rugiu. A chuva, caindo às catadupas, ininterruptamente, penetrou pela espessa ramagem das árvores e encharcou Aubrey até aos ossos, enquanto os relâmpagos, iluminando tudo, vinham rebentar em redor dele. O seu cavalo, louco de medo, levava-o através da densa floresta. Súbito, o animal já sem fôlego, parou, e Aubrey, à luz dos clarões do raio, viu não muito longe uma caverna dissimulada sob montões de folhas secas e de silvas. Aubrey desmontou e aproximou-se, esperava encontrar alguém que o guiasse até à cidade ou, pelo menos, abrigar-se da tempestade. A trovoada abrandou por alguns instantes e Aubrey, nesse momento, distinguiu os gritos suplicantes de uma mulher que eram seguidos por um riso escarninho e quase contínuo. O jovem estremeceu e hesitou em entrar, mas um relâmpago, que rebentou bruscamente perto dele, resolveu-o. Enchendo-se de coragem franqueou a entrada e encontrou-se na mais profunda escuridão. No entanto o ruído que ouvira há pouco continuava a servir-lhe de guia, embora ninguém respondesse ao seu chamamento. Súbito, chocou com um corpo e uma voz horrível disselhe estas palavras: - Estás com medo..., depois deu uma gargalhada pavorosa. No momento seguinte Aubrey sentiu-se agarrado com um vigor que lhe pareceu sobrenatural. Decidido a vender cara a vida lutou, mas em vão. Por um instante, perdeu o contato com o solo e, levado por uma força irresistível, foi atirado ao chão. Imediatamente, o seu inimigo pôs-se por cima dele e imobilizou-o com os joelhos, e, quando se preparava para lhe deitar as mãos ao pescoço, a luz de muitas tochas penetraram na caverna por uma abertura destinada a iluminar-lhe o interior, impedindo que o monstro perpetrasse a sua medonha orgia.

Então, alertado, levantou-se precipitadamente e saiu porta fora. O ruído que fez ao abrir uma passagem pelo denso mato cessou ao cabo de alguns instantes.

Entretanto, a tempestade amainou e, por esse motivo, os recém-chegados puderam ouvir Aubrey, o qual, completamente esgotado, gemia. Entraram na caverna. A luz das tochas refletia-se nos seus rostos enegrecidos por flocos de fuligem. A pedido do jovem deixaram-no para procurar a mulher cujos gritos o tinham atraído, mas como avançavam ao longo das sinuosidades da caverna, Aubrey viu-se mais uma vez em profundas trevas. Ainda não estava refeito daquele horror quando, à luz das tochas

que voltavam, reconheceu o corpo inanimado da bela Ianthe, trazida nos braços dos seus companheiros! Fechou os olhos, tentando convencer-se que tudo isto era uma visão, fruto da sua imaginação excitada. Mas quando voltou a abrí-los, viu o corpo da sua amada estendido no chão a seu lado. Aquelas faces redondas e aqueles lábios delicados, que antes eram semelhantes, pela sua frescura, à rosa, estavam agora de uma palidez sepulcral.

E no entanto reinava ainda naquelas feições encantadoras uma calma admirável e quase tão tocante como a vida que antes as animavam. No pescoço e no peito tinha manchas de sangue, e na garganta as marcas dos dentes cruéis que haviam aberto as suas veias. Os homens que tinham trazido o corpo apontavam estas marcas funestas e abalados pela terrível visão, gritavam: - Um vampiro! Um vampiro! Depois, apressadamente, fizeram uma maca e puseram Aubrey ao lado daquela que fora para ele o sonho mais acarinhado, agora como uma flor sem vida.

Aubrey não conseguia encontrar o fio das suas ideias, buscava até um refúgio contra o desespero esforçando-se por não pensar em coisa nenhuma. Quase sem dar por isso, viu-se com um punhal na mão que havia encontrado perdido na caverna. A arma tinha uma forma extraordinária. A certa altura o triste cortejo encontrou outros homens, que uma mãe aflita enviara à procura da filha adorada. Mas os gritos lamentosos que soltava o grupo desolado, já perto da cidade, foram para esta mãe e para o infortunado marido o sinal de que tinha acontecido uma grande desgraça. Descrever a angústia desta espera ansiosa seria impossível, e quando viram o corpo da filha olharam Aubrey, apontaram-lhe as marcas horríveis do atentado que causara a sua morte e choraram lágrimas amargas.

Aubrey, deitado na sua cama, febril, entre os acessos de delírio, clamava por lorde Ruthwen e por Ianthe, ora suplicando ao seu antigo companheiro de viagem que poupasse aquela que amava, ora cumulando-o de imprecações e amaldiçoando-o como destruidor da sua felicidade.

Nessa altura o lorde Ruthwen encontrava-se precisamente em Atenas e tendo conhecimento da triste situação de Aubrey, por qualquer motivo secreto, foi alojar-se na mesma casa para lhe prestar assistência.

Quando Aubrey deixou de delirar, ao ver aquele cuja imagem estava agora confundida no seu espírito com a ideia de um vampiro, tremeu de horror;

mas lorde Ruthwen, com seu tom persuasivo, as suas meias palavras a cerca do desgosto que tivera com a separação de ambos e, sobretudo, voltou a habituar o jovem à sua presença. Na verdade, lorde Ruthwen parecia ter-se modificado. Já não era aquele ser cuja apatia espantava Aubrey. No entanto, logo que começou a melhorar, Aubrey notou com desgosto que o seu companheiro voltava a pouco e pouco à sua fleuma habitual, não tardando a reconhecer nele o homem de antigamente, isto é, dos tempos em que Aubrey verificava com surpresa que lorde Ruthwen parecia fixá-lo com um olhar penetrante enquanto nos seus lábios pairava um sorriso cruel. E o jovem perdia-se em conjecturas acerca da intenção deste horrível sorriso, tão bastamente repetido. Quando Aubrey entrou em franca convalescença, lorde Ruthwen, afastando-se cada vez mais dele, parecia apenas interessado em contemplar as ondas levantadas pela brisa fresca, ou em seguir a marcha dos planetas, os quais, tal como o nosso globo, se movem em torno de um astro imóvel. Mas a sua ideia parecia ser, principalmente, a de subtrair-se aos olhos de todos.

Aubrey ficara bastante afetado pelo choque a que fora sujeito, e a elasticidade do seu espírito, nele tão brilhante outrora, parecia ter-se desvanecido para sempre. De fato, estava agora tão entregue à solidão e ao silêncio como o próprio lorde Ruthwen. Mas era em vão que ansiava por esta solidão. Poderia ela existir para ele nas cercanias de Atenas? Apesar disso procurava-a entre as ruínas que antes visitara, mas a Imagem de Ianthe acompanhava-o como dantes. Procurava-a nos bosques, em vão. Também aqui o vulto leve de Ianthe, volteando no meio dos soutos, buscava a modesta violeta. E quando, por uma súbita transição, a sua imaginação se tornava sombria, via o roso pálido da amada com a garganta ensanguentada, os lábios sem cor, que no entanto um sorriso sempre amável, apesar do estigma da morte, vinha ainda ornamentar.

Decidiu então fugir dos lugares onde cada coisa, para a sua razão enfraquecida, era uma fonte de dor. Para isso, propôs a lorde Ruthwen, que supunha não dever abandonar depois dos cuidados que ele lhe prodigalizara quando da sua doença, visitarem juntos os lugares da Grécia que ambos ainda desconheciam.

Partiram e percorreram todos os locais que lhes despertavam qualquer

recordação histórica. Contudo, embora corressem sem descanso, nem um nem outro parecia prestar uma verdadeira atenção áquilo que via.

Tinham ouvido dizer muitas vezes que o país estava infestado de ladrões. Contavam-se de resto muitas histórias acerca das suas proezas. Mas eles, pouco a pouco, deixaram de lhes dar importância, por considerá-las como pura invenção de pessoas interessadas em provocar a generosidade daqueles que pretendiam defender de pretensos perigos. Ora um dia, viajando com uma escolta tão reduzida que mais lhes servia de guia do que de defesa, por não terem feito caso do aviso dos aldeões, penetraram num apertado desfiladeiro por onde corria, ao fundo, um rio que se ia precipitar, confundido com massas de rochas, num abismo próximo, houve razão para deplorarem a sua imprudente confiança. De fato, mal tinham entrado nesta perigosa passagem uma saraivada de balas assobiou aos seus ouvidos, enquanto à volta se repercutia o eco dos disparos de várias armas de fogo. Lorde Ruthwen foi atingido num ombro e caiu. Aubrey correu logo em seu socorro, e, sem pensar sequer em se defender, nem no perigo que corria, viu-se cercado pelos assaltantes. A escolta, essa, assim que lorde Ruthwen tombou, largou as armas e pediu misericórdia. Com a promessa de uma choruda recompensa, Aubrey convenceu os ladrões a transportar o seu amigo ferido para uma cabana próxima. A seguir, depois de negociar com eles um resgate os bandidos deixaram-no em paz, limitando-se a vigiarem a cabana até ao regresso do companheiro que fora receber, a uma cidade vizinha, o montante de uma letra que Aubrey lhes passou sobre o seu banqueiro.

As forças de lorde Ruthwen enfraqueceram rapidamente; ao fim de dois dias sobreveio-lhe a gangrena e o instante da sua dissolução parecia avançar a largos passos. Apesar disso, a sua maneira de ser e as feições mantinham-se inalteráveis. Dir-se-ia que era tão indiferente à dor, como antes fora ao que se passava em seu redor. Todavia, ao cabo da segunda noite, pareceu preocupado com qualquer ideia penosa.

Começou a olhar fixamente Aubrey e este, apercebendo-se disso, ofereceu-lhe sem reservas a sua assistência.

– Quer ajudar-me? - perguntou-lhe o lorde. - Pode realmente fazê-lo! Digo-lhe até que pode fazer bastante por mim! Não, não falo da minha vida. Encaro o termo da minha existência com tão pouco receio como o

dia que está a acabar! Pode no entanto salvar a minha honra, a honra do seu amigo!

– Como? Oh! Diga-me, como? – perguntou-lhe Aubrey. – Farei seja o que for para o ajudar.

– O que lhe peço é quase nada – retorquiu lorde Ruthwen. – A vida esvai-se-me rapidamente e falta-me o tempo para lhe explicar tudo o que desejava. Mas se estiver disposto a calar o que sabe de mim, a minha honra ficará sem mancha. Ouça, desejo que a minha morte fique ignorada durante algum tempo na Inglaterra...

– Não a divulgarei! – prometeu Aubrey.

– E tudo o que sabe de mim? – insistiu lorde Ruthwen.

– Nada direi – reafirmou Aubrey.

– Então jure-o! – exclamou o moribundo, soerguendo-se num último esforço com uma ávida alegria. – Jure por tudo o que a sua alma teme e ama. Jure que durante um ano e um dia, guardará um segredo inviolável daquilo que sabe sobre os meus crimes e sobre a minha morte, aconteça o que acontecer, mesmo que qualquer coisa de extraordinário o impressione vivamente! E ao pronunciar estas palavras, os seus olhos esbraseados pareciam saltar-lhe das órbitas.

– Juro-o – disse Aubrey.

Então lorde Ruthwen, caindo sobre o catre, depois de dar uma grande gargalhada, exalou o último suspiro.

Aubrey foi descansar, mas não conseguiu adormecer. As circunstâncias extraordinárias que tinham acompanhado toda a sua convivência com lorde Ruthwen passavam involuntariamente na sua memória excitada: e quando lhe vinha à ideia o juramento que fizera, um calafrio percorria-lhe o corpo e o pressentimento de que qualquer coisa de horrível o esperava e o invadia. Tendo-se levantado de manhã cedo, no momento em que ia a entrar no quarto onde deixara o corpo do seu amigo, encontrou um dos bandidos que lhe comunicou que ele, com a ajuda de alguns companheiros, tinha transportado o cadáver, logo que Aubrey se retirara e consoante a promessa feita a lorde Ruthwen, para o cimo de uma colina próxima, de modo a ficar exposto ao luar durante um certo tempo. Aubrey,

surpreendido, resolveu subir à colina e ir ao lugar onde estava o corpo do amigo. Mas quando lá chegou não encontrou nem o corpo nem as roupas que o cobriam, embora os bandidos lhe assegurassem que estava precisamente no sítio onde tinham deposto os restos de lorde Ruthwen. Primeiro, o seu espírito perdeu-se em conjecturas acerca deste estranho acontecimento, mas depois, regressando à cabana, persuadiu-se que os ladrões tinham muito simplesmente enterrado o corpo para se apoderarem do seu vestuário.

Cansado de um país onde assistira a tão terríveis acontecimentos, e onde tudo parecia conspirar para aumentar a melancolia supersticiosa que abalara o seu espírito, resolveu deixar a Grécia, indo para Smirna.

Aqui, enquanto esperava um navio que o transportasse a Otranto ou a Nápoles, ocupou-se a verificar os diversos objetos que tinham pertencido a lorde Ruthwen. Entre outras coisas, viu uma caixa que continha armas ofensivas, todas estranhamente adaptadas a causar uma pronta morte às suas vitimas. Depois viu vários punhais. Ao examiná-los, enquanto admirava as suas curiosas formas, qual foi o seu espanto ao ver o aspecto de uma bainha, cujos ornamentos eram exatamente iguais aos do punhal encontrado na fatal caverna! Estremeceu. Na intenção de adquirir uma nova prova de apoio à suspeita que tanto o fazia sofrer, procurou imediatamente o punhal e imagine-se o seu horror quando descobriu que a arma cruel, por muito extraordinária que fosse a sua forma, entrava perfeitamente na bainha que tinha na mão! A partir daí os seus olhos, sem poderem afastar-se do instrumento de morte, não precisaram de outros testemunhos para confirmar a sua horrorosa suspeita. Desejava porém não ter a certeza. Mas a semelhança de uma forma tão estranha, a variedade de cores que ornamentavam o cabo do punhal, a bainha e, sobretudo, as manchas de sangue que tinham ambos, destruíam qualquer possibilidade de dúvida. Deixou Smirna. Quando passou por Roma, o seu primeiro cuidado foi pedir informações do que acontecera à rapariga que lorde Ruthwen tentara seduzir. Os pais, de grande fortuna, tinham caído na miséria e ignoravam o que era feito da filha desde a partida do seu sedutor. Tudo levava pois a crer que a jovem romana fora vítima do assassino de Ianthe.

Tal sucessão de horrores acabou por desolar Aubrey. De fato, tornou-se hipocondríaco e silencioso. O seu único cuidado era o de acelerar a marcha dos postilhões, como se tivesse pressa de ir salvar a vida a alguém que lhe fosse querido. Assim, chegou rapidamente a Calais; depois, uma brisa fresca, que parecia vir de encontro aos seus desejos, levou-o à Inglaterra. Logo que desembarcou foi para a antiga mansão de seu pai, onde, passado algum tempo, devido aos carinhos da irmã, pareceu esquecer as más recordações.

Se antes as carícias infantis da irmã o tocavam beneficamente, agora que atingira os dezoito anos, as suas maneiras haviam adquirido com a idade um significado ainda mais terno e cativante.

A irmã de Aubrey não possuía aquela graça brilhante que cativa a admiração e os aplausos de um numeroso círculo. Na verdade, nada no seu comportamento suscitava a animação que só existe na atmosfera excitante de um salão tumultuoso. Nos seus grandes olhos azuis nunca havia aquela alegria indolente que é indicativo de leviandade de espírito; mas, em contrapartida, tinham de sobra a languidez melancólica que não provém do infortúnio mas de uma alma religiosamente dirigida para a vida futura, muito mais sólida que a nossa existência efêmera. Ela não tinha aquela ligeireza no andar que uma borboleta, uma flor, um nada basta para pôr em movimento. O seu porte era calmo e pensativo. Na solidão os seus traços não perdiam nunca o ar sério e reflexivo que lhe era natural; mas quando estava junto do irmão, exprimindo-lhe a sua terna afeição e esforçando-se por fazê-lo esquecer, com a sua presença, o desgosto que ela sabia ter destruído a sua felicidade, quem quereria trocar o seu sorriso afetuoso por qualquer outro que fosse marcado pela volúpia? Os seus olhos, as suas feições, respiravam nestes momentos uma celeste harmonia com as doces virtudes da sua alma.

Ainda não fora apresentada na sociedade, pois os seus tutores tinham julgado mais conveniente adiar o acontecimento até ao regresso do irmão, para que este lhe servisse de protetor. Foi então decidido que o círculo mais em voga na corte seria o escolhido para a sua introdução nos meios mundanos. Aubrey, no entanto, não desejava de modo nenhum deixar a morada dos seus antepassados para assim desfrutar a melancolia que o consumia. Com efeito, que interesse poderiam ter para ele as frivolidade das reuniões da moda, depois das mágoas profundas que os

acontecimentos passados tinham imprimido na sua alma? Mas, apesar disso, não hesitou em sacrificar os seus próprios interesses à proteção que devia prestar à irmã.

Foram portanto para Londres e prepararam-se para a reunião que se devia efetuar no dia seguinte à sua chegada. A multidão era numerosa. Já há muito tempo que não havia reuniões importantes e todos aqueles que estavam ansiosos de conquistar o favor de um sorriso real estavam lá. Aubrey, porém, mantinha-se afastado e insensível ao que se passava à sua volta. Estava precisamente no lugar em que tinha visto lorde Ruthwen pela primeira vez. A certa altura, subitamente, sentiu-se agarrado pelo braço e ouviu uma voz que já conhecia há muito: – Lembre-se do seu juramento! Temendo ver um espectro reduzido a pó teve, no entanto, a coragem de se voltar, apercebendo-se, logo que o fez que, junto dele, estava precisamente o mesmo rosto que o atraíra quando da sua entrada na sociedade. Olhou-o com um ar assustado e como as suas pernas mal o sustinham de pé viu-se obrigado a tomar o braço de um amigo. Depois, abrindo caminho através da multidão, correu para a sua viatura. Já em casa, foi para o seu quarto precipitadamente e levou as mãos à cabeça, como se temesse que as suas faculdades mentais o abandonassem. Lorde Ruthwen não lhe saía defronte dos olhos. Todas as circunstâncias se combinavam na sua cabeça com uma ordem impressionante: o punhal, o juramento... Duvidando de si próprio e da sua credulidade, tentava a todo o custo recuperar do seu abatimento e persuadir-se que o que vira não podia existir: um morto que saíra da sua tumba! Não, fora sem dúvida a sua imaginação que tirara do sepulcro a imagem do homem que ocupava incessantemente o seu espírito. Por fim concluiu que fora apenas uma visão. Resolveu portanto voltar a frequentar a sociedade. Foi o que fez, mas, embora tentasse vinte vezes perguntar por lorde Ruthwen àqueles que o rodeavam, este nome fatal ficava sempre suspenso nos seus lábios, não podendo assim obter qualquer informação acerca do objeto que o interessava tão vivamente. Alguns dias depois, foi com a irmã a um brilhante serão a casa de um dos seus parentes. Deixando-a sob a proteção de uma dama de respeitável idade, colocou-se a um canto isolado de um dos salões e absorveu-se nos seus tristes pensamentos. Passado bastante tempo notou que um grande número de pessoas já abandonara a reunião.

Saiu então do seu isolamento e ao entrar num compartimento vizinho viu a irmã rodeada por gente com quem parecia travar uma animada conversa. Esforçando-se por abrir caminho até ela pediu licença a alguém que estava à sua frente para o deixar passar, e quando esta pessoa se voltou ele viu o rosto que mais o atormentava no mundo. Ao vê-lo, completamente fora de si, precipitou-se para a irmã, arrastou-a pela mão e, correndo, levou-a para a rua. A porta foi detido por instantes pela multidão de criados que esperava os patrões; e enquanto passava entre eles a voz que tão bem conhecia ressoou-lhe aos ouvidos, repetindo terríveis palavras: «Lembre-se do seu juramento!» Aturdido, terrificado, não ousou sequer levantar os olhos em redor de si. Tudo o que fez foi apressar a irmã, atirar-se para dentro da carruagem e mandar seguir rapidamente para casa.

O desespero de Aubrey transformou-se quase em loucura. Se antes o seu espírito já andava absorvido por uma única coisa, agora, com a certeza que o monstro estava vivo, a sua tensão aumentou ainda mais.

Como consequência tornou-se insensível às ternas atenções da irmã, sendo em vão que ela lhe suplicava para explicar a causa da modificação súbita que sofrera. Ele respondia-lhe sempre por meias palavras, o que bastava para a encher de terror. Em suma, quanto mais Aubrey refletia nesta horrível história mais mergulhava num cruel labirinto. Só de lembrar-se do seu juramento o fazia tremer. Que fazer? Permitir que o monstro levasse o seu sopro destruidor às pessoas que lhe eram queridas, sem o deter com uma só palavra? A sua própria irmã não poderia ser vítima dele? Mas mesmo que ousasse quebrar o juramento e revelar a razão dos seus terrores, que ganharia com isso? Pensou então em usar o seu braço para livrar o mundo daquele celerado, porém a ideia de que ele já triunfara da própria morte deteve-o. Durante muitos dias, ficou mergulhado neste marasmo. Sempre fechado no seu quarto recusava-se a ver quem quer que fosse, só condescendo a tomar algum alimento quando a irmã, de lágrimas nos olhos, lhe suplicava que vivesse por amor à ela. Por fim, incapaz de suportar por mais tempo a solidão, saiu de casa e andou ao acaso pelas ruas para fugir à imagem que o perseguia obstinadamente. Sem ter o mínimo cuidado com as roupas que vestia, errando por aqui ou por ali, expunha-se ao calor do meio-dia ou à fria umidade das noites. Tornou-se extravagante. A principio ainda ia para casa dormir, depois, quando se sentia esgotado descansava onde calhava. A irmã, inquieta com os perigos

que ele podia correr, mandou-o seguir, mas Aubrey trocava as voltas àqueles que estavam encarregados de o proteger e escapava-se-lhes mais depressa do que um pensamento nos foge. Então um dia modificou inteiramente a sua conduta.

Preocupado pela ideia de que a sua ausência deixava os seus melhores amigos nas mãos de um ser tão perigoso, decidiu aparecer de novo no mundo para vigiar de perto lorde Ruthwen, na intenção de prevenir, apesar do juramento que prestara, todas as pessoas de que ele tentasse entrar na intimidade. Mas quando Aubrey entrava num salão, o seu olhar assustado e vigilante era tão evidente, os seus estremecimentos involuntários tão visíveis, que a irmã viu-se obrigada a pedir-lhe que se abstivesse de frequentar, por condescendência para com ela, um mundo que só por si parecia afetá-lo com tanta intensidade. E quando os tutores se aperceberam que os conselhos e as súplicas da irmã eram inúteis, resolveram impor a sua autoridade; além disso, temendo que Aubrey estivesse à beira da loucura, pensaram que era tempo de cumprirem o que fora estatuído pelos pais.

Assim, pretendendo obviar uma repetição de sofrimentos e trabalhos a que as suas excursões pela cidade o tinham exposto, e dissimular aos olhos do mundo os sinais que denominavam a sua loucura, encarregaram um médico hábil para o tratar e vigiar de dia e de noite. Só passado algum tempo Aubrey se apercebeu destas medidas de precaução, de tal maneira os seus pensamentos andavam absorvidos por um único e terrível objeto. Deste modo, fechado no seu quarto, passava dias inteiros no estado de apatia que nada fazia despertar. Tornara-se lívido e emagrecera. Os seus olhos adquiriram um brilho fixo. O único sinal que ainda o removia era a aproximação da irmã. Então estremecia e, tomando-lhe as mãos, com um olhar que fazia doer o coração, gritava-lhe: – Oh, não te deixes tocar por ele! Por piedade, se tens alguma amizade por mim, não te aproximes de semelhante homem! Mas quando ela lhe pedia para explicar o que tais palavras queriam dizer, a resposta era sempre a mesma: – É verdade! É verdade! Voltava então a cair naquela apatia de que não podia libertar-se. Este penoso estado durou vários meses e só quando o prazo do ano fatal estava prestes a chegar ao fim é que a incoerência da sua conduta se tornou menos alarmante. De fato, pareceu ter adquirido uma disposição menos sombria e os tutores verificaram que ele contava pelos dedos um certo

número várias vezes ao dia, enquanto um sorriso lhe pairava nos lábios.

No último dia do prazo, um dos tutores entrou no quarto de Aubrey e sabendo pelo médico do seu triste estado de saúde lamentou que ele estivesse numa situação tão deplorável precisamente na véspera do casamento da irmã. Estas palavras despertaram o enfermo, que perguntou ansiosamente: – Com quem? O tutor, encantado por este sinal de retorno à razão, de que temia que o seu pupilo estivesse definitivamente arredado, respondeu-lhe: – Com o conde Masden. Aubrey, pensando ser algum jovem nobre que ele conhecera na sociedade mas que a perturbação do seu espírito não lhe tivesse permitido localizar, pareceu muito satisfeito, surpreendendo ainda mais o seu tutor quando lhe comunicou que tinha a intenção de assistir às núpcias da irmã e que desejava vê-la antes disso. Correspondendo ao seu desejo, alguns minutos depois, a irmã entrou no quarto e notou imediatamente que ele se tornara sensível ao seu sorriso.

De fato, Aubrey apertou-a contra o peito e poisou ternamente os lábios nas suas faces úmidas de lágrimas de prazer que lhe causava a ideia do irmão ter reencontrado toda a sua afeição por ela. A seguir falou-lhe com calor e felicitou-a vivamente por se ir unir a uma personalidade de nascimento tão distinto e perfeito, quando, bruscamente, olhou para um medalhão que ela tinha ao peito. Abrindo-o, qual foi a sua horrível surpresa ao ver o rosto do monstro que há muito conseguira um tal ascendente sobre a sua vida. Num acesso de raiva, arrancou-lhe o medalhão e atirou-o ao chão. A irmã, admirada, perguntou-lhe a razão por que queria destruir a imagem do homem que se ia tornar seu marido, mas ele olhou-a com um ar distante, como se não tivesse percebido a pergunta. Súbito, agarrando-lhe nas mãos e deitando-lhe um olhar desesperado e frenético, suplicou-lhe que prometesse, sob juramento, que jamais desposaria aquele monstro, porque ele era... Mas interrompeu-se, como se a voz fatal lhe recomendasse mais uma vez para se lembrar do juramento que lhe fizera. Sugestionado, voltou-se de repente. Pensara que lorde Ruthwen estava presente, mas não viu ninguém. Enquanto isto, o tutor e o médico, que tinham ouvido tudo, imaginando que era um regresso à sua desordem de espírito, foram para junto dele, afastaram-no da irmã e pediram a esta para deixar o quarto. Logo que ela saiu, Aubrey caiu de joelhos diante deles e conjurou-os a adiar o casamento nem que fosse por um dia, mas eles, supondo que tudo

isto era mais um sinal da sua loucura, tentaram acalmá-lo e retiraram-se.

Lorde Ruthwen, logo no dia seguinte à reunião a que assistimos, pretendeu visitar Aubrey, mas foi-lhe negada esta pretensão, como de resto a toda a gente. E assim que soube, poucos dias depois, o estado alarmante da saúde do seu ex-amigo percebeu imediatamente que era por causa dele. Além disso, quando lhe disseram que Aubrey parecia ter enlouquecido, foi a custo que dissimulou a triunfante alegria que sentiu nesse momento perante aqueles que lhe deram a informação. Tratou então de se aproximar da irmã e, recorrendo a uma corte insistente e ao interesse que parecia demonstrar pela deplorável situação do irmão, conseguiu cativar o seu coração. Quem, com efeito, poderia resistir aos seus poderes de sedução? A sua conversação insinuava tantos trabalhos, tantos perigos desconhecidos. Não poderia ele, e com razão, falar de si mesmo como sendo um ser completamente diferente do resto do gênero humano, apenas com simpatia por si próprio? Não teria tantos motivos plausíveis para pretender que lhe saboreassem as delícias da sua voz fascinante, para perder a insensibilidade pela existência que havia denotado até aí? Em suma, lorde Ruthwen sabia tirar proveito da perigosa arte da sedução e levar ao ponto que queria a pessoa que desejava conquistar. Neste ínterim a extinção por morte de um ramo da sua família transmitiu-lhe o titulo de conde de Masden e logo que a sua união com a irmã de Aubrey foi combinada, pretextando negócios importantes que o chamavam ao continente para apressar a cerimônia, não obstante o estado deplorável do futuro cunhado, decidiu que a partida se efetuasse no próprio dia do casamento. Aubrey, entretanto, abandonado pelos tutores e pelo médico, tentou corromper, por meio de presentes, os criados, mas em vão.

Não conseguindo que o deixassem sair pediu uma pena e papel e escreveu à irmã, conjurando-a, em nome da sua própria felicidade, da sua honra e em memória dos pais já falecidos, a adiar por algumas horas urna união de que resultariam grandes desgraças. Os criados prometeram-lhe levar a carta, mas, em vez disso, entregaram-na ao médico, o qual, considerando a missiva como um puro ato de demência não a remeteu à destinatária.

A noite passou-se em preparativos para a cerimônia do dia seguinte. Aubrey ouvia tudo com um horror mais fácil de imaginar do que

descrever. A fatal manhã aproximava-se rapidamente. O ruído da chegada das carruagens começou a chegar aos ouvidos de Aubrey, que quase delirava. A certa altura, a curiosidade dos criados encarregados de o vigiar fê-los esquecer o seu dever e, um após outro, deixaram-no imprudentemente à guarda de uma mulher de idade e já sem forças. Aubrey aproveitou logo a ocasião e correu para fora do quarto, chegando num instante ao salão onde estava quase toda a gente já reunida.

Lorde Ruthwen foi o primeiro a vê-lo. Chegou-se imediatamente a Aubrey e agarrando-o pelo braço arrastou-o para fora dali. Quando subiam as escadas, lorde Ruthwen segredou-lhe as seguintes palavras: Lembre-se do seu juramento, e fique sabendo que a sua irmã, se hoje não se tornar minha esposa ficará desonrada para sempre; a virtude das mulheres é frágil... Após estas palavras atirou-o violentamente para os braços dos criados encarregados de o vigiar, os quais, desde que se tinham apercebido da sua fuga, haviam corrido em sua perseguição.

Aubrey já não estava em estado de sustentar o peso do próprio corpo. Assim, devido ao esforço extraordinário que fez para gritar o seu desespero rompeu-se-lhe uma veia da garganta e banhado no seu próprio sangue foi transportado para a cama.

A irmã, que infelizmente não estava no salão quando Aubrey ali entrara, ignorou tudo o que se passou. A cerimônia foi portanto celebrada e os esposos deixaram Londres logo de seguida.

O estado de fraqueza de Aubrey aumentou a passos largos e a grande quantidade de sangue que perdeu apressou ainda mais a sua já precária saúde. Sentindo-se no fim, mandou chamar os seus tutores e com o desespero que quase o sufocara mais apaziguado, a partir da meia-noite, contou com calma o que o leitor acabou de ler, expirando assim que concluiu o seu relato.

Os tutores voaram em socorro da irmã de Aubrey, mas era demasiado tarde. Lorde Ruthwen tinha desaparecido, e o sangue da sua infeliz companheira suavizara a sede de um vampiro.

O SONHO DO UNIVERSO – Jean Paul

Meu corpo – assim eu sonhei – se desprendeu de mim e caiu; ao mesmo tempo minha figura interior emergiu, luminosa. Do meu lado estava uma outra figura, parecida com a minha, só que ela, em vez de luzir, relampejava sem cessar. – Duas ideias – disse a figura – são as minhas asas: a ideia Aqui e a ideia Lá; e estou lá. Pensa e voa comigo, para que eu te mostre e, ao mesmo tempo, encobre o universo! E eu voei com ela. Atrás de mim o globo terrestre caiu no abismo, tão impestuosa era a arrancada do voo, apenas algumas constelações estelares da América Austral nos acompanharam com brilho pálido, e finalmente do nosso firmamento apenas sobrou o sol, como uma estrelinha, e algumas caudas de cometas que brilhavam como chamazinhas em seu redor. Passamos, num instante, perto de um cometa proveniente do sol da terra e voando rumo a Sirius.

Agora voamos, em meio de inúmeros sóis, com tanta velocidade, que eles nem tinham tempo para assumir, por instantes, o tamanho de luas; suas terras, pela velocidade do voo, nem apareceram. Finalmente, o nosso sol, Sirius, e todas as constelações do nosso firmamento se encontravam como uma nebulosa clara em meio de nuvenzinhas menores, mais distantes ainda. Assim voamos através de desertos astrais; um céu após outro se expandira ante nós para depois se estreitar atrás de nós – e galáxias se encontravam enfileiradas na lonjura como portais de triunfo, erguidos em homenagem ao espírito eterno.

Às vezes a figura relampejante sobrevoava meu pensamento fatigado e brilhava, distante de mim, como centelha ao lado de um astro; mas bastava eu pensar: "Lá!" para junto me encontrar junto dela. Porém, quando já nos perdemos não sei em quantos abismos estrelados e o céu sobre nossos

olhos não se tornou mais vazio, nem o céu embaixo de nós mais cheio, enquanto os sóis continuavam caindo em chusma, no oceano solar, igual às enxurradas de chuva: então o coração humano, repleto, se cansou e sentiu o desejo de retornar ao imenso templo solar, para a pequena alcova de devoção, e eu disse à figura: – Ó, espírito! Será que o universo não tem fim?

Respondeu:

– Não tem início!

Mas eis que, de súbito, o firmamento sobre nós parecia esvaziado, estrelinha nenhuma brilhava na escuridão pura; a figura relampejante continuava voando na escuridão, até que também o céu estrelado atrás de nós se contraiu numa névoa rarefeita e, finalmente, se esvaiu.

Pensei: – O universo, pois, terminou? – e me assustei diante do infinito calabouço noturno da criação, cujo muro aqui principia; me assustei, diante do morto Mar do Nada, em cujas trevas insondáveis a jóia do universo luminoso se afundava, sem cessar; encontrei apenas a figura relampejante, mas não a mim mesmo, o solitário, pois ele não me iluminava.

Então ele respondeu à mudez do meu pavor:

– Ó incrédulo! Ergue o olhar! A luz dos Primórdios vem se acercando.

Olhei e vi: um crepúsculo, uma galáxia, e logo um firmamento inteiro de astros resplandecentes; qualquer pensamento era demorado demais para estes três instantes. Há milênios encanecidos a luz estava a caminho para chegar até nós – e veio agora, insondável, a partir das alturas. Voamos através de um novo século, pela nova esfera de estrelas. Seguiu outro percurso noturno e demorou até chegarem os raios de outro páramo celeste, mais distante ainda.

Na medida em que avançamos em nossa ascensão, céus e noites se alternavam, os voos pela escuridão demoravam cada vez mais, até cintilar embaixo de nós uma nova esfera de estrelas para se apagar outra vez. De repente, ao emergirmos de mais de uma noite, para ver uma aurora boreal de sóis que se fundiram numa labareda grandiosa, lutando pelas suas terras, e desencadeando ao nosso redor o dia do juízo final em todas elas;

ao atravessarmos as paragens apavorantes da gênese dos mundos, onde estrondeiam as águas supraterrestres e raios cósmicos relampejam pela cerração do Ser; onde um astro sombrio, infinito, absorvia as flamas e os sóis em sua massa plúmbea, jamais clareando; quando divisei na lonjura imperscrutável uma serra recoberta pela neve fulgurante de sóis aglomerados, sob galáxias que pairavam qual finos crescentes lunares: então meu espírito se elevou e se inclinou, novamente, pelo peso do universo, e eu disse à figura relampejante: não insistas em levar-me mais adiante; não suporto ser tão solitário dentro da criação, e mais solitário ainda em meus desertos; o mundo da plenitude é grande, deveras; mas o mundo do vazio é maior ainda e com o universo cresce também o deserto.

A figura me tocou, de leve, como um sopro clamoroso, falando, mais suave do que antes:

– Ante Deus o vazio não persiste; é ao redor dos astros, é entre eles que reside o verdadeiro cosmo. Teu espírito abrange apenas imagens terrestres do supraterrestre; contempla, então, as imagens!

Eis! Meus olhos foram abertos, e eu vi um mar de luz, infinito, em que os sóis e as terras eram apenas escuras ilhas rochosas. Eu estava dentro do mar, e em parte alguma havia solo, nem costa. Todos os espaços que se estendiam entre as galáxias eram preenchidos de luz, e oceanos de som flutuavam embaixo e acima dos mares, ora trovejando como a maré, ora como o flautear de cisnes cantores, sem que houvesse mistura dos dois. O fulgor e a música dominavam, suavemente, o coração; eu estava cheio de alegrias, sem saber de onde me vinham; me alegrava pelo ser e pela sua eternidade, e um amor impronunciável me envolvessem que eu soubesse porque, quando vi o novo cosmo de luz ao meu redor.

Disse então a figura:

– É o mundo dos espíritos que te compreende; não existe para os olhos e o ouvido, que percebem apenas o mundo corpóreo que os espíritos criam e regem. Que teus olhos vejam, e que teu coração compreenda!

E meus olhos viram a cercania e a distância; vi os espaços desmedidos que acabamos de atravessar, com seus pequenos firmamentos; nos leves espaços etéreos boiavam os sóis, não passando de flores cinzentas, e as terras qual negras sementes. E o coração entendeu, a sonhar: a

imortalidade reside nos espaços, a morte nos mundos. Nos sóis perambulavam sombras eretas, em figura de homem, se transfigurando, logo que as deixavam, para mergulhar no oceano da luz. Nos espaços refulgia, ressoava, soprava, se exalava nada senão a vida e a força criadora da liberdade do cosmo, os sóis eram apenas rodas de fiar, as terras, lançadeiras a tramar no infinito tecido do véu de Isis, que pairavam sobre a criação, se prolongando cada vez que um mortal o levantava. Aí, diante da imensidão de vida, não havia mais dores amargas, apenas deleite sem fim e preces de louvor.

Diante do fulgor do cosmo a figura relampejante se tornara invisível – retornara à sua pátria: o mundo invisível dos espíritos; eu me quedei, a sós, em meio da vida e da vastidão, almejando pela companhia de alguém. foi então que se aproximou, pela multidão pelágica das estrelas, um corpo celeste escuro, navegando no sublime oceano da luz; e nele estava uma figura humana, uma criança, imóvel e imutável na aproximação. Finalmente reconheci a minha Terra, e nela, o menino Jesus; e a criancinha me fitava, tão clara, tão suave, tão cheia de amor, que acordei pelo carinho e deleite que senti.

A MULHER NO ESPELHO – Virgínia Wolf

As pessoas não deviam deixar espelhos pendurados nas salas, nem talonários de cheques abertos ou cartas confessando algum crime odioso. Impossível as pessoas deixarem de se olhar, naquela tarde de verão, no longo espelho que pendia no salão. O acaso o pusera ali.

Das profundezas do sofá na sala de visitas a pessoa via refletida no espelho italiano não somente a mesa de tampo de mármore em frente, como também um pedaço do jardim. Via-se um longo caminho relvado avançando entre barreiras de flores altas, até que, formando um ângulo, a borda dourada do espelho o suprimia.

A casa estava vazia, e a pessoa se sentiria, se fosse a única na sala de visitas, como um daqueles naturalistas que, recoberto de ervas e de folhas, fica observando as mais tímidas das criaturas — texugos, lontras, martins-pescadores — andarem à vontade, também eles invisíveis. Naquela tarde a sala estava cheia desses animais assustadiços, de luzes e de sombras, cortinas enfunadas, pétalas caindo — coisas que nunca aconteciam, ao que parece, se alguém estivesse olhando. A tranquila sala do velho lar com seus tapetes e chaminé de pedra, suas estantes baixas e armários laqueados de vermelho e de dourado, enchia-sede tais criaturas noturnas. Elas chegavam piruetando no chão, pisando macio com os pés altos, e esses pormenores, mais as caudas desdobradas e os famintos bicos alusivos, os assemelhavam a um grupo de elefantes ou bando de flamingos cuja cor vermelho-pálida houvesse desbotado, ou de perus cujas caudas estivessem cobertas de prata. Havia também obscuros rubores e sombreamentos, como se uma tivesse de repente banhado o ar de púrpura; e as paixões, ódios, inveja se tristezas avançavam sobre a sala e a envolviam como um ser humano. Nada permaneceu igual durante dois segundos.

No entanto, de fora, o espelho refletia a mesa do salão, os girassóis, as flores batidas de sol, o caminho do jardim, de forma tão exata e tão estável que eles pareciam presos à sua realidade inescapável. O contraste era estranho — aqui, tudo em mutação, lá tudo em calmaria. Impossível deixar de olhar deum para o outro.

Nesse ínterim, estando as portas e janelas todas abertas por causa do calor, ouvia-se um perpétuo som de suspiro e suspensão, a voz do transitório e do perecível, parece, indo e vindo semelhante à respiração humana, enquanto no espelho as coisas haviam cessado de respirar e quietas jaziam no transe dai mortalidade.

Meia hora atrás a dona da casa, Isabela Tyson, descera o caminho relvado, num leve vestido de verão, levando um cesto, e desaparecera, suprimida pela moldura dourada do espelho. Provavelmente fora para a parte baixa do jardim colher flores; ou, como parecia mais natural supor, colher alguma coisa leve e fantástica e folhada e trepadora, a clematite, ou um desses elegantes ramos de convólvulos que serpeiam em feias paredes e irrompem aqui e ali em florações branca se violetas. Ela recomendava as convolvulvoláceas fantásticas e trêmulas em lugar da áster vertical, da zínia rija ou de suas próprias rosas ardentes acesas como lâmpadas nas estacas verticais das roseiras. A comparação mostrava o pouco que se sabia a seu respeito, depois de tantos anos; pois é impossível que uma mulher de carne e osso, de 55 ou 60 anos, fosse realmente uma grinalda ou uma gavinha. Tais comparações são muito sem sentido e superficiais — até cruéis, pois que chegam, como os convólvulos, tremendo entre os olhos de alguém e a verdade.

Deve haver verdade; deve haver um muro. Contudo, era estranho que, após conhecê-la durante aqueles anos todos, não se pudesse dizer qual a verdade acerca de Isabela; ainda eram formuladas frases como aquela sobre os convólvulos e a clematite. Quanto aos fatos, ela era solteira; rica; comprara a casa e acumulara pelas próprias mãos — muitas vezes nos cantos mais ignotos do mundo e correndo grande risco de picadas venenosas e doenças orientais — os tapetes, as cadeiras, os armários que agora viviam sua vida noturna perante o olhar de qualquer um. Às vezes parecia que eles sabiam mais a respeito de Isabella do que nós, que neles nos sentávamos, neles escrevíamos, nele sandávamos com muito cuidado, viríamos a saber. Em cada um daqueles armários havia muitas gavetas

pequenas, e todas, quase com certeza tinham cartas atadas com laços de fitas, perfumadas com ramos de lavanda ou pétalas de rosa. Pois também era outro fato — se fatos era o que se pedia — que Isabela conhecera muita gente, tivera muitos amigos; e portanto, se alguém por audácia abrisse uma gaveta e lesse suas cartas, encontraria sinais de conflitos, de encontros marcados, de censuras pelos desencontros, longas cartas de intimidade e afeto, cartas violentas de ciúme e reprovação, terríveis palavras finais e de separação— pois todas aquelas entrevistas e encontros amorosos a nada levaram — ou seja, ela jamais casou, e no entanto, a julgar por uma indiferença em seu rosto, semelhante a uma máscara, ela passara 20 vezes mais pela paixão e pela experiência amorosa do que aqueles amores apregoados para que o mundo primeiro ouvisse.

Sob a pressão dos pensamentos acerca de Isabela, a sala tornou-se mais escura e mais simbólica; os cantos pareciam ainda mais sombrios, as pernas das cadeira se mesas mais delgadas e hieroglíficas.

De súbito, esses reflexos findaram violentamente e sem um som sequer. Uma grande forma preta assomou no espelho; borrou tudo, derramou na mesa um pacote de placas de mármore de veios róseos e cinzentos, e desapareceu. Mas o quadro ficou completamente alterado.

Por um instante ele esteve irreconhecível, irracional e totalmente fora de foco. Não se podia relacionar aquelas placas a algum propósito humano. E, aos poucos, algum processo lógico se pôs a atuar sobre eles, começou a ordená-los e arranjá-los e os trouxe ao redil da experiência comum. Verificou-se afinal que não passavam de cartas. O agente trouxera a correspondência.

Lá ficaram, na mesa de tampo de mármore, todas cheias de luz e de cor, a princípio ostensivas e impermeáveis. Depois, causou estranheza ver que as cartas eram estendidas e dispostas, e juntas faziam parte do quadro, adquirindo aquela serenidade e imortalidade concedidas pelo espelho. Lá estavam, investidas de uma nova realidade e significação, e também de maior peso, como se fosse necessária uma formação para destacá-las da superfície da mesa. E, fantasia ou não, pareciam ter se transformado não apenas num punhado de cartas ocasionais, mas em chapas gravadas com a verdade eterna — se fosse possível lê-la saber-se-ia tudo que houvesse saber acerca de Isabela, sim, e da vida também.

Os papéis dentro dos envelopes semelhantes a mármore deviam estar pejados de significados. Isabela entraria, pegaria as cartas uma a uma, bem devagar, abriria e leria cada uma com cuidado e palavra após palavra, e em seguida, soltando um profundo suspiro de compreensão, como se houvera estado no fundo de tudo, Isabela rasgaria os envelopes em pedacinhos e ataria as cartas e fecharia a gaveta do armário, disposta que estava a esconder o que não queria que fosse descoberto.

O pensamento serviu como um desafio. Isabela não desejava ser conhecida — mas agora não podia escapar. Um absurdo, uma monstruosidade. Se ela ocultava tanto e sabia de tanta coisa, devia-se nesse caso forçá-la a arrombar a gaveta com o primeiro instrumento à mão.

Devia-se fixar a mente em Isabela naquele exato instante. Devia-se pressioná-la. Devia-se recusar que continuassem a nos dissuadir com ditos e feitos, tais como o momento produzia — com jantares e visita se conversas polidas. Devia-se tentar calçar os sapatos dela.

Tomada a frase em seu sentido literal, era fácil ver os sapatos que ela calçava, no jardim de baixo, naquele momento. Eram muito estreitos, compridos e estavam na moda — feitos com o mais macio e o mais flexível dos couros. A exemplo de tudo o que ela usava, os sapatos eram finos. E ela estaria em pé, embaixo da sebe alta, na parte inferior do jardim, levantando a tesoura atada ao punho para cortar uma flor morta, um ramo excedente. O sol lhe banharia o rosto, os olhos; mas não, no momento crítico a mantilha de uma nuvem cobriu o sol, tornando duvidosa a expressão dos olhos dela — zombeteira ou meiga, vivaz ou embotada? Apenas se distinguia o esboço indeterminado de rosto belo um tanto pálido e que fitava o céu. Ela pensava, talvez, em encomendar uma rede nova para os morangos; que devia mandar flores à viúva de Johnson; que era tempo de sair de carro para ver os Hippesley em sua nova casa. Seguramente eram estas as coisas de que ela falava ao jantar.

Mas já estavam cansados das coisas de que ela falava ao jantar. Queriam descobrir o seu mais profundo estado de ser e transformá-lo em palavras, o estado que é para a mente o que a respiração é para o corpo, o que se chama felicidade ou infelicidade. À menção dessa palavra, tornou-se óbvio, certamente, que Isabela devia ser feliz. Era rica; era bem relacionada; tinha muitos amigos, viajava — comprava tapetes na Turquia

e cântaros azuis no Irã. Caminhos de prazer abriam-se nesta e naquela direção, a partir de onde ela estivesse com a tesoura erguida para cortar os ramos trêmulos enquanto nuvens rendadas lhe velavam a face.

Com um rápido movimento da tesoura ela decepou o ramo da clematite, que caiu no chão.

Ao cair, seguramente uma luz entrou também, seguramente se pôde penetra rum pouco mais no seu ser. O espírito de Isabela estava cheio de ternura e remorso... Cortar um ramo enorme entristeceu-a porque ele havia vivido, e a vida lhe era cara. Sim, e ao mesmo tempo a queda do ramo lhe sugeria como morrer, e toda a futilidade e evanescência das coisas. E, outra vez recolhendo este pensamento, com seu bom senso instantâneo, ela pensou que a vida a tratara bem; se tivesse de cair, era para ficar na terra e docemente fertilizar as raízes das violetas. Continuou a pensar desse modo. Sem formar um pensamento preciso —por ser uma dessas pessoas reticentes mantinha os pensamentos enredados em nuvens de silêncio — ela estava cheia de pensamentos. O espírito de Isabela assemelhava-se a sua sala onde luzes avançavam e recuavam, chegavam com piruetas e pisavam macio, desdobravam as canelas e ficavam; e todo o ser de Isabela foi coberto, como a sala novamente, por uma nuvem de algum conhecimento profundo, algum remorso não mencionado, e ela encheu-se de gavetas fechadas, entupidas de cartas, tal e qual seus armários. Falar em "arrombá-la" como se ela fosse uma ostra, utilizar apenas o mais belo e mais sutil e mais dócil dos instrumentos contra ela era uma impiedade, um absurdo. Devia-se imaginar— ei-la no espelho. Causou sobressalto.

A princípio ela estava tão longe que não se podia vê-la com clareza. Veio andando vacilante, endireitando uma rosa aqui, ali, levantando um cravo para cheirá-lo, mas sem parar; e enquanto isso ela se tornava maior, cada vez maior no espelho, cada vez mais a pessoa em cuja mente se tentava entrar. Isabela era examinada aos poucos — ajustando-se às qualidades descobertas neste corpo visível. Havia o vestido verde-acinzentado, os sapatos de bico fino, o cesto e alguma coisa cintilante na sua garganta. Ela se aproximou tão gradualmente que não pareceu desarranjar o contorno no vidro, mas somente trazer um novo elemento que se movia de leve e alterava os outros objetos, como quem pede cortesmente espaço para Isabela. E as cartas e a mesa e o caminho relvado e os girassóis à espera no espelho separaram-se e abriram-se de modo a que ela pudesse ser recebida

entre eles. Afinal, ei-la, no salão. Deteve-se. Ela parou em pé junto à mesa. Ela parou completamente imóvel. De imediato o espelho começou a verter sobre ela uma luz que parecia pregá-la; que parecia um ácido que corróio não-essencial e o superficial e deixa apenas a verdade. Era um espetáculo encantador. Tudo imanava de Isabela — nuvens, vestidos, cesto, diamante — tudo o que fora chamado de planta rasteira e convólvulo. Eis a dura parede embaixo. Eis a própria mulher. Ela se erguia nua naquela luz impiedosa. E nada havia.

Isabela estava completamente vazia. Não tinha pensamentos. Não tinha amigos. Não cuidava de ninguém. Quanto às cartas, eram todas contas. E enquanto ali estava, velha e angulosa, jaspeada e coberta de rugas, com o seu nariz arrebitado e o pescoço vincado, ela nem sequer se deu ao trabalho de abri-las.

As pessoas não deviam dependurar espelhos em suas salas.

GINÓIDE, PRESERVADA – Malon Edwards

"Você não alcançou sua meta de crowdfunding."

Meu moto-coração vacila. Meu bio-relógio toca. Faltam vinte e quatro horas.

Eu disse para a Mamãe que a campanha não funcionaria.

Dinheiro não era um problema. Seus amigos burgueses de Northbrook e Highland e Kenilworth têm dinheiro aos montes. Eles só estavam cansados de ouvi-la contar vantagem.

Por onze meses eles escutaram Mamãe tagarelando sobre as impressoras 3D de Naomi Nakamura (aquelas que podem imprimir epiderme, derme e hipoderme com noventa e nove por cento de exatidão), minha pele macia (colágeno cem por cento natural), meus lindos e texturizados cachinhos (cada fio cresce de minha derme com um córtex individual e camadas múltiplas) e minha hemoglobina artificial (projetada para manter o colágeno da minha pele e a queratina do meu cabelo).

Mamãe deveria ter me financiado ao contrário: campanha de crowdfunding no primeiro ano, e aí sim usar o dinheiro do Papai no meu segundo ano de vida. Assim ela poderia continuar a se vangloriar do meu Pacote Naomi Nakamura Super Platinum (com todas as memórias intactas, voltando até os 18 meses de idade), e ela e Papai ainda seriam os maiorais de Northbrook.

O desconto de fidelidade da Naomi Nakamura é enorme. No primeiros seis meses, pelo menos três amigos da Mamãe bateram em nossa porta para pedir o seu código de desconto. Dois deles tinham filhos drogados que haviam sofrido overdoses com três semanas de diferença, e o outro tinha

um filho que curtia asfixia erótica e queria um brinquedinho especial. Essas três indicações poderiam ter pagado três atualizações, incluindo dois anos na Universidade de Illinois.

Agora minha única esperança é a Hasbros.

Mamãe sorri alegremente, mais para ela do que para mim. "Não se preocupe. Ainda temos nosso Plano B. A Cermak Road Kardia sempre dá um jeito. Lembre-se do lema deles: 'Nos dê uma hora, e nós te daremos um ano.'"

Eu me afundo no sofá. "Você disse que eles eram uma farsa. Golpistas. Cirurgiões cardíacos arruinados e mecatrônicos amadores."

Vinte e três horas e quarenta e sete segundos.

Mamãe tira um lenço de sua manga e enxuga seus olhos. "Estou dizendo que não posso te consertar, e eles são tudo que você tem."

Vinte e três horas e trinta e dois segundos.

"Eu não quero ir. Eu só quero passar minhas últimas horas aqui, com você e o Papai."

Vinte e três horas e vinte e seis segundos.

Mamãe tenta me levantar. "Se sairmos agora, podemos chegar em Chicago em menos de uma hora."

Vinte e três horas e dezessete segundos.

“Talvez eles precisem encomendar algumas peças. Isso pode levar dias. Semanas, até."

Vinte e três horas e doze segundos.

Mamãe me puxa com mais força. "Confie no lema."

Vinte e três horas e sete segundos.

Eu não mexo um fio. Minhas lágrimas são súbitas. "A Naomi Nakamura LTDA ligou mais cedo. Eles vem me buscar amanhã, às três da tarde. A caixa fica por conta deles."

Como de costume, a internet estava certa. Eu não tenho nenhum programa de auto-preservação.

Nas últimas três noites, Mamãe, Papai e eu deitamos na cama, no escuro, esperando a chegada dos meus sete zeros.

Mamãe observa os dígitos embaixo da minha pele diminuírem. Vejo o brilho vermelho do bio-relógio no meu peito iluminar as lágrimas nas suas bochechas e o catarro no seu lábio superior.

Papai ronca.

Quando o dia amanhece, Papai entra no banheiro e chora. O dia inteiro.

De tempos em tempo, ele tosse algumas palavras. O seu lamento é claro: crowdfunding é uma merda, a Nakamura é uma empresa maquiavélica, a ausência de um programa de auto-preservação é intencional, obsolescência programada, criada para forçar parentes enlutados a reviver suas queridas e duplamente mortas filhas como ginóides ano após ano.

Quando a noite cai, nós três voltamos para a cama. Mamãe reinicia seu relógio. Papai dorme, exausto de tanta emoção. Eu olho para Mamãe e me pergunto se todo meu amor à vida se esgotou.

Um mês atrás, eu me ofereci para repaginar a página de doações da Mamãe. Ela era completamente sem graça.

"Não, não é verdade", ela me disse, franzindo o rosto. "Ela é emocionante. Funciona com pais. Você não iria entender."

Eu não entendi.

Os seus prêmios eram macabros — o melhor deles era uma cirurgia coronária tripla grátis — e os banners da página eram desinteressantes. Ela se recusava a sublinhar as partes mais importantes ou usar uma fonte que não fosse a Calibri em tamanho 10.

"Meu vídeo vai fisgar todo mundo", ela disse.

Mas isso não aconteceu.

O vídeo era um close da Mamãe em uma sala branca, sentada em uma poltrona branca e vestindo um terninho branco, narrando seu sofrimento após minha morte para a câmera por cinco minutos e quarenta e seis segundos.

"Isso não é emocionante", disse à Mamãe depois de assistir o vídeo. "Isso é meloso. E sem graça".

No dia seguinte, Mamãe me mostrou uma versão alternativa: ela em uma sala branca, sentada em uma poltrona vermelho-sangue, vestindo um terninho vermelho, os cotovelos nos joelhos, ombros para frente, falando diretamente com a câmera por sete minutos e trinta e seis segundos.
Ela não olhava para baixo. Ela não desviava o olhar. Ela não chorava.

Mamãe apenas contava ao mundo como a violência cruel de uma gangue e um marginal chamado Jean-Loup Galant mataram sua única filha, sua garotinha.

Deu certo.

Enquanto eu assistia seu vídeo, outros dez doadores ofereceram dez milhões de dólares cada para ajudar na meta de cinquenta milhões de dólares da Mamãe. E, apesar dela ter falado mal do Jean-Loup, eu sorri. Não podia evitar.

Eu estava três quartos financiada.

Papai foi claro quando eu levei Jean-Loup para jantar em casa pela primeira vez:

"Se você levar minha filha para Chicago, eu corto suas bolas. Se minha filha for te visitar em Chicago, eu corto suas bolas."

Papai é neurocirurgião. Nova classe média de Northbrook. Ele curte coisas pontiagudas.

Mamãe também foi clara:

"Se você for visitá-lo em Roseland, você nunca vai voltar para casa. As gangue haitianas irão te sequestrar, te espancar e te estuprar, depois vão pedir resgate, te encher de drogas e te matar."

Ela disse isso na mesa de jantar, enquanto Jean-Loup estava sentado do meu lado.

Mamãe é cirurgiã cardíaca. Família rica, burguesa do sul de Chicago. Filhote de Escolas Laboratório. Ela sabia que aquilo era bobagem.

Ela aprendeu na primeria série que Jean-Baptiste Point du Sable criou Chicago, um grande centro comercial e industrial. Ela aprendeu que ele havia sido um homem bonito e charmoso. Aprendeu como seu tino comercial e seu incrível carisma o tornaram o primeiro prefeito eleito de Chicago. Ela aprendeu que ele havia transformado Chicago em uma formidável cidade-estado durante seus seis mandatos.

Ela sabia que aquilo era bobagem.

Ela aprendeu desde as fraldas que seu tataravô, Etienne Jean-Louis, ajudou a transformar Chicago em uma cidade fantástica, cheia de minas de ferro e ferrovias. Ela passava por suas fábricas de ferro e aço todos os dias no caminha para a escola, olhando do banco de trás do Bentley os trens que corriam nos trilhos que haviam sido dele.

E reduzir a cidade do meu namorado, sua cidade natal, a uma guerra de gangues entre os Ro Boys em Roseland e os Wash Boys em Washington Heights, só porque Fernwood, o reduto da burguesia onde ela cresceu, ficava bem no meio — bem, ela sabia que aquilo era *bobagem*.

Eu conheci Jean-Loup no meu último ano do ensino médio, na competição de atletismo anual de Rock Island. Ele participava da corrida de obstáculos, 300 metros, e eu também.

Ele tentou me dar alguma dicas antes das eliminatórias. "Ele disse, "Gen bèl fòm. Mas você precisa fortalecer o músculo flexor da sua perna de apoio."

Ele estava se exibindo embaixo das luzes, na frente da platéia. Seus peitoral se mexia sob o uniforme da Chicago Leo.

Lá, em Rock Island, todo mundo é louco por competições de atletismo. Eles lotam o estádio nas sextas à noite para assistir os meninos que voam em seus uniformes vermelhos e torcer para o time dourado da casa, do mesmo jeito que os sulistas assistem futebol americano e torcem para os garotos lá no Texas.

"Esse joelhinho adorável não precisa de cicatriz."

Eu não podia com aquele sotaque de *Créole* Haitiano. Mas eu fiquei na minha.

Eu disse, "A última vez que minha perna de apoio ou de ataque atingiu um obstáculo foi no ano passado. Quarenta e quatro corridas atrás. Eu fiquei em segundo lugar na competição estadual — tudo isso no segundo ano."

Aí eu liguei meu Auricle, gritei o refrão de "Electric Lady", da Janelle Monáe, o mais alto possível, e corri com todas minhas forças e técnica impecável, dando uma volta de aquecimento ao redor do campo.

Não olhei para trás. Eu sabia que ele ia me seguir.

Mas eu não imaginei que morreria três meses depois, deitada em sua cama, com um tiro no meio da cabeça.

Jean-Loup estava acariciando minha sobrancelha esquerda com seu dedão. Seus lençóis tinham cheiro de garoto. Eu amo cheiro de garoto.

"*Mwen renmen sousi w*", ele disse.

Ele amava minhas sobrancelhas grossas e escuras. Ele amava passar a mão nelas quando eu as fazia. Ele amava como elas emolduravam a beleza do meu rosto.

Ele não estava tentando ser charmoso ou sedutor quando dizia isso. Ele não estava tentando se exibir.

Ele me amava.

Essa é a minha última memória como uma garota de verdade, minha memória-âncora, intocada pela bala que atravessou a parede do quarto e se cravou no meu cérebro.

Uma ginóide de Highland Park chamada Jae Lyn postou um holo-vídeo sobre sua primeira atualização.

Ela disse que, apesar dos técnicos sorridentes te dizendo que a paralisia é apenas temporária, e apesar das pilhas de cobertores que as enfermeiras colocam embaixo do seu queixo, se você se fixar em uma memória-âncora feliz antes do seu bio-relógio zerar — e você deve se esforçar para fazer isso quando estiver bem próxima dos sete zeros— a memória-âncora irá acalmar sua mente quando você acordar, e você não vai surtar quando seu sistema nervoso demorar para pegar no tranco, e vai se sentir toda quentinha e dormente, porque essa memória-âncora irá iniciar seu sistema de auto-preservação, e ela será sua primeira lembrança lá do outro lado.

A lembrança mais feliz já resgatada.

Então, enquanto deito no sofá, Mamãe acaricia minha testa e meu bio-relógio bate os seus últimos segundos — nove, oito, sete — eu fecho meus olhos — seis — me agarro à memória de Jean-Loup sobre mim — cinco — ouço ele sussurrar, *Mwen renmen sousi w* — quatro — (eu amo suas sobrancelhas) — três — meu moto-coração começa a parar — dois — tudo vira silêncio — um —

Eu sorrio.

A IMAGEM PERDIDA – E.T.A. Hoffmann

I

Uma tarde de inverno, à espera do último dia do ano, senti de repente o sangue queimar-me nas veias e o coração gelar-me no peito. Lá fora, rajadas de tempestade agitavam a noite. Esta crise do céu transmitia-me descargas elétricas ao corpo; meu cérebro fervia como metal em fusão. Quando todos os meus nervos ficaram saturados desse fluido desconhecido, a que se dá o nome de febre ou delírio, não pude mais ficar em casa e corri para fora, sem manto, os cabelos ao vento. Os cata-ventos das casas guinchavam como gatos enfurecidos e parecia-me distinguir, entre as vozes confusas da tempestade, o tiquetaquear do relógio que assinala a queda das horas no abismo da eternidade.

Coisa bizarra! A véspera de Ano Novo que é, para toda gente, uma data alegre, encontrava-me presa de fundas dores morais. Seria porque, a cada festa de Natal, contando os dias que haviam decorrido e sentindo-me envelhecer, eu entrevisse mais de perto a aproximação do fim? Pressentia-o apenas e não podia evitar que um terror misterioso de mim se apoderasse; tanto mais quanto o diabo sempre teve o cuidado de reservar-me, para o São Silvestre, qualquer nova desventura.

Ontem, por exemplo, ao entrar num salão, deparei, sentada em companhia de um grupo de damas, com uma figura de feições angelicais... Sim, era Ela! Ela, a quem eu não via há cinco anos!... "Deus seja bendito", exclamei no fundo da alma; "Ela voltou para mim". Fiquei interdito, como se a varinha de um mágico me houvesse tocado. Nesse instante, o dono da casa tocou-me levemente o ombro:

– Então, caríssimo Hoffmann – disse-me ele – em que pensas? Voltei a mim, muito envergonhado de minha inépcia, e aproximei-me da mesa de chá para sair do embaraço.

Nesse momento, Ela me viu, levantou-se e veio dizer-me, num tom de voz cheio de indiferença:

– Tu aqui? Encantada de ver-te. Como tens passado?

Depois, sem esperar resposta, sentou-se novamente, dirigindo à sua vizinha estas palavras, que me trespassaram o coração.

– Teremos, então, na semana que vem, um belo concerto no palácio?

Um raio, caindo a meus pés, não me teria perturbado tanto.

Figurai-vos que experimentaria um homem que, ao aproximar-se de uma rosa cultivada com amor, para respirar-lhe o perfume, sentisse uma vespa sair do cálice da flor e picar-lhe o nariz. Recuei de modo tão brusco, os olhos turvados pelo sangue que me subira à cabeça, que derrubei ao chão uma travessa de sorvetes. Rolou tudo sobre o tapete; nesse instante, desejaria estar enterrado a cem toesas de profundidade. Por sorte, um artista célebre acaba de entrar. Fui esquecido e pude contemplar Ela, Júlia, em todo o esplendor de sua beleza.

Pareceu-me mais alta, mais cheia de formas, mais sedutora do que nunca. Suas vestes, de imaculada brancura, ondeavam, em pregas, sobre seu corpo. Suas espáduas e seu pescoço se destacavam, como um bloco de neve, contra o decote enfeitado de rendas; seus cabelos de um negro de ébano, desatavam-se em cachos cambiantes, que lhe davam à face um caráter seráfico. Ao passar perto de mim, voltou-se e acreditei ter lido, no seu olhar de um azul tão doce, não sei que expressão zombeteira.

Minha razão sumiria se o maestro, que acabara de iniciar uma cantata, não me houvesse refrescado a alma com uma cascata de harmonias. Apenas terminou a execução, o auditório cumulou-o de felicitações. Mas, nesse turbilhão de diletantes, vi-me separado de Júlia por alguns instantes.

Reencontramo-nos pouco depois, diante de uma poncheira. Então, ó ventura inaudita! ela ofereceu-me um copo, sorrindo celestialmente e dizendo-me, com uma voz cuja lembrança nada poderá jamais apagar de minha memória:

– Quer aceitá-lo de minhas mãos, como antigamente?

Ao recebê-lo, rocei-lhe os dedos; mil faíscas abrasaram-me o sangue. Bebi o licor dourado até a última gota e pareceu-me que chamas azuladas voavam sobre meus lábios. Meus sentidos nadavam numa embriaguez deliciosa e quando voltei a mim, estávamos, eu e Ela, lado a lado, sobre os coxins de um divã rosa, ao fundo de um gabinete iluminado pela luz sonhadora de uma lâmpada de alabastro, suspensa por cadeias de prata.

Júlia a meu lado, Julia sorridente, afetuosa como outrora; não seria tudo um sonho? Ai! Sonho ou realidade, a ele me entregava inteiramente. Parecia-me ouvi-la dizer as palavras mágicas:

– Meu Teodoro, amo-te, não vivo senão por ti. És a minha poesia e a minha felicidade!

E eu lhe respondia:

– Deus nos reuniu e nem todas as potências do inferno poderão nos separar!

Subitamente um pequeno manequim, com olhos de rã, sustentado por patas de aranha, apareceu tropeçando no meio do gabinete.

– Onde, com todos os diabos, te meteste, Júlia? – disse, esticando um nariz pintalgado de tabaco de Espanha.

Júlia levantou-se e despertou-me atrozmente com estas palavras:

– Então, não achas que devemos voltar à festa? Como vês, meu marido está à minha procura. És bem divertido, tanto quanto outrora, meu caro Teodoro; entretanto, não deves beber tanto ponche.

Soltei um grito de desespero.

– Perdida para toda a eternidade!!!

– É como diz, meu bravo senhor – respondeu o odioso animal, a quem ela chamava seu marido.

Era demais para as minhas forças. Sentia-me enlouquecer. Num átimo, vi-me fora do salão, correndo pela escada abaixo. Na rua, a chuva que tombava em cascatas molhava-me o rosto. Eu corria desabaladamente, sem direção nem consciência. E teria continuado a correr se a taverna de mestre Thiermann não me detivesse a fuga com suas portas abertas. Por elas adentro me precipitei, a respiração ofegante, a goela seca e os olhos dilatados.

Julgaram-me bêbado; não há freguês melhor que um bêbado.

Dessarte, malgrado a falta de chapéu e casaco, o hospedeiro, ao me ver elegantemente trajado, perguntou-me polidamente que desejava eu.

– Um canecão de cerveja e um cachimbo! Fui servido imediatamente.

Os freqüentadores da taverna me olhavam pelo canto dos olhos e o hospedeiro ia talvez me interrogar sobre a aventura, que a minha visita, em semelhante desalinho, fazia suspeitar, quando três batidas nas vidraças da taverna seguidas de um grito: "Abra depressa, sou eu!", desviou-lhe a atenção. Ele acorreu à porta, com um castiçal, e logo depois um homem alto, descarnado como um esqueleto, entrou na sala e encaminhou-se, andando de lado, com as costas voltadas para a parede, para uma pequena mesa, onde se sentou.

Esta personagem tinha aparência distinta, mas pensativa. Pediu, como eu, cerveja e tabaco; encheu o cachimbo com impaciência e envolveu-se em seguida em espessa nuvem de fumaça. Em meio a fumaceira, tirou o chapéu de feltro e o casaco; pude então notar, com surpresa, que sobre as botas trazia chinelas. Continuando a fumar, passou em revista uma pilha de ervas, que retirou de uma caixa de metal semelhante às usadas pelos botânicos.

Atrevi-me, para iniciar conversa, a fazer-lhe algumas perguntas sobre as ervas que pareciam interessá-lo tanto.

– O senhor não é muito forte em botânica – respondeu-me ele à meia voz.
– Senão, teria visto logo que são plantas exóticas; estas foram colhidas na América, nas cercanias do famoso vulcão Chimborazo.

A entonação de sua voz produziu em mim uma espécie de comoção magnética. Senti que as palavras morriam-me à flor dos lábios e pareceu-me que, por desconhecidos que fossem, os traços deste homem haviam aparecido nos sonhos de minhas noites agitadas.

Minha preocupação foi interrompida pelo ruído de novo golpear ansioso nas vidraças da taverna. O hospedeiro abriu a porta, mas o recém-chegado gritou de fora, antes de entrar:

– Não se esqueça de cobrir bem o espelho!

– Bem, bem – disse o hospedeiro, prendendo uma toalha ao caixilho do espelho – eis que chega o general Suwarow.

O general nada tinha de belicoso. Entrou saltitante, com passos pesados, descrevendo uma série de ziguezagues. Era baixinho, todo envolto num capote pardo de mangas largas, dentro do qual parecia, contudo, tremer de frio.

Veio sentar-se à nossa mesa, colocando-se entre o botânico de Chimborazo e eu. Mas as nossas cachimbadas o incomodavam e, voltando-se alternadamente para cada um de nós, queixou-se da fumaça e lamentou ter esquecido seu rapé.

Eu trazia comigo uma tabaqueira de aço polido, muito nova e brilhante. Apressei-me a oferecê-la a ele, delicadamente. Apenas a viu, cobriu o rosto com ambas as mãos e gritou:

– Com todos os diabos! Esconda este maldito espelho!

Sua voz era convulsa e todo o seu corpo tremia. Julguei-o louco. Serviram-lhe vinho do norte. Eu o espiava furtivamente quando, de súbito, vi seu rosto mudar de expressão e cor, como as imagens de uma lanterna mágica.

Desta vez, um suor gelado inundou-me a fronte; senti um medo terrível, não me pejo de confessá-lo.

"Este general Suwarow – disse comigo mesmo – não será Satã disfarçado, que vem me tentar?"

Enquanto eu dava curso às suposições mais fantástica, o ilustre personagem das ervas passava o seu tempo a espevitar a candeia com extremo cuidado e o pequeno se levantara para arrumar melhor o pano

que velava o espalho. Essa bizarria não era de molde a tranqüilizar-me, quanto às suas faculdades mentais. Ambos se puseram em seguida a conversar sobre um jovem pintor que expusera recentemente um magnífico retrato de mulher.

– Sem dúvida alguma – dizia o magricela – é uma obra maravilhosa; pode-se dizer que o retrato é a imagem do modelo.

– Imagem? Imagem? Que animal estúpido poderia se apoderar de uma imagem, a não ser o diabo em pessoa? – gritou o general, dando um pulo na cadeira. – Mostre-me uma imagem roubado a um espelho – desafio-o a fazê-lo – e darei um pulo de quinhentas toesas de altura!

Nesse instante o magricela, pouco lisonjeado com a tirada de seu interlocutor, levantou-se e, passando a mão sob o queixo, disse com um sorriso amargo:

– Calma, meu pequeno, não te faças violento. Os movimentos muito bruscos me impacientam facilmente e eu poderia atirar-te pela janela...

O general, pestanejante, apanhou o chapéu, ergueu-se e recuou até a porta.

– Peste de homem! – disse, fazendo reverências e saltitando de maneira cômica – diabo raivoso, passa bem. Se não posso ver-me ao espelho, conservarei, ao menos, minha sombra, enquanto tu, meu caro... Bem, aqui ficam meus cumprimentos!...

Dito isso, desapareceu, deixando o botânico num estado de consternação difícil de descrever.

A idéia de um homem sem sombra me causava espécie. Vi-o partir também em seguida. Ao atravessar a sala, seu corpo não projetava sombra alguma.

Lembrando-me então do famoso Peter Schlemihl, esse Judeu Errante da Alemanha, corri atrás dele. Mas apenas atravessara a porta quando o hospedeiro me deu um empurrão, gritando:

– Que o diabo leve todos os fregueses de vossa espécie e Deus permita que nunca mais vos veja!

Quanto ao magricela, não consegui alcançá-lo. Com três passadas, desaparecera rua abaixo.

Eu havia esquecido minha chave no bolso do casado. Era-me, pois, impossível entrar em casa. Decidi a pedir asilo a um de meus amigos, o proprietário do Águia de Ouro. O porteiro não me fez esperar e fui conduzido a um belíssimo aposento, enfeitado com um grande espelho recoberto por uma cortina de sarja verde. Não sei porque me veio o capricho de levantar a cortina. Vi-me refletido no espelho, tão pálido e tão desfeito que mal consegui me reconhecer; depois, parecendo-me que, do fundo do espaço refletido pelo espelho, vinha avançando para mim uma forma indecisa e vaporosa.

Ao fixar os olhos nessa aparição, acreditei ver... sim, era Ela mesma, a figura adorada de Júlia.!

– Ó, minha querida, voltas para aquele que não pode viver sem ti?

Um profundo suspiro me respondeu. Tal suspiro saiu das dobras do cortinado que escondia a alcova. Corri para o leito e deixo à vossa imaginação a tarefa de figurar o que devo ter sentido ao encontrar nele deitado, o homenzinho a quem o hospedeiro da taverna chamara general Suwarow.

Esse bizarro personagem sonhava em voz alta e seus lábios, contraídos por uma emoção penosa, pronunciavam um nome que me fez bater o coração mais depressa:

– Giulietta!... Giulietta!

Sacudi vivamente o homenzinho até acordá-lo.

– Com quantos diabos resolveu ocupar – disse-lhe – o quarto que me havia sido destinado?

– Ah! senhor – retorquiu, abrindo os olhos e estirando os braços – como lhe sou grato por haver interrompido o pesadelo que me oprimia!

Uma rápida explicação foi quanto bastou para eu descobrir que o porteiro havia-se enganado ao levar-me para aquele aposento. Pedi desculpas ao general e começamos a conversar.

– Devo ter-lhe parecido – disse o desconhecido – bem inconveniente ou louco esta noite, na taverna. Mas o senhor será indulgente para comigo se

alguma vez lhe aconteceu experimentar sensações inexplicáveis.

– Ah! meu caro senhor – repliquei – poder-se-ia dizer de mim outro tanto; pois olhe, não faz muito tempo que revendo Júlia...

– Júlia! Que nome acaba o senhor de pronunciar! – gritou o homenzinho, jogando-se sobre o travesseiro. – Oh! cale-se, pelo amor de Deus, deixe-me dormir e não esqueça de cobrir o espelho.

– Mas como – continuei – o nome de uma mulher que o senhor certamente não conhece pode impressioná-lo tanto? Quer-me parecer que a expressão do seu rosto altera-se a cada instante. Vamos, acalme-se e consinta que eu repouse, até o amanhecer, ao seu lado. Tratarei de não incomodá-lo.

– Não, pode ficar com o quarto todo. Vejo que para mim não existe calma nem repouso possíveis. O senhor pronunciou o nome de Júlia... Júlia! Giulietta!... É muito estranho. Estaremos unidos pela fatalidade, sem sabê-lo, no mesmo infortúnio?... Embora eu tenha talvez de afligi- lo mortalmente, não posso evitá-lo. Devo confessar a causa do meu infortúnio. Acho que isso me aliviará.

O homenzinho deslizou para fora do leito e dirigiu-se para o espelho, do qual retirou a cobertura. Todos os objetos e luzes do quarto, assim como minha figura, nele se refletiram nitidamente. Mas a imagem do general Suwarow nele não aparecia.

– Veja – continuou ele com voz plangente – se sou ou não muito infeliz? Pedro Schlemihl vendeu sua sombra ao Diabo; pois bem, eu, eu dei minha imagem a Giulietta, que nunca mais mo devolverá! Meu Deus! Meu Deus! que fatalidade!

Fiquei estupefato com a narrativa. Em meu coração, o horror se misturava à piedade.

O homenzinho, entregue completamente à sua dor, jogara-se no leito convulsivamente; mas, dali a pouco, estava roncando. O ruído que fazia acabou por me fazer mergulhar numa sonolência irresistível. Apaguei as luzes e estendi-me ao seu lado, sem despir-me, decidido a esperar o amanhecer.

A excitação do meu sistema nervoso atingira o máximo; meu espírito turbilhonava num labirinto povoado de fantasma indescritíveis. Pareceu-

me, de repente, que o mundo diminuía, como aquelas casas de bonecas. Vi todos meus amigos mudados em homúnculos de açúcar. Depois todas essas figuras cresceram desmesuradamente e, no meio delas, apareceu Julia, que me estendia um copo cheio de ponche, dizendo:

– Bebe, meu anjo, bebe este licor divino!

Vi pequenas chamas azuladas tremularem à borda do copo. Estava prestes a agarrá-lo quando uma voz gritou atrás de mim:

– Não beba! Não beba! É o veneno de Satã!

Voltei-me e reconheci o general Suwarow, que se ria debaixo do meu nariz. Julia continuava com suas provocações; seu olhar me queimava, o timbre de sua voz me dava vertigens.

– Por que tens medo? – dizia ela – Não nascemos um para o outro por toda a eternidade? Não me deste tua imagem em troca de um beijo?

Eu me sentia morrer e estendi o braço para receber a taça mágica no fundo da qual desejava afogar minha alma. Mas o pequeno Suwarow gritava, em voz mais forte ainda:

– Não beba! Não beba! Essa bela moça que lhe sorri é o diabo em pessoa; se tocar os lábios a taça, o sortilégio desaparecerá, restando somente a realidade da perda.

Julia continuava a insistir e a embriagar-me com sua sedução; não sei o que iria me acontecer quando, de súbito, todas as figuras de açúcar cândi se puderam a dançar em torno de mim, com uma tal rapidez que não discerni mais nada. Esse pesadelo não terminou senão às onze horas da manhã, quando um criado do Águia de Ouro veio despertar-me para avisar que o desjejum estava servido. O general Suwarow se levantara muito cedo, pagara sua despesa e deixara, endereçado a mim, um pacote lacrado dentro do qual havia um manuscrito, de letra miúda e de difícil decifração, no qual se narrava a singular história que se segue. Era, talvez, a sua história.

II

Numa bela manhã, mestre Erasmo Spickherr viu-se, pela primeira vez, em condições de satisfazer a mais ardente paixão de sua vida.

Acabara de juntar uma pequena herança, da qual retirou uma soma suficiente para cobrir os gastos de uma viagem à Itália. Na hora da partida, sua jovem esposa acompanhou-o, com o filho nos braços, até a carruagem:

– Adeus! – gritou ela, os olhos úmidos de lágrimas – querido Erasmo! Pensa sempre em mim, que ficarei em casa, e tem cuidado para não perder a boina de viagem, dormindo com a cabeça para fora da janela da carruagem.

Em Florença, Erasmo travou conhecimento com um alegre grupo de compatriotas seus, que jogavam dinheiro fora e levavam a vida mais desvairada que qualquer artista ou filho-família jamais viveu sob o tépido sol da Itália.

Eram festas e banquetes, noite e dia, em mansões esplendorosas, com mulheres trajando costumes fantásticos, cuja elegância e riqueza de cores emprestava-lhes o aspecto de flores animadas. Somente Erasmo, fiel à lembrança de sua esposa legítima, não se arriscava, malgrado seus 27 anos, a nenhuma excursão além do círculo da fé conjugal.

Certa noite, quando esses pândegos estavam reunidos numa orgia regada a vinho, um deles, Frederico, o mais fogoso do grupo, rodeando com o braço o talhe esguio da amante, e erguendo seu copo onde brilhava um líquido dourado, ergueu um brinde incandescente à beleza das rainhas da noite, acrescentando:

– Quanto a ti, meu pobre Erasmo – disse a Spickherr – entristece- nos profundamente com essa fisionomia fúnebre. Bebe e cantas como um coveiro e portas-te de modo lamentável para com nossas damas.

– Juro-te, meu caro – respondeu Erasmo – que é meu dever permanecer indiferente ao encanto dessas damas. Deixei na pátria minha digna esposa e, quando se é, como eu, pai de família...

A estas palavras, ditas pelo pobre Erasmo com solene gravidade, os presentes caíram num frouxo de riso. A amante de Frederico, depois de lhe terem dito em italiano o que dissera Erasmo, voltou-se para o frio alemão e disse-lhe:

– Toma cuidado. Se visses Giulietta a neve do teu coração se fundiria como gelo ao sol.

No mesmo instante um ligeiro roçagar de sedes por entre a folhagem anunciou a aparição de uma jovem de esplendorosa beleza. Um vestido branco, que lhe punha a descoberto as espáduas níveas e a garganta magnífica, caía em dobras sedutoras sobre seu talhe de fada. Sua cabeleira, perfumada, em ondas de ébano, enquadrava, com um encanto inefável, o oval admirável de um rosto de madona.

Pedrarias cintilantes adornavam-lhe os braços e o colo.

– É Giulietta – exclamaram as raparigas.

– Sim, sou eu – disse, com um sorriso angélico, a bela desconhecida. – Permitis que vos faça companhia por um instante? Bem, vou sentar-me ao lado deste alemão carrancudo que não diz uma palavra.

Em meio aos sussurros de suas rivais em beleza, a recém-chegada tomou lugar ao lado de Erasmo, que pensava sonhar. A vista de tantos encantos, sentia o coração pular-lhe; seu olhar se fixava em Giulietta como que aterrorizado. A bela florentina apanhou da mesa uma taça cheia e entregou-a a ele dizendo:

– Aprazer-te-ia, severo estrangeiro, que eu fosse a senhora dos teus pensamentos?

Erasmo enrubesceu; todo o seu ser vibrava; erguendo-se, como que impelido por uma mola, caiu diante dela, numa postura de adoração:

– Sim! – exclamou – é a ti que eu amo, anjo dos céus! Tua imagem morava em meus sonhos; tu me trazes a felicidade dos eleitos.

Esta explosão fez crer aos presentes que Erasmo enlouquecera. Giulietta ergueu-o, pedindo que se acalmasse, e a alegre conversa recomeçou, mais animada. Solicitada a cantar, ela concordou, com graça esquisita. Sua voz

magnética provocava sensações inéditas. As horas passaram como se fossem minutos.

Ao amanhecer, Giulietta decidiu retirar-se. Erasmo queria acompanhá-la, mas ela recusou e, indicando os lugares onde ele poderia reencontrá-la, desapareceu como uma sílfide. O pobre apaixonado não ousou segui-la e dirigia-se tristemente para casa quando, a uma esquina, encontrou um personagem alto e magro, trajando um costume escarlate pontilhado de botões de aço.

– Oh! Oh! – fez o desconhecido – que cara desconsolada tem o senhor Spickherr esta manhã! Os moleques da cidade vão correr atrás do senhor! Trate de esconder-se.

– Ei! Quem és tu, imbecil, para me falares dessa maneira? Segue teu caminho! Respondeu-lhe Erasmo.

– Devagar, meu valente – continuou o homem de escarlate. – Mesmo que tivesses asas de águia, não alcançarias Giulietta esta manhã!

– Giulietta! Que quer dizer? – retorquiu Erasmo, fazendo meia volta para agarrar seu interlocutor.

Este, porém, desembaraçando-se com uma pirueta, eclipsou-se como um fogo fátuo.

Erasmo viu novamente Giulietta. A bela rapariga o recebeu de bom grado, mas sem lhe permitir quaisquer liberdades. Entretanto, quando ele lhe falava, fogoso e apaixonado, ela lhe lançava, às furtadelas, olhares cheios de fascínio. Ele abandonou a companhia ruidosa dos amigos para segui-la por toda a parte, como se não pudesse viver senão do mesmo ar que ela respirava.

Certo dia, reencontrou Frederico; não pôde escapar-lhe, e este lhe disse:

– Meu caro Spickherr, eis enfeitiçado pelos filtros de uma nova Circe!.Ainda não compreendeste que Giulietta é a mais dissoluta das criaturas?

– Ignoras então a fieira de histórias que se contam sobre ela? É preciso que sejas muito tresloucado para esqueceres tão depressa aquela boa esposa de que falavas com tanta ternura.

Erasmo escondeu o rosto entre as mãos e não pôde conter as lágrimas.

– Vamos – continuou Frederico – deixa essa paixão que te perde e vem comigo. Deixemos Florença sem perda de tempo!

– Sim, sim, imediatamente – exclamou Erasmo. Partamos hoje mesmo.

Os dois amigos caminhavam apressadamente quando o homem de escarlate cruzou-lhes, de súbito, o caminho:

– Vamos, senhor – disse a Spickherr – apresse-se pois a bela Giulietta espera-o com ansiedade.

– Vá para o diabo, animal! – exclamou Frederico – Este é o signor Dapertuto, muito conhecido como doutor em milagres; um charlatão maldito que vende a Giulietta drogas infernais...

– Quê! – interrompeu Spickherr – então este imbecil freqüenta a casa de Giulietta?

Antes que seu amigo pudesse replicar, ouviu, ao passarem sob um balcão, a voz argentina de Giulietta que o convidava a subir. A magia desse apelo perturbou a resolução de Erasmo. Mais embriagado do que nunca apela paixão, deixou-se de novo prender pela amorosa algema e acompanhou a bela cortesã a uma vila de recreio para onde ela se dirigia em busca de prazeres. Um jovem italiano, notavelmente feio de rosto e grosseiro de maneiras, se achava lá e perseguia Giulietta com seus galanteios. Erasmo sentiu todas as serpentes do ciúmes morderem-lhe o coração e afastou-se com ar sombrio. Giulietta correu atrás dele:

– Vamos, querido – disse-lhe languidamente – não és todo meu?...

Ao mesmo tempo em que falava, aproximou-se dele e roçou-lhe a face com um beijo.

– Para sempre! – exclamou Erasmo, abraçando-a inflamado de amor.

A florentina escapou-lhe habilmente e lançou-lhe um olhar cuja expressão quase o fez perder o pouco da razão que lhe restava.

Voltaram ambos para a festa. O jovem italiano havia os acompanhado com os olhos e, fazendo-se de rival ofendido, vingou-se com amargos sarcasmos contra os alemães. Erasmo, que se irritava facilmente, ameaçou o italiano de rude correção. Este fez brilhar um punhal. Não podendo mais se conter, Erasmo saltou-lhe à garganta, derrubando-o por terra e assentou-lhe na cabeça um pontapé tão violento que o desgraçado perdeu os sentidos. Mas o estupor que esse acontecimento lhe causou deu-lhe também vertigens.

Quando voltou a si estava no boudoir de Giulietta.

– Meu pobre e querido alemão – dizia ela – quero salvar-te. Mas é preciso que abandones Florença o mais depressa possível. É preciso que me deixes para sempre, a mim que te amo tanto! Não nos veremos mais.

– Ah! – exclamou Spickherr – antes morrer de mil mortes. Mesmo que eu devesse perder a alma, sou teu para sempre!

– Oh! – continuou Giulietta – voltarás para tua esposa, a quem também amas e, ao lado dela, me esquecerás logo.

Ambos se achavam sentados diante de um magnífico espelho veneziano. A florentina prendeu Erasmo dentro de seus braços ebúrneos.

– Ah! se ao menos – disse ela com olhos úmidos – se ao menos me deixasses tua imagem, enquanto esperássemos que o amor nos reunisse novamente...

– Minha imagem!... que queres dizer?... Minha imagem!... – balbuciou Erasmo, desconcertado. – Mas como poderias guardá-lo, se ele é inseparável de mim?

– Recusas, então? – disse ela, com um suspiro fundo. – Nada me restará da lembrança, nem mesmo esta fugitiva imagem que me sorri do fundo do espelho!

E as lágrimas tombavam como gotas de fogo, sobre o rosto do jovem alemão.

– Choras, Giulietta, minha adorada! – exclamou – Ah! já é preciso fugir para subtrair-me à desgraça que nos separaria para toda a vida, que, ao menos, eu te possa deixar, para a eternidade, essa imagem cuja presença adoçará tuas recordações!...

Apenas acabara de falar, quando, lançando um olhar ao espelho, não mais viu a sua imagem. A mesma Giulietta, que ele apertava ao coração, esvaneceu-se como nuvem. Vozes fantásticas ressoavam no silêncio do apartamento deserto.

Erasmo, transido de espanto, sentiu um véu gelado descer-lhe sobre os olhos; procurou a porta aos tateios, como um embriagado, abriu-a com dificuldade e desceu a escada num silêncio cheio de horror. Apenas alcançara a rua quando braços o agarraram no meio das trevas e o meteram numa carruagem, que partiu velozmente.

– Não tenha medo – disse-lhe uma voz. – Giulietta confiou-o aos nossos cuidados. Sabe que aquele estúpido italiano recebeu uma de que jamais se esquecerá? Esse acidente me entristece, pois Giulietta amava o senhor. No momento, não lhe resta alternativa senão escapar às garras da justiça e, se realmente insistir em não deixar Florença, sei de um meio de escondê-lo de todos os olhares...

– Oh! caro senhor – respondeu Erasmo, soluçante – como poderia fazê-lo?

– Nada mais fácil – continuou o desconhecido. – Tenho um segredo para tornar as pessoas irreconhecíveis, alterando-lhes os traços fisionômicos. Quando amanhecer, faremos uma tentativa e, olhando-se no espelho, o senhor mesmo será o juiz.

– Deus! – exclamou Erasmo – que horror!

– Não vejo nada de horrível – replicou o homem oculto. – Arranjar- lhe-ei uma imagem muito delicado.

– Ah! Devo confessar que ... que...

– Que houve?... Terá por acaso esquecido sua imagem em casa de Giulietta? Se assim for, não há o que fazer senão voltar à sua pátria. Creio

que sua querida esposa se importará pouco com o que perdeu, desde que o tenha de volta em carne e osso.

A certa altura, a carruagem cruzou com um bando de alegres convivas, que voltavam para casa a luz de tochas. Erasmo olhou para seu companheiro de viagem e reconheceu nele o homem de escarlate, a quem seu amigo Frederico chamava Dapertuto. Num átimo, saltou do veículo e correu à toda velocidade atrás dos condutores de tochas, entre os quais estava Frederico.

– Salva-me! – disse-lhe ao ouvido, com voz opressa – fiz uma loucura!

Mas não acrescentou que perdeu sua imagem. Frederico levou-o para casa e, sem perda de tempo, arranjou-lhe meios de deixar Florença a cavalo, ao amanhecer.

O infeliz Spickherr escreveu a história dessa triste viagem. Suas aventuras são comoventes. Certo dia em que, morto de fadiga, desejava repousar numa hospedaria, cometeu a imprudência de se colocar diante de um espelho. O garçom, que servia a mesa, olhando por acaso para o vidro e não vendo refletido nele a imagem do freguês, comunicou esse fato surpreendente a um vizinho; este contou-o a outro e logo vários dos presentes começaram a gritar:

– Quem é este homem sem imagem? É um maldito, um enfeitiçado, ou o Diabo em pessoa!

Erasmo salvou-se fechando-se no quarto onde contava poder passar a noite. Todavia, logo depois vieram agentes da polícia dizer- lhe que, em nome dos magistrados, deveria ou mostrar sua imagem ou deixar a cidade sem perda de tempo.

Forçado a fugir através dos campos, para evitar as caravanas que cruzavam o caminho, ele não entrava nos albergues senão ao cair da noite; pedia ao proprietário para cobrir os espelhos; foi por isso que recebeu a alcunha de general Suwarow, porque, ao que se dizia, este general tinha a mesma mania.

Chegou, por fim, à sua cidade natal. A esposa o recebeu de braços abertos e ele acreditou, por um momento, que sua desgraça chegara ao fim. Tomando toda sorte de precauções, conseguiu dissimular a perda de sua imagem. Conseguiu mesmo esquecer Giulietta. Mas, certa noite em que brincava com o filho, este tendo sujado as mãos na chaminé do fogão, comprimiu-as contra o rosto do pai, gritando alegremente:

– Veja, papai, como senhor ficou lambuzado!

Depois, escapando-se dos braços do pai, apanhou um espelho, colocando-o diante dele e espiando por cima do seu ombro. Antes que Spickherrr pudesse se erguer, o pequeno, não vendo no vidro a imagem do pai, deixou cair o espelho e fugiu, chorando. Ao ruído, apareceu a mãe.

– Que é que me diz a criança? – perguntou ela.

– Ei! Por Deus – respondeu Spickherr, com um riso forçado – ele te diz que não tenho imagem. Pois bem! Que importa? Uma imagem não é mais que uma ilusão, minha querida; quem se olha ao espelho, peca por vaidade; Deus me livre desse pecado!

A pobre mulher agarrou o marido pela mão, arrastou-o, como se arrasta um culpado, até diante do espelho e, dando-se conta da horrível verdade, transformou-se numa megera furiosa.

– Vai embora – gritou – vai para bem longe daqui, maldito; deves ter feito algum pacto com o Demônio! Ou talvez nem sejas meu Erasmo: és um espírito do inferno!

Persignou-se inúmeras vezes. Erasmo, desesperado, abandonou a casa a correr e foi se refugiar numa campina deserta. Enquanto errava ao azar, roído de mil angústias, a imagem de Giulietta lhe apareceu de repente, mais bela do que nunca.

– Ai – disse ele – que te fiz para que me persigas? Minha mulher me abandonou, não tenho mais nenhum afeto sobre a terra; tem piedade, Giulietta, tem piedade de mim. Onde te reencontrarei agora?

– Bem perto daqui, meu caro, pois ela está ansiosa por revê-lo – respondeu uma voz atrás dele. Voltou-se, muito surpreso, e deu de cara com o odioso

Dapertuto, que o mirava com olhar sardônico.

– Sou seu humilde servidor – continuou o homem – e afirmo-lhe que tão logo Giulietta esteja certa de poder possuí-lo em pessoa, terá imenso prazer em devolver-lhe a imagem que, evidentemente, não pode saciar seu amor.

Erasmo estava fora de si.

– Leve-me a ela – exclamou – e lhe pertencerei sem qualquer reserva...

– Perdão – disse Dapertuto – isso exige o cumprimento de uma formalidade. O senhor está comprometido por ligações que devem ser rompidas, visto que Giulietta quer possuí-lo sem partilha. Ora, sua mulher e seu filho...

– Ah! minha mulher... meu filho...

– É preciso desembaraçar-se deles; oh! mas de uma maneira muito simples, que não o comprometerá. Tenho aqui, dentro de um pequeno frasco, um elixir, do qual duas gotas apenas livram a pessoa de toda sorte de importunos. Estes não farão, garanto-lhe, sequer uma careta. Tome, meu caro, isto exala um ligeiro perfume de amêndoas que provoca um sono... um sono definitivo.

– Miserável! – urrou Erasmo – Ousas então propor-me tal crime?

– Éh! Quem fala de crime? – replicou Dapertuto. – O senhor deseja rever Giulietta e lhe ofereço o meio, eis tudo. Tome logo o frasco e não banque a mulherzinha.

Erasmo, preso de vertigens, achou-se de súbito com o frasco na mão e diante do leio no qual sua mulher se agitava nas aflições de um pesadelo. O pobre marido sentiu o coração partir-se-lhe no peio ante este espetáculo. Abriu a janela, jogou o frasco bem longe e foi-se fechar no quarto vizinho, para chorar seu destino. A lembrança de Giulietta veio atormentá-lo.

– Anjo ou demônio – gritou ele – causa da minha desgraça. Pois bem! Aceito meu destino: aparece mais uma vez diante de meus olhos; quero morrer revendo-a!

Nesse instante, soou meia-noite. À última pancada do relógio, Giulietta apareceu.

– Meu bem amado – disse-lhe – guardei fielmente tua imagem: ei-lo!

O véu que cobria o espelho tombou e Erasmo viu sua imagem enlaçada a da bela florentina.

– Oh! se me amas, devolve-me a imagem; devolve-me, por piedade! – disse ele, caindo de joelhos. – Mas não posso comprá-lo ao preço do crime que me exige Dapertuto!

– Escuta – continuou Giulietta – não podemos nos unir senão quando teus laços estejam rompidos. Um padre os atou; somente tu podes renunciar a eles. Mas não é preciso que o faças pessoalmente; toma apenas este papel e escreve em cima que renuncias à tua família terrestre para me pertencer eternamente...

Erasmo tremia. Giulietta o beijava ardentemente. Subitamente, viu erguer-se de trás dela a figura de Dapertuto, que lhe apresentava uma pena de ferro. Nesse mesmo instante, uma veia de sua mão esquerda rebentou e o sangue começou a jorrar.

– Escreve! Escreve! – dizia Dapertuto, com voz metálica.

– Escreve meu bem-amado! – dizia Giulietta, cujos véus haviam caído para oferecer aos olhares fascinados de Erasmo todos os tesouros da mais voluptuosa das belezas.

Ele tomou da pena, molhou-a no sangue e ia assinar, quando um fantasma pálido entrou no quarto e pronunciou estas palavras, com voz sepulcral:

– Erasmo! Erasmo! Queres dar tua alma ao Diabo? Em nome de Jesus, pára...

Erasmo reconheceu a voz de sua esposa.

Ao ser pronunciado o nome sagrado, Giulietta mudou de aspecto e transformou-se num espectro de fogo.

– Para trás, Satã! – gritou Spickherr – volta ao inferno de onde saíste!

Logo em seguida um tremor de fazer medo estremeceu a casa; o chão se abriu e Giulietta e Dapertuto desapareceram numa nuvem de vapor sulfuroso. Depois, tudo voltou ao silêncio.

Quando Erasmo, aturdido, conseguiu coordenar as idéias, a luz do dia penetrava no quarto. Voltou para junto da esposa. Esta já estava desperta e brincava com o filho na cama.

– Meu amigo – disse-lhe ela com doçura – agora sei da aventura que tiveste na Itália. Estou contristada; vê como são astutas as partidas pregadas pelo Demônio, que te roubou a imagem que eu tanto gostava de ver sorrindo para mim, no espelho! De hoje em diante não podes mais continuar a ser um respeitável chefe de família; todos de apontarão com o dedo. Sugiro que te ponhas a caminho e comeces a viajar em busca do tua imagem. Tão logo o encontres, conforme espero, apressa-te em voltar. Esperar-te-ei com impaciência e rever-te-ei com alegria. Beija-me e parte com Deus. Lembra-te de enviar, de vez em quando, algum confeito ou brinquedo ao teu filho, para que ele não te esqueça.

Spickherr, o coração opresso, beijou a esposa e o filho, apanhou o bordão e pôs-se a caminho. Encontrou certo dia o famoso Pedro Schlemihl, que havia perdido a sombra. Os dois desafortunados propuseram-se viajar juntos; Spickherr entrava com a sua sombra e Schlemihl com sua imagem. Mas não conseguiram chegar a nenhum acordo e, até hoje, ninguém sabe o que lhes aconteceu.

SUFOCO[{1}] – Alfred Hitchcock

Ela nunca estivera antes nesta parte de Paris – conhecia-a apenas pelos romances de Duvain, ou pelas peças do Grand Guignol. Então Montmartre era aquilo? Aquele horror onde o perigo se ocultava sob a coberta da noite; onde almas inocentes pereciam sem aviso – onde a perdição confrontava os incautos – onde o Apache reinava.

Movia-se cautelosamente pela sombra do alto muro, procurando furtivamente atrás de si a ameaça oculta que poderia estar a seguir os seus passos. De repente precipitou-se por uma alameda, pouco se importando aonde ia dar… tacteando o seu caminho, através da escuridão de breu, com uma única ideia fixa na mente: enganar o seu perseguidor… E lá foi ela… Oh! Quando é que aquilo ia acabar?

Então uma soleira de porta de onde fluía uma luz mostrou-se à sua vista… Aqui… em qualquer lugar, pensou ela.

A porta ficava no topo de um lance de escadas… Seus degraus crepitavam de velhos enquanto ela procurava descer… Foi quando escutou o som de um riso bêbado e estremeceu – certamente era… Não, isso não. Tudo, menos isso! Chegou ao pé da escada e viu um bar cheirando a vinho ruim, com restos do que um dia foram homens e mulheres, numa orgia de bêbados… Então eles viram-na, uma visão de pureza assustada. Alguns homens correram ao seu encontro entre os gritos de encorajamento dos outros. Foi agarrada. Gritou de terror… Melhor seria ter sido apanhada pelo seu perseguidor, foi o seu pensamento fugaz enquanto a arrastavam rudemente através da sala. Os demónios não perderam tempo a decidir o seu destino. Partilhariam os seus pertences… e ela… Ora! Aquilo não era o coração de Montmartre? Ela tinha de ir – os ratos teriam um banquete. Então amarraram-na e carregaram-na pela passagem escura, subindo um lance de escadas em direcção ao rio. Os ratos da água teriam um banquete, disseram. E então… balanceando o seu corpo amarrado para a frente e para trás, atiraram-na para as águas escuras. Foi-se afundando, afundando,

afundando. Consciente apenas da sensação de sufocação. Aquilo era a morte… Então… “Saiu, madame” – disse o dentista – “meia coroa, por favor.”

O PESCADOR DO CABO DO FALCÃO – H.P. Lovecraft e August Derleth

Traduzido por Rogério Silvério de Farias

Pela costa de Massachusetts se murmuram muitas coisas sobre Enoch Conger. Algumas delas só se comentam em voz muito baixa e com muita cautela. Tão estranhos rumores circulam ao longo de toda a costa, espalhados por pescadores do porto de Innsmouth, seus vizinhos, já que ele vivia a umas poucas milhas ao sul, no Cabo do Falcão. Esse nome se deve ao fato de que ali, em épocas migratórias, são vistos falcões peregrinos, gaviões e também outras aves de rapina naquele estreito pedaço de terra que entra no mar. Ali vivia Enoch Conger, até que ninguém mais o viu, contudo ninguém podia afirmar que ele estivesse morto.

Era forte, de peito e ombros largos, com longos e musculosos braços. Apesar de não ser um homem velho, tinha barba, e sua cabeça era coroada por uma longa cabeleira. Seus olhos azuis se afundavam num rosto quadrado. Quando levava sua capa de pescador, com o chapéu sobre a cabeça, parecia um marinheiro desembarcado de um velho navio de séculos atrás. Era um homem taciturno. Vivia sozinho na casa de pedra e madeira que ele mesmo havia construído, de onde podia sentir o vento soprar e ouvir o som das gaivotas, das andorinhas, do ar e do mar, e de onde podia admirar o voo das grandes aves migratórias em suas viagens até terras distantes. Diziam que ele as entendia e que falava com as gaivotas e as andorinhas, com o vento e com o ruidoso mar, e ainda com outros seres invisíveis que, dizem, emitiam uns tons estranhos, algo parecido com os calmos sons de certas bestas batráquias e desconhecidas dos pântanos e lodaçais da terra.

Conger vivia da pesca, que apesar de escassa, lhe era suficiente. De dia e de noite lançava suas redes ao mar; o que pescava ele levava a Innsmouth,

Kingsport ou mais além, para vender. Porém uma noite o viram chegar sozinho a Innsmouth; não trazia nenhum peixe e permanecia com os olhos muito abertos, atônitos, como se tivesse olhado por muito tempo o pôr do sol e tivesse ficado cego. Nos arredores da cidade, entrou numa taberna em que costumava ir, se sentou numa cadeira, sozinho, e se pôs a tomar uma cerveja. Alguns curiosos que estavam acostumados a vê-lo, se aproximaram de sua mesa para beber com ele, até que, sob os efeitos do álcool, começou a balbuciar. Porém falava como se o fizesse para si mesmo, e seus olhos não pareciam ver nada.

Dizia que havia visto algo maravilhoso naquela noite. Havia levado seu barco até o Recife do Diabo, situado a mais de uma milha de Innsmouth, e ali havia estendido sua rede. Sim, havia conseguido muitos peixes; porém em sua rede havia algo mais; algo que era uma mulher e que, ao mesmo tempo, não era; algo que lhe falava como um ser humano, porém com o tom gutural de uma rã e com o acompanhamento de uma música aflautada como a que nos meses de primavera, se escuta nos pântanos; algo que tinha um talho, profundo e extenso, no lugar de uma boca, porém uma ínfima doçura em seus olhos; algo que levava debaixo dos cabelos que caiam sobre sua cabeça o que pareciam ser fendas branquiais; algo que lhe suplicava para que lhe deixasse voltar às profundezas do mar; algo que lhe prometeu, em troca, sua própria vida se alguma vez necessitasse.

– Uma sereia! - disse alguém, com uma risada.

– Não era uma sereia – disse Enoch Conger, – pois tinha pernas, porém os dedos de seus pés eram como os dos palmípedes, e tinha mãos, porém os dedos de suas mãos eram como os dedos de seus pés, e a pele de seu rosto era como a minha, porém seu corpo tinha a cor do mar.

Riram dele, porém ele não ligou. Somente um deles não riu, porque havia ouvido os velhos homens e mulheres de Innsmouth contar umas histórias muito estranhas, que remontam aos tempos dos navios antigos e do comércio com as índias Orientais. Segundo esses anciões, naqueles tempos haviam celebrados alguns casamentos entre homens de Innsmouth e mulheres das ilhas do Pacífico Sul; falavam de estranhos acontecimentos ocorridos no mar, perto de Innsmouth. Esse homem não riu, simplesmente escutou calado e logo se foi, sem se juntar com as piadas e risos de seus

companheiros. Porém Enoch conger não reparou nele, tampouco se deu conta das risadas que havia provocado. Continuou seu relato; explicou como havia retirado a criatura das redes em seus braços, descrevendo a sensação que lhe havia produzido o contato com a sua pele fria e a textura de seu corpo; contou como a havia soltado, como a viu nadar e submergir-se entre as rochas do Recife do Diabo, como a viu aparecer de novo, levantando seus braços uma última vez num aceno, e desaparecendo para sempre.

Depois daquela noite, Enoch Conger voltou poucas vezes à taverna. Quando vinha, sentava-se sozinho e não respondia a quantos lhe perguntassem por sua "sereia", querendo saber se ele havia feito alguma proposta antes de deixá-la livre. Voltou a mostrar-se taciturno, falava pouco, bebia sua cerveja e se ia. A única coisa que se sabia era que já não pescava perto do Recife do Diabo, que lançava suas redes em algum outro lugar próximo ao Cabo do Falcão. Embora se falasse que ele tinha voltado a ver aquela coisa estranha que havia pescado aquela noite em suas redes, Conger era visto com freqüência na ponta do estreito pedaço de terra que avançava mar adentro, olhando as águas como se esperasse ver surgir uma embarcação no horizonte ou a manhã que que sempre ronda e nunca chega para os buscadores do futuro e outros homens, fosse o que fosse o que esperavam e pediam à vida.

Enoch Conder foi se tornando cada vez mais introvertido, e ele, que havia sido um assíduo cliente da taberna de Innsmouth, acabou por não aparecer mais ali. Limitava-se a trazer o pescado ao mercado e voltava apressadamente à sua casa com as provisões que necessitava. Entretanto, a história de sua sereia se espalhou ao longo de toda a costa e terra adentro até Arkhan e Dunwich, pelo Miskatonic, e também mais além, nas negras e compactas colinas onde viviam pessoas mais inclinadas a levar na brincadeira essas coisas.

Passou um ano, e outro, e uma noite chegou a notícia de que Enoch Conger havia sido gravemente ferido durante uma de suas solitárias pescarias. Dois pescadores o haviam visto ao passarem perto de seu barco e lhe haviam prestado socorro. Como sua casa do Cabo do Falcão era o único

lugar aonde queria ir, o levaram até lá, antes de irem rapidamente buscar o doutor Gilman de Innsmouth. Quando voltaram à casa de Enoch Conger, acompanhados do médico, o velho pescador havia desaparecido.

O doutor Gilman se absteve de dar sua opinião, porém os dois pescadores que o haviam trazido murmuraram e contaram a quem quisesse ouvir o singular relato. Falaram de uma grande umidade que reinava na casa, das inumeráveis gotas de água que escorriam pelas paredes, que pendiam da maçaneta da porta e que encharcavam a cama onde haviam deixado Enoch Conger, antes de saírem em busca do doutor. Falaram das pegadas molhadas deixadas no solo por uns pés palmípedes. Aquelas pegadas eram muito fundas ao longo de todo o caminho, desde a casa até o mar, como seu um grande peso, tão grande como o de Enoch Conger, e pensaram que talvez ele houvesse sido levado pelo donos desses pés, que foram obrigados a afundar no solo a cada passo, até deixar a nítida marca de sua passagem.

Rapidamente todos se inteiraram do que havia acontecido. Porém algumas pessoas se riam dos pescadores, pois não havia mais que uma só linha de pegadas, e Enoch conger era um homem muito pesado para que alguém pudesse carregar com toda pressa. O doutor Gilman não havia feito o menor comentário, exceto que havia visto pés palmípedes em alguns habitantes de Innsmouth, porém que os dedos de Enocch Conger, que havia examinado em certa ocasião, eram normais e não palmípedes. Alguns curiosos foram até a casa do cabo do falcão para ver se podiam descobrir algo novo. Porém voltaram desiludidos. Não viram nada, e se juntaram aos que se riam dos dois infelizes pescadores. Ao cabo de algum tempo, aqueles dois pobres homens foram reduzidos ao silêncio, e não faltou quem deixasse cair a suspeita de que havia sido eles os responsáveis pelo sumiço de Enoch Conger, inventando aquela história para encobrir seus atos. Esse rumor se estendeu também a outros lugarejos.

Para onde quer que tivesse ido, Enoch Conger não voltou a sua casa no Cabo do Falcão. O vento e o tempo a destruíram: arrancaram uma tábua aqui e outra ali, desgastaram os ladrinhos da chaminé, romperam as janelas e afundaram o telhado. As gaivotas, as andorinhas e os falcões que sobrevoavam a casa, não voltaram mais a serem vistas e ouvidas. Pouco a pouco, ao longo da costa, os rumores que circulavam em torno do assassinato se aplacaram, se descartando qualquer possibilidade de

homicídio, porém surgiram certos sinais escuros que induziam a pensar em algum fenômeno muito mais aterrador e inexplicável.

Um dia em que o venerável Jedediah Harper, patriarca dos pescadores da costa, desceu à terra com seus homens, jurou haver visto perto do Recife do Diabo um estranho grupo de criaturas que nadavam. Tais seres, segundo dizia, não eram humanos por completo, nem batráquios tampouco; eram criaturas anfíbias que cruzavam pela água, metade humanos e metade rãs; formavam um grupo de mais de quarenta , e eram machos e fêmeas. Haviam passado perto de seu barco, e brilhavam a luz da lua, como uns seres espectrais surgidos das profundezas do atlântico. Pareciam estar cantando a Dagon um canto de louvor. E entre eles, formando parte do mesmo grupo, havia visto Enoch Conger, nadando com os demais, desnudo como eles, e unindo sua voz à deles no cântico de louvor. Atônito, ele tinha chamado Enoch que tinha se voltado para ele, de modo que vira seu rosto. Logo, como Enoch Conger, todos submergiram debaixo das ondas e ele não voltou a vê-los mais.

Dizem que, depois de ter falado tanto, o velho homem foi silenciado pelos membros dos clãs Marsh e Martin, que, segundo se dizia, estavam relacionados com alguns habitantes do mar. O barco de Harper não voltou a sair ao mar, o velho não tinha mais como ganhar a vida, nem ele e nem os homens que haviam formado sua tripulação.

Demorou muito tempo até que, um dia, um jovem, que havia passado sua infância em Innsmouth e se lembrava de Enoch Conger, regressou ao porto dessa cidade e contou como ele, em companhia de seu filho pequeno, havia saído a remar a luz do luar. Já haviam passado o Cabo do Falcão quando, de repente, bem atrás de seu barco, e tão perto que podiam tocar com o remo, surgiu o torso desnudo de um homem entre as ondas. Mantinha-se na água tal como se outros, a quem não podiam ver, estivessem o suspendendo por baixo. O rosto de Enoch Conger se voltava até o Cabo do Falcão e parecia olhar com saudade a casa que continuava ali, em ruínas. A água pingava de seus longos cabelos, de sua barba, e escorria sobre seu corpo escuro; sua pele debaixo das orelhas tinha algo como duas grandes guelras. E logo, tão estranha e repentinamente como

havia surgido, desapareceu, submergindo no mar.

Ao longo da costa de Massachusetts, perto de Innsmouth, contam-se muitas coisas a respeito de Enoch Conger, e outras se contam em voz baixa...

À NOSSA FRENTE, O WUB – Philip K. Dick

este conto, o primeiro publicado por P.K. Dick, tem uma inspiração totalmente antropológica. Imagine um antropólogo encontrando-se com um nativo em um planeta estranho. E você é o nativo.

"O negligente wub poderia bem ter dito: muitos homens falam como filósofos e vivem como tolos."

Haviam quase terminado com a carga. Lá fora restava o Optus, seus braços cruzados, a cara fechada. O capitão Franco desceu descontraído a plataforma de carga, sorrindo.

“Qual o problema?” ele disse. “Vocês estão sendo pagos por isso tudo.”

O Optus não disse nada. Virou-se, juntando sua capa. O capitão pisou na beirada dela.

“Só um minuto. Não vá ainda. Eu não terminei.”

“Oh?” o Optus se virou, com dignidade. “Estou voltando à aldeia.” Ele olhou para os animais e pássaros sendo empurrados para a plataforma de carga, para dentro da espaçonave. “Preciso organizar novas caçadas.”

Franco acendeu um cigarro. “Por que não? Vocês podem ir lá no sertão e caçar isso tudo de novo. Mas quando nós estivermos a meio caminho entre marte e a terra”

Sem dizem uma palavra, o Optus se foi. Franco se juntou ao tripulante no pé da plataforma.

“Como vai a coisa?” Olhou para seu relógio. “Fizemos um bom negócio aqui.”

O tripulante olhou para ele de relance, irritado. “Como você explica aquilo?”

“Qual o problema? Precisamos disso mais do que eles.”

“Te vejo mais tarde, capitão”. O tripulante seguiu seu caminho na plataforma, no meio dos pássaros marcianos de pernas longas, para dentro da nave. Franco observou enquanto ele sumia de vista. Estava justamente indo atrás dele, subindo a plataforma para entrar no embarque, quando ele o viu.

“Meu deus!” Ficou olhando, suas mãos nos quadris. Peterson estava andando pela trilha, seu rosto vermelho, levando a coisa em uma corrente.

“Desculpe capitão”, ele disse, puxando a corrente. Franco caminhou até ele.

“O que é isso?”

O wub ficou lá, indolente, seu grande corpo relaxando lentamente. Estava sentado, com os olhos semicerrados. Umas poucas moscas zuniam em seu flanco e ele balançava sua cauda.

A coisa sentou. Fez-se silêncio.

“É um wub,” disse Peterson. “Arrumei esse com um nativo por cinquenta centavos. Ele disse que é um animal muito incomum. Muito respeitado.”

“Isso?” Franco cutucou o grande lombo do wub. “Isso é um porco! Um grande porco sujo!”

“Sim, senhor, é um porco. Os nativos chamam isso um wub.”

“Um porcão. Deve pesar uns duzentos quilos.” Franco puxou um punhado do pelo grosso. O wub arfou. Seus olhos abriram, pequenos e úmidos. Então sua grande boca se retorceu.

Uma lágrima rolou pela bochecha do wub abaixo e caiu no piso.

“Talvez seja bom de comer,” disse Peterson nervosamente.

“Já, já saberemos,”, disse Franco.

O wub sobreviveu à decolagem, profundamente adormecido no compartimento de carga da nave. Quando já estavam no espaço e tudo estava tranquilo, o capitão Franco pediu a seus homens que trouxessem o wub para cima para que ele pudesse descobrir que tipo de animal era aquele.

O wub grunhia e bufava, espremendo-se corredor acima.

“Venha”, ralhou Jones, puxando a correia. O wub se contorceu, esfregando seu couro nas paredes lisas cromadas. Ele irrompeu na ante-sala, caindo no chão como um pacote. Os homens saltaram.

“Meu deus,”, disse French. “O que é isso?”

“Peterson diz que é um wub”, disse Jones. “Pertence a ele.”. Ele chutou o wub. O wub se levantou cambaleante, arfando.

“Qual o problema com isso?” French chegou mais perto. “Será que vai ficar doente?”

Eles observaram. O wub revirava os olhos melancolicamente. Olhou os homens à sua volta.

“Acho que ele está com sede,” disse Peterson. Ele saiu para buscar água. French balançou a cabeça.

“Não é de se admirar que tenhamos tido tanto trabalho para decolar. Tive que refazer todos os meus cálculos de lastro.”

Peterson voltou com a água. O wub começou a lamber a água, agradecido, espirrando-a nos homens.

O capitão Franco apareceu na porta.

“Vamos dar uma olhada nisso.” Ele avançou, observando criticamente. “Você conseguiu isso por cinquenta centavos?”

“Sim, senhor”, disse Peterson. “Ele come praticamente de tudo. Eu o alimentei com cereal e ele gostou. E então, com batatas, com purê, com sobras de refeição, com leite. Ele parece que gosta de comer. Depois de comer ele deita e dorme.”

“Entendi”, disse o capitão Franco. “Agora, sobre seu gosto. Essa é a verdadeira questão. Duvido que haja sentido em engordar isso ainda mais.

Parece estar gordo o suficiente pra mim, já. Onde está o cozinheiro? Quero ele aqui. Quero descobrir –“

O wub parou de tomar água e olhou para o capitão.

“Realmente, capitão”, disse o wub, “sugiro que conversemos sobre outros assuntos.”

A sala ficou em silêncio.

“O que foi isso?” disse Franco. “Bem agora.”

“O wub, senhor,” disse Peterson. “Ele falou.”

Todos olharam para o wub.

“O que ele disse? O que ele disse?”

“ele sugeriu que falássemos de outra coisa.”

Franco caminhou em direção ao wub. Andou à sua volta, examinando-o por todos os lados. Então voltou para junto de seus homens.

“Imagino se não haverá um nativo dentro dele,”, disse, pensativo. “Talvez devamos abri-lo para dar uma olhada dentro.”

“Oh, pelo amor de deus,”, gritou o wub. “É só nisso que vocês conseguem pensar? Matar e cortar?”

Franco cerrou os punhos. “Saia já daí! Quem quer que você seja, saia daí!”

Nada se moveu. Os homens permaneceram juntos, suas faces vazias, olhando para o wub. O wub balançou o rabo. De repente, ele arrotou.

“Perdão,” disse o wub.

“Não creio que tenha alguém aí dentro,” disse Jones em voz baixa. Eles todos se entreolharam.

O cozinheiro chegou.

“Queria me ver, capitão?” ele disse. “Que que há?”

“Isso é um wub”, disse Franco. “É de comer. Meça ele e arrume um jeito”

“Acho que precisamos conversar”, disse o wub. “Eu gostaria de discutir isso com você, capitão, se possível. Vejo que você e eu discordamos a

respeito de algumas questões básicas.”

O capitão levou um bom tempo para responder. O wub esperou, tranquilo, sugando a água de suas mandíbulas.

“Venha até meu escritório”, o capitão disse finalmente. Ele se virou e saiu da sala. O wub levantou e o seguiu. Os homens o olharam enquanto ele saia. Ouviram-no subir as escadas.

“Queria saber o que vai sair disso,”disse o cozinheiro. “Bom, vou estar na cozinha, me avisem assim que souberem alguma coisa.”

“Claro,”, disse Jones. “Claro.”

O wub desabou relaxadamente em um canto, com um suspiro. “Perdoe-me,”, ele disse. “Temo que tenha-me tornado viciado em distintas formas de relaxamento. Quando se é tão grande quanto eu”

O capitão assentiu, impacientemente. Sentou-se em sua mesa e cruzou as mãos.

“Tudo bem,”, disse. “Vamos começar. Você é um wub? É isso?”

O wub deu de ombros. “Suponho que sim. É assim que eles nos chamam, os nativos, quero dizer. Nós temos nosso próprio termo.”

“E você fala inglês? Já teve contato com gente da terra antes?”

“Não.”

“Então como você faz isso?”

“Falar inglês? Estou falando inglês? Não tenho consciência de estar falando nada em particular. Examinei sua mente”

“Minha mente?”

“Estudei seu conteúdo, especialmente o estoque semântico, como eu o chamo”

“Entendo,” disse o capitão. “Telepatia. Claro.”

“Somos uma raça muito velha,”, disse o wub. Muito velha e pesadona, é difícil para nós nos movermos por aí. Você há de entender que qualquer

coisa tão lenta e pesada estaria à mercê de formas de vida mais ágeis. Confiar em defesas físicas não era de muita serventia para nós. Como poderíamos prevalecer? Pesados demais para correr, fracos demais para lutar, pacíficos demais para caçar”

“Como vocês vivem?”

“Plantas. Vegetais. Podemos comer quase qualquer coisa. Somos muito universais. Tolerantes, ecléticos, universais. Vivemos e deixamos viver. É assim que nós vamos vivendo.”

O wub lançou um olhar para o capitão.

“E é por isso que eu objetei tão violentamente a esta história toda sobre me cozinhar. Eu podia ver a imagem na sua mente – a maior parte de mim no freezer, uma parte na panela, um pouco para seu gato de estimação”

“Então você lê mentes?” disse o capitão. “Que interessante. Mais alguma coisa? Quer dizer, você faz mais alguma coisa parecida?”

“Uma coisinha ou outra.” Disse o wub, distraído, olhando o quarto á sua volta. “Um belo apartamento o que você tem aqui, capitão. Você o mantém bem arrumado. Eu respeito formas de vida organizadas. Alguns pássaros marcianos são bastante organizados. Eles jogam coisas fora de seus ninhos e os varrem”

“Mesmo?” assentiu o capitão. “Mas, voltando á questão”

“Perfeitamente. Você mencionou me jantar. Me foi dito que o gosto é bom. Um tanto gorduroso, mas macio. Mas como poderia algum contato mais permanente ser estabelecido entre seu povo e o meu se vocês usam de atitudes tão bárbaras? Me comer? Você, pelo contrário, deveria discutir questões comigo, filosofia, artes”

O capitão levantou. “Filosofia. Pode lhe interessar o fato de que teremos bastante dificuldade para encontrar o que comer durante o próximo mês. Uma perda infeliz”

“Eu sei.” O wub assentiu “Mas não estaria mais de acordo com seus princípios de democracia se todos disputássemos na sorte, ou algo assim? Afinal, democracia é para proteger a minoria justamente deste tipo de violação. Agora, se cada um de nós votasse”

O capitão caminhou para a porta.

“Ora, dane-se,” disse. Abriu a porta. Abriu a boca.

Permaneceu lá, congelado, a boca aberta, os olhos mirando o vazio, seus dedos ainda na maçaneta.

O wub o observou. Depois, caminhou para fora da sala, passando ao lado do capitão. Seguiu pelo corredor, perdido em seus pensamentos.

O quarto estava quieto.

“Veja você,”, disse o wub. “Nos temos um mito em comum. Sua mente contém muitos símbolos míticos familiares. Ishtar, Odisseu,”

Peterson estava sentado em silêncio, olhando para o chão. Ele se mexeu na cadeira.

“Continue,” ele disse. “Por favor continue.”

“Vejo no seu Odisseu uma figura comum à mitologia da maioria das raças auto-conscientes. Da maneira como o entendo, Odisseu vaga como um indivíduo, consciente de si mesmo como tal. Esta é a ideia de separação, de separação da família e do país. O processo de individuação.”

“Mas Odisseu retorna para seu lar.” Peterson olhou pela janela da nave, para as estrelas, estrelas sem fim, queimando diligentemente no universo vazio. “Ele finalmente vai para casa.”

“Como devem fazer todas as criaturas. O momento da separação é um período temporário, uma breve jornada da alma. Ele começa, ele termina. O viajante retorna para sua terra e sua raça...”

A porta se abriu. O wub parou, virando sua grande cabeça.

O capitão Franco entrou na sala, os homens atrás dele. Na porta, hesitaram.

“Você está bem?” disse French.

“Você está falando comigo?” disse Peterson, surpreso. “Como assim?”

Franco abaixou sua arma. “Venha cá,” disse para Peterson. “Levante-se e venha até aqui.”

Silêncio.

“Vá em frente,” disse o wub. “Não há problema.”

Peterson levantou. “Pra que?”

“É uma ordem.”

Peterson caminhou até a porta. French agarrou seu braço.

“O que está havendo?” Peterson se soltou, com um safanão. “Que que há com vocês?”

O capitão Franco moveu-se na direção do wub. De seu canto da sala o wub olhou para cima, pressionado contra a parede.

“Interessante,”, disse o wub, “sua obsessão com a ideia de me comer. Imagino por que será.”

“Levante-se”, disse Franco.

“Se você assim deseja.” O wub levantou-se, grunhindo. “Seja paciente. Isso é difícil para mim.” Ficou de pé, arfando, sua língua balançando tolamente.

“Atire nele agora,” disse French.

“Pelo amor de deus!” exclamou Peterson. Jones se virou para ele rapidamente, seus olhos cinzentos de terror.

“Você não viu ele – como uma estátua, parado lá, sua boca aberta. Se não tivéssemos ido lá embaixo, ele ainda estaria lá.”

“Quem, o capitão?” Peterson olhou em volta. “Mas ele está bem, agora.”

Eles olharam para o wub, em pé no meio da sala, seu grande peito subindo e descendo com a respiração.

“Vamos,” disse Franco. “Fora do caminho.”

Os homens saíram da frente, para o corredor.

“Você está um tanto amedrontado, não?” disse o wub. “Por acaso fiz algo a você? Sou contra a ideia de ferir. Tudo que fiz foi tentar me proteger. Você esperava que eu corresse ansiosamente para minha morte? Sou um ser racional, como vocês mesmos. Estava curioso para ver sua nave, aprender sobre vocês. Eu sugeri aos nativos”

A pistola balançou.

“Veja só,”, disse Franco. “Eu imaginava isso.”

O wub sentou, resfolegando. Pôs uma pata à frente, enrolando a cauda ao seu redor.

“Está muito quente. Percebo que estamos perto dos foguetes. Poder atômico. Vocês fizeram muitas coisas maravilhosas com isso – tecnicamente. Aparentemente sua hierarquia científica não está equipara para resolver questões morais, éticas”

Franco virou para seus homens, apinhados atrás dele, olhos arregalados, em silêncio.

“Eu faço. Vocês podem assistir.”

French assentiu. “Tente acertar o cérebro. Não é bom pra comer. Não acerte o peito. Se a caixa torácica se esmigalhar, teremos que catar os ossos.”

“Escutem,” disse Peterson, mordendo os lábios. “Ele por acaso fez alguma coisa? Que mal ele fez, eu pergunto? E, de qualquer forma, ele ainda é meu. Vocês não têm direito de atirar nele. Ele não pertence a vocês.”

Franco levantou sua pistola.

“Vou sair,”, disse Jones, sua face pálida. “Não quero ver isso.”

“Eu também,” disse French. Os homens saíram, murmurando Peterson permaneceu na porta.

“Ele estava me falando sobre mitos,” ele disse. “Não teria machucado ninguém, ele.”

Ele saiu.

Franco caminhou na direção do wub. Este olhou para cima, lentamente. Engoliu em seco.

“Uma tolice,” ele disse. “Lamento que você deseje fazer isso. Havia uma parábola que seu salvador contava”

Ele parou, olhando para a pistola.

“Você pode me olhar nos olhos e fazer isso?” disse o wub. “Você consegue fazer isso?”

O capitão olhou para baixo. “Posso te olhar nos olhos,” ele disse. Lá na fazenda a gente tinha porcos. Porcos selvagens imundos. Eu posso fazer isso.”

Olhando para o wub abaixo de si, para seus olhos brilhantes e úmidos, ele puxou o gatilho.

O gosto estava excelente.

Eles estavam sentados ao redor da mesa, taciturnos. Alguns mal comiam. O único que parecia estar se divertindo era o capitão Franco.

“Mais?” disse, olhando em volta. “Mais? E algum vinho, talvez.”

“Não para mim,” disse French. “Acho que vou voltar para a sala de navegação.”

“Eu também.” Jones levantou-se, empurrando sua cadeira para trás. “Até mais.”

O capitão os observou partir. Alguns dos outros também aproveitaram para sair.

“O que você crê seja o problema?” disse o capitão. Virou-se para Peterson. Peterson estava sentado olhando para seu prato, para as batatas, as ervilhas e para o grande pedaço de carne macia e quente.

Ele abriu sua boca. Nenhum som saiu dela.

O capitão pôs sua mão no ombro de Peterson.

“É só matéria orgânica agora,” ele disse. “A essência da vida se foi.” Ele comeu, pegando um bocado de molho com um naco de pão. “Eu mesmo, adoro comer. É uma das grandes coisas que uma criatura viva pode apreciar. Comida, descanso, meditação, discutir coisas.”

Peterson concordou. Dois outros homens se levantaram e saíram. O capitão bebeu um pouco de água e suspirou.

“Bem,”, disse. “Devo admitir que esta foi uma refeição bastante agradável. Todos os relatos que havia ouvido eram realmente verdade – o gosto de wub. Muito agradável. Mas eu estava impedido de apreciá-lo em tempos passados.”

Limpou os lábios com o guardanapo e se recostou na cadeira. Peterson olhava desanimado para a mesa.

O capitão o observava atentamente. Inclinou-se em sua direção.

“Ora, vamos,” disse. “anime-se! Vamos discutir coisas.”

Ele sorriu.

“Como estava dizendo antes de ser interrompido, o papel de Odisseu nos mitos”

Peterson levantou-se de um salto, olhando-o.

“Continuando,” disse o capitão. “Odisseu, tal como o compreendo”



[1] no original “*Gás*”